



Louisa
REID

Nem sempre aqueles que mais nos amam
são os que nos fazem bem

MENTIRAS
como
O AMOR





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Parte Um](#)

[Setembro](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

Audrey

Outubro

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Novembro

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Dezembro](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Véspera de Ano-Novo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Janeiro](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Parte Dois

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Leo

Audrey

Audrey

Leo

Audrey

Parte Três

[Fevereiro](#)

[Leo](#)

[Março](#)

[Leo](#)

[Abril](#)

[Leo](#)

[Maio](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Audrey](#)

[Junho](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Audrey](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Julho](#)

[Leo](#)

[Audrey](#)

[Agradecimentos](#)

Louisa
Reid

MENTIRAS *como* O AMOR

Tradução
Ivar Panazzolo Junior



© Louisa Reid, 2014

Publicado originalmente em inglês na Grã Bretanha, por Penguin Books Ltd.

© 2016 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2016

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reid, Louise

Mentiras como o amor / Louise Reid ; tradução Ivar Panazzolo Junior. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: Lies like love.

ISBN 978-85-8163-700-6

1. Ficção inglesa I. Título.

14-12105 | CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 813.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para meus pais, David e Gillian Barry, com todo o meu amor.

“Escapei? Pergunto-me.

Minha mente se liga a você

Um velho cordão umbilical coberto de cracas, um cabo no Atlântico

Que se mantém, aparentemente, em um estado milagroso de conservação.”

SYLVIA PLATH, *MEDUSA*

Parte Um



OS LUGARES DA DOR: EU E A MINHA DEPRESSÃO
POR AUDREY MORGAN. IDADE: DEZESSEIS ANOS E DOIS MESES.

Eu morri três vezes antes de completar cinco anos. Não consigo recordar, não consigo imaginar a cena, mas meus pulmões ainda ardem quando eu corro e, no inverno, parece que alguém está arranhando meu peito com unhas pintadas em cores vivas. Minha mãe diz que quando eu era pequena tudo o que precisava fazer era ver a água para me jogar nela, sem pensar, como se eu houvesse nascido para ser uma sereia, não uma menina: escamas em vez de pele, olhos da cor das algas e um canto que fazia arder os ouvidos. Mas hoje em dia eu não chego perto de piscinas, lagoas ou do mar, e nos meus pesadelos eu viro e me debato nas profundezas escuras e imundas, com algas ao redor dos meus pés que tentam se desvencilhar, água nos meus olhos e boca, e eu engulo toneladas e toneladas dela, tentando respirar, gritando, afundando cada vez mais. Em meus sonhos eu não consigo encontrar a luz e minha cabeça fica pesada, como se alguém a segurasse debaixo da água.

É porque minha mãe ainda está viva. Porque cada vez que eu mergulhava rumo ao perigo era ela quem me puxava de volta como um peixe num anzol, ela quem pressionava meu peito e colocava a boca contra a minha para me trazer ar. Foi ela quem chamou a ambulância em seguida, quem me levou para o hospital, mandou que me examinassem e passou a noite inteira sentada ao meu lado enquanto eu tossia a água salgada e a sujeira. Não é que eu me lembre, mas você pode ler a respeito se tiver interesse. O jornal local publicou uma história da última vez que isso aconteceu: “Mãe heroína salva filha pequena!”, com uma foto dela me erguendo como se eu fosse uma espécie de troféu. Minha mãe guardou uma cópia. Deixou-a junto com suas coisas especiais em uma caixa que eu não deveria ficar bisbilhotando. Mas às vezes eu pego a página amarelada, desdobro-a e

leio a história de como eu morri. Não há nenhuma menção ao meu pai, não importa quantas vezes eu procure.

Estou escrevendo isso para que vocês saibam tudo sobre mim e sobre minha mãe, e também sobre o que é ser uma adolescente e a dificuldade que é viver assim. Deprimida. Não é todo mundo que entende. Por favor, deixem-nos mensagens para nos ajudar a enfrentar esse momento.

Obrigada e até mais!

Audrey

Setembro



Audrey



Já estava ficando tarde quando saímos daquela estrada rural e entramos em uma via de acesso, e a primeira coisa que eu vi foi a água. Havia água ao redor da casa, a Granja, nosso novo lar, e quando atravessamos a pequena ponte eu agarrei a maçaneta da porta, segurando com força. Minha mãe não percebeu. Peter ainda estava chorando e eu estendi a outra mão para ele.

— Já chegamos, Pete. Está tudo bem — eu disse, enxugando as lágrimas que acabavam de rolar. Ele já havia passado mal duas vezes em menos de uma hora, quando as estradas ficaram bastante sinuosas, e estava com as calças molhadas fazia um bom tempo, quando ainda estávamos na rodovia que nos trouxe até aqui. Eu fiz o que pude com os últimos lenços e uma toalha velha que minha mãe guardava no porta-malas do carro, mas meu irmão precisava de um banho e também que alguém o limpasse. Era nisso que eu estava pensando: nisso e em como nós saímos daquela estrada para chegar a lugar nenhum, e em como, em vez de ficar feliz por chegarmos, eu desejei que estivéssemos de volta à nossa velha casa, mesmo que ela fosse pequena, encardida e estivesse toda queimada. A Granja era um monstro esperando nos engolir.

Minha mãe estacionou e eu saltei do carro, correndo de volta por onde viemos apenas para ver, para dar uma olhada e ter certeza — eu tinha de estar errada. Mas não estava. Na ponte, eu olhei para baixo e vi a água que corria como se fosse o fosso de um castelo, contornando toda a casa, e eu sabia que aquilo não era nada bom.

— O que está achando, Aud? — Minha mãe estava ao meu lado com a mão nas minhas costas, e eu olhei para nossos reflexos, ondulantes e distorcidos naquela água escura, e imaginei o que poderia estar escondido ali embaixo.

— É bonito, não é? — disse ela. Estávamos na beirada. Equilibrando-nos.

Senti o deslizar da lama e a atração da água e tive vontade de sair correndo. Em vez disso, virei para trás e olhei para a casa.

Era um lugar enorme. Muito alto, erguendo-se quase até a altura das árvores, coberto por trepadeiras entrelaçadas e musgo. Um fosso combina com um castelo. Entretanto este lugar não era um castelo. Era um retângulo da década de 1960 — uma prisão ou um hospital, não uma casa. Eu não sabia o que estava esperando. Pensei que pudesse ser algo bonito, talvez — uma velha casa de campo onde Peter e eu pudéssemos fazer de conta que estávamos em alguma época antiga. No entanto, os ângulos duros e as janelas vazias me faziam pensar em caixas fechadas com fita adesiva, em vidas encaixotadas, empoeiradas e morrendo. Pelo menos o jardim era bonito, com os verdes e os dourados de setembro. E o céu era azul, estendendo-se até o infinito. Peter caiu sobre o cascalho e eu corri até lá para ajudá-lo a se levantar. Havia completado cinco anos poucos meses antes, mas uma criança de cinco anos ainda é pequena, se você quiser a minha opinião. Mesmo com cinco anos, a criança ainda é um bebê.

— Nós vamos morar aqui? — perguntei à minha mãe. Ela fez que sim com a cabeça e esticou os braços, bocejando.

— Sim. O que achou? É linda, não é? Nunca pensei que conseguiríamos chegar aqui. Você viu, Aud? Meu Deus, que trânsito. Horrível. Mas valeu a pena, não acha?

Minha mãe estava cansada, louca por uma xícara de café, como ela mesma disse, e Peter precisava de um banho. Ela pegou uma bolsa do porta-malas e seguiu em frente. Ajudei Peter a recolher seus brinquedos — um coelho de pelúcia velho e uma coleção de pedras — e guardá-los na sua mochila e nós a seguimos em passo acelerado para não ficarmos para trás. Paredes cinzentas, grossas, janelas vazias e um telhado achatado. Sorri para meu irmão, tentei parecer animada, e ele olhou de volta para mim, com um misto de esperança e medo no rosto. *Ninguém que bata bem da cabeça iria querer morar aqui*, pensei enquanto minha mãe nos levava até a porta da casa, que se abriu antes que ela virasse a chave, como uma boca bocejando, banguela, gananciosa. Escutei, esperando no hall de entrada, olhando para o alto da escadaria escura e depois para frente, os corredores longos. Será que estava ali? À espreita? A Coisa da qual fugimos? O único som vinha dos sapatos da minha mãe

enquanto ela subia as escadas, acelerando quando vencida os últimos degraus, virando rápido demais nas curvas até finalmente parar para procurar a chave que abriria nossa casa. Puxei a camiseta para cima para cobrir o nariz. O corredor cheirava a ratos e bolor. Que nojo. Minha mãe disse que a Granja era um lugar chique, reformado e novo, e estava bastante empolgada durante o trajeto até ali — segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos quase chegavam a brilhar, cantando junto com as músicas que tocava no rádio, os sucessos de ouro, como ela os chamava —, mas chique não era a palavra que eu usaria. Nem pensar.

Encontrei o banheiro, me curvei sobre a borda da banheira, tampei o ralo e abri as torneiras para enchê-la. A água gorgolejou e depois espirrou em jatos, mas pelo menos estava quente.

— Vamos lá, companheiro. Vamos limpar essa sujeira — eu disse a Peter, tirando sua camiseta, as meias e os sapatos, as calças molhadas e o colete manchado.

— Desculpe por ter vomitado, Aud — disse ele quando eu o coloquei na banheira e comecei a jogar água sobre ele.

— Não seja bobo. Você está melhor agora, não é? Lavou, está novo. — Mas eu queria que tivéssemos sais de banho, patos de borracha e toalhas quentes e felpudas. Em vez disso, cantei uma música boba que aprendi em algum programa para crianças na televisão sobre lavar, ensaboar e ficar limpo, e Peter me acompanhou e riu.

Revirando as malas da minha mãe eu encontrei o xampu que ela usava e lavei o cabelo de Peter, com cuidado para não deixar a espuma cair nos olhos dele, e quando terminamos nós encontramos seu pijama e arrumamos a cama com lençóis e um cobertor.

— Vamos comprar coisas novas, Pete, não se preocupe. Um edredom bonito e travesseiros. Vamos deixar tudo pronto para você, está bem? — Peter assentiu e começou a brincar com suas pedras. Eram seixos que ele havia encontrado em um posto de gasolina que paramos no caminho até aqui, recolhidos de um canteiro de flores. Agora as pedras tinham nomes. Senhor Briggs e Rupert. Chapéu Feio e Jim. Jim era o amigo de Peter na casa antiga, o vizinho, sempre com o queixo lambuzado de geleia e sardas que eram como

lascas de ouro. Às vezes Jim deixava Peter pedalar sua bicicleta. Outras vezes, não sei.

— Esse lugar não é muito legal, você não acha, Aud? — Peter começou a fazer uma torre com as pedras e depois as espalhou com a mão, mas eu fiz que não com a cabeça e as recolhi.

— É um lugar legal *sim*. É bonito e você e eu vamos poder pintar o seu quarto e decorar tudo do jeito que você quiser. E vamos comprar uns brinquedos novos também.

— E o meu quarto antigo? — perguntou ele. Eu o abracei com força e disse que talvez voltássemos lá algum dia, mesmo que isso fosse mentira.

Fui até a janela, limpei o vidro com a manga da camiseta e apoiei a testa ali. O murmúrio da água escura me chamava. Estava cantando e esperando, como se soubesse desde sempre que uma menina como eu chegaria a esse lugar algum dia. A melhor coisa a fazer era não olhar. Fui até a sala de estar e forcei um sorriso.

— Está tudo bem, querida? — perguntou minha mãe.

— Sim, estou bem.

Não disse à minha mãe que ainda estava enjoada. Ela me deu comprimidos para a viagem, mas eles não haviam funcionado, apenas piorado, e de qualquer maneira eu sempre me sentia nauseada, meu estômago se revirando com o medo. A parte mais fácil era esconder aquilo de Peter. Mas era difícil esconder da minha mãe. Ela sempre sabia.

— Bem, vou buscar o jantar. Arrume um pouco as coisas aqui, Aud. — Ela olhou para a sala, mas não disse nada sobre a mobília velha, as paredes brancas e vazias, o carpete que já parecia carcomido, e eu me perguntei o que deveria fazer ali.

— Peixe com batatas fritas? Pode ser?

— Ótimo. Obrigada — eu disse, mas quando ela voltou, uma hora depois, com pacotes enormes de comida morna e engordurada, eu não consegui comer um único pedaço, e minha mãe comeu tudo sozinha, até mesmo os restos.

Mais tarde, naquela noite, eu saí do quarto em silêncio. Peter estava na cama, dormindo profundamente, mas minha mãe estava sentada, olhando fixamente para o celular, esperando. Eu esperava que os amigos dela, as pessoas que ela disse que conhecia aqui, não demorassem a ligar, e que todos teríamos amigos em breve. Sempre fomos muito inconstantes, frágeis e transitórios, prestes a tombar sob o menor sinal de vento, mas Peter precisava de raízes; nós dois precisávamos. Saí do apartamento e fui até o andar de baixo, deixando a porta pesada bater atrás de mim, e depois andei na direção da água — com passos bem leves para não sentir a dor das pedras pontiagudas sob os pés. Existe um jeito, se você pensar com bastante vontade, de fazer com que elas parem de machucar. Qualquer coisa. Mas eu não devia ter medo, meu pai sempre dizia *não se preocupe*, assobiando e fazendo meu braço balançar quando me acompanhava até a escola tantos anos atrás, e eu erguia os olhos e ele era um herói, a coisa mais segura em todo o mundo. *Não se preocupe, seja feliz, Aud*, dizia ele. E eu senti um aconchego por um momento, lembrando.

Leo



— E então? — Graham olhou para Leo. — Como estão as coisas?

Leo passou as mãos pelo cabelo e sorriu. Pegou o copo de água e sorveu todo o conteúdo em um longo gole. Graham observou, esperando.

— Estou bem, eu acho. Não, na verdade estou melhor do que simplesmente bem. Estou ótimo — disse Leo, limpando a garganta e assentindo, como se quisesse enfatizar a sinceridade daquelas palavras. Graham inclinou o corpo para a frente em sua cadeira, contente. Gostava desse rapaz.

— É mesmo? Que bom, é isso que queremos ouvir. Está dormindo bem?

— Sim. Estou sim. Acho que é por causa de ter corrido tanto. — Graham riu e Leo deu um sorriso curto e forçado. Era preciso sorrir quando Graham gargalhava daquele jeito; o barulho era tão alto que exigia que fosse reconhecido.

— Ah, sim, o poder do ar fresco e do exercício. As pessoas subestimam essas coisas, Leo. Vai se juntar a mim na maratona deste ano, então?

— Não. Não sou fanático como certas pessoas. — O olhar de Leo cruzou com o de Graham. O terapeuta tinha o rosto rosado, o nariz achatado e uma boca enorme e risonha. Podia dizer o que quisesse a ele.

— Tudo bem, é o que veremos. Algum dia você vai se converter.

Leo deu de ombros.

— E as amizades? Já encontrou algum amigo por aqui? — Leo não estava muito interessado em nenhum dos garotos daquele lugar, e menos ainda na vida deles. Mas Graham dizia que aquilo não era uma atitude saudável, que Leo precisava interagir e fazer algum esforço. Era um assunto recorrente nas conversas entre os dois.

— Claro, claro. Eu tenho amigos.

— Não estou falando de garotos com quem você passa algum tempo, Leo.
— Graham se inclinou para a frente outra vez. — Estou me referindo a pessoas com quem você conversa, com quem pode se abrir.

— Eu sei do que você está falando. É para isso que eu tenho você, não é?

— Não. Não o tempo inteiro.

Leo pensou naquilo. Desde que veio morar no interior ele tinha sua tia e Graham, e mais ninguém. Os garotos da escola até que eram legais; ele foi convidado para ir a algumas festas e coisas do tipo, e havia muitos convites e também garotas que eram receptivas. Algumas eram receptivas até demais. Como Lizzy Carr. Mas, de maneira geral, ele acabou se distanciando do passado e isso significava que não havia ninguém para quem ele pudesse ligar ou enviar mensagens de texto, ou simplesmente com quem pudesse sentar e jogar conversa fora por alguns momentos.

— Certo — disse ele a Graham. — Entendi. Vou me esforçar mais.

Leo bateu continência, fez uma cara séria e determinada e Graham assentiu, e o horário da consulta chegou ao fim. Leo saiu para encontrar a tia, que estava observando as obras expostas na pequena galeria de arte da cidade enquanto ele estava na terapia. A conversa fazia com que ele se sentisse ridículo, mas não Graham; Leo sempre saía do consultório com uma convicção um pouco maior de que as coisas iriam melhorar, e que o passado era exatamente isso: passado.

Eles voltaram para a fazenda onde moravam atravessando o brilho intenso e vívido da tarde, o sol brilhando em folhas esvoaçantes que transformavam as estradas que se afastavam da cidade em túneis vivos. A sensação de que o verão ainda não havia realmente terminado, de que ele podia agarrar um pedaço um pouco maior do tempo, segurar o verde um pouco mais, deixava Leo ansioso para chegar logo em casa e aproveitar o que restava do dia. Havia passado os meses de julho e agosto fora de casa, na floresta e nos campos; pedalou por vários quilômetros até chegar ao mar, jogando-se nas ondas que arrebentavam, sentindo-se quente e cansado após o percurso. E agora, no meio de setembro, ele pensava no que estava por acontecer, não no que já havia acontecido.

Pensou na escola. Amigos. Era um jeito fácil de escapar, dizer que não gostava de alguma coisa e que, dessa forma, não precisava se incomodar com aquilo. Leo decidiu que teria de tentar.

Audrey



No primeiro dia após a mudança, minha mãe levou Peter e a mim ao supermercado. Poderíamos comprar qualquer coisa que quiséssemos para os nossos quartos: novas cobertas e lençóis para as camas, abajures, tapetes, brinquedos para Peter. Minha mãe encheu o carrinho, empilhando-o até as beiradas com canecas e capas para sofás, uma torradeira, frigideiras, capachos e cortinas. Eu peguei o que era essencial: escovas de dente, sabonetes e toalhas. E também meu uniforme para a escola, pastas coloridas, canetas de ponta porosa e papel. Ela me comprou até mesmo uma caneta Parker, algo que eu sempre quis, para não mencionar um monte de outras coisas de que definitivamente não precisávamos — uma cafeteira, uma balança eletrônica, um pôster enorme da Marilyn Monroe com uma grossa moldura preta, cujo peso eu nunca imaginei que os parafusos da parede aguentariam. A caixa registradora tilintava e minha mãe guardava as compras. Os números brilharam e eu gemi. O valor era muito alto, mas minha mãe entregou o cartão de crédito como se aquilo não importasse. Ela percebeu que eu estava olhando.

— Não se preocupe, meu bem. Nós temos o dinheiro do seguro.

Eu retribuí o sorriso e fiz que sim com a cabeça, seguindo-a para fora da loja até chegarmos ao estacionamento. O carrinho de compras fez um barulho enorme enquanto rolava pelo concreto.

— Nós vamos deixar o lugar bem bonito, não é, Aud? — gritou minha mãe por cima daquela barulheira.

— Sim. — Eu andei mais rápido para conseguir acompanhá-la, porém as sacolas estavam pesadas e as alças machucavam meus dedos. Os passos da minha mãe eram longos e determinados.

— E seremos felizes aqui. Vou procurar por alguns velhos amigos.

— Tudo bem.

— Vocês vão ficar bem, você e Peter, não é? — decidi eu, e meu irmão saltou para a frente, alegre, agitando sua nova caixa de Lego como se fosse um chocalho e estivéssemos na época do carnaval.

— Ótimo. Bem, vamos ao médico.

A clínica era tranquila, aconchegante e pequena, e o tempo parecia parar enquanto estávamos ali dentro. Minha mãe sorriu para a recepcionista, que retribuiu o sorriso. Tinha o nome Elizabeth no crachá. Ela preparou nossas consultas e organizou tudo o que era necessário.

Peter e eu esperamos enquanto ela e minha mãe conversavam. Eu não quis ouvir o que minha mãe estava dizendo e olhei para meu irmão, pegando na mão dele. Peter era meu melhor amigo. Dizer isso é algo meio estúpido — afinal, ele é um menininho. Mas era a pessoa que estava sempre ao meu lado, que me admirava e que me seguia aonde quer que eu o levasse. Era quem me escutava. Eu o amava: seus cabelos amarelados como manteiga, os olhos castanhos que demonstravam a confiança que ele tinha em mim, sua voz aguda e meiga. Agora o rosto dele estava ansioso, a expressão fechada, com o polegar enfiado na boca. Eu tinha de fazer com que tudo isso desse certo para ele. E foi o que fiz.

— Não se preocupe, Pete. — Apertei os dedos dele com carinho e o coloquei sentado no meu colo. Ele já estava ficando grande demais para aquilo e se contorceu para descer, olhando para o carpete e acertando a perna da cadeira com um chute.

— Você está bem agora, Aud? — perguntou ele.

— Sim, é claro que estou. Você sabe disso, não é? Você sabe que nós vamos ficar bem.

Os olhos dele estavam grandes, arregalados, e as pedras que ele trazia no bolso batiam umas contra as outras conforme ele as remexia. Ele ergueu os olhos por um minuto e olhou para mim; em seguida, sentou-se mais perto e eu segurei sua mão, que ainda era tão macia e pequena que me fazia lembrar que ele ainda era um bebê, e eu sussurrei que ficaríamos bem.

— Eu prometo, companheiro. Eu juro.

Mais tarde, minha mãe estava na porta do meu quarto, com os olhos brilhando no escuro.

— O que você achou? Está contente?

Assenti com a cabeça, lentamente.

— Ótimo. E você vai gostar da escola, ela é pequena. Você sabe que eu não a mandaria para um lugar qualquer. Não pensei que seria adequado para você. E, como eu disse, tenho um bom pressentimento sobre este lugar. Como se realmente estivéssemos em casa aqui.

Em casa, aqui. O que isso significava? Minha casa ficava a muitos quilômetros de distância no futuro. Não achava que já havia estado lá, e ainda estava procurando. Seja lá onde fosse, meu pai teria de estar lá também.

— Vou fazer o melhor que puder, mãe — eu disse. E estava sendo sincera. Era uma oportunidade, e eu precisava de oportunidades como essa.

Encostei-me outra vez no travesseiro e fechei os olhos.

— Audrey, está tudo bem com você? — Minha mãe entrou no quarto e pegou uma mala que eu não me incomodara em abrir. Eram somente ursos de pelúcia, todos eles recebidos como suvenires de hospitais, que acabaram sendo guardados e agora estavam aqui, trazendo recordações. Ela começou a guardá-los na estante.

— Aud? — perguntou ela outra vez, virando-se para olhar para mim, já que eu não havia respondido.

— Sim. Um pouco de dor de cabeça. — Nada de novo. Apenas algo que eu podia dizer.

— Vou lhe trazer alguma coisa — disse ela. — Mas... quer saber? Não podemos continuar assim. Eu gostaria que você conversasse com alguém daqui sobre sua depressão. — Minha mãe se sentou na cama e eu me encolhi um pouco para lhe dar espaço. — Você quer melhorar, não é?

— Sim — sussurrei, apertando os olhos com mais força.

— Isso é o mais importante, então. Vai deixar que eu a ajude? Vamos fazer isso juntas. Por favor.

— Tudo bem.

— De qualquer maneira, temos uma consulta com o médico na semana que vem. Vamos conseguir uma indicação com ele. E você vai melhorar, meu bem.

— Certo, mãe. Tudo bem.

— Certo, então. Que bom. — Ela colocou minha mão novamente sob as cobertas e acariciou o meu rosto. — Você sabe que eu estou aqui, não é? Para tudo o que você precisar. Por isso, não se preocupe. Durma um pouco agora. Você vai se sentir melhor amanhã de manhã. Estamos no fim de semana, então você pode dormir até mais tarde. E eu vou buscar os comprimidos. Ajudarão a dor de cabeça passar. Coitada.

Cuidadosamente, ela fechou a porta e eu fiquei deitada no escuro, escutando enquanto a casa respirava ao meu redor. Ela tossia e resmungava e eu escutei com mais atenção, tentando ouvir através das paredes, além dos tijolos, até chegar ao mundo lá fora e como ele crescia e se transformava, a grama ficando mais alta, rangendo e assobiando enquanto rasgava o solo, as árvores que se aproximavam de nós, arrastando-se e deixando marcas profundas na terra, fazendo-a tremer, o próprio ar se expandindo e contraindo, pulsando como o sangue.

Na manhã seguinte, minha mãe saiu de casa cedo e Peter e eu saímos correndo, descemos as escadas e rumamos para a floresta.

Meu irmão disparou na frente e eu o segui, com os galhos estalando sob nossos pés e pombos arrulhando na brisa. Aqui e ali as árvores se abriam em clareiras, e nós paramos embaixo de um imponente pinheiro-larício.

— Vamos construir um esconderijo — disse Peter. — Com um acampamento, um forte e tudo o mais. Podemos, Aud?

— Claro — eu disse, e, entregando galhos ao meu irmão, começamos a construir. As extremidades pontiagudas eram enfiadas no solo macio e ele saiu correndo para encontrar mais madeira, pedaços bons e compridos.

— Aqui, Aud. Este aqui vai servir bem, não é? — Peter veio arrastando um galho pesado, ainda coberto com folhas verde-escuras. Eu o peguei e o enfiei

na terra, batendo na madeira com a palma da mão, apreciando a rigidez seca e forte.

— Daqui vai dar para ver todos os pássaros, não é? — disse ele.

Eu assenti.

— Sim. E talvez se ficarmos bem quietos e não nos movermos vamos conseguir ver coelhos e castores. Ou ratos. Não sei. Pode ter todo tipo de animal por aqui.

Eu devia saber mais sobre aquilo. Peter olhava para mim com admiração e depois observava tudo, com as bochechas mais coradas do que jamais estiveram em muito tempo, e o rosto todo reluzindo.

— E o que mais?

— Raposas — eu disse, desesperada, tentando encontrar algo mais interessante. — Talvez uma corça ou uma lebre. — Eu não me atreveria a dizer que, se ele olhasse com bastante cuidado, seria capaz de ver corações batendo no interior das árvores, ouvir a respiração delas, o ribombar constante da vida. Mas tudo aquilo estava calmo hoje, sem que nada saísse do compasso: a floresta estava dormindo.

Nosso forte era um amontoado de gravetos finos emaranhados com um ou outro galho mais firme, e que de alguma forma conseguia ficar em pé. Nada mau para dois irmãos criados na cidade.

— O que acha?

— Está ótimo. — Peter ficou de joelhos e engatinhou para dentro. — É bem legal aqui, Aud. Entre comigo. — Ele deu palmadinhas no chão. Sentamos juntos, tranquilos, com cuidado para não tocar os lados e fazer com que tudo viesse abaixo. Talvez permanecesse em pé até o fim da tarde se tivéssemos sorte.

— Você tem razão. Não está nada mau, Pete.

— Shhhh. Se você falar, os animais não vão chegar perto. Precisamos ficar quietos. — Ele arrumou suas pedras em uma linha e conversou um pouco com elas, mas após alguns momentos encostou a cabeça no meu ombro e nós esperamos. Peter estava segurando um graveto curto e tinha manchas de

grama nos joelhos e cotovelos. Folhas nos cabelos. Ele suspirou e mudou a posição do corpo, se contorceu, esticou uma perna e eu segurei o seu pé, lembrando-o de que tínhamos de tomar cuidado.

— Desculpe, Aud — sussurrou ele.

— Está tudo bem, cara — eu disse, trazendo-o para mais perto de mim. — Você está indo bem, está sendo bastante paciente.

— Sêrio?

— Sim. Como um verdadeiro homem das florestas.

— Um cavaleiro, você quer dizer.

Eu sorri.

— Podemos vir aqui e fazer isso todos os dias?

— Bem, talvez. Nos fins de semana, ou depois das aulas.

— Shhh — disse Peter, e nós olhamos juntos para as profundezas da floresta, entre as árvores, tentando enxergar o menor dos movimentos, um milagre ou algum tipo de mágica. E então, quando o sol rompeu a grossa camada de folhas e iluminou um pedaço de terra, iluminando-a como se estivesse em chamas, um pequeno coelho saltou até o círculo de luz — com as orelhas empinadas e o nariz trêmulo — e nós ficamos paralisados, prendendo a respiração e com a pele formigando.

— Posso ir pegá-lo? — sussurrou meu irmão. — Levar para casa para ser meu bicho de estimação? — Ele se contorceu, retesando o corpo, louco para sair correndo atrás do coelhinho, mas a criatura saiu em disparada e Peter demorou demais para correr atrás dele.

— Volte! — gritou ele para a folhagem. — Não vou machucar você. Volte!

— Ele se foi, Pete — eu disse, seguindo-o e estendendo a mão para ele. — Mas não se preocupe, haverá outros. Centenas de coelhos, camundongos e pássaros. Vamos voltar amanhã e dar uma olhada no nosso esconderijo, agora precisamos ir embora. É hora do chá da tarde.

— Mas eu quero aquele coelhinho! Você viu, Aud? Ele podia ser nosso

bicho de estimação. Eu quero um bichinho. Eu quero o Nibbles.

Eu não queria lembrar daquilo. O incêndio. Nibbles preso lá dentro. Peter chorou antes de dormir pensando naquilo, e eu não queria que voltasse a acontecer. Segurei a mão dele com força. Ele ainda me olhava, cheio de esperança.

— Vou treiná-lo e cuidar dele. Prometo que vou limpar a caixinha dele e fazer tudo, até dar a comida para ele. Nesta floresta ele vai acabar morrendo.

— Não vai. Ele voltou para sua toca e para a mãe coelha. — Engoli em seco e sorri. — Ela vai cuidar dele. Não é mesmo?

— De verdade?

— Sim, de verdade.

Pegamos o caminho de volta e andamos devagar. Quando estávamos perto de casa eu vi que o carro da minha mãe já havia voltado; ela estava ocupada com mais sacolas de compras e nós corremos para ajudá-la a descarregar. E me ocorreu que talvez ela tivesse razão. Eu já estava pensando em ter esperanças e em recomeços. Minha mãe não mentiu quando nos falou sobre este lugar, e aqui estávamos, finalmente, com todo esse ar, céu, árvores para subir e campos para correr. Poderíamos nos renovar. Poderíamos ficar bem. Meu coração relaxou, o aperto que eu sentia no peito se afrouxou, eu segurei com força a mão de Peter e fomos correndo até onde ela estava.

Leo



Os novos garotos da Granja se moviam em uma linha diante do horizonte. Leo viu quando eles pegaram uma trilha que saía da floresta e os seguiu a distância. Eles não o viram, estavam com a atenção totalmente voltada para si mesmos, apenas concentrados em percorrer sua própria linha, avançando sobre ela como equilibristas na corda bamba. Foi a garota que chamou sua atenção, segurando a mão do irmão menor e puxando-o consigo para que ele não ficasse muito para trás. Ela era diferente: ângulos fortes por toda parte. Sua camiseta justa ao corpo, os cabelos longos esvoaçando por trás de si como uma labareda pálida. Ocasionalmente ele tinha a impressão de que ela iria decolar, como se o vento fosse pegá-la e arremessá-la ao céu. E Leo percebeu quanto o queixo dela era proeminente, um toque de rebeldia; viu a força do braço e da mão que segurava a do irmão e pensou: *não, ela definitivamente está bem firme na terra.*

Ele poderia alcançá-los e se apresentar, mas Sue já havia feito planos para que aquilo ocorresse mais tarde. Não havia outras famílias na Granja — ninguém das redondezas queria morar lá, especialmente com as histórias que começaram a circular depois que o lugar foi fechado — e Sue achava que eles talvez estivessem se sentindo solitários, após se mudar e descobrir que o prédio estava deserto. Sua tia estava preparando um cozido para eles; Leo conseguia sentir o cheiro no jardim.

— Leo, por onde você andou? — O rosto dela estava rosado pelo calor do forno. Sue ainda calçava suas galochas e Mary estava cheirando o chão, procurando por algum petisco. — Achei que você tivesse se perdido.

— Não. Saí só para dar uma volta.

— Ótimo. É para isso que servem os fins de semana. Para não fazer nada. As crianças de hoje parecem ter se esquecido disso.

Leo arrancou o casaco e escapou por pouco de ser atingido pelo rabo de Mary quando deixou o corpo afundar no sofá para tirar as botas.

— Não tire toda a roupa. Nós vamos para a Granja. Sabe aquela nova família da qual lhe falei? Eles chegaram.

— Eu sei. Acabei de ver os filhos.

— E...?

— E o quê?

— Qual o seu veredicto?

— Parecem ser legais, eu acho. Quero dizer, não sei. Vi de longe.

— Então por que você está com o rosto vermelho? — Sua tia o observava com um enorme sorriso no rosto e Leo riu.

— Sue, não seja ridícula. Pare com isso. Não preciso de uma namorada.

— E quem falou em namorada? — provocou ela. — Só achei que talvez você pudesse ter sorte e encontrar alguém com afinidades. Eu nem sabia que havia uma garota envolvida. Como poderia saber?

— Sim, sim, é claro. Vamos lá, vamos logo com isso. E pare de me provocar.

— Nunca. — Ela entregou a cesta para Leo e eles caminharam pelos campos rumo à Granja, que parecia estar mais sombria do que nunca, pensou Leo; apenas uma luz fraca em uma pequena janela indicava que haveria boas-vindas.

Audrey



O silêncio na casa naquela noite estava esmagador, com um zunido grave e inquietante, e, mesmo que minha mãe tivesse deixado o rádio ligado enquanto tirava a mesa após o chá da tarde, colocando as coisas de volta nos armários e assobiando durante o tempo todo, eu fiquei sentada no sofá com as mãos sobre as orelhas e quase não percebi as batidas que fizeram Peter se levantar e ir correndo até a porta.

Quando cheguei até onde ele estava havia uma mulher no corredor que sorria para meu irmão. Era bronzeada, como se houvesse passado a vida inteira sob o sol. A pele lembrava um pouco a textura do couro e havia rugas ao redor dos olhos. Parecia uma pessoa tranquila. Um pouco rechonchuda ao redor da cintura e com braços fortes.

— Olá — disse ela ao me ver, erguendo uma sobrancelha. — Desculpe por virmos até aqui sem avisar; somos seus vizinhos. Eu moro do outro lado do campo. Ouvi dizer que havia uma nova família na Granja e decidi vir até aqui e trazer algo para vocês. Um presente de boas-vindas. — Ela estendeu uma cesta.

— Obrigada. — Eu a recebi e meu braço caiu com o peso, e um cheiro delicioso invadiu a casa. Minha mãe apareceu naquele momento, tocando o cabelo, endireitando a blusa e eu passei a cesta para ela.

— Olá — disse a mulher novamente, olhando para minha mãe desta vez. — Sue Bright. Sou a vizinha que mora mais próximo daqui. Era o que eu estava dizendo à sua filha.

— Oh. Olá. Sim, meu nome é Lorraine — respondeu minha mãe. — E esta é Audrey.

Em seguida outra figura apareceu, e eu fiquei vermelha como o fogo, minha face enrubescendo como as sirenes no alto das viaturas de polícia que

costumavam passar correndo diante da nossa antiga casa.

— Este é Leo — disse Sue. — Meu sobrinho. — Eles não se pareciam nem um pouco. Para começar, a mulher não era chinesa, nem mesmo tinha descendência oriental. Por sua vez, Leo definitivamente tinha. E ele estava encostado na parede diante da minha porta. E eu usava um jeans horrível e uma camiseta esfarrapada e minha mãe tinha ketchup no queixo e Peter estava me puxando pelo braço e Sue puxava Leo para dentro da casa.

— Ele é filho do meu irmão. Está morando comigo por um tempo. Nós moramos na fazenda, logo depois dos campos — explicou Sue outra vez. Ela revirou a bolsa, apanhando um pacote de balas Smarties e entregando-as a Peter.

— Oh, que beleza — disse minha mãe, e eu percebi que ela estava apenas sendo educada. Boas maneiras eram algo importante para ela; vizinhos, nem tanto.

— Então, se precisarem de qualquer coisa, é só dizer. — Sue ainda sorria, mas a situação estava ficando um pouco constrangedora agora.

— Querem entrar? — perguntei rapidamente, pois não consegui evitar. Essas pessoas pareciam ser boas e não tinham medo de nada. Quanto mais pessoas na casa, melhor seria.

— Oh, bem, se vocês não estiverem ocupados, somente por alguns minutos. — Ela deu um passo adiante e começou a admirar a decoração, comentando sobre tudo e elogiando as reformas.

— Vocês sabem, este lugar estava quase caindo aos pedaços — eu a ouvi dizer enquanto eles entravam pelo corredor. Leo a seguiu e eu não o olhei, mantive os olhos focados diretamente adiante, fixos nas costas de Sue. Minha mãe estava contando uma versão condensada de nossa história.

— Viemos do norte. Arranjei um emprego na rua Pond. Sabe o hospital das crianças? Eu sou enfermeira, Sue, então não é tão difícil encontrar trabalho, e onde morávamos antes, bem, houve outros motivos, questões de família, que nos fizeram querer buscar um recomeço. — Aquela foi uma enorme lacuna, Sue não fez perguntas e, pelo menos daquela vez, minha mãe não entrou em detalhes. Estava guardando para a próxima vez, aumentando a

tensão. Minha mãe sabia como contar uma boa história.

Elas entraram na cozinha. Ouvi o som da água correr e a chaleira começar a ferver. Peter deu a volta ao redor do sofá com seu pacote de Smarties, outra vez agindo de maneira tímida.

O garoto, Leo, ou seja lá qual fosse seu nome, deve ter percebido que eu estava horrível. Sem maquiagem. Cabelo ensebado. E ele vestia um casaco de lã e galochas verde-escuras, como se houvesse acabado de sair de uma daquelas revistas sobre equitação, as mesmas que vi no consultório do médico, pilhas e mais pilhas delas. Além disso, não era realmente um garoto. Era praticamente um adulto e não combinava com esta casa, esse lugar malcheiroso, as paredes vazias e todas as coisas da minha mãe espalhadas pelo lugar. Sentei no sofá e isso o deixou com a poltrona — um veludo sintético cinzento e feio e que estava afundando no meio. Eu devia ter me oferecido para pegar o casaco dele. Ou lhe trazer algo para beber. Mas eu não queria levantar agora, então coloquei uma almofada sobre as coxas, escondendo-me atrás dela, e lembrando-me tarde demais dos meus braços. Ele já havia visto.

— E então — começa ele, com os olhos se aproximando rapidamente do meu rosto antes de ele limpar a garganta e fazer a próxima pergunta a Peter. — O que é isso que vocês estão fazendo?

Ele olhou para nosso caderno aberto no chão, as canetas coloridas recém-compradas espalhadas ao redor. Peter o observou com curiosidade, o polegar novamente enfiado na boca.

— Aud diz que é para acompanhar — murmurou Peter, e Leo olhou para mim como se eu tivesse de explicar. Inclinei-me para baixo, peguei o caderno e o fechei com força. O desenho que fiz do coelhinho era inútil. Além disso, não era nada com o que ele tivesse de se envolver.

— É só um diário — eu expliquei. — Como um registro natural ou algo do tipo. Peter gosta da natureza.

— É mesmo? Eu também gosto. — O sorriso de Leo era gentil. Ele não suspirou, não revirou os olhos nem começou a tamborilar os dedos no braço da poltrona. Ele se inclinou para a frente, apoiou os antebraços sobre as coxas e conversou tranquilamente com meu irmão.

— Eu vi um castor outro dia. Era enorme. Deste tamanho. — Ele abriu os braços o máximo que podia. — Para falar a verdade, fiquei com bastante medo. Os dentes dele eram enormes. — E fez uma careta.

— Nunca vi um castor — disse Peter e, em seguida, parou para pensar. — Você tem algum bicho de estimação? — perguntou, e eu sorri para o meu irmão. Ele se levantou e se aproximou da poltrona, ficando ao lado de Leo. — Eu tinha um hamster, mas ele morreu.

— Ah. Que pena. Sim, bem, Sue tem um cachorro. E um pônei fêmea, mas ela já está velha e não anda muito rápido. Na verdade, os dois são assim. O que realmente gostaria de ter — complementou ele, olhando nos olhos de Peter — é uma cobra, mas acho que Sue não ia curtir muito essa ideia.

— Uma cobra? — Eu ri um pouco por trás das minhas mãos. A expressão no rosto de Peter era impagável.

— Sim. Eu não ficaria surpreso se você encontrasse uma no meio do mato. Mas não se preocupe, elas não são venenosas. Pelo menos, eu acho que não. — Era como conversar com um príncipe. Não que eu soubesse como os príncipes conversavam. Mas ele falava como se houvesse sido criado com jantares à base de faisão, tomando água em taças de cristal e às voltas com gente chique e endinheirada. Lembrei-me de fechar a boca novamente.

Peter olhou para mim.

— Podemos ter uma cobra também, Aud?

— Não, Pete. Duvido que possamos. Mas tomaremos cuidado caso apareça alguma, está bem? E tiraremos uma foto.

Leo sorriu para mim e eu retribuí o sorriso, com cautela. Não haveria problemas se ele conversasse com Peter, mas eu não queria que ele viesse falar comigo. Apertei a almofada com mais força contra o corpo.

— E então, como está se adaptando?

— Bem. Eu acho. — Essa era uma frase em código que significava que nada estava bem. Mesmo com toda aquela natureza, eu ainda estava presa. Presa pela casa, pelo passado e pela água. A água estava em todo lugar. Ele pareceu perceber; notei uma certa simpatia em seus olhos.

— É difícil vir morar em um novo lugar. Você vai começar a frequentar a escola?

— Vou sim.

— Estou no décimo terceiro ano. O último, graças a Deus.

— Oh.

Por que ele ainda estava falando comigo? Aquilo fazia com que eu me sentisse estranha, como seu eu devesse ser alguém que não era.

— E você? — Ele perguntou, então tive de responder.

— Décimo primeiro ano. Mas perdi muitas aulas. Preciso recuperar todo o atraso.

— Bem, boa sorte. — Ele tinha um rosto sério e gentil, bastante refinado, o nariz reto, olhos entre o castanho e o âmbar que eram bem límpidos. E ele enchia o espaço, o corpo forte e os ombros largos. Sua boca se moveu e ele sorriu, aguardando, como se esperasse uma resposta, mas eu não estava prestando atenção, ocupada demais apenas olhando, algo que eu não tive a intenção de fazer. Estava apenas tentando observá-lo mais de perto.

— O que foi? — Olhei para ele. Que estupidez, diria minha mãe, e eu calei a boca para não falar aquilo.

— Eu disse que espero que dê tudo certo. Eu ficaria feliz em mostrar um pouco do lugar para vocês. — Leo se moveu um pouco na poltrona. — Se vocês quiserem.

— Ah. — Eu me encolhi ainda mais, quase dando um nó nas próprias pernas. Ele estava se divertindo, apenas sendo educado. Desviei o olhar, mas ele continuou me observando e, quando levantei o rosto, acho que nossos olhos se encontraram, apenas por um segundo, não que eu saiba identificar muito bem quando isso acontece. Bem, seja como for, aquilo me fez sentir o rosto quente e vermelho e eu desviei os olhos outra vez. Porque um garoto como Leo nunca se interessaria por uma garota como eu. Sou o tipo de garota que desaparece no meio de uma multidão, alguém de quem você se esquece cinco minutos depois de ter sido apresentada. Reconheço que talvez eu pudesse ser uma ótima ladra: entrando feito uma névoa em um quarto e

depois saindo discretamente com algo precioso — silenciosa como o ar. Leo se esqueceria de mim rapidamente e esqueceria essa conversa. Bem, não tem problema. Lembrei-me da educação que minha mãe me deu.

— Obrigada — agradei, olhando para o chão. — Seria ótimo, se você não se importar. — E aquilo era tudo, não havia nada mais a dizer. Com exceção de: — Mas você não precisa. Digo, você não precisa fingir que quer. Está tudo bem. Estamos bem. Não é mesmo, Pete? Gostamos de ficar sozinhos.

Peter fez que sim com a cabeça, veio e pegou o caderno que estava no meu colo. Ele se sentou no tapete, aos meus pés, pegou a caneta marrom e começou a rabiscar o desenho, colorindo-o com traços curtos e fortes.

O rosto de Leo ficou vermelho. Eu nunca tinha visto um garoto enrubescer daquele jeito antes. E não tive a intenção de ser grossa. Mordi o lábio, mas não haveria nenhuma troca de experiências interessantes. Nada de flertes ou paqueras. Ou papos intelectuais. Leo logo viria a descobrir isso.

— Bom, a oferta ainda está de pé — disse Leo para a parede antes de pegar seu casaco, e eu subitamente desejei ter dito algo diferente e me esforçado um pouco mais, mas não tinha muito talento para fazer amizades. Senti um calor tomar conta de mim outra vez. O constrangimento. Era um daqueles momentos que você quer que dure para sempre, mas também que termine imediatamente. De qualquer maneira é uma agonia.

Minha mãe apareceu na soleira da porta com Sue, então Leo se levantou com um salto. Mal podia esperar para ir embora. E a culpa era minha, mas eu não tive a intenção de fazer aquilo.

— A gente se vê — eu disse, tentando remediar a situação, mas ele foi embora tão rápido que não sei se ouvi alguma resposta.

Leo



— Não foi tão ruim assim, não é?

Leo pensou em revirar os olhos discretamente, mas ninguém conseguia esconder o que quer que fosse de Sue. Se ela o pressionasse, ele poderia descrever a visita como algo excruciante.

— As crianças são uns doces. É uma bela família — prosseguiu a tia, e ele pressentiu o que viria a seguir e não queria ouvir. Para uma mulher que passou anos vivendo sozinha, ela era o oposto de uma ermitã. O que era uma pena.

— Só me diga que não vamos ter de voltar lá outra vez. Ficou óbvio que eles não queriam ninguém por perto para bisbilhotar, Sue. Além disso, aquele lugar me dá arrepios.

— Não seja bobo. E você sabe que eu gosto de fazer amigos. Assim, não houve nenhum mal. E você se ofereceu para mostrar as redondezas para eles, não foi?

— Sim. E agora você vai parar de me torrar a paciência?

— Vou, sim.

Leo sabia que sua tia tinha boas intenções, que queria que ele tivesse uma vida social, mas essa pressão para fazer amizades era uma chatice. Bem, ele se esforçou para se abrir com alguém, como Graham diria, e acabou fazendo papel de idiota. Resmungou e esfregou as mãos contra o rosto. Sue olhou para ele com um sorriso torto.

— Qual era o nome dela mesmo? — Leo perguntou a Sue, pensando na garota e em seus longos cabelos pálidos que lhe caíam sobre as costas, a franja grossa escondendo os olhos que piscavam por trás dos óculos, como se ela tivesse uma espécie de tique nervoso. Não que aquilo o incomodasse.

Havia conhecido muitas pessoas assim nos últimos dois anos. Ela tinha dedos longos, lembrou-se; mãos delicadas e graciosas. E era alta. Foi a primeira coisa que percebeu, o pescoço longo, as pernas, os braços. Os braços. Ele reprimiu as lembranças, tentando apagar aquela imagem.

— Audrey. Um nome engraçado, meio antiquado para os dias de hoje — disse Sue, interrompendo a linha de pensamento de Leo.

— Hummm. — Sendo honesto consigo mesmo, Leo gostou do jeito dela. Ele riu, lembrando-se que ela quase chegou a ser grosseira e depois ficou chocada, como se não estivesse acostumada a dizer o que pensava. Mas a culpa foi dele; não demonstrou muito entusiasmo, e ela deve ter percebido. Talvez ele tenha emitido vibrações ruins. Vibrações do tipo *não insista, não estou a fim*.

Sue dirigia de volta à fazenda e Leo esfregou o dedo no orvalho que cobria a janela, recostou a cabeça e pensou. Havia alguma coisa naquela garota; algo que dizia *Não me toque, não se atreva. Não machuque a mim nem ao meu irmão, ou você pagará caro por isso*. Leo não teve a intenção de fazer com que ela se sentisse assim. Ele tinha de ser gentil. Afastar a negatividade; era isso que Graham recomendaria. Graham tinha razão sobre muitas coisas, mas, mesmo assim, aquele era o trabalho dele. Curar adolescentes com a vida fodida.

— E se eu os convidasse para a ceia? — Sue olhava fixamente para a frente, mas Leo conseguiu ver o sorriso torto que começava a se formar no canto dos lábios da tia. Talvez estivesse querendo agir como Pândaro ou coisa parecida.

— Você não consegue se conter, não é? — brincou ele, e Sue riu. Ela nunca se ofendia.

— Não. E você seja sensato, está bem?

— Eu sempre sou sensato. — E seria ótimo poder ser legal com Audrey, mostrar as redondezas para ela, fazê-la sorrir. Ele gostava de um desafio.

— Bom garoto. — Eles estacionaram diante da casa. Ele desceu para bater o portão e pendurou-se nele enquanto o fechava. Este lugar era ótimo, todo esse espaço, todo esse ar. Sem ninguém para tentar entrar na sua cabeça e

bagunçar tudo. Leo agarrou sua tia e deu-lhe um beijo. De certa forma, ela salvou a vida dele quando concordou em deixá-lo vir morar ali, e, se isso significava que ele devia algo àquela mulher, Leo faria questão de pagar.

Audrey



Minha mãe caminhava rapidamente pelos corredores, com uma aparência bastante ocupada e profissional em seu uniforme de trabalho, e eu voltei a me misturar com outros garotos e crianças para fingir que não a conhecia. A segunda-feira marcava o início das aulas e eu disse a ela para não vir, mas ela respondeu que isso daria a impressão errada. As pessoas poderiam achar que ela não se importava. Além disso, eu não precisava dela? Ela não me viu balançando a cabeça negativamente e simplesmente marchou rumo à entrada. Os outros garotos estavam olhando para ela, mas ela tinha o batom e um sorriso nos lábios e não se importou com aquilo.

— Audrey. — Ela parou, virando-se para procurar por mim, gritando meu nome outra vez, chegando até mesmo a berrá-lo. — Vamos, meu bem, ande logo. — Vi as garotas que eu estava seguindo olharem fixamente para ela, depois soltaram algumas risadinhas, olhando para mim e somando dois mais dois, e meu plano de fingir que não era diferente caiu por terra antes mesmo de começar. Ela me levou até a sala de registro de presença e o grupo de alunos que estava reunido ao redor das mesas do fundo se virou e começou a olhar em minha direção.

— Mãe. Vá embora. Estou bem. — Minha voz soava como se eu tivesse inalado hélio.

— Não. Vou esperar até sua professora chegar. Para ter certeza de que tudo está bem. — Ela estendeu a mão, acariciou meu cabelo e alisou meu casaco. O uniforme que ela escolheu era ruim; caía sobre meu corpo como se eu fosse feita de gravetos ou palha. Como se eu fosse me desfazer se alguém soprasse ou se acendesse um fósforo perto de mim.

— Vai ficar tudo bem, eu juro. Apenas vá embora — sibilei, olhando para o chão.

— Audrey... — Ela parecia estar magoada e eu odiava isso. — Você não me quer aqui?

— Não. — Fechei os olhos, e em seguida os abri e olhei para ela com uma expressão dura. — Por favor, mãe, vá embora. Você está me fazendo parecer uma retardada.

— Aud — disse ela em tom de advertência, olhando ao redor para ter certeza de que ninguém estava ouvindo.

— Mãe. Por favor.

A campainha tocou e a sala se encheu com meninas que se pareciam como buquês de flores. Brilhantes e coloridas, recém-colhidas, ainda ostentando a arrogância do desabrochar. Como se fossem intocáveis, como se nunca chegassem a pensar o que o tempo, o futuro ou palavras como aquelas realmente significavam, e acreditassem que tudo aquilo iria durar. Que ninguém iria ou poderia lhes arrancar o sorriso.

Minha mãe foi até a professora que cuidava do registro de presença e estendeu a mão, sem se importar com o fato de que os braços da docente estavam cheios de livros e papéis.

— Sou a mãe de Audrey Morgan. Ela é nova aqui.

— Ah, sim. É um prazer conhecê-la. E Audrey também, é claro. — Ela olhou para mim e eu retribuí com um sorriso, arrumando a mochila sobre os ombros, e depois olhei pela janela.

— Bem, aqui está ela. Vou me atrasar para o trabalho se demorar muito tempo aqui, mas achei que seria melhor vir para dizer olá.

A professora continuou sorrindo e olhando fixamente para minha mãe, como se não fizesse a menor ideia do que deveria dizer e estivesse apenas fingindo que aquela situação era normal. Senti o nervosismo tomar conta de mim outra vez.

Minha mãe limpou a garganta.

— Gostaria muito se você pudesse entrar em contato comigo todos os dias após as aulas. Preciso saber como as coisas estão indo com ela, e ela não me diz uma única palavra em casa.

— Claro. Vou ligar para você. Creio que temos seu número nos registros.

— Sim. Se não receber notícias, eu mesma vou telefonar. Audrey esteve doente durante um bom tempo, senhorita...?

— Senhorita Jones.

— Certo, senhorita Jones. Ela perdeu muitas aulas. É claro que ela vai se esforçar bastante para recuperar o tempo perdido, mas nunca esteve entre as mais inteligentes. Sem ofensa, meu bem. — Ela olhou para mim rapidamente e estendeu a mão, tentando limpar alguma mancha imaginária no meu queixo. Eu afastei a cabeça, tentando mandá-la para longe de mim. A sala inteira estava olhando, cheia de curiosidade e expectativa, e eu sabia que meu rosto estava da cor de ketchup. — É de família. Eu mesma era uma negação na escola. Consegui melhorar mais tarde. Assim, nós duas gostaríamos muito que você levasse isso em conta. E eu espero que, caso ela não se sinta bem, que deixe ela ir conversar com a enfermeira. Ou então me ligue.

A srta. Jones olhou para mim, hesitando, o sorriso ficando mais forçado.

— É ótimo tê-la em nossa escola, Audrey. Todos são bem-vindos à comunidade de nossa escola, e faremos tudo o que pudermos para ajudá-la com qualquer coisa que seja necessário.

— Isso é maravilhoso. Há uma aura de aconchego neste lugar, é possível sentir. — Minha mãe sorriu, virou-se e olhou para a classe como se realmente esperassem que todos ali achassem que ela era uma pessoa totalmente normal. Eles a encararam de volta, os rostos estúpidos com sorrisos malandros que ninguém se incomodava em esconder.

— Vou deixar vocês em paz. Tenha um bom dia, Audrey, meu bem. — Em seguida, minha mãe me abraçou, como se já não tivesse me feito parecer uma idiota por tempo suficiente, e eu fui discretamente até uma carteira vazia, me esforçando ao máximo para desaparecer.



Primeiro tivemos aula de francês. Sou péssima em francês, mas a garota que estava sentada ao meu lado me cutucou no braço.

— Não olhe nos olhos dela — disse a garota. Fitei-a, confusa.

— A madame Partridge é uma vaca — sussurrou ela. — E, se você erguer os olhos, ela vai começar a lhe fazer todas as perguntas mais difíceis sobre o pretérito mais-que-perfeito, o tempo inteiro. Por isso, olhos na mesa. Certo?

Minha vizinha tinha cabelos escuros, olhos castanhos, bochechas rosadas e usava botas Dr. Martens de um amarelo-vivo. Ela notou que eu estava olhando e estendeu as pernas.

— Legais, não é?

— Sim, muito.

— Eu não devia usá-las, mas consigo umas concessões de vez em quando. Se você sorrir, vai conseguir uma porção de coisas. — Ela abriu um sorriso, exibindo o aparelho ortodôntico. Retribuí o sorriso.

— Eu sou Jen. E você é Audrey. Ouvi quando sua mãe falou.

— Ah, sim. Bem, ela é preocupada demais. Me dá vergonha.

— Minha mãe é igual. Todas são.

— É mesmo?

Jenny fez que sim com a cabeça. Quando a madame Partridge perguntou meu nome e respondi *Je m'appelle Audrey*, os dentes dela rangeram e ela soltou uma enxurrada de palavras.

— Ela está dizendo que seu sotaque é um pesadelo — murmurou Jen. — Mas, se você quiser minha opinião, o dela também é. — E ela riu e eu ri também. Mas aquilo não durou. Eu não era capaz de acompanhar nada, mesmo com a ajuda de Jen. Quinze minutos depois eu levantei a mão.

— Posso ir ao banheiro? — perguntei.

— *Pardon?*

— Preciso ir ao toalete — repeti, e alguém atrás de mim riu.

A madame disse algo em francês e eu fiquei olhando fixamente para ela, até que ela ergueu as mãos e apontou para a porta, e eu praticamente saí correndo da sala de aula e atravessei o corredor, sem nenhuma noção sobre onde eu estava indo até que encontrei os banheiros. O cheiro do desinfetante atacou minha garganta, mas eu tranquei a porta de um dos cubículos, sentei-

me sobre a tampa fechada da privada e fechei os punhos com força, apertando-os bastante para que não arranhasse ou coçasse a pele, e esperei até que o sino tocasse.

Na hora do almoço eu fui até a recepção. Ninguém estava prestando atenção e eu saí pela porta, vestindo meu casaco.

A escola primária ficava do outro lado da rua. Minha mãe e eu havíamos deixado Peter lá mais cedo e eu precisava encontrá-lo agora.

Olhando através do alambrado que cercava o playground, procurei meu irmão em meio à multidão que gritava e corria. Quanto mais o tempo passava e eu não conseguia vê-lo, mais rápido meu coração batia, aflito e afundando em meu peito.

— Onde está você? — sussurrei, observando os arredores, até que eu o vi, sozinho, encostado em uma parede. Atrás dele estava pintado um enorme girassol; sua cabeça mal chegava até a altura da primeira folha.

— Pete — gritei, colocando as mãos em concha ao redor da boca, apertando o rosto contra a cerca. — Pete! — Eu acenava e gritava, dando a volta na cerca, tentando me aproximar. Na terceira vez que eu chamei ele ouviu e sua cabeça virou com um movimento brusco, os olhos me procurando até se fixarem na direção em que eu estava.

— Audrey! — Eu o vi dizer e ele correu, com as pernas curtas acelerando em minha direção. Peter agarrou minha mão por entre a cerca de alambrado. Eu me agachei e beijei seu punho.

— Você está bem?

— Estou sim — disse ele. — Está tudo bem, Aud?

— Claro que está, companheiro. O que você está fazendo?

— Só brincando — disse ele, e deu de ombros. Eu sorri.

— Deve haver algumas crianças legais, Pete. Você devia se enturmar, talvez brincar de pega-pega ou com os garotos que estão jogando bola.

— Eles dizem que quem é novo não pode jogar. — Ele deu de ombros mais uma vez e eu mordi o lábio.

— Amanhã, então — eu disse a ele. — Você não vai ser novo amanhã, não é?

— Não sei, Aud. Pode ser que sim. — Os olhos dele se arregalaram e eu o vi contando os dias mentalmente, tentando calcular quanto tempo durava o diferente.

Leo



Leo estava atrasado de novo para a aula de biologia. Achava difícil se animar com a aula dupla da terça-feira. Passou por um dos muitos corredores, pensando que a escola se parecia com uma criatura cheia de tentáculos longos e que talvez ele pudesse ir mergulhar no verão e ver como as coisas eram debaixo da água, quando deu de cara com Audrey.

— Oi — disse ele, e a garota o encarou e piscou como se Leo fosse a última pessoa que ela esperasse ver novamente. Ele não conseguiu evitar um sorriso; ela dava a impressão de que estava precisando de alguns. Sue tinha razão; era bom ser amistoso.

— Está perdida? — Leo a observava, intrigado.

— Não. Estava só procurando a sala da enfermeira — respondeu ela, e ficou com o rosto corado como antes.

— Ah, sim. É por ali. — Ele apontou pelo caminho por onde viera.

— Obrigada. — Audrey começou a andar outra vez. Leo percebeu que a estava seguindo.

— Está doente? Precisa de alguma coisa? — Perguntar aquilo era somente uma questão de cortesia. Não queria que ela saísse caminhando e desmaiasse em algum lugar.

— Não. Está tudo bem. — Ela puxou as mangas da camisa para cobrir as mãos enquanto falavam, mordeu um pedaço do tecido e parou, olhou para ele e continuou andando na direção que ele havia indicado. Leo acompanhou o passo de Audrey, esquecendo-se da aula de biologia, e Audrey o observou de esguelha e a boca dela estremeceu, discretamente, um indício de um sorriso. Ahá!, Leo teve vontade de dizer, mas isso seria irritante, e ele tinha certeza de que podia pensar em alguma outra coisa, mas tudo o que sabia era que os

cabelos de Audrey tinham a cor do luar e que ela não andava, e sim deslizava pelo piso da escola. Obviamente aquelas observações não eram apropriadas em um diálogo. Obviamente ela não queria conversar, nem ser escoltada, nem coisa alguma do tipo.

— Bem, sim, fica logo ali adiante — disse Leo após algum tempo, quando chegaram a outro corredor que serpenteava diante deles, longo, branco e vazio.

— Entendi. Obrigada.

— Não se preocupe — disse ele, parado onde estava, observando-a flutuar para longe.

Audrey



No dia seguinte, durante o intervalo, eu perguntei a Jen sobre Leo. Ele apareceu no dia anterior, durante a tarde, quando eu tentava escapar da aula de ciências, e agora estava passando diante dos armários onde estávamos. Ele levantou a mão, um aceno breve, balbuciou um “oi” e continuou a caminhar. Eu só queria saber se ela o conhecia, e era apenas isso mesmo, mas outra garota se intrometeu.

— Leo? O do décimo terceiro ano? Aquele Leo? — Ela apontou com o polegar para o corredor por onde ele foi. Tentei sorrir para ela e confirmei com um aceno de cabeça.

— Sim. Acho que sim.

— Ele não está disponível — disse a outra garota. Jen pegou seus livros e fechou o armário com força. Não olhou para a outra colega.

— Como assim? — Eu não consegui evitar a pergunta.

— Tipo, não está disponível. Você entendeu. Tem dona. — Ela se encostou na parede e cruzou os braços. Eu sorri rapidamente, sem a intenção de fazer aquilo, e olhei para o outro lado.

— Obrigado por ajudar, Lizzy — disse Jen, revirando os olhos e me puxando com ela.

— Então, por que você quer saber, hein? — A garota, Lizzy, estava nos seguindo, tentando ficar na minha linha de visão. Os olhos dela me fuzilavam, procurando alguma coisa para odiar.

— Por nada. Deixe pra lá. — Eu dei de ombros e sorri para ela outra vez. Leo não significava nada para mim. Eu mal o conhecia.

— É melhor ficar longe dele — disse Lizzy logo atrás de mim, mas eu a ignorei e segui Jen para dentro da sala de aula, indo até nossas carteiras e

organizando os livros.

— O que foi que eu fiz para ela? — perguntei. — Não estou entendendo.

— Ela adora dar uma de valentona. É uma espécie estranha de ser humano, eu admito. Além disso, ela tem uma queda enorme por você-sabe-quem — sussurrou Jen enquanto a professora fazia a chamada. — Acho que já rolou alguma coisa entre eles.

— Isso não me incomoda.

— Olhe, apenas faça de conta que ela não existe, está bem? Acho que ela foi mordida pelo bichinho da inveja. — Ela olhou na direção de Lizzy. Lizzy a encarou e mostrou o dedo médio. Jen simplesmente ergueu a sobrancelha e desviou o olhar.

Comecei a imaginar se eu poderia seguir Jen por toda parte, fazer com que ela se tornasse minha amiga apenas pela virtude da minha presença como sua sombra. Não foi necessário.

— Vamos lá — disse ela na hora do almoço. — Vou lhe mostrar a cantina. Mas já vou avisando que é um lugar bastante sombrio. Espero que tenha trazido o almoço de casa. A primeira lição é: nunca confie nos nativos. E a segunda: Não coma a comida deles.

Jen pegou uma revista, colocou-a entre nós e comeu macarrão e pesto que estavam em uma vasilha de plástico. Não conversou muito, e eu não estava com muita fome, preferindo olhar para as fotos de bandas de que nunca ouvi falar e examinar aquele enorme salão onde as vozes ecoavam. Lizzy e suas amigas, cujos nomes eu não sabia, me avistaram e vieram até onde eu estava.

— Onde está seu namoradinho então? — perguntou Lizzy, com o hálito próximo demais. Senti o cheiro de queijo e cebola. Jen levantou os olhos e depois voltou a se concentrar em sua revista. Eu fiz o que ela sugeriu e sorri. Essas garotas não chegavam a ser realmente uma ameaça.

No ano passado colocaram cocô de cachorro na minha mochila; moedas foram jogadas contra mim pelos garotos do fundo da sala; senti a bile na boca e Aidy Parker em pé, com a virilha encostada em minha boca, segurando a minha cabeça e puxando-a contra o tecido áspero das suas calças, os punhos entre meus cabelos. Risos que reverberavam nas paredes e no teto. Lizzy não

era nada comparada àquilo.

Peguei minha mochila, levantei-me e abri caminho para atravessar aquele grupinho.

— Ei, vamos lá — provoca Lizzy. — Você devia dar uma olhada na sala de jogos. Talvez ele esteja lá. Nós vamos levá-la até lá. E aí veremos, não é? — Elas se aproximaram e me cercaram. Não. Se ela me tocasse, eu entraria em pânico. Ninguém tem permissão para tocar em mim. Ninguém além de Peter e minha mãe.

— Não, está tudo bem. Estou ocupada. — Minha voz soou embargada, errada. Não com a determinação que devia ter. Socorro. Agora!

Jen se levantou, colocou o braço ao redor dos meus ombros. Aquilo me causou uma sensação boa.

— Na verdade, estamos indo para outro lugar, Liz. Então, sabe como é, caia fora — disse ela, puxando-me para longe dali, deixando-as para trás. Jen me olhou depois que já estávamos bem longe.

— Sabe de uma coisa, Audrey? Acho que ela não gostou de você.

A voz da minha mãe pareceu entrar pelas paredes, vindo de onde quer que ela estivesse. Eu a vi em pé, com as pernas levemente afastadas, agitando o dedo para mim. *Você é uma vítima, Aud*, dizia ela. *Uma porra de vítima, desde que nasceu*. E por baixo daquela preocupação eu sabia que ela pensava que eu atraía problemas. Mas esta escola devia ser diferente. Eu era diferente aqui. Não ia aceitar provocações como aquela.

— Está tudo bem — eu disse a Jen. — Eu posso me cuidar.

— Ótimo. Não deixe que ela pense que você é fraca. Ela é como um gato correndo atrás de ratos. Você precisa mostrar quem manda. Certo?

— Certo. — Eu fiz que sim com a cabeça e voltei para dentro, seguindo Jen. Ela caminhava com a cabeça erguida e as botas reluzindo como girassóis. Alcancei-a, caminhei ao seu lado, sentindo meu estômago se revirar, quando ela enfiou o braço por entre o meu, enlaçando-me como se aquele fosse meu lugar.

Leo



Jogando sua maçã para cima, Leo agarrou-a com a outra mão e fingiu que ia lançá-la sobre os campos, e depois voltou a enfiá-la no bolso. O dia estava ensolarado e a hora do almoço havia chegado, finalmente, e o ar tinha um aroma puro. Ele se sentou em um banco, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, estendendo-se sob o sol. Igual a um lagarto, pensou ele. Porém, quando abriu os olhos novamente, lá estava ela, surgindo por entre as névoas do outono como nas lendas Arturianas. Ficou sobressaltado. Aquilo era estranho. Uma garota que simplesmente estava ali, olhando para você; era algo intenso.

— Ah, olá. — Leo sorriu para ela. Era sua posição habitual. Ninguém podia dizer que ele não tentava fazer um esforço.

— Oi.

Ele não a via fazia uma semana e já tinha quase se esquecido de querer saber como ela estava, mas agora Leo sorria.

— Você me assustou um pouco. Achei que você fosse... sei lá.

— O quê? — Ela se aproximou.

— Bem, um fantasma, ou uma fada, talvez.

— Ah. — Audrey fez uma careta que não se parecia com nada que fosse etéreo ou algo do tipo, e Leo sorriu.

Ele desembulhou o seu almoço.

— Ei, pegue um sanduíche. Tenho um monte deles.

— Não, obrigada — disse ela, mas Leo praticamente conseguiu ver a saliva se acumulando na boca de Audrey quando ela viu o que ele trazia. O pão caseiro de Sue. Montes de queijo e salada, pickles. Eles haviam preparado

os sanduíches juntos, com as frutas cultivadas nos pomares de Sue. Havia até mesmo groselhas, coisa que ela nunca imaginou. Ele indicou as frutas. Audrey sorriu. Seus olhos estavam verdes como as groselhas hoje. Seu rosto, subitamente rosado como uma maçã. Mas ele não podia dizer aquilo. Essa autocensura era extenuante. Mas pelo menos ela sentou, timidamente, na outra ponta do banco.

— Vá em frente, não preciso disso tudo — disse Leo. Talvez ela estivesse apenas sendo educada. Talvez tivesse algum problema alimentar. Isso explicaria por que ela era tão magra. Conhecia várias garotas assim também. Mas ele não perguntava, e geralmente elas não tocavam no assunto.

— Não, obrigada. Tenho um monte de alergias e coisas do tipo. É por isso que eu sou desse jeito. — Os olhos de Audrey o desafiaram a contradizê-la, e ele não o fez. Talvez aquilo explicasse algumas coisas. Como a pele dos braços e das mãos dela, com rachaduras, com manchas que pareciam ser feridas, parcialmente cobertas por bandagens. Ele percebeu isso na primeira vez que foi à Granja, antes que ela se escondesse atrás daquela almofada. Mas ele tinha certeza de que o que viu não era apenas uma irritação na pele. A mãe de Audrey não disse que era enfermeira? Não que aquilo fosse de sua conta, e ele queria desviar os olhos, parar de se importar. Mas parecia que ele havia se transformado num bom samaritano. Ou talvez num bisbilhoteiro, enfiando o nariz onde não era chamado. Leo levou a mão ao bolso.

— Bem, pode comer minha maçã, então — disse Leo. Audrey hesitou por um momento e ele quase lhe atirou a maçã para forçá-la a pegar a fruta, mas no final ela acabou aceitando, com o rosto se abrindo em um sorriso quando deu a primeira mordida. Eles não conversaram. Ela comeu como se aquilo fosse uma ocasião séria que exigisse sua atenção. Estava com os olhos semicerrados.

— E então, está se sentindo melhor? — Ele se lembrou de que ela tinha ido procurar a enfermeira na semana passada. Mas fazer esse tipo de pergunta lhe dava a sensação de enfiar a mão em uma vasilha de água gelada.

— Estou bem — disse ela após algum tempo e afastou-se, apenas alguns milímetros, sentindo que ele a sondava, e Leo ficou irritado consigo mesmo. Não era assim que as coisas costumavam ser. Bem... na verdade, era sim.

— Deve ser difícil para você. Vir para cá depois de perder tudo — disse Leo.

— O quê? — Ela o encarou.

— O incêndio. Você sabe. Sua mãe contou para Sue. Elas tomaram café na semana passada. Eu ficaria arrasado se perdesse todas as minhas coisas.

Audrey fitou o chão.

— É, tem isso. — A voz dela estava apagada, e sua expressão, morta. Leo se acomodou melhor no banco.

— Ei, me encontre mais tarde — disse ele. — É sério. Vou mostrar o atalho para casa para você e Peter. E não estou somente tentando ser legal; estou entediado. Seria legal ter companhia, entendeu? Vamos encontrar um castor para Peter. Ou até mesmo uma cobra. Como ele está, por falar nisso? Ele gostou da nova escola?

— Ele está bem. Não gostou tanto.

Ele detestou a tristeza que viu nos olhos dela; aquilo doía.

— Bem, vamos lá. Precisamos alegrá-lo, não é?

— Sim. Tudo bem, então.

— Encontro marcado, então — disse ele, e gemeu com a expressão que usou. Mas Audrey não parecia ter ouvido e deixou que ele a acompanhasse de volta à escola.

Audrey



Depois do fim da aula, Peter e eu ficamos esperando por Leo, encharcados na chuva que atravessava o caminho do sol, resplandecente e feroz.

Olhei mais uma vez para o relógio quando Leo se aproximou, e ele riu.

— Meu Deus, olhem, me desculpem. Tive de ficar na sala depois da aula de inglês. Meu professor, o senhor Bruce... ele dá aula para você também? Não? Sorte sua. Bem, ele não gostou da minha redação, então acabamos tendo uma discussão. E o tempo todo eu fiquei pensando, *droga, Audrey está me esperando*. E aqui está você. E Peter. Meu Deus, estou me sentindo péssimo. — Ele estendeu a mão e mexeu nos cabelos de Peter. Peter se esquivou e Leo sorriu.

— Vocês estão bem? — perguntou ele. — Não estão molhados demais?

— Não. Estamos bem.

Começamos a andar juntos e Peter segurou na minha mão.

— Como foi o dia hoje, companheiro? — perguntei.

Ele saltou por cima de uma poça e disse:

— Eu estava brincando com Jim e Chapéu Feio, mas aí veio um menino maior e roubou eles de mim e jogou tudo no meio das moitas.

— O quê?

— Isso mesmo, mas eu entrei no meio do mato para buscá-los. Mas fiquei sujo.

Ele me mostrou as palmas das mãos, com o rosto ansioso.

— Não tem problema. Eu posso lavar suas coisas. E você também.

— Quem são Jim e Chapéu Feio? — Quis saber Leo, e eu desejei que ele

não tivesse feito aquela pergunta.

— Meus amigos — disse Peter.

Pensei nas coisas que podia dizer para mudar o assunto e soltei algo sobre o cozido que a tia dele havia nos dado, e se ela queria a cesta de volta antes de morder meu lábio. Que chatice.

— Bem, vou mostrar minha rota favorita — sugeriu Leo. — É um bom atalho para casa nos dias em que você não quer pegar o ônibus. Dias como hoje, quando é melhor ficar ao ar livre.

— Ninguém deveria ficar fora de casa quando chove. A chuva é para os patos, não para pessoas — eu disse. Por um segundo eu vi meu pai outra vez: seus contornos vagos, bastante alto e magro, com uma camiseta branca e jeans desbotados. Quase consegui sentir o cheiro da sacola com pão fresco que ele trazia, como se ela estivesse grudada nos meus dedos. *Memórias falsas*, disse minha mãe. *Esqueça. Ele nos abandonou. Por escolha própria.*

Leo apontou para o céu.

— Olhem. Está parando.

Paramos e olhamos por alguns momentos, e ele tinha razão. Os últimos pingos caíam em intervalos cada vez mais esporádicos e, ao longe, o céu estava mais claro. Eu não me importava muito se houvesse trovões e relâmpagos, neve ou tempestades, ou um sol apocalíptico ofuscante. Aquilo me dava uma sensação de liberdade. De que tudo estava certo, como se eu devesse estar fazendo isso há anos. Como minha mãe disse, era melhor aqui. Eu podia afastar o passado por enquanto, arejar a cabeça e inspirar um futuro com todo esse ar fresco.

— Eu corro por aqui, quase todas as noites — disse Leo, virando-se para olhar para mim.

— É legal — eu disse. — Tranquilo.

Voltei a olhar para o rosto dele, e Leo sorriu. Ele estendeu o braço, tocando-me gentilmente no ombro, para indicar que eu devia parar.

— Espere um pouco. Olhe ali — disse ele, e nós paramos e voltamos nosso rosto para o céu.

— É um dragão — disse Peter, agarrando minha mão, puxando-me. — É um dragão, não é, Audrey?

— Acho que é só um pássaro, Pete. — Eu ri.

— Sim. É um quiri-quiri — disse Leo.

— Ainda assim é lindo — sussurrei, segurando a mão de Peter, agachando-me para observar da mesma altura em que ele estava, ver seus olhos se arregalarem e brilharem enquanto Leo explicava que o pássaro estava caçando presas para se alimentar, como ratos e outros pequenos roedores escondidos nos campos ao nosso redor.

— Vamos pegá-lo — disse Peter, estendendo as mãos para o céu, e Leo riu.

— Eu diria que você não vai ter muita chance de conseguir pegá-lo, Pete. Ele é selvagem. E está com fome. Isso é a natureza — explicou ele. — Vermelha nas garras e dentes. Não é um bicho de estimação.

— Mas eu ainda o quero para mim — insistiu Peter, e eu imaginei o pássaro dando um voo rasante, agarrando-nos pela gola do uniforme e gritando ao ganhar os céus novamente. Daria pequenos pedaços de nós para os filhotes comerem. Minha pele se despedaçaria facilmente. Senti um arrepio no pescoço e no couro cabeludo, como se houvesse um monte de aranhas subindo pela minha pele.

— E então, como estão as coisas? — perguntou Leo quando voltamos a caminhar.

— Ah, está tudo bem, eu acho.

— Não invejo vocês na Granja. Você sabe que aquele lugar era uma espécie de instituto. Para pessoas com problemas.

— Que tipo de problemas?

— Há muitas histórias. A Granja por fim acabou sendo fechada.

— Que tipo de histórias? — Meu estômago se revirava. Eu não queria que ele começasse a falar de mim. Tagarelar sobre garotas loucas que precisavam ser trancafiadas longe de tudo e de todos para o próprio bem.

— Não sei ao certo. Não se preocupe, tenho certeza de que todos os fantasmas de lá já foram embora há tempos. — Leo estava rindo, mas parou quando viu a expressão em meu rosto.

— Tudo bem. Estou só brincando.

— Sei. Bem, isso me assusta um pouco. — Aquele lugar era uma casa morta. Toda aquela água. E a Coisa iria gostar da Granja. Eu tinha certeza.

— Não a culpo. Eu também ficaria assustado. Aquele lugar se parece muito com uma casa mal-assombrada. E você sente saudade de casa, não é?

— Nem tanto. — Eu sentia saudade da ideia de ter um lar, embora não fosse capaz de explicar aquilo. Era como se minha vida fosse um quebra-cabeça e uma peça enorme estivesse faltando. Se meu pai estivesse por perto, talvez isso pudesse ajudar. Talvez ele pudesse montar o quebra-cabeça, ajudar as coisas a fazer sentido. Leo olhava para mim como se não tivesse certeza de que entendia. Eu sorri rapidamente para ele, afastei o cabelo dos olhos e enfiei os óculos no bolso. Às vezes era mais fácil enxergar sem eles.

— Vocês têm sorte, então. Eu sinto saudade dos meus pais. Eles estão no exterior. Em Hong Kong.

— Hong Kong!

— Isso.

— E por que você não foi com eles?

— Eu gosto daqui. Além disso, minha mãe e meu pai estão ocupados. São o tipo de gente que busca o sucesso. Ambiciosos. Bem-sucedidos. — A voz dele parecia um pouco amarga e ele parou por um minuto, olhando para o horizonte. — Mesmo assim, ficar aqui é mais fácil para mim. Minha tia é muito legal. Não tenho de fingir ser alguém que não sou. Passei um tempo em um colégio interno. Cinco anos, para dizer a verdade, mas eu odiava aquele lugar. Aí eu vim para cá.

Ele não precisava explicar. Leo me olhou como se quisesse ser compreendido, e eu olhei para o outro lado.

Começamos a caminhar novamente, e as coisas ficaram mais fáceis.

— Cuidado — disse ele quando o chão ficou lamacento perto de uma

escada que permitia passar por cima de uma cerca e dali para um campo. Ele estendeu a mão para segurar meu cotovelo e me guiar por entre a lama. Aquela era a segunda vez que ele me tocava.

Sue estava no celeiro cuidando de um pônei, e Peter foi instantaneamente até lá para acariciar o animal. Era ótimo vê-lo daquele jeito, correndo para a frente em vez de ficar observando quem vinha de trás. O rosto de Sue radiava boas-vindas; meus ombros relaxaram e eu respirei fundo.

— Ah, finalmente em casa — disse ela. — Ótimo. Leo, vou entrar para tomar uma xícara de chá. Traga Audrey e Peter.

— Precisamos ir para casa — eu disse, recuando cuidadosamente, sem querer ser invasiva.

— Por quê? — interrompeu Peter. — Estou com fome. Você me fez andar muitos quilômetros.

— Entrem, só por um minuto — pediu Leo. — Temos bolo. Qualquer coisa que quiserem.

E, olhando para o rosto do meu irmão, não consegui recusar.

Aquele minuto se transformou em trinta, e depois em uma hora. A cozinha de Sue era tão aconchegante que era fácil demais simplesmente deixar o corpo afundar no sofá e observar Leo encher a chaleira, preparando o chá, dando comida para o cachorro, cantarolando junto com o rádio. O tempo voou à nossa volta e eu olhei para baixo, com a xícara ainda nas mãos, tomando goles curtos, fazendo aquele momento durar. Essa xícara de chá foi a melhor coisa que já havia me acontecido.

Leo



O fato de haver pedido a ela que entrasse, tomasse chá e comesse o bolo não significava verdadeiramente que Leo gostasse dela mais do que gostava de qualquer outra pessoa. Ele voltou para a fazenda após acompanhá-los até a Granja, pronto para as provocações de Sue. Sabia exatamente o que ela diria. Que ele nunca havia trazido uma garota para casa antes, que passou o tempo inteiro ao redor dela como se Audrey fosse uma flor delicada. Leo parou, virou-se e olhou para trás. Aquele lugar. O cheiro da Granja veio com ele novamente: úmido e frio. Como se algo tivesse morrido recentemente lá. Deviam ter conseguido um aluguel barato, provavelmente.

Ele a levaria até em casa. E não haveria problema. Se precisava ter amigos, bem, por que não ela? E o fato de que ele gostava de observar o rosto e os olhos de Audrey se movendo e se transformando. Não conseguia evitar.

Sua mãe ligou quando ele entrou e Sue lhe passou o telefone, voltando a se ocupar com as palavras cruzadas.

— Oi, mãe. Como estão as coisas? — Leo apoiou as pernas sobre a mesa e Sue as acertou com o jornal.

— Leo. Estamos bem. E você?

— Por aqui está tudo bem. — Ele piscou para Sue e ela suspirou; iria lhe dar uma bronca mais tarde, olhando por cima do aro dos óculos, pela falta de consideração. E logo depois, instantaneamente, se esqueceria de tudo.

— Excelente. Eu estava pensando em você hoje. Fomos a um concerto maravilhoso e eu senti saudade. Saudade de ouvir você tocar.

— Ah. — E em seguida ela começou a falar sobre o concerto para piano que ele tocava aos treze anos e o talento que ele tinha e que era uma pena que aquilo acabaria sendo desperdiçado. Todo o dinheiro que gastaram com as

aulas, as horas de ensaio e blá-blá-blá. Leo conseguia perceber aquilo agora. Com um *smoking* elegante, o buço esparso sobre o lábio superior, o pomo-de-adão subindo tremendo, rígido como uma tábua, recebendo os aplausos; sua mãe usando o vestido preto para a noite, elegante na primeira fila. Graças a Deus, ele havia conseguido se livrar daquilo. Talvez pudesse interrompê-la, falar sobre Audrey. Ver o que ela achava. Não. Ela era capaz de desprezar um ser humano com um único monossílabo, sem nenhum escrúpulo. Não é o tipo de pessoa adequada para nós.

— Bem, eu voltarei no meio do semestre. E você virá para Londres. Certo, querido?

— Tá bom. Estou ansioso, mãe.

— “Está bem”, não “tá bom.” — Ela falava com um sotaque aristocrático. Costumava lhe dar uns cascudos quando ele copiava algum maneirismo das crianças no parque próximo do apartamento que tinham em Londres.

Leo gostava de vozes, sons, quanto mais esquisitos, melhor, e a voz de Audrey era como o farfalhar de folhas. Arranhava alguma coisa dentro dele, fazia com que ele sentisse vontade de se sentar para escutar, embora não houvesse dito quase nada nesta tarde, com os olhos sempre grandes e atentos.

— Está bem, mãe — rebateu Leo com um suspiro dramático.

— Ótimo — disse ela. — Amo muito você, meu bem.

— Também amo você, mãe. — Por que alguém diria isso aos dezessete anos? Mesmo assim, Leo sempre dizia.

— E eu você, querido. Agora vá e faça algo que seja extremamente útil. Certo?

— Claro. — Como se eu estivesse a fim, pensou ele quando desligou o telefone. Teve a certeza de que sua mãe não estava ouvindo quando Graham lhe disse para não fazer nenhum tipo de pressão.

Sue não tinha um piano em casa e também não dava a mínima para as provas da escola; parecia ter esquecido que ele teria seus simulados em janeiro. A expressão “lição de casa” nem mesmo existia no vocabulário da tia. Leo não tinha dúvida de que sua mãe compensaria tudo isso quando ele a

visse no mês seguinte. Teria de usar protetores de ouvido.

Talvez amanhã ele contasse a Audrey sobre o parque de diversões e perguntaria se ela gostaria de ir. E, se não quisesse, talvez ela gostaria de ir a algum outro lugar. Graham tinha razão — Leo realmente precisava de amigos.

Audrey



No dia seguinte, depois das aulas, eu não esperei por Leo, mas ainda assim tirei Peter do ônibus. A tarde anterior havia sido demais. Não podíamos querer ir até lá o tempo inteiro e sermos inconvenientes. Mas, quando voltamos para a Granja, a casa estava com as luzes apagadas e eu ouvi um chiado, algo que vinha da cozinha. Fechei a porta com força e me encostei nela. Não estava preparada para entrar.

— Esconde-esconde? — eu disse. Peter largou a mochila e saiu correndo, descendo dois lances de escadas, disparando pelos corredores.

— Pare — gritei. — Não vá aí embaixo. — E eu puxei meu irmão de volta e para cima, até chegarmos ao último andar. A escada de incêndio, eu a vi do lado de fora e agora nós a havíamos encontrado. *Bom trabalho*, pensei.

Estávamos no topo do mundo. Naquele lugar, o quiri-quiri de Peter realmente poderia se aproximar o suficiente para que o tocássemos, se passasse por ali.

— Que legal — concordou Peter, estendendo as mãos na direção do céu do início da noite, o qual parecia estar tão próximo que podíamos subir até as nuvens, as longas faixas brancas desfraldadas como as velas de um barco. De repente, a casa era um navio pirata e eu era a capitã, e Peter era o subcomandante.

— Terra à vista! — gritei, posicionando-me diante do timão. Peter subiu pelas cordas do mastro, subindo e descendo pelo primeiro lance da escada de incêndio, fazendo com que ela retinisse e estalasse como castanholas — e nós estávamos na Espanha, eu disse a ele, chegando ao porto, descarregando nossa carga de marfim, macacos e pavões, sândalo e cedro e vinho branco doce. Peter parou de correr, olhou para mim, entediado com os poemas que eu lhe recitava. Queria alguns fatos.

— Como é na Espanha?

— Quente — eu disse, olhando para algum ponto ao longe. O mar inteiro estava no céu, nuvens rosadas que assumiam o formato de um sabre, de uma bandeira, mergulhadores intrépidos com arpões caçando peixes e baleias, sereias penteando os longos cabelos e movendo suas caudas.

— Podemos ir lá nas férias? — perguntou Peter. — Luke, da minha sala, ia para a Espanha todos os anos.

— É lá que nós estamos agora, Pete — eu disse a ele. — Olhe.

Olhamos juntos, sentados no degrau mais alto.

— Veja, estamos no mercado. Olhe ali, as pilhas de polvos pegajosos, camarões, tomates vermelhos e gordos.

— Eca!

— Não, é bom, é diferente. Respire fundo, o ar está cheio de temperos, picantes e deliciosos. Consegue sentir? A pele quente, dourada pelo sol; e você mesmo tem um cheiro gostoso, do protetor solar, à beira-mar. Ar fresco.

Ele fez uma careta e eu comecei a lhe falar sobre as praias: areias douradas, mar azul e transparente, ondas para surfar. Todos nós — até mesmo eu, sem medo algum — nadando, rindo, sentindo o calor e tomando bebidas geladas, lambendo os sorvetes.

— Vamos perguntar à mamãe se podemos ir — disse ele, com a expressão tomada pela ideia.

— Seria ótimo se pudéssemos. Vou lhe dizer uma coisa: quando eu sair da escola e arrumar um emprego... talvez no ano que vem, ou daqui a dois anos, vou guardar dinheiro e vou levar você até lá. Que tal?

— Legal. — Ele assentiu, chegou mais perto e enfiou o polegar na boca de novo. Ele já estava ficando muito velho para isso. Coloquei o braço ao redor dele.

— É melhor entrarmos. Está ficando frio.

Antes de eu puxá-lo para dentro, dei uma última olhada no horizonte, o longo pôr do sol azul espalhando seus braços ao redor das beiradas do

planeta. Naquele momento algo atraiu minha atenção, algo real: um lampejo branco andando por entre as árvores, chegando cada vez mais perto. Peter estava me puxando.

— Espere um pouco.

Nós observamos juntos enquanto a figura se aproximava. Alto. Rápido. Ainda estava longe demais para me ver se eu acenasse, o que não fiz. Não sei o que me deixou com o rosto vermelho; talvez a ideia de chamar por ele. Dizer o nome dele, como se eu tivesse o direito de fazer isso.

— É o Leo? — Peter se apoiou na ponta dos pés sobre o corrimão, agitando os braços. Eu o puxei para trás.

— Venha. Vamos encontrar algo para comer. Nossa mãe fez compras e preparou um espaguete à bolonhesa. Está a fim? — Eu não queria que Leo me visse. O que eu faria se ele batesse à porta, entrasse na casa e começasse a fazer perguntas de novo? Ele era um garoto legal, talvez, mas Peter e eu não tínhamos problemas em ficar sozinhos. Não precisávamos de outras pessoas. E Leo era diferente demais. Não podíamos realmente ser amigos.

Olhei para baixo. Leo se aproximava. Rápido. Alguma coisa me dizia que eu precisava confiar em alguém, em algum momento. Mas como eu poderia ter certeza? Como saber em quem confiar?

Outubro



Leo



Na noite do primeiro sábado de outubro eles se reuniram ao redor da mesa. Sue havia preparado carneiro assado.

— Não, não é um dos nossos — disse ela, rindo enquanto respondia à pergunta de Peter.

Lorraine e Sue riram um pouco mais. Leo não se lembrava direito de quando este sarau havia sido organizado, mas queria que Sue tivesse lhe consultado. Tinha a sensação de que estavam armando alguma coisa. Ou que Sue estivesse se sentindo solitária, e aquelas duas ideias o deixavam preocupado.

Ainda assim, Audrey não olhava para ele — estava ocupada cortando o jantar de Peter em pedaços pequenos que ele conseguisse mastigar. Leo soltou um pigarro.

— E então — disse ele, quando ela terminou o que estava fazendo e finalmente começou a comer a própria comida. — Como estão as coisas? — Ela havia começado a desaparecer, exatamente quando ele começou a procurá-la. Por isso, já fazia algum tempo que não conversavam.

— Está tudo bem. Nada de novo. — Aquela voz: branda, áspera, como a fumaça. Era algo que contrastava com todo o restante dela. Os ossos proeminentes do rosto, a linha longa e graciosa do pescoço.

— Legal. — Leo encheu os copos de ambos com água. — Fico feliz.

— Você não precisa ficar me perguntando isso todas as vezes — disse ela, e em seguida virou-se para ajudar Peter com seu copo e mandá-lo parar de dar seu jantar para Mary. Leo tentou caçar outro assunto, revirando os olhos quando teve certeza de que ela não o veria fazendo aquilo.

— E como está a escola? Os professores são legais?

— Quase todos. — Audrey afastou a franja dos olhos e olhou direito para ele. — Eu gosto de inglês. E este livro, sobre *Jane Eyre*, é muito bom.

— É ótimo, não é?

— Você o leu? — Ela parecia surpresa.

— Sim. — Leo havia estudado Charlotte Brontë em sua antiga escola. Parecia que aquilo ocorrera fazia uma eternidade.

— Eu gostei de quando aquele primo bate nela e ela não baixa a cabeça; ela revida — disse Audrey, com o rosto sério, mas uma expressão mais alegre dançando em seus olhos. Leo quis rir outra vez, mas acabou tossindo e se concentrou no seu jantar por um momento.

— Isso mesmo — disse ele. — Tinha me esquecido. Ele não tem um final feliz.

Audrey o olhou com raiva.

— Não me diga o que vai acontecer no fim do livro.

— Desculpe. — Leo fez uma careta, encolhendo as bochechas e erguendo as sobrancelhas enquanto ela o olhava fixamente como se ele fosse um idiota. Será que todas as conversas entre os dois seriam tão esquisitas como esta?

Depois que tiraram os pratos da mesa, Leo ajudou Sue a trazer tigelas com torta de maçã e sorvete. Colocou uma delas diante de Audrey. Os olhos dela apontaram rapidamente na direção da mãe.

— Está tudo bem, Leo. Aud é alérgica. Deixe que eu fico com essa — disse Lorraine, estendendo a mão e comendo a porção de Audrey junto com a sua.

— Oh. Tudo bem. Olhe, vou lhe trazer alguma outra coisa. Frutas, Audrey? Pode ser? — perguntou ele. Ela olhou novamente para Lorraine e fez que sim com a cabeça.

Eles terminaram a refeição e Leo chamou Audrey até a sala, levando-a até uma parede onde havia uma estante abarrotada de livros.

— Quando terminar *Jane Eyre*, acho que vai gostar desse aqui.

Ele encontrou *O Morro dos Ventos Uivantes* e entregou o livro a ela.

— Você já leu todos esses livros? — Ela examinou a capa e depois correu os olhos pela estante, olhando os títulos.

— Não. — Ele riu outra vez. — Talvez um quarto, se não for muito já.

— Por que não? Se esses livros fossem meus, eu já teria lido todos — disse ela, com a voz escandalizada. Ele se sentou e desistiu. A televisão estava ligada para Peter, e Leo fingiu que estava interessado na programação, enquanto Audrey se acomodava em uma poltrona, as pernas erguidas até o peito, perdendo-se no livro.

Ele ouviu as vozes que vinham da cozinha; Sue e Lorraine estavam demorando um bom tempo para tomar o café e Leo começou a imaginar o que elas teriam em comum. Algumas coisas, ele supôs. Escutou com mais atenção, tentando ouvir o que elas falavam, não gostou muito do que ouviu e limpou a garganta. Queria conversar com Audrey. Isso seria bem mais divertido, definitivamente.

— Quer dizer então que você gosta de ler?

— Gosto. Eu tinha alguns livros. A maioria era livro de poesia. Mas não tenho mais nenhum.

— O que aconteceu com eles?

— Não sei. Perdi.

Aquilo era estranho, mas ele não fez mais perguntas e Audrey não entrou em detalhes. *Sangue, pedras*, pensou ele, balançando a cabeça, e a apanhou olhando em sua direção antes que os olhos dela se desviassem rapidamente, voltando para a página outra vez.

Audrey



Não acontecia muita coisa naquele lugar. Fomos à casa de Sue para jantar — bem, eles chamavam a ocasião de ceia, o que para mim pareceu uma coisa meio boba — e, depois daquilo, todos os dias eram iguais. Mas eu não me importava; havia bastante coisa com que me ocupar, como arrumar Peter pela manhã, chegar à escola na hora certa e me lembrar onde ficavam todos os lugares, o nome dos outros alunos e professores e me certificar de que havia algo para o chá da tarde. Eu tinha o livro de Leo e minhas lições de casa, e minha mãe passava o tempo todo trabalhando. O livro ia comigo para todos os lugares, talvez porque eu quisesse ser como aquela Catherine Earnshaw, com um lado selvagem, resistente e livre, e... bem, porque sim. Houve um dia em que minha mãe chegou em casa com flores, com os cabelos soltos e os olhos brilhantes.

— Olhe para elas, Aud. — O rosto dela estava corado com uma expressão de prazer, e eu enfiei o rosto no buquê de rosas e inspirei fundo. Elas não tinham cheiro algum, mas eu não disse nada.

— De quem você as ganhou? Elas são lindas, mãe.

— Ah, de um dos meus pacientes. Um camarada bem agradável. Já faz um tempo que venho cuidando do filho dele. Pobre anjo. Mas nós fazemos o melhor que podemos. E é ótimo quando reconhecem nossos esforços — disse ela, e em seguida franziu a testa. — Não sei por que seu pai nunca demonstrou um mínimo de reconhecimento, Aud. Se fosse assim, nós não estaríamos nessa situação miserável, não é? — Eu não sabia o que ela queria dizer com aquilo e não perguntei. Mas eu sabia quanto os pacientes da minha mãe a amavam. Tinham sorte por tê-la por perto, e sabiam disso; ela se preocupava e cuidava deles de um jeito ainda mais intenso do que fazia comigo. Às vezes eles escreviam bilhetes para ela, davam-lhe flores — como estas — ou chocolates. Minha mãe guardava as cartas de agradecimento em

uma pasta especial. Dizia que serviam para animá-la quando estava triste.

— Bem — disse ela —, coloque-as na água para mim, Aud, ponha em algum lugar. E depois faça um café para nós, por favor, enquanto eu vejo um pouco de televisão. Estou quebrada.

Assenti e cuidei das flores, colocando-as na sala de estar onde ela podia vê-las. Ela assentiu distraidamente, verificando o rosto em um espelho de bolso, usando uma pinça para ajeitar as sobrancelhas e depois voltou a olhar para a televisão e zapeou pelos canais antes de checar o celular.

O tempo passou. Em nossa quarta semana na Granja minha mãe estava fazendo plantões noturnos, então eu tinha de acordar Peter para ir à escola no horário. Até o momento, outubro não havia trazido nada além de chuva, e as manhãs estavam mais frias e mais escuras. Na quinta-feira, nós perdemos a hora de acordar.

— Vamos lá, Pete. — Eu o tirei gentilmente dos seus sonhos. — Vamos nos atrasar se não andarmos logo.

Ele se aninhou ainda mais profundamente sob as cobertas, e assim eu tive de cutucá-lo e fazer cócegas até que ele se levantou e engoliu alguma coisa para o café da manhã. Já eram quase oito e meia. Os comprimidos que o novo médico me receitou me nocautearam, e foi difícil acordar de verdade. Preparei um café. Engoli o que estava na xícara. E depois tomei mais um.

— Vamos lá, amigão — eu disse. — Deixo você vir de cavalinho.

Coloquei meu irmão pendurado nas minhas costas e saí, atravessando os campos na direção da trilha que Leo havia nos mostrado. Era definitivamente o caminho mais rápido, mas ainda assim iríamos nos atrasar.

Peter se agarrava com força nos meus ombros.

— Segure firme — eu disse. — Enlace as pernas em mim. Vou tentar correr.

Na verdade, era uma marcha bem desajeitada; ele era pesado e eu era lenta, e o chão estava tão lamacento que eu deslizava e escorregava, mas endireitei os ombros, continuei a avançar como se quisesse arar o solo, plantar nossa própria história a qualquer custo. Peter estava gostando, rindo e me

motivando.

— Vá mais rápido, Aud! Vamos lá!

Eu não podia. Quando chegamos ao barranco, ele desceu das minhas costas enquanto eu me curvava para tomar fôlego. Mas não era só por causa disso; meu tornozelo também estava doendo. Isso sempre acontecia quando o tempo estava ruim. Minha mãe dizia que talvez eu precisasse operá-lo outra vez no futuro, mas eu não conseguia nem pensar naquela possibilidade.

— Quero andar de cavalinho de novo — disse Peter quando eu me levantei, então eu o coloquei nas minhas costas outra vez, ajeitando-o um pouco mais alto, e continuei a marchar. Ele agitava as pernas e esporeava como se eu fosse realmente um cavalo que ele conseguiria persuadir a andar mais rápido e eu ri, perdendo ainda mais o fôlego, quase perdendo o equilíbrio. Não fazia sentido. Eu parei e tentei me recompor.

— Talvez seja melhor você andar, Peter.

— Não quero. Isso é bem melhor.

— Claro, para você, não é? Mas você está ficando pesado, amigo.

— Mas tem alguém vindo aí. Olhe. Vamos ganhar dele.

Virei para trás. É claro. Leo: correndo pela trilha como se estivesse nas Olimpíadas, com um moletom azul-marinho e tênis enlameados. Suas bochechas estavam rosadas. Os olhos, brilhantes e curiosos.

— O que vocês dois estão fazendo? — perguntou ele, olhando primeiro para Peter e depois para mim. — Eu os vi de longe e vim até vocês. — Ele respirou fundo. — Estão bem?

— Sim. Eu estava só tentando levar Peter para a escola na hora. Mas ele é pesado.

— Não é não, não é mesmo? — disse Leo, levantando Peter e colocando-o sobre os ombros como se ele não pesasse nada. Peter gritou, em parte por causa do medo e a outra pela alegria.

— Vamos lá, então — disse Leo, e continuamos a caminhar. Mal consegui acompanhá-los, correndo durante todo o trajeto até a cidade, sentindo o coração bater contra as costelas.

Deixamos Peter no portão bem a tempo. Pelo menos desta vez ele não olhou em volta, ou por cima do ombro com olhos arregalados ou aflitos. Pelo menos desta vez ele entrou sem nenhum murmúrio, e eu fiquei feliz. Leo olhou o relógio.

— Desse jeito somos nós que vamos nos atrasar — disse ele.

— Eu sei.

— Então vamos lá.

Quando chegamos à rua, Leo veio caminhar ao meu lado, com o corpo entre o meu e os carros.

— Está movimentada — disse ele. — O trânsito é ridículo neste horário. — E eu entendi que ele queria me proteger como um cavaleiro faria com sua dama, e um rubor enorme e quente começou a se formar no meu peito, estendendo lentamente seus dedos para subir pelo meu pescoço, rosto e o couro cabeludo. Não está disponível, foi o que Lizzy disse. Imaginei se ele caminhava com ela desse jeito.

— Está tudo bem — eu disse, mas ele ficou bem ao meu lado e diminuiu o passo para poder me acompanhar. Nossos braços se tocaram quando a calçada estreitou e eu saltei como se ele tivesse me dado um choque elétrico. Ele fingiu não perceber, e eu fingi que não havia feito aquilo. Olhando diretamente para a frente, caminhei. Não olhei para Leo uma única vez. Bem, nem tanto. Uma vez, talvez duas.

— Obrigada pelo resgate — agradei, pensando em como ele carregou meu irmão por toda aquela distância, com um sorriso no rosto e tudo o mais. Nem todo mundo faria isso.

— Não foi nada. Mesmo assim, para ser um resgate de verdade, seria necessário haver um cavalo branco com a crina esvoaçante e eu deveria estar usando armadura. Acho que é assim que acontece, pelo menos.

— Ah, não foi isso que eu quis dizer. — Ele me fez sentir como se eu fosse boba. Eu não era uma donzela em perigo.

— Não?

— Não, bem, não sei. — Olhei para ele, sem saber o que dizer. Será que

ele estava flertando comigo? Olhei para o chão e tentei forçar meu rosto a exibir uma expressão calma e neutra. Inexpressiva. Mas eu estava corada como uma idiota. Se eu realmente quisesse que ele flertasse comigo, isso seria pior. Especialmente se ele não estivesse flertando. Ah, eu simplesmente não sabia.

Leo



— Mas e então — disse ele, procurando outro assunto, algo mais fácil. — Você vai ao parque? — Havia um parque de diversões itinerante que seria armado na cidade durante o fim de semana, e agora ele sabia que realmente queria que ela fosse. Em sua companhia. Mesmo se quisesse somente falar sobre os livros que ele não havia lido.

— Não sei.

— Bem, acho que vai ser legal. — Ele a cutucou outra vez, bem gentilmente.

— Ah. — Audrey corou outra vez, com as faces exibindo um tom róseo ainda mais vivo. Leo estava confuso de novo. Diabos, isso estava acontecendo o tempo todo. Ele insistiu, determinado a salvar o que pudesse daquela conversa, mesmo se acabasse fazendo papel de idiota. *Tente fazê-la rir, pensou ele. Use a inteligência, ironia, qualquer coisa. Quebre o gelo mais uma vez.*

— Você não tem de ir lá. Não é uma atividade extracurricular obrigatória.

— O quê? — Era Audrey quem estava usando uma armadura. Leo se moveu, tentando se levantar para que ela o visse, alarmado com sua incapacidade de flertar. Será que ele sempre foi tão ruim assim?

— Nada. Só uma piada sem graça. — E foi então que ela soltou uma risadinha. Audrey tinha um belo sorriso. Bastante engraçado, ocupava quase metade do seu rosto. Pronto, missão cumprida. Ela ainda estava um pouco esbaforida após aquela corrida. Mas os óculos que ela usava precisavam ser limpos, ele percebeu, e os sapatos também. Estava coberta de lama, mas não havia reclamado.

— Mas você vai? — A boca de Leo parecia ter vontade própria.

Imediatamente ele desejou que não tivesse dito nada. Parecia que estava desesperado.

— Tudo bem. Bom, se eu puder. Vou ter de levar Peter.

— Não tem problema. Seria legal se você tentasse conhecer mais gente. E se divertir. Caso contrário, a vida vai ser um saco, não é mesmo? Enfurnada na Granja o tempo inteiro. Só trabalho e nada de diversão. E assim por diante.

— Ele falava como Graham agora, recitando lições de vida e clichês, e gemeu por dentro. Talvez devesse se tornar assistente social. Talvez devesse recuar.

— Talvez. É que, bem, não sei. Preciso ir — disse Audrey, afastando-se, jogando os cabelos para trás e empinando o queixo com aquele orgulho rebelde. Ela começou a andar para longe, mas Leo a seguiu; não conseguia evitar. E agora ele percebeu que Audrey estava mancando um pouco, e tentando esconder aquilo.

— Audrey. — A campainha os chamava para as aulas; Leo fingiu não ouvir o barulho e, quando ela parou e olhou para trás com aqueles olhos grandes e solenes, ele falou sem pensar.

— Está tudo bem? Você está bem, Audrey?

— Claro. Estou ótima. Totalmente. — A expressão no rosto dela mudou, ele sentiu um olhar agressivo e soube que havia dito a coisa errada outra vez.

— É mesmo? Que bom. Bem...

O que era mesmo que ele ia dizer? O rosto dela era uma distração, os olhos cheios de sombras, azuis, cinzentas e verdes. Eram como a água. O fundo do mar. Ele queria tirar aqueles óculos, olhar diretamente neles. Observá-los pelo resto do dia e compreendê-la. Uma equação complicada. Mais parecida com um soneto. *Os olhos da minha amada não têm nada em comum com o sol.* Ele percebeu que ela o olhava fixamente. Um olhando fixamente para o outro.

— Bem, vá até lá se puder, está bem?

— Claro. — E ela sorriu com uma doçura imensa; era o tipo de sorriso puro, sem nenhuma outra intenção. Nenhum flerte, nada de *deixe-me jogar o*

anzol, trazê-lo para junto de mim e fazer você dançar de acordo com a minha música, nada disso. E esse sorriso fez com que toda aquela conversa horrenda valesse a pena.

Audrey



Todo mundo estava falando sobre aquilo. Jen deu de ombros, disse que era alguma coisa para fazer. Melhor do que ficar olhando a tinta seca. Eu não disse a ela que Leo havia me convidado. Não tinha certeza se eu disse sim ou não. Mas Lizzy se debruçou sobre minha mesa, irritando-me.

— Você vai amanhã?

Dei de ombros.

— Vamos procurar por você, se você for. Nos vemos na casa mal-assombrada. Uuuuh! — gemeu ela no meu rosto, e depois sorriu, como se aquilo fosse engraçado. Eu não confiava no sorriso nem nos cabelos brilhantes dela. Ela não era uma flor; era uma erva daninha. Uma dedaleira das mais venenosas.

— Faça o que quiser — retruquei. — Vou com Leo, de qualquer maneira. — Não sei o que me fez dizer aquilo. O queixo dela caiu.

— Meu Deus, mas você é uma vaca, hein? — disse Lizzy, e por um segundo eu me senti bem malvada até que seus lábios se franziram naquele “oh!” apertado de nojo, o mesmo do qual eu já havia aprendido a tomar cuidado quando surgia. Sem me deixar abalar, já que aquilo não importava, eu respondi à altura:

— Acho que devo ser, já que você está dizendo. Aparentemente, você sabe de tudo.

Jen enlaçou meu dedo mínimo no dela e balançou minha mão. Estava me parabenizando. Voltei a me entreter com meu capítulo — Heathcliff estava gritando com Cathy outra vez —, esperando que Lizzy não tivesse visto minha mão tremer quando virei a página, e ela foi embora com sua gangue, olhando para trás por cima dos ombros, e ainda não estavam preparadas para

desistir.

Na tarde seguinte, quando voltamos para casa, havia um bilhete colado na porta. Meu nome estava no envelope, escrito com tinta preta, numa caligrafia rebuscada. Eu o agarrei e o rasguei. Engoli as palavras: *Para o caso de você ter esquecido. Tem feira esta noite. Vou estar de armadura. Beijos, Leo.*

Beijos, Leo. Os garotos não me escreviam mensagens assim. Era o tipo de coisa que acontecia naquelas revistas melosas da minha mãe, não na vida real. Ninguém nunca me convidou para ir a algum lugar ou estar em algum lugar, como se eu fosse importante. Como se a minha presença fizesse alguma diferença. Eu não sabia que estava esperando para ser escolhida. E o fato de que foi Leo que viu algo que queria. Engoli em seco e olhei para Peter, que apertou os olhos.

— Você está com cara de quem vai vomitar, Aud — disse ele. — Está passando mal?

— Não — gritei, gemendo e correndo atrás dele depois que abri a porta. — Não, não estou.

Peter disparou na minha frente e nós fomos até a cozinha.

— O que acha do parque, Pete? Você acha que seria legal ir lá? — perguntei, procurando algo para comer na geladeira. Dei a ele um pedaço de queijo e encontrei alguns biscoitos de água e sal no armário da cozinha. Os olhos de Peter se arregalaram enquanto ele fazia que sim com a cabeça e mastigava, e eu peguei meu remédio. Minha mãe havia deixado a embalagem em cima do balcão da cozinha com um bilhete que dizia NÃO ESQUEÇA!

— É mesmo? Podemos ir? — pediu ele, puxando a manga da minha blusa.

— Sim. — Eu tirei o comprimido da embalagem. Segurei o remédio na mão. — Mas vou ter de procurar algum dinheiro. Me ajude aqui.

Peter saiu correndo e eu joguei o comprimido na lixeira. Peguei um copo, enchi-o com água e tomei um gole, e o deixei ao lado do bilhete, só para garantir.

Reviramos os bolsos da velha jaqueta da minha mãe e procuramos no fundo da sua bolsa. Conseguimos encontrar quase sete libras. Peter esvaziou

seu cofrinho e isso nos rendeu mais cinquenta centavos em moedas.

— Legal. Vai dar um cachorro-quente para cada um e talvez um algodão-doce também, e vamos poder curtir alguns brinquedos do parque e encontrar com Leo. Certo? — Tudo aquilo saiu da minha boca de uma vez. Dançamos um pouco por ali, de mãos dadas. Eu o segurei e o ergui no ar.

— Vamos lá, então — disse Peter quando eu o coloquei no chão, arrastando-me para fora, me puxando, e, mesmo que eu soubesse que não deveríamos fazer isso, nós deixamos a Granja para trás e saltamos de volta no mundo.

O campo aberto que ficava depois da escola reluzia com muito barulho. Nos rostos escuros brilhavam o neon, abóboras de Halloween com as cascas reluzentes, iluminadas por dentro. Não reconheci ninguém da escola — nenhum sinal de Lizzy e sua gangue — e também não vi Jen. Segurei a mão de Peter com força enquanto tentávamos atravessar aquela multidão de algodões-doces, bonecos de açúcar vermelho-cereja, bichos de pelúcia baratos e patos de borracha amarelos flutuantes. Seria fácil perdê-lo aqui. Aquela ideia fez meu estômago se retorcer e eu segurei a mão dele com ainda mais força.

— Ai — disse Peter, esquivando-se. Eu o soltei por um segundo, preocupada demais em examinar os brinquedos do parque à procura de Leo. Ele não viria. Mentiu para mim, só para se divertir à minha custa.

— Vamos, Aud — disse Peter, puxando-me pelo braço. — Vamos, eu quero ir nas xícaras malucas!

Peter me puxou por entre a multidão e nós passamos pelo enxame de crianças e adultos, até subirmos na plataforma do brinquedo, com o metal dos degraus retinindo sob nossos passos.

— Ei! — Um grito. Fiquei assustada e quase caí da plataforma quando Leo chegou ao meu lado.

— Encontrei você. — Ele pagou o ingresso e eu enfiei meu dinheiro de volta na bolsa quando o assento vibrou, e logo começamos a nos mover. Segurei com força e um garoto, com um sorriso bobo no rosto coberto de sardas, agarrou a xícara em que estávamos e a colocou para girar. Logo nós

estávamos girando mais rápido, fora de controle na escuridão rodopiante, o ritmo forte da música eletrônica enchendo o ambiente, empurrando e pulsando no mesmo compasso dos gritos. Dos meus também. Gritei pelo futuro, pelas esperanças que eu não me atrevia a externar, sem que ninguém ficasse olhando para mim, sem ninguém que se importasse.

Leo deslizou no assento, chocando seu corpo contra o meu.

— Desculpe — gemeu ele, e eu ri, ensanduichada entre ele e Peter, que estava quase enlouquecendo de alegria, gritando para algum colega da escola que ele reconheceu, acenando, com as mãos livres.

— Segure firme! — gritei, fechando os olhos com força. Giramos mais uma vez: descontrolados, com movimentos súbitos. Quando eu abri os olhos, o mundo estava de cabeça para baixo.

Pare, eu queria gritar, embora o que eu realmente quisesse dizer era *não pare nunca* enquanto girávamos em círculos cada vez mais rápidos, rodando como uma perfuratriz contra os céus, para o alto e avante, em um giro que era longo e assustador, escorregando porque não havia nada mais onde pudéssemos nos segurar, estrelas que flutuavam em outra Via Láctea.

O brinquedo diminuiu de velocidade até parar com um gemido e nós cambaleamos de volta à terra firme. Leo me segurava, tonta, ainda girando. Minhas pernas pareciam ser feitas de gelatina. Todos esses toques e contato físico. Na mesma noite.

As coisas que eu disse a Leo, como “acho que vou vomitar”, não eram as coisas certas para dizer a um garoto como ele.

E ele não se importou, segurando meu cabelo longe do rosto.

— Respire fundo. Vai ficar tudo bem.

Inspirei golfadas de ar que cheiravam a gordura e açúcar, mas em sua maioria a alegria, e ficamos parados ali sem dizer nada quando Peter desapareceu em meio à multidão. Logo, nós dois estávamos tentando atravessar todo mundo e, de algum modo, estávamos de mãos dadas. Como isso foi acontecer? Eu não sabia.

— Olhe — disse Leo, puxando-me para a esquerda para perto de uma das

barracas. — Adoro isso aqui. Arcos e flechas. Vamos tentar ganhar alguma coisa.

— Tudo bem.

Com um olho em Peter, que estava entrando na fila do tobogã, eu peguei o arco de plástico e entreguei meu dinheiro. Encaixando a flecha no arco, mirei. Leo estava pronto.

— No três — disse ele, e fez uma contagem regressiva. Disparamos nossas flechas. A minha acertou bem no meio do alvo.

— Uau! Ganhei! — gritei, empolgada feito uma idiota, sem me importar. — Olhe! Acertei na mosca! *Yes!*

— Eu não esperava nada menos do que isso de você. — Leo estava rindo também. — Escolha seu prêmio. Vou atirar mais uma flecha.

Escolhi um urso de pelúcia, com o corpo molenga, nem um pouco parecido com as coisas fofas e felpudas que enchiam as estantes do meu quarto. De repente, comecei a odiá-los, e não sabia por quê. O que eu escolhi parecia estar triste, mas ainda assim era cativante com a expressão taciturna e desamparada.

— Pegue. — Entreguei o urso a Leo, sem pensar, querendo apenas dar alguma coisa a ele, mesmo que fosse só isso. — Você pode ficar com ele.

— O quê? Não, foi você que o ganhou. Ele é seu. Você tem uma pontaria excelente.

— Você não quer o urso? Olhe, ele é superfofo. E está triste porque você não o quer. — O urso acenou para ele e enxugou uma lágrima imaginária.

— Ah, tudo bem... obrigado. — Ele pegou o urso, sorrindo, e examinou aquele brinquedo bobo. — Acho que vou ter de arrumar um nome para ele.

— Tristinho — eu disse, fazendo uma careta. Leo o jogou para cima e o agarrou ainda no ar.

— Ele não está mais triste, já que nós o resgatamos do parque.

— É verdade. — Houve uma pausa. Eu coloquei as mãos nos bolsos. — Onde está Peter?

Leo apontou. Ele estava deslizando pelo tobogã e nós fomos até lá, agarrando-o no final do percurso.

— Posso ir de novo? Posso, Aud?

Ele estava com o cabelo todo embaraçado e as bochechas rosadas. Eu o puxei para perto e o beijei no rosto, mas ele tentou se afastar, esfregando a pele; estava desesperado para correr outra vez. Segurei-o com mais força enquanto ele se contorcia e resmungava.

— Está tudo bem. Eu vou com ele — disse Leo, entregando mais uma moeda de uma libra e subindo os degraus de metal atrás de Peter.

Não sei como os dois conseguiram se equilibrar em cima daquele capacho de juta. Leo era grande demais, mas de alguma maneira ele conseguiu, com Peter em segurança sobre seus joelhos, e os dois desceram zunindo pelo tobogã, gritando juntos. Peter olhava para Leo com uma expressão que eu nunca havia visto em seus olhos antes. *Ah*, eu pensei, *está admirando seu novo herói*. Minha mãe tinha uma foto onde eu aparecia olhando para meu pai com aquela mesma expressão. Engoli em seco o nó que se formou na minha garganta.

— Foi bem divertido. E agora? — disse Leo, aproximando-se e colocando o braço ao redor de mim de maneira perfeitamente casual, tão casual que eu não senti meu corpo paralisar. Bem... não exatamente. Mas acho que eu devia estar segurando a mão de Peter com bastante força.

— O que foi, Aud? — perguntou Peter, olhando para mim e afastando-se um pouco.

— Nada — sussurrei, ainda me escondendo atrás do cabelo. — Nada.

— Trem fantasma? — sugeriu Leo, salvando-me.

— Vamos! — Peter começou a saltar sem parar, largando a minha mão para segurar a de Leo, e eu me deixei ser arrastada até aquela atração.

Lizzy estava a dois ou três lugares atrás de nós na fila. Eu fingi que não a havia percebido quando ela gritou:

— Oi, Leo! — falou tão alto que ele teve de se virar e olhar para ela, mas apenas a cumprimentou com um aceno de cabeça, e logo nós subimos em um

dos carrinhos e desaparecemos na escuridão. Peter pulou em cima de mim quando um esqueleto despencou diante de nós e eu o abracei com força.

— Pete, é de mentirinha. Está tudo bem. — Consegui ouvir Lizzy gritando e isso me fez sorrir. Ela devia tentar morar na Granja se quisesse realmente saber o que era um lugar assustador. Leo pegou na minha mão outra vez e, juntos, seguramos Peter entre nós.

— Foi legal — eu disse. — Obrigada. — Descemos do carrinho, ainda rindo, com as pernas moles feito gelatina.

— Mais?

— Não, nós precisamos ir embora.

— Ah, fala sério. Ainda é cedo — disse Leo, examinando o lugar. — Vou comprar mais algodão-doce para vocês, que tal?

— Não, nós precisamos mesmo ir — eu disse, sem realmente querer dizer aquilo, imaginando se ele nos levaria de volta para a fazenda se eu pedisse. A casa estaria escura e gelada. Eu não conseguiria dormir no meu quarto, de jeito nenhum. Peter não se importaria se eu fosse dormir com ele. Ficamos ali por alguns momentos. Olhei para Leo outra vez. Ele era alto, com ombros largos e parecia estar aquecido e limpo, com as bochechas rosadas pelo frio e o cabelo um pouco desgrenhado. O estilo meio desleixado lhe caía bem. Havia uma coisa em Leo: ele fazia com que as pessoas se sentissem seguras. Fazia com que elas se sentissem bem em relação ao que havia ao redor. E Peter sentia aquilo também.

— Desculpe — eu disse a Leo. — Minha mãe vai ficar preocupada. — Ele abriu a boca para responder, mas eu continuei tagarelando, como se alguém tivesse ligado um interruptor e todas as palavras que eu nunca quis dizer estivessem brigando umas com as outras para serem ouvidas: — Mas, olhe, foi muito bom, obrigada por nos convidar e tudo o mais, foi bem legal, de verdade.

— Ótimo. Fiquei feliz por você ter vindo — disse Leo.

— Bom, escute, eu queria lhe pedir uma coisa...

— O quê?

— Bem, eu tenho de fazer um ensaio sobre aquele livro *Jane Eyre*. E... não fui muito à escola no ano passado, porque eu não estava muito bem, e agora eu quero fazer o trabalho mas fiquei travada. Eu tentei, mas depois acabei pensando: será que você pode me ajudar? Me dar umas dicas?

Sentindo-me como se houvesse carvões em brasa nas minhas bochechas, com os olhos baixos, eu mexi a terra do chão com a ponta do sapato, abrindo um buraco que eu esperava que fosse me engolir inteira se ele dissesse que não. Eu não planejei dizer nada daquilo, mas realmente queria ir bem na matéria. E queria vê-lo outra vez. E logo. Ele se jogou sobre minhas palavras, falando bem rápido também.

— Não, é claro, seria ótimo, legal. Amanhã? Quer que eu vá até sua casa?

Fiz que sim com a cabeça, segurei na mão de Peter e corri, animada pelo que viria no dia seguinte, pelo que aconteceria e pela noite que eu tive e por ter um novo amigo e porque as coisas estavam finalmente melhorando para mim.

Leo



Audrey desapareceu rápido demais para que ele conseguisse impedi-la, e Leo não quis segui-la para que ela não pensasse que ele era algum tipo de *stalker* obsessivo. Ele achou que ela ficaria mais tempo no parque; ainda eram nove horas e as coisas estavam só começando a esquentar. Mesmo assim ele voltaria a vê-la amanhã, pensou, enquanto vagava pelo parque sozinho, segurando o urso de pelúcia pelo braço, imaginando se deveria jogá-lo fora. Mas não seria capaz de fazê-lo. Um grupo de garotos da escola estava reunido perto do trem fantasma e eles o chamaram para que se aproximasse, mas Leo não achava mais nada daquilo divertido. Especialmente quando Lizzy veio até onde ele estava.

— Eu vi você antes — disse ela.

— É mesmo? — Leo continuou a andar.

— Com a Louca. — Lizzy abriu a boca ao redor do algodão-doce e fez a língua enroscar ao redor do açúcar.

— O quê?

— Você e aquela garota nova. O que você estava fazendo com ela? — Ela esperou, e, quando Leo não respondeu, Lizzy espetou outra vez. — Ela é maluca. Não soube o que ela aprontou na aula de matemática? Ela desmaiou, bateu com a cara na carteira e ninguém conseguia acordá-la. Ela estava babando em cima de tudo. Foi nojento. Ela é asquerosa. Totalmente repugnante.

— Ah, deixe disso, Lizzy. Apenas esqueça, está bem? — Houve uma festa no verão passado, da qual Leo se lembrava agora, e Lizzy ficou bêbada. Ele também. Ela se sentou em seu colo e as mãos de Leo começaram a lhe apertar as coxas. Ele devia tê-la afastado. Foi um erro enorme.

Lizzy estava sorrindo, com os olhos apertados e vingativos, e, embora Leo nunca tivesse dito palavras para uma garota, era exatamente o que ele sentia vontade de fazer agora.

— Sabe de uma coisa? — gritou Lizzy por trás dele quando Leo se afastou. — Vou descobrir a história toda para você. E você ainda vai me agradecer.

Ele caminhou mais rápido, não olhou para trás, não prestou atenção, saiu do parque e foi procurar Sue, que estava visitando uma amiga na cidade e lhe daria uma carona para casa.

— Divertiu-se bastante? — perguntou ela, dando a partida no carro. Ele começou a mexer com os botões do rádio, procurando algo que não fosse a Radio 4, algo barulhento para que ele não tivesse de pensar.

— Leo?

— Sim, acho que sim. Audrey não ficou muito tempo no parque, e fiquei entediado depois. — Na verdade, foi assediado. Lizzy, que vaca. Que criaturinha cruel e maldosa. Era muito invejosa. Por que as garotas agiam assim? Não fazia sentido nenhum, e era um saco.

— Bem, acho que, se ela trouxe o irmão junto, tinha de levá-lo para casa. Ele ainda é pequeno.

— Sim, é verdade. — Era um bom argumento. Poderia explicar por que ela saiu correndo. Leo devia ter acompanhado os dois até em casa.

— Eu não me preocuparia se fosse você.

— Está bem. Não vou me preocupar. — Ele olhou para a tia e abriu um meio sorriso.

— É algo muito doce, vindo de você. — Ela apertou a mão do sobrinho rapidamente e piscou o olho.

— Pare com isso. Somos só amigos. Vou até a casa de Audrey amanhã para ajudá-la com um trabalho da escola, está bem? — Ele sentiu que havia algo mais selvagem em Audrey na noite de hoje, um espírito que ela tentava sufocar, e Leo queria mais daquilo. Sua vida antiga havia lhe mostrado coisas que eram certinhas e quadradas em quantidade suficiente para durar uma eternidade: um livro cheio de linhas retas cobertas com uma caligrafia

uniforme, as respostas perfeitamente redigidas e gramaticalmente corretas. Mas, em seguida, repentinamente, páginas e mais páginas de garranchos. Negros, grossos e rabiscados. Até aqui: como um poema, as palavras começaram a brilhar. Leo esfregou a testa, apertou os olhos com força e os abriu outra vez, olhando direto em frente, impaciente para chegar logo em casa, impaciente para ir dormir para que o amanhã chegasse logo.

— Claro. Ótimo — disse Sue. — Ela é uma boa garota. E é bonita também. Linda, na verdade, embora eu concorde que ela não faz o tipo que você geralmente prefere. Não é como aquelas criaturas glamourosas que eu vi nas fotos do seu Facebook. — Sue ergueu as sobrancelhas. Ela não costumava ter muito contato com o glamour.

— Quem diz que elas fazem meu tipo? São só garotas, Sue. Velhas amigas. E tem algumas ali com quem eu nem converso mais.

— Estava só fazendo uma sugestão. De qualquer maneira, Audrey parece ter uma natureza muito meiga. No mínimo, será uma ótima amiga.

Leo fez que sim com a cabeça. Era verdade, ele gostava dela. E muito.

— Eu acho que ela é... — ele procurou por uma palavra que pudesse usar com Sue e decidiu-se por um termo objetivo, algo que não desse a impressão de que ele estava agindo de maneira séria ou envolvida demais. — Ela é meio que enigmática.

Sue soltou uma risadinha.

— Hã, sei... enigmática.

— O que foi? — Leo agitou os ombros, erguendo os braços. — Sabe, eu acho que você consegue ver duplo sentido em qualquer coisa, Sue. — Ele levou as mãos aos cabelos e depois as esfregou furiosamente no rosto.

— Calma, Leo. Você sabe que eu só estou brincando. Estou feliz por você ter encontrado alguém de quem goste. Eu estava começando a me preocupar.

Ele assentiu. Sue era uma pessoa sagaz, bem mais sagaz do que aquela conversa sugeria. E era discreta. Tinha os próprios problemas — eventos da vida, era assim que ela os chamava agora, que não justificavam sua história de vida, de maneira nenhuma. Ele ficava admirado com o pragmatismo que

Sue era capaz de demonstrar. Leo respirou fundo e fixou seus pensamentos na manhã seguinte, afastando os pedaços da noite que Lizzy havia estragado.

Audrey



— Onde vocês estavam? — perguntou minha mãe. A respiração dela saía em explosões breves e súbitas enquanto ela estava no corredor, iluminada, com as luzes tão fortes que machucavam meus olhos. Apertei os olhos para conseguir encará-la.

— Demos uma saída, desculpe. Está tudo bem agora, já estamos aqui. — Tentei fazer com que Peter passasse por ela para ir para o quarto. Já passava do seu horário de dormir e eu sabia que ele ficaria cansado na manhã seguinte. — Desculpe — eu disse outra vez.

— Você não pode simplesmente sair assim, Aud. Você sabe bem disso. — Minha mãe agarrou meu casaco e me puxou para dentro.

— Bem, você não estava aqui para eu pedir, não é? — Eu mordi o lábio. Aquela frase saiu do jeito errado. Peter foi em frente e eu fiz um gesto indicando que ele devia ir escovar os dentes.

— Isso aconteceu porque eu estava no trabalho tentando ganhar dinheiro, enquanto você joga tudo pelo ralo. Com quem você estava?

— Com ninguém. Fomos ao parque de diversões. Desculpe, está bem?

— Não, Audrey, não está nada bem. Eu estava ficando desesperada. E se alguma coisa tivesse acontecido?

— O que você quer que eu diga? — perguntei, virando-me para olhar para ela. Minha mãe avançou um passo e agarrou meu pulso com a mão esquerda, colocando o que estava segurando com a direita na minha palma.

— O que é isso?

Eram meus comprimidos. Ela encontrou os que estavam na lata do lixo e os que eu havia jogado entre as almofadas do sofá. Os que estavam debaixo do meu colchão. Eu engoli em seco e não me atrevi a olhar para ela. Devia ter

jogado aqueles remédios em algum outro lugar, um lugar onde ela nunca os encontrasse. No fosso; teria sido melhor jogá-los lá. Direto na água.

— Audrey... — Ela estava balançando a cabeça negativamente. — Você tem noção do que está fazendo? Percebe quanto está sendo idiota? — A voz dela foi tomada por um pânico cada vez maior, cada vez mais estrangulada. — Se você não tomar seus remédios, vai ficar muito doente, Aud.

— Eu sei. Estou tomando. Estou mesmo. Eu só... só não tomei todos eles, mãe — eu disse, tentando não chorar, sentindo um latejar começando a bater entre minhas orelhas, como um coração debaixo da água, inchado e pesado. — Esses remédios me deixam pior.

Minha mãe me puxou para junto de si e me abraçou com tanta força que eu quase não consegui respirar. As batidas latejantes ficaram cada vez mais altas, pulsando no meu cérebro, até que, com as mãos cobrindo as orelhas, eram a única coisa que eu conseguia ouvir.

Leo



Na manhã seguinte Lorraine atendeu à porta com um enorme sorriso no rosto. Ele entrou na casa. O lugar cheirava melhor do que antes. Ela estava pendurando quadros. Em suas mãos havia um martelo e pregos. Leo sentiu uma lufada de ar e ouviu uma porta bater em algum lugar.

— Ah, olá. Seu nome é Leo, não é? — perguntou Lorraine, e Leo sorriu em resposta, apoiando o peso do corpo sobre um pé e depois o outro, e depois endireitando o corpo, com os ombros para trás.

— Oi, é sim. Vim falar com a Audrey. Para fazer a lição de casa. — Ele apontou para seus livros. Havia trazido todos, como se isso provasse que essa era sua única motivação.

— Ah. Ah, eu lamento. — Lorraine fez uma careta, demonstrando simpatia, um pouco entristecida. — Audrey não está passando muito bem hoje. Aquela menina idiota não tem tomado seus remédios e acabou tendo uma crise. Ela fica mal às vezes, você sabe. Bem, ela passou a noite inteira acordada e eu tive de ficar com ela. Terei de levá-la ao médico mais tarde, e eu acho... que ela não vai ter condições de fazer a lição de casa, Leo. Não hoje.

Era muita informação, tudo de uma vez. Mas Audrey parecia estar bem quando eles se encontraram no parque. Melhor do que bem; estava ótima, como disse Sue. Ele sentiu o coração se animar na noite passada, e agora sentia a decepção por não poder vê-la. Leo acompanhou Lorraine, tentando compreender tudo. Ela foi rapidamente à cozinha, largou as ferramentas e pegou a chaleira.

— Quer uma bebida? Algo para comer? Peter está assistindo a um DVD. Você pode ir lá com ele se quiser, ou ficar aqui e conversar comigo. — Ela o observou lentamente, esperando, com as mãos enfiadas nos bolsos justos do

jeans que usava. Quando ele não respondeu, ela continuou a tagarelar: — Vou entender se você estiver ocupado. Tive de tirar o dia de folga para ficar em casa e cuidar de Aud.

Lorraine ofereceu um pote de biscoitos achocolatados a Leo. Ele pegou um. Era melhor ser educado.

— Posso falar com ela?

— É melhor não, querido. Não até que ela esteja se sentindo melhor. Ela não vai querer que você a veja no estado em que está. — Lorraine fez outra careta estranha, como se tivesse uma série de máscaras sobre o rosto, pensou ele, e a que usava agora fez o pescoço dela se retesar, as veias saltando por baixo da pele como cordas. Sob a maquiagem, seu rosto estava pálido; a pele sob os olhos estava inchada.

— Ela está tão mal assim?

Lorraine fez que sim com a cabeça lentamente, mas ele não quis pressionar.

— É melhor eu ir embora, então. Mas pode dizer a ela que eu vim aqui? Quando ela estiver melhor, se ainda quiser que eu a ajude...

— Claro. E mande um beijo meu para Sue, por favor. Diga a ela que o que combinamos para a quarta-feira ainda está de pé. Estou ansiosa.

Leo foi embora da Granja e parou quando atravessava o fosso. O nível da água havia subido e um cheiro ruim emanava da superfície, coberta com folhas e restos de plantas. Alguma coisa estava apodrecendo ali embaixo, pensou ele, e até mesmo os reflexos mais vagos ficaram obscurecidos pela sujeira grossa e negra. Olhando novamente na direção da casa, ele olhou para a janela que pensava ser a do quarto de Audrey, mas as cortinas estavam fechadas e a persiana também. Mesmo se ele a chamasse, ela não ouviria. Ele esperava que Lorraine desse o recado.

Audrey



Minha mãe o mandou embora. Ela achava que eu não ouviria. Foi o começo de tudo. Eu era uma mosca dentro de uma garrafa, um coelho preso numa gaiola de arame, e o brilho do parque de diversões estava morrendo como um daqueles bastões luminosos que as pessoas ganham em danceterias, após ter ficado aceso por algum tempo. Eu não devia ter dito nada a Leo sobre vir aqui, esse era o problema. Isso e também a Coisa. Comecei a andar de um lado para outro no quarto, três passos para a frente, três para trás, tocando a parede com os dedos gelados, sentindo a água úmida e pegajosa em minha pele.

Ela estava esperando por mim ontem à noite. Minha mãe me colocou na cama e minha cabeça ainda estava latejando, e foi quando começou. As batidas na parte de trás da minha nuca, o tremor no meu cérebro como um trem, como um caminhão, fora de controle, derrapando nas curvas, despencando do alto de pontes e mergulhando nas águas profundas. A batida e a atração rítmicas, como um metrônomo, impossíveis, me forçaram a sair da cama e eu marchei no compasso que elas ditavam, esfregando os braços, torcendo os dedos, e tentei não ouvir as histórias que fervilhavam em meu cérebro. Histórias de meninas que surgiam em meio às águas, de como elas eram empurradas, de como elas morreram lá embaixo e como eu morreria também: sufocadas e estranguladas por plantas e pela força de mãos invisíveis.

— Por que você teve de estragar tudo? — sussurrei. — Por quê?

A Coisa foi embora, mas minha cabeça ficou abalada por aqueles sonhos, quase como se estivesse de ressaca. Acompanhei Leo com os olhos quando ele foi embora. Achei que devíamos ter nos mudado; minha mãe disse que este lugar era a nossa casa. Eu estava assustada e sozinha novamente, e tudo voltou a ser como sempre foi.

Fechei a boca, deitei-me novamente e escutei o barulho da água. Ela chapiscava e gorgolejava e tudo o que eu quase consegui ter estava afundando, cada vez mais, sem parar.

Leo



Audrey voltou à escola na quarta-feira seguinte. Leo estava esperando que ela aparecesse e, quando a viu no corredor, teve a impressão de que ela estava diferente. Quase não a percebeu, para ser sincero. O fogo que ela tinha esmaecera; em seu lugar, apenas uma sombra desbotada e olheiras.

— Ei. — Ele se aproximou e a interpelou tocando gentilmente em seu braço. Ela estremeceu e deu um passo para trás, como se quisesse dar a volta ao redor dele, mas pareceu reconsiderar.

— Você está bem? — pergunta Leo, porque desta vez ele realmente queria saber. Parecia haver alguma coisa errada com ela; Lorraine realmente estava dizendo a verdade, então. Ele havia imaginado que a mãe de Audrey pudesse estar querendo afastá-lo da garota.

— Você está melhor? Fiquei triste por você não estar bem. Eu fui até a sua casa, sua mãe lhe disse? — continuou ele.

Ela fez que sim com a cabeça e tentou um sorriso, com os olhos piscando rápido demais, olhando por cima do ombro. Os cadarços dela estavam desamarrados, e o blusão que ela vestia estava do avesso. Mas os cabelos estavam penteados e arrumados, a longa onda loira arrumada em duas tranças típicas das garotas em idade escolar.

— Posso voltar lá se você quiser. Para ajudar com a redação.

— Não. Está tudo bem. Eu já fiz.

— Ah, está bem então. Legal. Bom, quer que eu te espere depois da aula? Eu estava pensando em assistir àquela palestra, sabe? Com o arqueólogo? Está a fim? — Leo estava determinado a não deixar a oportunidade passar. Certamente conseguiria atravessar aquela barreira se continuasse tentando, poderia se aproximar e consertar as coisas.

— Preciso buscar Pete. — O rosto dela estava muito difícil de interpretar hoje; estava opaco. Leo ajeitou o peso da mochila sobre o outro ombro, e o sino da escola que indicava o fim do intervalo indicou que era hora de ir. Certo, hora de tentar outra coisa.

— Ah, eu esqueci. Que pena. Bem, você quer fazer alguma coisa amanhã, então? — Isso estava começando a parecer um gesto de desespero. Nada além disso, Leo. Essa era a última oportunidade que ele daria.

— Não. Mas obrigada mesmo assim — disse ela, afastando-se e indo rapidamente na direção da sua próxima aula.

Audrey desapareceu pelo restante da semana. Conforme os dias seguintes passaram e se transformaram rapidamente no fim de semana, Leo começou a se perguntar se o jeito que Audrey olhava para ele, de acordo com as primeiras impressões que tivera, era real. Bem, ele estava ocupado com seus próprios trabalhos, com a fazenda, ajudando Sue e com as corridas, um pouco de desenho e leitura. Tinha uma boa quantidade de coisas para fazer. Mesmo assim, quando pensava em Audrey agora, não acreditava realmente que já havia segurado em sua mão ou que ela tinha sorrido e gritado como se estivesse em chamas.

Audrey



Em geral, os dias eram normais. Nunca ficavam melhores do que isso, entretanto, eu tentei esquecer que poderia haver mais. “Normal” teria de ser o suficiente.

Pelo menos eu tinha a escola, um lugar seguro aonde podia ir, desde que Lizzy não resolvesse implicar comigo. Geralmente ela me evitava quando eu estava com Jen. Jen era firme, uma garota de verdade, e eu gostava de ficar sentada com ela e ter o que eu decidira chamar de amiga.

— Sabe de uma coisa? — Jen disse para mim na semana seguinte ao sábado em que fui ao parque de diversões, erguendo os olhos e observando o movimento na cantina, mastigando seu sanduíche devagar.

— O quê?

— Leo Bright passa o tempo todo olhando para você, Aud.

Minha cabeça girou, deixando-me tonta, e eu procurei pelo meu estômago que havia caído no chão. Estava tentando não pensar em Leo; até mesmo olhar na direção dele era algo perigoso. Eu havia afastado a noite no parque de diversões, trancado aquilo em um lugar seguro, e não podia me deixar voltar até lá ou me sentir da mesma forma outra vez. Mas, na realidade, era tudo o que eu queria. Aquela sensação livre e louca e o braço de Leo ao redor do meu corpo. Lembrei-me do casaco grosso de lã dele esfregando em meu rosto e de como sua mão era maior que a minha.

— Que nada — resmunguei sem erguer o rosto na direção em que Jen estava olhando para que ele não percebesse e viesse onde estávamos. Jen se virou para mim e sorriu.

— Se eu fosse você, me sentiria lisonjeada. Ele é legal. E é um doce, um fofo. Um dos poucos garotos do décimo terceiro ano que reconhecem a

existência patética dos alunos do décimo primeiro. Você devia aproveitar isso, Audrey. — Havia muitas coisas que Jen achava que eu deveria fazer: ir até sua casa, conhecer os amigos mais velhos dela que não iam para a faculdade, ir a shows de música com ela, exposições na cidade, até mesmo passar a noite em sua casa. Ela sempre me convidava; eu sempre dizia não. Logo ela entenderia. E depois?

— Bem, ele é legal — precisei dizer, porque devia isso a Leo. Ele era mais do que apenas legal, mas eu não consegui encontrar as palavras para descrevê-lo, para o que ele me fazia sentir. — Ele mora perto de nós. Por isso eu o conheço um pouco.

— E...?

— E nada. — Eu ri e dei de ombros, tentando fazer com que ela entendesse o recado. — Bom, preciso ir.

Minha mãe estava esperando no carro, em frente à escola. Ela foi rapidamente até a clínica.

— E então? — perguntou ela. — Está tudo bem com você? — Ela pegou minha mão, examinou as unhas e soltou um murmúrio sem muita empolgação.

Fiz que sim com a cabeça. Eu estava bem. Principalmente por causa de Jen.

— Mas Pete está se sentindo meio sozinho, eu acho, mãe. Estou preocupada com ele. — Puxei a mão de volta para perto do corpo e cruzei os braços.

— Oh, ele vai se acostumar. É um período bem conturbado. As crianças da idade dele são adaptáveis, então não precisa se preocupar tanto, Aud. Você precisa pensar em si mesma.

— Sim, mas não quero que ele fique triste.

— E você acha que eu quero?

— Eu não disse isso.

Olhei para o relógio. Eu estava perdendo a aula de inglês agora. Depois, a

de francês. E havia aprendido meu vocabulário.

— Provavelmente será com a doutora Caldwell de novo — disse minha mãe. Eu assenti.

— Então conte tudo a ela, certo?

— Certo, vou contar.

Entramos na clínica e saímos depois de cinco minutos. Minha mãe me levou de volta para a escola e retornou ao trabalho. A dra. Caldwell olhou para mim, ouviu o que minha mãe lhe disse, imprimiu a receita e nós saímos. Minha mãe pegou os comprimidos, abriu a embalagem e me deu um no carro.

— Aí está. Você vai se sentir melhor agora. E não se esqueça de ir buscar seu irmão. Vou trabalhar até tarde hoje.

— Certo, mãe. Tudo bem. — Engoli o comprimido e a beijei no rosto. Ela estava quente e o beijo tinha gosto de giz. Ela exagerou no pó.

— Tchau, mãe — eu disse quando ela foi embora, dando um único toque na buzina.

Jen e eu íamos com frequência ao bloco de artes na hora do almoço. Ela desenhava muito bem — suas gravuras estavam espalhadas por toda a escola, retratando vacas, cavalos e ovelhas. Ela dava personalidade aos animais; eu nunca pensei que uma ovelha pudesse ter personalidade. Com o queixo apoiado na mão eu a observava, admirando a velocidade dos seus lápis, como ela sabia onde sombrear, o claro e o escuro. Ela levantou os olhos e sorriu para mim, e em seguida colocou uma nova folha de papel diante de si.

— Certo. Fique aí — disse ela.

— O quê?

— Apenas fique aí e não se mexa.

Eu percebi o que ela queria fazer e abri a boca para protestar.

— Não, fique quieta. Não estrague o momento. Geralmente eu não desenho pessoas. Mas acho que vou tentar com você, Audrey.

— Você precisa mesmo fazer isso? — murmurei.

— É claro. Sente-se aí e fique quieta por dez minutos. Tudo bem?

E assim eu fiquei à disposição dela. E quando Leo entrou eu não consegui me mover, nem mesmo olhar em outra direção, mas percebi a boca de Jen se contorcer quando ele se aproximou, mas a mão dela nunca parou de se mover.

— Oi, Jen, Audrey — disse Leo, olhando mais para Jen. Só uma vez para mim. Fez com que meus olhos ficassem quentes. Seus cabelos grossos e escuros estavam embaraçados como sempre. Sua boca ainda sorria, mas não como antes. Alguma coisa dentro de mim começou a afundar.

— Está bom — disse ele, olhando para o desenho que Jen estava produzindo.

— Acha mesmo?

— Acho sim. Muito... — Ele se deteve. Eu esperei para ouvir o que ele ia dizer. Qual palavra ele ia escolher. Mas ele não terminou a frase, simplesmente deu de ombros, e aquilo me machucou também. Não devia machucar, e eu já devia ter esquecido da noite no parque de diversões, do quanto ele foi gentil e do quanto eu gostava dele. Porque Leo era uma boa pessoa. Eu sentia isso, assim como tinha certeza de que o céu era eterno, Peter era precioso e todas as pessoas mereciam uma chance.

— Escute — Jen subitamente tirou os olhos do papel. — Eu volto logo. Só preciso ir perguntar uma coisa para a senhora Moore, tudo bem?

E ela me abandonou ali, e eu fiquei sozinha com Leo pela primeira vez em muito tempo. Ele enfiou as mãos bem fundo nos bolsos e depois se acomodou na cadeira de Jen, inclinando o corpo para a frente sobre a carteira.

— Está tudo bem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Certeza?

— ã-hã. — Meu Deus, o que ele tinha na cabeça?

— Ótimo. Então... bom, você sabe, tem uma coisa que eu queria dizer... Sua mãe lhe falou sobre nossa festa anual da fogueira?

— Que festa da fogueira? — Era a primeira vez que eu ouvia falar daquilo.

— Ah, bem, é no meio do semestre, na noite de sábado. Sue disse que convidou todos vocês, mas eu só queria dizer que, bom, estou ansioso pelo dia da festa. E para ver você lá. Isso é, se vocês forem.

— Não sei. Minha mãe não gosta muito de sair.

— É mesmo? Mas ela e Sue ficaram bem amigas, não é? Bom, espero que ela se lembre. Venha, se puder.

— Tudo bem.

— Tipo, eu gostaria. Gostaria de ver você. Na escola... bom, na escola não dá para a gente conversar direito.

— Não. Acho que não. — O sino tocou e eu me levantei. Ele estava com a mão sobre a figura que Jen estava desenhando. Eu não podia simplesmente arrancá-la debaixo da sua palma.

— Preciso ir — eu disse. — Para o registro. — Ele fez que sim com a cabeça, ainda sorrindo para mim com o rosto inteiro, me fazendo sentir o calor e o incômodo novamente, e eu soube que aquela sensação não iria desaparecer, não importava o que eu fizesse.

— Te vejo lá então, Audrey — disse Leo, ainda parado ali, ainda olhando para mim, e de algum modo eu consegui me desafixar daquele lugar e ir embora.

Leo



Lizzy estava esperando por ele outra vez. Desde a noite no parque ela começou a aparecer no corredor, logo do lado de fora de qualquer sala que Leo estivesse saindo, acompanhando o ritmo dos seus passos e tentando puxar alguma conversa fiada. “Fiada” era um bom termo para descrever aquela conversa. O que ele achava da droga de programa de TV que ela vinha assistindo, se talvez ele queria escutar o novo álbum de alguma *boy band*, por que ele não a adicionou no Facebook, por que ele não saiu com ela na noite de sexta?

— Oi — disse ela, chegando ao seu lado e acompanhando seus passos, logo antes da hora do almoço. Leo estava a caminho do bloco de artes. Encontrar Audrey lá ontem havia sido uma surpresa inesperada, e ele achava que poderia ter sorte outra vez.

— Oi. — O plano de Leo era continuar olhando em frente. Andar rápido, como se tivesse um motivo para fazer isso. E tinha.

— Então, quer saber o que me disseram? — Lizzy apressou o passo para continuar ao lado de Leo, puxando-lhe a manga do casaco.

— Hum, não sei. Será que quero? — Ele arriscou uma olhada para Lizzy, não gostou do que viu nos olhos dela e concentrou-se novamente nas portas principais. Em menos de um minuto ele conseguiria sair. Se corresse, levaria apenas alguns segundos.

— Acho que vai interessar a você — provocou Lizzy.

— Bem, sobre o que é? — A mão dela na manga de Leo estava começando a puxar com mais força.

— Aquela garota, a garota nova.

— Você está falando de Audrey. — Ele não conseguiu evitar; olhou para

Lizzy. Havia um toque malicioso em sua expressão, um sorriso levemente torto. — Não estou interessado em boatos, Lizzy, nem em mesquinha.

— Não é nada disso. É pior.

— O quê? Do que você está falando?

— Só que... bom, você sabe que ela é esquisita, não é? Ouvi minha mãe dizer que ela é realmente louca. Minha mãe conhece a mãe dela, e me disse que Audrey já esteve em hospícios. Tipo, internada mesmo, morando lá. Aparentemente, é bem violenta. Não acho que deviam deixar pessoas assim frequentar escolas, não é mesmo? Não com pessoas normais como nós. Afinal, você não sabe o que ela é capaz de fazer. — Os olhos de Lizzy o fitaram intensamente. Ela umedeceu os lábios, a língua se movendo rapidamente de um lado para o outro, empolgada.

Leo sentiu o corpo se retesar. Parou de caminhar e segurou Lizzy pelo braço, puxou-a para o lado e olhou para ela com uma expressão séria.

— Lizzy, quer saber de uma coisa? Eu acho que esses boatos que você anda espalhando são horríveis.

— Não são boatos. É tudo verdade. — Ela piscava os olhos rapidamente enquanto olhava para ele, fervendo com a indignação.

— Bem, eu não me importo. Não quero saber. A única pessoa que sai prejudicada com tudo isso é você, porque Audrey é minha amiga. E eu realmente gosto dela. Assim, por favor, pare com isso, entendeu? Pare de falar merda. E veja se cresce.

Ela o encarou, sentindo o rosto ficar quente e vermelho como uma beterraba, o rubor se espalhando até as orelhas e o couro cabeludo. Leo lhe soltou o braço e tentou sorrir uma vez, mas rapidamente.

— Entendeu? — perguntou ele.

— Sim — respondeu ela, com a voz murcha. Ele deu as costas e foi embora.

Audrey



Eu já havia conseguido passar quase a metade de um semestre na escola. Isso era algo digno de comemoração, eu pensei, enquanto ia até a sala da enfermeira na hora do almoço para tomar meu comprimido, de acordo com as instruções que minha mãe havia dado à escola. Faltavam só dois dias para o feriado e isso era um alívio, porque eu estava dormindo demais e depois me sentia enjoada, tonta, quase de cabeça para baixo. Minha mãe dizia que aquilo era um efeito colateral, algo que valeria a pena enfrentar se eu ficasse melhor e pudesse ser corajosa e forte como as outras meninas. Eu queria ser como Jen — Jen nunca sentiria medo da Coisa — e, assim, engoli meus comprimidos e tentei sorrir para a enfermeira da escola, despedindo-me dela com uma expressão mais alegre. Quando eu voltava para a sala de aula empurrei as portas que davam acesso ao próximo corredor, pensando em levar Peter para aquele nosso esconderijo na floresta depois das aulas; o dia estava clareando lá fora. Havíamos enchido metade do caderno com desenhos e eu queria recolher folhas para colar no papel, bolotas de carvalho, talvez procurar por rastros de algum animal naquela terra rica e úmida. Peter poderia copiá-los e etiquetá-los e começar a fazer uma espécie de livro de registros. Mas primeiro eu tinha de assistir às aulas da tarde. Mais francês. Mais ciências. *Fique acordada, Aud, esforce-se.* Mas eu entrei numa galeria errada, após me confundir com aqueles corredores tortuosos, sem ter certeza de onde eu deveria ir. Por isso não vi Lizzy até ser tarde demais. Ela se colocou à minha frente e bloqueou a porta para eu não passar.

— Quer dizer que você está saindo com ele, não é? — Não gostei de sentir a mão dela sobre meu ombro. Agitei o corpo e tentei me afastar; eu precisava demonstrar coragem.

— Saindo com quem?

— Com o Xing-Ling. — As amigas dela riram. Uma chegou até mesmo a

estourar uma bola de chiclete perto da minha orelha. Virei-me e tentei passar por elas.

— O quê?

— Você sabe de quem eu estou falando. Leo. — Ela alongou aquele nome, com a boca se retorcendo como se estivesse a ponto de vomitar.

— Cuide da sua vida — eu disse. Onde estava Jen? Eu precisava dela ao meu lado, uma aliada silenciosa.

— Ele não vai querer se envolver com uma vagabundinha como você. E quem gostaria? Quem sabe o que você tem?

— Ah, cale a boca. — Comecei a me afastar lentamente, tentando tomar cuidado para não encostar em ninguém, mas uma mão nas minhas costas me empurrou com força, meus óculos voaram. O choque machucou meus braços quando eu caí, mas não emiti nenhum som, simplesmente peguei os óculos e os enfiei no bolso. Se eu esperasse no chão, se não me movesse, se não chorasse, tudo ficaria bem. Elas iriam embora e me deixariam em paz. Mas Lizzy tinha uma ideia melhor.

— Levante-se, vamos lá. — Duas mãos me agarraram e me colocaram em pé outra vez.

— Você sabe o que é, não sabe? — disse Lizzy, sorrindo, desamarrotando meu blusão, os dedos deslizando pelo tecido como pequenas pinças. Não esperava uma resposta. Fiquei de boca fechada.

— Você é uma putinha esquizofrênica, não é?

Continuei sem responder. Era melhor não fazer isso. Melhor fingir que elas não eram reais, apenas fantasmas voando para dentro e para fora da minha mente. Elas morreriam logo. Todos nós morreríamos dentro de pouco tempo. Elas simplesmente não sabiam disso ainda.

— Nós sabemos. Sabemos que você é doente da cabeça. Que você se corta como uma putinha suja e nojenta. — Ela agarrou meu braço e arregaçou a manga do meu blusão à força, exibindo a evidência diante das outras. Aqueles dedos se prenderam ao redor do meu pulso como se fossem um grilhão e as cicatrizes brilharam. — Tentou se matar uma vez, não é mesmo?

O que deu errado? Não conseguiu ir até o fim, Louca?

A saliva dela no meu rosto. Fechei os olhos. Eu estava me sentindo enjoada. Como ela soube? Fingi que eu era surda e idiota. Banquei a estúpida, a boba.

— Não queremos você aqui — disse Lizzy. — Você devia cair fora. Ah, quer saber de uma coisa? Vamos ajudar você.

E em seguida ela estava me arrastando na direção do banheiro feminino e eu senti braços ao redor do meu pescoço, ao redor dos meus ombros e da cintura, e eu não conseguia escapar, nem mesmo se me debatesse, contorcesse, gritasse ou se tentasse oferecer resistência. A mão de Lizzy cobriu minha boca e eu tentei mordê-la. Ela apertou meu rosto com força.

Elas bateram a porta. Alguém se apoiou nela para mantê-la fechada. Eu gritei para que parassem com aquilo.

— Vamos fazer ela calar a boca? — disse Lizzy, e elas me arrastaram até um dos cubículos e me forçaram a ficar de joelhos, empurrando minha cabeça contra aquela privada imunda. Meu estômago se revirou quando a água encheu minha boca, os olhos e o nariz. Eu me debatia e contorcia o corpo, como um animal selvagem capturado e amarrado, eu me agitava e tentava me soltar. Mas elas me seguraram ali; alguém apertou a descarga e encharcou o meu rosto e eu vi a escuridão do fosso, senti o pânico de me afogar, o horror de saber que eu não poderia me salvar, o baque do que estava por vir.

Quando elas finalmente me soltaram, caí no chão. Arfando, fiquei jogada ali, uma vítima no meio de uma poça.

— Ei — disse Lizzy, e eu ergui os olhos. Ela estava com o celular na mão, filmando tudo.

— Diga oi — disse ela, agarrando meu cabelo e erguendo minha cabeça. — Dê um tchauzinho para a câmera.

Eu tinha de fazê-la parar. Não tinha escolha: ela estava me machucando e era cruel e eu não queria mais ser a garota da qual todas elas iriam rir. Avancei sobre ela, atacando com os punhos, os pés, os dentes e consegui agarrar um pedaço dela, derrubando o celular que ela tinha na mão e o aparelho caiu dentro da privada. Ela gritou e eu ataquei, arranhando uma de

suas bochechas com minhas unhas, acertando a canela dela com um chute quando me levantei, esperneando, empurrando e socando para abrir caminho e sair dali. Eu me ouvi gritando *eu odeio você, odeio você*, e depois eu segui, com os cabelos escorrendo pelas costas, pesados, embaraçados e imundos. *Não importa*, eu murmurei por entre os dentes. *Não importa*. Mas alguma coisa queimava, e eu senti o calor e a irritação na minha garganta e tossi o primeiro soluço, enxuguei uma lágrima. Ninguém me viu quando eu saí da escola, escapando pela fenda na cerca perto do campo de futebol. Eu não sentia o frio no ar, apenas o vento que batia nos meus ombros pela blusa encharcada. Quase não me dei conta da longa caminhada até a Granja, simplesmente me concentrei em continuar andando, em colocar um pé diante do outro e fugir dali. Minha cabeça latejava, aquela batida rítmica, o sinal. A Coisa sussurrava que eu era uma inútil. A Coisa me dizia para não ter esperança. Que nunca haveria nada de bom para mim, nunca, que eu merecia o castigo que me deram. Lizzy tinha razão, dizia a voz. Eu não era nada. Mas não sabia o que havia feito de errado.

Queria poder ir para casa. A cada dez passos eu parava, acometida pela tontura, e continuava a avançar como se estivesse andando sobre gangorras, equilibrando-me sobre os planos instáveis da terra. Se conseguisse ao menos clarear a cabeça, se meus pensamentos pudessem se desembaralhar, se eu conseguisse ver a mim mesma como os outros me viam... fazer com que minha vida fizesse sentido, de algum jeito.

Cheguei à floresta. O cheiro da terra úmida se ergueu como uma névoa e eu deixei que ele me envolvesse, inspirando o odor forte e acre da podridão. O sol bateu em uma teia de aranha, iluminou-a, e os pássaros agitavam os galhos das árvores acima de mim. Minha respiração ficou mais lenta. Eu estava em segurança na clareira, pelo menos. Nosso esconderijo ainda estava ali, o forte que eu e Peter construímos, dilapidado agora, quase completamente desmoronado, mas eu rastejei para o que sobrou daquele abrigo, imaginei as folhas das árvores se fechando ao meu redor, a terra se abrindo, aceitando, digerindo, e o calor morno que havia nas entranhas da terra.

Leo



O boato se espalhou rapidamente pelos corredores. Entrava pelas portas das salas de aula e corria entre os alunos: Lizzy Carr foi atacada. Lizzy Carr estava na sala da enfermeira, foi levada às pressas para o hospital e podia até mesmo perder um olho. E Audrey foi a culpada. Ela ficou louca, disseram as pessoas; surtou. Atacou Lizzy, destruiu seu celular e fugiu para algum lugar, e ninguém sabia onde ela estava. Leo fechou os ouvidos para não ouvir aquelas palavras e começou a caminhar, sem nenhum cuidado. Decidiu que eram apenas mais mentiras. Entretanto, quando Audrey não apareceu para o último dia de aulas antes das férias do meio do semestre, ele imaginou se ela realmente havia sido expulsa. Ouviu os outros alunos dizerem “esquizofrênica”, “louca”, “surtada”, e seu estômago se revirou. Fosse lá o que tivesse acontecido, ele tinha certeza de que ela não podia ser a única responsável.

Era a noite de sábado e ele deveria estar se encaminhando para a festa de Halloween de Joel Blake, mas saiu para uma corrida antes de ir para o ponto de ônibus. Era o fim de outubro e as tardes estavam ficando cada vez mais curtas; não demorava muito até que a noite mergulhasse na escuridão. Graham tinha razão; aquilo era viciante. Sua respiração criava grandes nuvens quando ele parou de correr, com as mãos nos quadris, e se endireitou para olhar para a Granja. Correu os olhos pelas paredes e pelas janelas escuras, vazias, mas que ainda assim o encaravam de volta. Uma nova placa com os dizeres ENTRADA PROIBIDA fora enfiada às pressas no chão, perto dos portões. Ele ignorou aquilo e correu pela via de acesso, recusando-se a sentir medo de meros tijolos e argamassa. E foi então que houve um movimento na janela, que ele supôs ser Audrey. Apenas uma sombra, uma coisa frágil e efêmera, leve como uma borboleta. Valia a pena tentar. Ele poderia ouvir a história inteira e talvez pudesse ajudar.

— Ei — gritou ele, colocando as mãos em concha ao redor da boca. —

Audrey! — A voz dele soou poderosa, reverberando pelas paredes e pela água em um eco que perseguia a si mesmo sem parar. *Audrey, Audrey, Audrey*, ouviu ele, as vozes cantando de volta para Leo como se elas rissem e, por um segundo, pareceu que nada iria acontecer. Mas em seguida o movimento voltou e, desta vez, estava mais claro: a sombra tomou forma. Havia uma figura em pé diante da janela, forçando o trinco para abri-lo e escancarando a veneziana com um movimento brusco.

— Oi — disse ela em resposta, a voz afundando no vento. — O que você está fazendo?

— Saí para dar uma corrida. Achei que tivesse visto você, então vim até aqui. Está tudo bem com você?

— Sim. Não estou fazendo muita coisa.

— Você pode sair? — gritou ele. — Ou quer que eu suba?

Mas ela não respondeu; já havia desaparecido, e no momento seguinte ela saiu correndo pela porta da frente, correndo na direção de Leo, os cascalhos voando sob seus pés descalços, os cabelos longos e pálidos esvoaçantes por trás de si.

— O que houve?

— Nada. — Pela maneira que ela correu, como se tivesse alguma coisa que a perseguisse, Leo teve vontade de estender os braços e segurá-la. Ser algo sólido e forte no qual Audrey pudesse se segurar.

— O que as pessoas estão dizendo? — perguntou ela, e Leo não soube como responder. Os olhos dela piscavam por trás dos óculos e as bochechas ficaram coradas; ela colocou os braços diante do peito, protegendo-se. Ele não poderia deixar as coisas ainda piores e contar a verdade; assim, simplesmente sorriu, fingindo que não sabia do que ela estava falando. Tinha a sensação de que sorrisos eram tudo que ele podia dar a Audrey, e isso o irritava.

— Escute, que tal sair comigo hoje à noite? Haverá uma festa.

— Não posso. Preciso cuidar do meu irmão. Minha mãe está de serviço.

— Certo. Quer que eu fique com você?

Ela recuou um passo, com o rosto se fechando.

— Certo. Bom, deixe para lá. Mas escute, Audrey; não se preocupe. Não tem importância o que aconteceu com Lizzy; as pessoas vão acabar esquecendo. Todo mundo sabe como ela é. Só não deixe isso abalar você, está bem?

Deus, ele era um inútil. Não era nada disso que ele queria dizer. Queria se convidar para entrar, sentar-se e realmente conversar com ela, descobrir que diabos estava acontecendo e quem ela realmente era. Neste momento, ele não fazia a menor ideia.

— Está tudo bem comigo. Vá para a festa e divirta-se. Curta bastante — disse Audrey, e ele assentiu e esperou até que ela entrasse antes de correr de volta pela via de acesso à Granja e atravessar os campos para retornar à fazenda.

A festa estava uma chatice e Leo não estava com cabeça para se divertir. Algum idiota achou que era engraçado vir fantasiado com um jaleco branco com manchas de sangue falso, um machado na mão, uma peruca loira e comprida, óculos, olhos arregalados e, para o caso de alguém não entender uma mensagem tão sutil, as palavras “Audrey Louca” pintadas com tinta vermelha nas costas do jaleco. Leo retorceu o lábio. Seus punhos se fecharam. Ele foi na direção oposta e lá estava Lizzy rindo às gargalhadas, quase sem nenhum arranhão. Ela o viu e virou-se em sua cadeira para olhá-lo fixamente, de frente, antes de sorrir e erguer as sobrancelhas — um convite. *Meu Deus*, pensou ele. *Lizzy acredita de verdade que eu quero alguma coisa com ela.* Ele deu meia-volta, foi na direção do cara que achou que teve uma ótima ideia para a fantasia do Halloween e o empurrou com força.

— Ei! — O rapaz se virou. Leo reconheceu Mark Brooks, do seu grupo das aulas de reforço. Nunca haviam conversado.

— Não acha que isso é uma brincadeira de mau gosto? — Leo apontou para a fantasia que Mark usava. Pensou em arrancar aquela peruca. Em lhe socar a cara com força. — Ficar zoando uma garota que nem está aqui para se defender?

— É só uma piada. Por que você se importa tanto? — disse Mark,

erguendo as mãos como se estivesse pedindo calma, e Leo percebeu que ele não entendia a situação.

— Bom... você não é engraçado. Pense nisso, certo?

Leo foi até a cozinha. Pegou uma cerveja e a bebeu, com o lábio ainda retorcido. Jen apareceu.

— Está tudo bem? — perguntou ela, e Leo deu de ombros.

— Estou meio cansado. Acho que vou embora.

— Certo. Olhe, eu sinto muito por Mark e aquela fantasia idiota.

— Não é culpa sua.

— Mas é verdade? — perguntou Jen. — Audrey é... bom, será que ela é meio... você sabe.

Ela não sabia como dizer aquilo, especialmente para Leo. Ele achava que Jen não era esse tipo de garota. Achava que ela era amiga de Audrey, e apertou os dentes.

— Não sei, Jen. Se você está querendo saber se Audrey tem algum problema mental, eu não faço a menor ideia. Nós mal nos conhecemos. Mas o que eu conheço, eu gosto. Sei pelo que ela passou. Já passei por isso também.

— É mesmo? — Jen se sentou sobre o balcão da cozinha, balançando as pernas para a frente e para trás, arranhando o esmalte preto das unhas. Ela estava fantasiada de vampira, a Noiva de Drácula, e tirou a dentadura para poder conversar. — O problema é o seguinte: Lizzy sente um ódio mortal por Audrey. E você conhece Lizzy. Ela é um pesadelo.

— Bem, talvez alguém devesse conversar com ela. — *Alguém como eu,* pensou Leo. *Eu podia ir até onde ela está agora, dizer a ela para calar aquela boca suja. Forçá-la a me ouvir de verdade desta vez. Isso iria realmente acabar com essa festa.* Jen saltou de cima do balcão e segurou na manga de Leo.

— Isso iria fazer com que ela ficasse ainda pior, eu acho. Você sabe que ela faz tudo isso para chamar atenção. Iria acusá-lo de um monte de coisas se você fizesse isso, Leo. A mãe dela iria atrás da sua, assim como ela fez lá na

escola, falando um monte.

— Acho que você tem razão.

— Bem, talvez Lizzy deixe Audrey em paz agora que sabe que pode levar o troco.

— Espero que sim. Isso é uma merda, Jen. Ela estava tentando se enturmar, tentando começar outra vez.

— Eu sei. Mas nem sempre é fácil desse jeito, não é?

Audrey



Fiquei sentada esperando minha mãe voltar do trabalho, pensando em Leo na festa e também no fato de que eu poderia ter ido. Talvez fosse divertido. Jen estaria lá. Seria uma oportunidade de tentar novamente me enturmar com o pessoal da escola, de mostrar que eu estava bem e que sabia me divertir. Queria falar sobre aquilo, mas minha mãe estava cansada de novo; ela entrou na cozinha, bateu a porta, e eu soube que aquilo aconteceu por culpa minha. Não adiantava querer conversar com minha mãe quando ela estava desse jeito, e eu fui na direção oposta, subindo os degraus da pequena escada que levava até meu quarto. Minha mãe estava bem irritada na escola, depois do que aconteceu com Lizzy. E, na manhã de hoje, ela disse:

— O que eu não entendo é por que essas coisas acontecem sempre com você, Aud. Por que não consegue ficar longe desses problemas? Você deixou de tomar seus remédios de novo?

E em seguida ela parou diante de mim enquanto eu engolia os remédios, verificando, contando e fazendo com que eu me sentisse como se fosse uma criminosa. Minha mãe tinha razão: quando eu não tomava os comprimidos a Coisa vinha, pior do que nunca.

Sentei na cama com as pernas cruzadas, sentindo uma comichão na pele. De algum modo aquilo tinha de ter acontecido por culpa minha. Eu era a culpada por sempre me escolherem como alvo de provocações. Eu era a culpada por ser estranha e diferente. Mas como foi que eu mudei? Tremendo, eu deitei e puxei as cobertas por cima de mim, mas o travesseiro estava úmido e pegajoso sob minha bochecha, e eu peguei uma blusa para colocar debaixo da cabeça. No andar de baixo, minha mãe ainda estava extravasando — o cheiro do cigarro que ela fumava invadiu meu quarto, acendendo-o com o ardor da raiva que ela sentia. E ela não era a única que estava irritada. Meu cérebro começou a doer. A Coisa estava aqui. Latejando, batendo, ganhando

velocidade, pulsando nas paredes e na janela, agitando-as e fazendo o quarto tremer. Puxei os lençóis com mais força ao redor do meu queixo e me encolhi.

— Vá embora — sussurrei, colocando as mãos sobre as orelhas, tentando afastar aquela ameaça ribombante. — Me deixe em paz — eu disse à Coisa. — Você não pode me fazer mal, eu estou tomando meu remédio. Você não existe, então vá embora. — Murmurando, fiquei deitada na cama, meu corpo começando a estremecer. Não importava o que eu dissesse; a Coisa podia fazer o que bem entendesse. Era assim fazia vários anos, visitando-me e tentando me machucar, e mesmo quando eu tentei recriar a Coisa como uma garota como eu e mandá-la embora, seu rosto se rasgou e caiu, livrando-se da sua pele como se fosse uma cobra, desfazendo-se em poeira por entre meus dedos.

Leo, escrevi. Uma, duas, três vezes, deslizando a ponta do dedo sobre minha pele. Leo gostava de mim. Rabisquei uma moldura florida ao redor do nome dele antes de apertar o maxilar contra a mandíbula e tentei me recompor.

A noite seria longa. Tentei escutar, alerta, defensiva.

O piso rangeu, os lençóis tremeram. Ela estava vindo, vindo agora. Meu coração acelerou, no mesmo ritmo da sua marcha. Era impossível resistir à Coisa. Tentei me segurar na cama. *Não, por favor, não*, sussurrou alguém que estava muito longe.

Ela me conduziu. Me tirou da casa, me fez descer as escadas e sair sob a noite, meus cabelos se agitando e esvoaçando para longe da cabeça, o frio exalando o gelo sobre meus ossos. Deixei que ela me puxasse para a frente, na direção da água que cantava e me chamava, e a Coisa abriu a minha pele, cortando-a com uma lâmina, encostou os lábios em minha carne e sugou meu sangue.

Novembro



Audrey



Minha mãe estava em pé bem diante de mim quando acordei. Ela agarrou meu braço e arregaçou a manga antes que eu pudesse impedi-la.

— O que é isso, Audrey?

— Não fui eu que fiz isso — sussurrei, olhando fixamente e trazendo o braço para junto do peito. Crostas de sangue. A dor me apunhalava os olhos, a barriga e as coxas.

— Então explique o que houve.

— Não sei, mãe. Não sei o que aconteceu.

— Pare com isso. Você acha que eu vou acreditar nisso depois do que encontrei no banheiro, Audrey? Onde você encontrou aquelas lâminas?

— Não fui eu — eu disse a ela. Já sabia onde isso ia chegar.

— Que besteira — disse minha mãe. Peter apareceu na porta, pálido, ainda vestindo o pijama. Estava nos observando; por isso, tentei manter a voz calma e girei as pernas para me sentar na cama.

— Venha, Peter. Venha comigo, vamos assistir à TV ou fazer alguma coisa.

Ele fez que sim com a cabeça e deixou que eu o levasse embora. Ouvi minha mãe pegar o telefone e pedir uma consulta de emergência.

— Amanhã é domingo, pede cachimbo... — sussurrei para que ninguém ouvisse, especialmente minha pele.

Por que os dias tinham de ficar tão escuros? O consultório do médico. Minha mãe ao meu lado, olhando para uma revista sem virar as páginas. Ela estava lendo o mesmo artigo sobre a banda gástrica ajustável de uma mulher há

quarenta minutos.

— Não entendo por que esses médicos malditos não trabalham nos fins de semana — resmungou ela. — Devíamos ter ido ao pronto-socorro ontem, Audrey. Mas pensei que seria melhor se viéssemos conversar com a doutora Caldwell. Você não acha?

Eu estava arrancando fiapos da lã do meu blusão, retorcendo os fios para formar um nó bem apertado. Quando meu nome foi chamado, minha mãe se levantou primeiro e mostrou o caminho, e eu fui logo atrás, um pequeno bote atrás de um barco maior sendo puxado por uma corda.

— Olá, doutora — disse minha mãe, inclinando o corpo para a frente em sua cadeira, com as pernas cruzadas e uma voz disfarçadamente profissional. — Voltamos. — A médica sorriu como se aquilo não tivesse importância e assentiu.

— Como eu disse na última vez em que estivemos aqui, Aud não está muito bem. Ela está lutando contra a depressão desde que tinha treze anos; já faz três anos agora. Meu Deus. Três anos. — Os olhos da minha mãe estavam arregalados, como se ela não conseguisse acreditar. — Ela começou a se automutilar no ano passado. Trabalhamos nisso e ela parou, ou pelo menos eu achei que havia parado, mas agora está acontecendo de novo. É por isso que estamos aqui, doutora.

A médica olhou para mim, com uma expressão interessada e inteligente no rosto.

— Tem alguma coisa que você possa me contar, Audrey? Como está se sentindo no momento? Tem dormido bem?

Eu bocejei.

— Não — eu disse, e olhei pela janela. Mordi a parte interna das bochechas. Minha mãe voltou a falar, preenchendo as lacunas.

— É algo constante. Algo que já acontece há muitos anos, essa insônia. Não sei, doutora. Não sou especialista, mas é óbvio que o tratamento não está funcionando.

— É mesmo? — A médica olhou para mim outra vez. Pegou na minha

mão. Com bastante suavidade. Gentil. E meu coração parou por um momento quando olhei para ela e comecei a imaginar. Minha mãe ainda estava falando.

— Quando Audrey começou a frequentar a escola, ela era bastante introvertida, muito tímida. Nunca fez amigos e sempre teve um desempenho ruim. Houve algumas épocas em que passou muito tempo sem ir à escola. Muitas infecções no peito, problemas respiratórios. Fiz o melhor que pude para que as coisas ocorressem da maneira mais normal possível, mas ela se acostumou demais a ficar sozinha, eu acho. E agora temos essa depressão, como se ela tivesse internalizado todos os problemas. Bem, não sou psiquiatra, mas essa é a minha interpretação. E o bullying que acontece na escola não ajuda em nada. Mas agora ela está revidando, está violenta. Arrumou uma briga na escola na semana passada e agora não quer mais voltar.

Minha mãe olhou para a médica como se quisesse uma confirmação, mordendo o lábio. A dra. Caldwell indicou com um pequeno meneio de cabeça que ela podia prosseguir.

— Fico imaginando se Audrey se comporta desse jeito porque não é como as outras garotas. Porque não é tão inteligente. Talvez os cortes e as explosões de raiva sejam as maneiras que ela tenha encontrado para pedir ajuda? Não sei. Estou somente procurando respostas, na verdade. Vocês é que são os especialistas. Mas eu acho que isso é sério; acho que ela está à beira de uma psicose, doutora.

— Certo. Obrigado, senhora Morgan. — A dra. Caldwell se virou para mim outra vez. — Audrey, como você se sente em relação a tudo isso? Você concorda com a descrição que sua mãe fez em relação ao que está sentindo? Ou existe alguma outra coisa, qualquer coisa que você gostaria de me dizer?

Minha mãe olhou para mim; ambas olharam. Havia um ar de expectativa silenciosa na sala. Eu as ouvia respirando, ouvia meu coração bater, os gritos da minha pele.

— Estou bem. — E ali estava minha voz. Tão patética. Tão pequena. Eu não era um rato. Tentei outra vez.

— Só quero que me deixem em paz. Vai ficar tudo bem se todo mundo me deixar em paz. — E agora eu sentia as lágrimas me enchendo os olhos. Isso

não iria ajudar. Abracei os joelhos, curvando-me na cadeira e olhando para o chão. Eu não queria ouvir as lágrimas da minha mãe.

— Como eu disse, ela é uma menina difícil. Tento conseguir ajuda, mas ela não coopera. Não toma os remédios direito.

A médica estendeu as mãos, com a voz gentil.

— Sua mãe diz que você está se machucando, Audrey. Posso ver?

— Olhe o estado em que ela está. Aff! — Minha mãe jogou os braços para o alto, sem saber o que fazer.

Deixei a médica me tocar, levantar minhas mangas e inspecionar os ferimentos. Eu não queria isso. Não queria que ninguém visse. Era meu corpo e estava arruinado. Doendo. A dor era só minha; minha mãe não tinha o direito de ficar exibindo o que eu sentia para o resto do mundo.

— Sim, são profundos. Bem graves. Vou limpá-los e fazer curativos. Mas, pelo que estou vendo, alguém andou cuidando bem deles. — Ela olhou para minha mãe.

— Fui eu. Sou enfermeira. — Minha mãe sorriu. — É o mínimo que eu posso fazer por ela. Tudo o que eu quero é ajudar Audrey; estou desesperada para que ela consiga ser feliz. Que tenha as mesmas coisas que as outras garotas da idade dela têm. Amigos. Quero que ela se divirta.

Mãe, eu gritei dentro da minha cabeça. Mãe, por favor. Não percebe que eu também quero isso? Minha mãe não percebia. Estava enxugando os olhos na manga da blusa.

— É claro — murmurou a dra. Caldwell. Calma. Serena. Como ela podia ser assim? Será que não entendia que minha vida era uma camada de gelo negro, que eu estava me retorcendo, deslizando, fora de controle?

A médica trabalhou rapidamente. Eu observei os cabelos castanhos e sedosos dela refletindo o sol, desejei que eu pudesse ter o perfume e o cheiro do verão e uma pele macia e limpa como a dela, olhos inteligentes e límpidos. Seu toque na minha pele era leve. Ela sorria para mim enquanto cuidava do estrago nos meus braços e conversava sobre nada em particular.

— Quer dizer que você não gosta da escola, Audrey?

— Não muito — eu disse, e minha mãe soltou um suspiro, mas eu a ignorei. Não estava falando com ela agora, não falaria com ela pelo resto do dia. Nunca mais.

— E por que isso acontece? — pressionou a médica.

Não adiantava me queixar de Lizzy.

— Ela está sofrendo bullying. Alguns professores já me ligaram para falar sobre o assunto — disse minha mãe. A médica murmurou algo sobre conversar com a escola, rever minha medicação ou me indicar para uma equipe especializada em saúde mental para adultos.

— E o que me diz de alguns amigos? Há alguém com quem você possa contar, que possa lhe dar alguma espécie de apoio, senhora Morgan? O pai dela está presente?

— Ah, não — minha mãe tossiu uma risada irônica. — Ele resolveu cair fora bem cedo. Aud tinha seis anos, talvez sete. Tenho outro filho para me preocupar também. Deus sabe o impacto que tudo isso está causando nele. E eu me sinto muito culpada, como se eu estivesse decepcionando todos que dependem de mim. Inclusive Audrey.

— A senhora não deve se sentir assim. Pelo que estou vendo, vem fazendo um trabalho incrível. Mas estamos aqui para ajudar. Ajudar vocês duas. Como eu disse, se houver qualquer coisa que eu possa fazer, é só dizer.

A médica começou a imprimir as receitas para a farmácia. E conversava em meio ao som da impressora.

— O hospital vai entrar em contato com vocês em pouco tempo. Vou tentar agilizar o processo para garantir que as coisas comecem assim que for possível.

— Obrigada. Você foi absolutamente maravilhosa, doutora Caldwell.

— Como eu disse, não há de quê. Podem aparecer por aqui se precisarem de mim. Estou escrevendo um artigo científico sobre saúde mental de adolescentes, então vou ficar feliz em poder ajudá-las. O progresso de Audrey é algo que me interessa muito. Vamos descobrir o que está por trás disso tudo. Pode levar algum tempo, mas chegaremos lá.

Eu me virei para olhar para a dra. Caldwell quando saímos do consultório com a nova receita, mas ela estava de costas para nós, com os dedos ocupados sobre o teclado, transcrevendo as anotações. Perguntei-me o que ela estaria escrevendo, desejei poder ver aquilo e corrigir o que estivesse errado.

A rotina se transformou bastante durante as férias. Não chegávamos realmente a sair da cama; se saíssemos, continuávamos de pijama. Fiquei feliz por não haver aulas. Desse jeito eu não precisaria ver Lizzy, mas sentia saudade de Leo e Jen. Peter olhava para a TV na sala escura, a mão entrando e saindo do saco de doces, os olhos fixos e marcados pelas veias vermelhas. Minha mãe também estava sentada ali. O cheiro de mofo havia voltado. Quando eu abria as cortinas ela me mandava fechá-las, dizendo que estava com dor de cabeça.

Minha mãe comprou um novo conjunto de esmaltes. Chegou na quarta-feira pelo correio. Ela se sentou diante de mim com os dedos em vasilhas de água, amolecendo as cutículas. Gostava de brincar de salão de beleza e já fazia algum tempo desde a última vez que brincamos daquilo.

Eu lixei suas unhas e os desenhos animados de Peter berravam ao fundo. Minha mãe fechou os olhos; um pequeno sorriso iluminou seu rosto quando eu apliquei o creme para as mãos. Olhei por cima dos seus ombros e pela janela, mas não consegui ver muita coisa do lugar onde estava. Apenas o céu. E nuvens que não se pareciam com nada, hoje.

— Audrey — a voz de minha mãe me trouxe de volta com um tranco. Ela agitou um pulso. — Vamos lá.

Prestei mais atenção no que estava fazendo. Enxuguei a mão dela com papel-toalha. Comecei aplicando a base. Minha mãe tinha toda a parafernália. Ela queria fazer os pés em seguida, eu pensei, e minhas mãos estavam cansadas.

Pensei em Leo, imaginei o que ele estaria fazendo, se deveríamos ir até a fazenda.

Peter se levantou com um salto, pilhado pelo açúcar.

— Estou entediado. Quero ir para algum lugar.

— Então vá — disse minha mãe. — A porta fica logo ali. — Ela riu e piscou para mim.

— Para onde? Podemos ir para algum lugar, mãe? — pediu Peter, subindo no braço do sofá antes de saltar para o chão outra vez, e depois voltando rapidamente para fazer aquilo de novo.

— Não. Desça daí. Estou ocupada. — Ela indicou as mãos com um movimento de cabeça. Eu estava apenas começando a aplicar a primeira camada do vermelho berrante que ela tinha escolhido.

— Já estou com o saco cheio de ver TV. — Peter mirou um chute contra a parede.

— Vá lá para fora, brinque com sua bola — sugeriu ela.

— Você disse que ia me comprar uma bicicleta. — Peter estava realmente enfastiado. Parecia que precisava socar alguma coisa.

— Sim, eu sei. Mas não tenho dinheiro para uma bicicleta agora. Espere até chegar seu aniversário, como eu disse, e procure outra coisa para fazer agora.

A porta bateu por trás de Peter quando ele saiu.

— Como está indo? — perguntou minha mãe.

— Está quase pronto.

Ela se endireitou na cadeira e estendeu os dedos. Fez que sim com a cabeça.

— Belo trabalho, meu bem. Você poderia trabalhar com isso, Aud. Dá para ganhar um bom dinheiro.

— Acho que eu quero trabalhar com alguma coisa em que possa ficar ao ar livre — eu disse a ela, novamente olhando pela janela. — Como arqueologia ou algo do tipo. — Ela fez uma careta. — Talvez sair para explorar o mundo. Ir para vários lugares quentes, descobrir coisas interessantes. Ou talvez estudar povos e culturas diferentes. Fazer antropologia.

— Você o quê?

— Seria divertido.

— Esqueça. Não consigo pensar em nada que seja pior do que isso. Você vai passar o tempo inteiro suja. Entrando e saindo de aviões, contraindo doenças que só Deus sabe. E pense naqueles homens horríveis, os estrangeiros que querem capturar garotas como você. Já li sobre eles. — Ela apontou para um jornal velho que estava no chão.

— Não acho que seja tão ruim assim.

— É, sim. E com os seus problemas, bem, é arriscado demais. Você vai ficar em casa, meu bem, comigo. Não quero que você desapareça em algum lugar do outro lado do mundo. O que eu faria sem você?

— Você ficaria bem. — Comecei a guardar as coisas, tentando não ouvir o que ela dizia.

— Você devia ficar feliz por eu me importar. — Ela me olhou com uma expressão dura. — Minha mãe não dava a mínima para o que eu fazia, aquela bruxa velha.

Tentei me lembrar da minha avó, mas minha memória era como uma página arrancada de um livro, dobrada e rasgada em lugares aleatórios, e onde faltavam todas as palavras importantes. Eu abria o papel e os buracos não compunham nenhuma forma específica. As palavras começavam e paravam. Os rasgos irregulares formavam buracos enormes. Eu tentava encontrar as letras perdidas, deitada na cama à noite e arranhando minhas lembranças como se fosse uma unha raspando uma casca de ferida. Mas não conseguia decidir o que se encaixava onde.

Olhei fixamente para minha mãe. Pensei mais um pouco naquilo. É claro que eu havia conhecido meus avós, mas foi bem antes de eu quebrar o tornozelo; Peter não havia nem nascido e meu pai ainda vivia conosco. A família de minha mãe parecia escorrer pelas paredes, embora seus rostos não tivessem nenhuma feição, apenas máscaras que usavam um batom em cores vivas, igual aos que minha mãe usava, e com sorrisos frouxos. Era Natal ou o aniversário de alguém, não o meu. Minha cabeça alcançava a altura da cintura da minha mãe e eu segurava na mão dela, tentando escutar a conversa e compreendê-la, observando minha mãe, vendo seus dedos se enrolarem no colar que usava, e depois coçando, tateando o pescoço em busca de alguma coisa, espremendo, preocupando-se. Quando ela abriu a boca para falar, eu

acho que ninguém a ouviu, porque ninguém riu, e sua expressão mudou como se ela tivesse deixado alguma coisa cair, perdendo-a para sempre.

Estávamos assistindo à TV e eu estava espremida entre minha mãe e minha avó. Senti que as mãos dela estavam frias e úmidas quando segurou nas minhas e observou o esmalte descascado que minha mãe havia passado na semana anterior. Minha avó soltou um murmúrio irônico e examinou as próprias mãos, carregadas de anéis e salpicadas com as manchas da idade.

Meu avô não percebia a nossa presença. Ajeitou os óculos sobre o nariz e aumentou o volume — o programa era barulhento e frenético. Ele fumava cigarros, acendia um após o outro, e tomava café. Seu hálito cheirava mal quando se despediu mais tarde, olhando para mim como se acabasse de perceber que eu estava ali.

Eu ficava esperando para irmos embora, mas minha mãe acabou dormindo ao meu lado. Roncando ruidosamente, respirando pela boca. Meu avô continuava olhando para ela de um jeito que fazia com que eu quisesse cobri-la. E me esconder.

Ninguém percebeu quando meu pai finalmente chegou para nos levar para casa; ninguém foi até a porta para acenar em despedida ou nos acompanhou para fora. Eu me lembro de ficar sentada no banco de trás, e o silêncio no carro era tão grande que parecia até mesmo que ninguém estava respirando, ou que algum dia voltaria a respirar.

Terminei de aplicar a segunda camada de esmalte.

— Pronto, acabei.

Minha mãe ergueu os dedos diante do rosto e os agitou. Liguei a lâmpada que irradiava calor, levantei da cadeira e me espreguicei.

— Vou procurar Peter, está bem?

— Sim. Mas me traga uma xícara de chá antes. Estou morrendo de sede. E me passe o controle remoto, por favor.

Deixei-a com tudo o que ela poderia precisar durante a próxima hora — chá, cigarros, meio pacote de doces, a bolsa para o caso de precisar do celular — e saí correndo. Meu estômago se revirou enquanto eu andava, mas eu o

ignorei e também a voz dela me chamando. Ela ecoava pelas escadas, seguindo-me, como a batida de um coração furioso, mas eu não conseguia ouvir. Não iria ouvir.

Minha mãe era a lua. Minguante e crescente. Às vezes ela explodia, brilhando e cheia. Outras vezes era delgada e cruel, cortante como uma faca. E eu só podia me mover quando ela permitia, meu corpo como a maré, ainda preso às cordas que ela manipulava. Eu consegui me libertar por ora, mas logo voltaria para perto dela; ela me chamaria, daquela maneira que apenas ela poderia chamar.

Leo



Férias do meio do semestre. Ele estava esperando pela ocasião, para encontrar sua mãe e colocar os assuntos em dia. Assim, quando a viu, ele a abraçou com mais força do que devia, e ela riu antes de levá-lo na direção dos táxis, caminhando nos sapatos elegantes de salto que combinavam com a bolsa e o sobretudo cáqui. Eles se encararam e Leo percebeu que ela estava fazendo um esforço enorme para não perguntar sobre a escola. Leo fez uma aposta consigo mesmo, imaginando que o máximo que ela conseguiria aguentar seriam quinze minutos. Mas a havia superestimado outra vez. Ela conseguiu passar dez minutos sem tocar no assunto. E foi então que começou: a inquisição.

— Bem, e como estão as coisas? — começou ela. Uma atenção total e concentrada. Os olhos atentos. Focada. Ele não queria falar sobre aquilo. Queria perguntar outras coisas, falar sobre o que era real. Imaginou que nunca conseguiria; não era assim que as coisas funcionavam.

— Tudo legal, obrigado.

— “Tudo legal”? O que isso significa, Leo?

— Acho que significa que está tudo bem. — Ela ergueu as sobrancelhas. Eram impressionantes, perfeitas, quase arquitetônicas. Leo aprofundou o tópico. — Nada de problemas, está tudo em paz. Não precisa começar a se estressar. É isso que significa estar tudo bem.

— Isso não é algo muito específico, não é mesmo, meu bem? — Ela ainda não estava atacando com força total, fingia que era apenas um bate-papo descompromissado. Os bate-papos com sua mãe eram muito perigosos. Quase tão perigosos quanto os sermões que ela lhe passava. Ela dava um novo sentido à palavra “polêmico”. Devia ter entrado para a política.

— Não muito. Mas, se formos pensar no caso, o que é?

— Bem, uma porcentagem de acertos, por exemplo. Você pode me dizer qual foi sua porcentagem de acertos na última prova de biologia. Não recebemos nenhuma resposta da escola, mesmo depois de eu ter enviado vários e-mails. Não posso dizer que estou surpresa. Parece que aquele lugar foi criado para abrigar boias-frias retardados.

— Mãe. Pare com isso.

Ela franziu os lábios e estendeu a mão, segurando a de Leo. Tinha mãos muito delicadas, pequenas e macias. A textura das mãos de Audrey era um pouco mais seca e também mais fria, e seus dedos eram mais longos e bastante gentis.

— Desculpe, querido. Você sabe que eu pergunto porque me importo. E porque sinto saudade e quero que você tenha bons resultados, apenas isso. Apesar de tudo o que aconteceu, ainda é muito importante que você termine a escola com um conjunto decente de qualificações.

— Então me deixe em paz, está bem? Pensei que já havíamos falado sobre isso. — Ele não queria lembrar todo aquele horror. Não sair da cama. O supervisor do seu dormitório no colégio interno ligando para o médico. O médico chamando uma ambulância e depois semanas de silêncio, remédios, sua mãe esverdeada e doente pela culpa. Parecia que ela havia conseguido esquecer. Esquecer o que fez o filho chegar ao limite. Leo tentou esquecer aquilo também. A maioria dos garotos conseguia o GCSE, o certificado geral de conclusão do ensino secundário sem problemas, mas com ele foi diferente. *Treze GCSEs, Graham lembrou-lhe silenciosamente, isso sem falar no seu exame do curso de música quando você ainda tinha apenas quinze anos. É muita pressão, Leo.*

— Sim, você tem razão. Já conversamos. E vou tentar me interessar menos pela vida e pela educação do meu filho. Afinal de contas, uma mãe dedicada deixa seu filho degrading e se perder na vida, não é?

— É sim. — Ele preferia degrading e se perder na vida, por conta própria, a ter que voltar aos antidepressivos, que era a preferência dela. Estava preparado para declarar isso em palavras de uma única sílaba, se fosse necessário.

— Você pensou no que vai querer fazer nesta semana? Tenho várias

reuniões de segunda até quarta-feira, mas podemos ir a algum lugar na quinta.

Aquilo não era nenhuma surpresa. Leo já havia examinado os eventos publicados no site *Time Out!* para aquela semana. Assistiria a dois filmes que não haviam sido exibidos na cidade da sua tia, visitaria as enormes livrarias e iria ao teatro. Estavam encenando *Rei Lear* e ele queria ver como fariam a cena em que os olhos de Gloucester são arrancados. Se ele dissesse isso à sua mãe ela pegaria o telefone e ligaria imediatamente para Graham. Obsessão doentia pela violência.

Sua mãe estava no celular. Não havia nem considerado que Leo ficaria chateado se aquela semana já estivesse tomada pelos compromissos dela, ou que ela lhe concederia meramente um sétimo do seu tempo. Talvez ele devesse presenteá-la com uma fração e ver se isso faria mais sentido.

— Seu pai lhe mandou um abraço. Ele está com saudade.

— Claro. Também estou com saudade dele.

— Ah, Leo. — Ela ergueu os olhos e segurou a mão dele outra vez. — Não fale com essa voz tão triste. Não consigo aguentar.

— Não estou triste, mãe. — O táxi passou em frente ao Palácio de Buckingham. Leo bocejou e pegou seu telefone. Verificou suas mensagens e o e-mail. Conectou os fones de ouvido e procurou pela música certa.

— Você está muito distraído, querido. — A crítica implícita estava ali.

Ele guardou o telefone. Não suspirou nem deu de ombros. Lembrou-se dos seus modos. Aqueles malditos modos.

— Desculpe. É ótimo ver você.

Ela estendeu a mão e alisou o cabelo do filho, como se ele fosse um menininho. Em seguida fez uma cara de desaprovação e disse que ele precisava de um corte decente, e que marcaria um horário com seu cabeleireiro. Leo ia dizer que gostava do cabelo exatamente do jeito que estava, mas fechou a boca quando sua mãe olhou para o outro lado. De que adiantaria?

— Ali está o hotel. Vamos descansar um pouco e tomar um chá antes da

minha teleconferência às seis. Durante o jantar eu vou querer saber dos seus planos.

— Planos?

— Sim, os planos para a universidade. Você já enviou o requerimento, não foi? — Ele deu de ombros, mas ela continuou a insistir. — Há muitas coisas para as quais você precisa se preparar. Entrevistas e outras. Vamos conversar a respeito. Não se preocupe. Vamos praticar bastante.

Ele seguiu a mãe para dentro do hotel. Ela caminhava rapidamente, conversava rapidamente, pensava rapidamente e Leo já estava ansioso para poder retornar à fazenda.

Audrey



Minha mãe estava trabalhando com plantões noturnos, e na quinta-feira ela voltou para casa às seis da manhã.

— Audrey — gritou ela, acordando-me. Eu havia acabado de conseguir dormir.

— Oi. — Apareci no topo da escada, ainda com os olhos inchados.

— Estou exausta — disse ela, indo direto para a cama. Assim, eu levei chá e biscoitos para ela antes de descer outra vez para pegar o café da manhã de Peter e começar a fazer planos.

— Vamos cozinhar? Fazer um bolo?

Peter concordou. Subiu em uma cadeira e me ajudou a separar as quantidades certas dos ingredientes, e riu quando jogou farinha no meu cabelo.

— Você está parecendo uma velhinha, Aud — disse ele, e eu tentei sorrir.

O bolo não cresceu, mas estava com um cheiro muito bom, e nós o cobrimos com geleia de morango. Nós nos sentamos e comemos o bolo inteiro, e minha barriga começou a doer.

Após algum tempo, na sexta-feira, minha mãe acordou.

— Preciso de um banho, Audrey. Encha a banheira.

Foram necessários seis baldes de água fervendo para fazer com que a água morna da banheira ficasse quente. Eu corria do banheiro para a cozinha, sem parar, com as chaleiras fumegantes.

— Assim está melhor — disse ela, finalmente, tirando a camisola e entrando na água. Desviei o olhar.

— Passe o sabonete.

Entreguei a barra para ela e me levantei para sair.

— Espere um pouco, meu bem. Você tem de esfregar minhas costas, lembra?

Ajoelhando-me ao lado da banheira eu peguei um pano, mergulhei-o na água e esfreguei a pele da minha mãe.

— Está ótimo, querida. Assim está bem melhor. — Soltei a flanela e me levantei de novo.

— Não, espere. Preciso de ajuda com meu cabelo.

Ela se deitou na banheira, mergulhando completamente; sentei-me na privada e esperei. Após alguns momentos minha mãe apontou para a barriga. Eu detestava olhar para aquilo.

— Está vendo, Aud? Minha cicatriz. — Era longa e saliente. E ainda era vermelha, mesmo depois de dezesseis anos. Não parecia algo muito certo para mim.

— Sim, eu sei.

— É engraçado pensar que você saiu daqui, não é? Eles tiveram de me cortar para você nascer. Se não fosse assim, eu podia ter morrido. Eu queria um belo parto natural, você sabe. Mas foi uma emergência, e você podia ter morrido também. Nós duas. Mas o médico foi maravilhoso. Ele salvou a nossa vida.

— É mesmo? Que bom. — Eu odiava essa conversa. O assunto aparecia a cada dois meses. Essa questão do parto era uma coisa basicamente asquerosa, e eu não queria ser lembrada disso.

— Graças a Deus. Eu penso muito nele, naquele médico. — Ela me olhou por baixo das pálpebras entreabertas. — Você andou pensando naquele rapaz de novo, Aud?

— Não.

— Deixe disso, eu sei que você está. — Ela pegou o pano, começou a esfregar a barriga, os seios, as axilas e depois o estendeu para que eu

continuasse o serviço. — Eu sei que você gosta dele, Audrey.

— Não gosto.

— É normal, pelo menos, sentir atração. Você não devia ter vergonha disso. Mas você sabe que não pode fazer nada, não é? Na verdade, é melhor não fazer.

Larguei o pano molhado e me levantei.

— Vou descer e passar o uniforme do Peter agora, mãe. Está bem? — E saí do banheiro antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

Passei mal naquela noite. Vomitei na privada enquanto minha mãe segurava meus cabelos longe do rosto e acariciava minha pele, enxugando-a com o pano que ainda estava úmido depois do banho que ela havia tomado, e começando a cheirar mal. Eu vomitei outra vez.

Na noite do sábado, a noite da festa da fogueira de Leo, eu fiquei sentada olhando para a televisão com Peter, tentando me manter imóvel, calma, sem deixar minhas pernas tremerem, sem olhar para o relógio nem para minha mãe com um sorriso cheio de esperança. Fiquei de boca fechada e com os dedos cruzados, até que...

— Ei — disse minha mãe por volta das sete horas. — Vamos sair.

Levantei com um salto. Ela me entregou seu velho casaco de pele sintética e eu o vesti, sentindo-me instantaneamente diferente. Como uma criança brincando de vestir-se com as roupas dos pais. Como uma garota que podia ser outra pessoa. Porque eu não podia continuar vivendo assim, enfurnada na Granja, simplesmente esperando.

— É sério? Posso usar o casaco mesmo?

— Bem, eu não o quero. Então você pode, sim. — Ela vestia um sobretudo preto novo e elegante e botas para o frio.

— Você está bonita, mãe — eu disse, atraindo sua atenção com um sorriso discreto, e ela assentiu como se já soubesse daquilo.

Mas minha mãe não me apanhou girando de um lado para outro, admirando-o no espelho. Eu não podia meter os pés pelas mãos desta vez.

Tinha meus próprios planos. Se eu visse Leo esta noite, eu faria alguma coisa, diria alguma coisa. Mudaria as coisas. Mesmo se ele me mandasse cair fora. Não importava; pelo menos eu teria tentado. Já tinha treinado as palavras: Leo, eu gosto de você, Leo, podemos — Leo, você quer — Leo Leo Leo — e me perguntei como preencheria aquelas lacunas. Dentro daquele casaco pesado eu já estava tremendo, e abracei meu próprio corpo para me acalmar.

— O que está havendo com você, Aud? — perguntou minha mãe. — Você parece estar quente e incomodada. Está com febre?

Eu dei de ombros, esquivando-me da mão dela em minha testa, e esfriei as bochechas tocando nelas com as mãos geladas. Nosso carro cheirava a especiarias, canela e maçãs; minha mãe passou a tarde na cozinha fazendo uma torta e estava levando vinho e um pacote de velas faiscantes. Tentei não demonstrar minha agitação e olhei para a noite lá fora. O crepúsculo havia chegado em enormes faixas rosadas e roxas, o céu ondulante, doce e sedutor. Agora, tudo já estava imerso em uma escuridão completa. Mordi o meu lábio, distraíndo-me da sensação que tinha no estômago, como se houvesse um cardume de peixinhos nadando dentro de mim, debatendo-se e agitando-se, dando cambalhotas sem parar.

— Foi muito legal Sue ter nos convidado — disse minha mãe quando estacionou diante dos portões da fazenda. — Deixe-me orgulhosa e comporte-se. Tenha cuidado quando estiver perto do fogo e, Peter, fique sempre com as luvas. — Ela estava brigando com o botão da gola do casaco de Peter, até que desistiu. — Vamos procurar Sue.

A fazenda estava iluminada como uma terra encantada. Luzes piscantes brilhavam ao redor do celeiro e ao redor da casa. Havia luminárias penduradas nas árvores, enormes velas ardentes despejadas no interior de vasilhas de vidro ladeando a via de acesso. E em algum lugar no meio disso tudo estava Leo. Este era um outro mundo. Qualquer coisa poderia acontecer aqui.

— Está tudo bem, Aud? — Minha mãe olhou para mim. — Você está muito quieta. O que houve? Está se sentindo bem?

— Estou bem. Está tudo bem. Obrigada por nos trazer aqui. — Eu sorri

para ela, mas ela não viu; estava tentando enxergar no meio da escuridão.

— Está reconhecendo alguém?

— Não. Acho que não. — Havia muitos rostos, em sua maioria adultos, e algumas crianças menores escrevendo seu nome no céu. Nada de Lizzy. Respirei aliviada. Peter ficou perto de mim, segurando na minha mão. Eu não parava de olhar em volta à procura de Leo.

— Lorraine! — Sue apareceu no meio da escuridão e beijou minha mãe.
— Que bom que você veio, e Peter também. Maravilha! Venham, vou apresentá-los para alguns dos outros convidados.

Minha mãe entregou a bolsa de guloseimas.

— Ah, é muita gentileza. Sério, não precisava ter feito isso — exclamou Sue, e levou-a consigo. Enfieei a mão no bolso e comecei a caminhar na direção do campo mais baixo, onde a fogueira já crepitava.

— Certo — eu disse a Peter. — Vamos lá.

Caminhamos na direção da luz. Ao chegar mais perto eu vi Leo no campo, usando seu casaco de lã, botas de borracha e uma touca azul-marinho na cabeça. Estava mexendo com alguns fogos de artifício, preparando um foguete. O artefato decolou e subiu ao céu, deixando uma longa cauda de fogo para trás, e depois explodiu, fazendo Peter saltar com o susto.

— Leo! — gritei, acenando. — Leo, oi!

Ele veio até onde estávamos, acelerando o passo.

— Oi. — Aquela única palavra serviu para me animar. E me senti mais alta.

— Oi. Nós chegamos. — Eu estava dizendo o óbvio, como uma idiota. Mas ele não disse nada, apenas continuou sorrindo, um sorriso bem maior do que o normal para ser algo natural. Aquilo me deixou nervosa, como se houvesse alguma piada que eu não soubesse. Talvez fosse algum tipo de truque. Talvez Lizzy e suas amigas fossem saltar de trás da fogueira, com máscaras de Halloween no rosto, e nos arrastar para as chamas.

— Ótimo. Venha, vamos pegar alguma coisa para vocês beberem, algo para comerem.

— Vamos.

Nós o seguimos de volta para casa e depois ficamos juntos ali fora, observando tudo a distância. Havia muitas pessoas que eu não reconhecia, andando por toda parte, e mais gente que chegava o tempo todo. Observei cuidadosamente a multidão, procurando por outros alunos da escola que eu precisaria evitar.

— Quem veio para cá?

— Todo mundo, junto com os parentes.

— Você convidou alguém da escola?

— Não. Acho que não. Sue pode ter convidado; talvez haja um ou outro perdido por aí. Mas, você sabe, não somos tão amigos do povo da escola. — Ele puxou a touca mais para baixo, espiando por cima do ombro e me fazendo sorrir.

— Ah, sim. Bem, me diga se avistar alguém. Podemos sair correndo para outro lugar.

— Ei, boa ideia. Para onde você quer ir?

Apontei para o céu.

— Pegar uma carona em um dos seus foguetes. Lá em cima parece ser um lugar muito bom. Peter fez uma espaçonave muito legal — eu disse, e meu irmão pareceu ficar contente. — Devíamos ter trazido a nave.

— Fantástico. Para Marte, então? — Assenti. — Ótimo. Então nós temos um plano.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Eu estava um pouco agitada e tentei dar a impressão de que isso era fácil, imaginando quais eram as outras coisas estúpidas que poderiam ser ditas. Qualquer coisa era melhor do que o silêncio, ficamos ali como dois idiotas, como se alguém tivesse dado um nó nas nossas línguas. Eu me sentia acalorada e feliz pela escuridão, pois ele não podia me ver. Leo foi o primeiro a falar.

— Eu gosto deste aqui. E você? Qual é seu fogo de artifício favorito? Mas você só pode escolher um — disse ele.

— Gosto do mesmo. São bonitos. Como se fossem flores de fogo.

Estávamos perto um do outro. Peter escreveu seu nome no ar com uma vela faiscante. O cheiro de pólvora quente, fumacento e até mesmo meio mágico tomou conta do ar, e quando eu olhei para Leo ele não estava mais olhando para o céu; estava olhando para mim. E por um segundo eu senti meu estômago afundar. Não pisquei, simplesmente retribuí o olhar, com os olhos arregalados, e o mundo ficou realmente claro pela primeira vez para mim, iluminado pela enorme fogueira ao longe. Não foi minha imaginação; ele gostava de mim.

Terminamos de comer e voltamos para o campo. Quando ele estendeu a mão para que eu não perdesse o equilíbrio, eu tentei não pular como se fosse um coelho assustado. Você é uma palhaça, eu disse a mim mesma, e pare de dar vexame. E eu juro que estava tentando, mas era difícil. Porque eu sabia que essa era minha chance, talvez a única.

Ele estava bem perto. Seu braço — eu o senti, mesmo com todas as camadas de roupa que usava, como se nossa pele estivesse se tocando. Senti meu rosto formigar. Partes do meu corpo que eu não queria saber que existiam estavam vivas e pulsantes. Na minha nuca, nas bochechas, no couro cabeludo, dentro da blusa, subindo e descendo pelas minhas pernas. Se alguém me lambesse, sentiria uma efervescência na língua. Ele não lambeu, mas disse meu nome e isso indicava que tinha mais a dizer, que não havíamos esgotado nosso estoque de assuntos idiotas para conversar. As palavras eram fios invisíveis que corriam entre nós, tecendo uma teia que nos ligava. Fazia com que deixássemos de ser estranhos e nos transformássemos em amigos. E de amigos em algo mais.

— Escute — disse ele. — Não podemos conversar aqui. — Ele pegou minha mão e me levou para longe do fogo.

— Sobre o que você quer falar? — perguntei. O celeiro estava escuro e silencioso, e os cheiros de feno fresco e do pônei tomavam conta do lugar. Leo não teve chance de responder; eu continuei a falar.

— Aposto que minha mãe lhe contou, não foi? — Leo não fez menção de fingir que não sabia do que eu estava falando. — Então, o que você acha? Agora você sabe que eu sou *louca*, como Lizzy diz. — Fiz sinais de aspas

com os dedos ao redor da palavra. Era melhor enfrentar aquilo de uma vez.

— Não me importo. — Ele estava sorrindo.

— Está falando sério?

— Estou, sim.

— Eu tenho depressão — eu disse a ele. — De verdade. E às vezes eu me corto. — Dei de ombros. — Isso faz de mim uma garota louca?

— Acho que não cabe a mim dizer, Aud — disse Leo em voz baixa. — Eu acho que você é um doce. Isso é tudo. E todo mundo tem sua própria dor. Você não precisa ter vergonha disso. E, se você está doente, então pode melhorar. É isso que você precisa ter em mente.

Pensei naquilo e fechei os olhos. Melhorar. Sim. Quando eu olhei para Leo outra vez, os olhos dele estavam fixos no meu rosto. Era um tipo de olhar sério, o tipo que fazia com que minhas entranhas se retorcessem. Eu pisquei, tirei os óculos, esfreguei os olhos, tentando não acreditar com tanta certeza. Mas Leo era fabuloso. Essa era a única palavra. Ele estendeu o braço e pegou minha mão.

— Espere — ele disse, tocando meu rosto. E se aproximou um pouco mais. — Audrey, o que você...

Não deixei que ele terminasse a frase. Chega de conversa. Sem nada a perder, eu o beijei, repentinamente me sentindo corajosa e esperançosa e idiota e convicta, tudo de uma vez. Começou bem rápido; logo depois, como ele não se afastou, a coisa aconteceu do jeito certo: um beijo mais maduro que eu nem imaginava que sabia dar. Minha cabeça explodiu. Minha pele queimava. Quando ele apertou o abraço, eu o beijei com mais força. Rápido, depressa, roube isso aqui, tudo; talvez não houvesse outra oportunidade, talvez nunca mais, e eu coloquei meus braços ao redor do pescoço dele e meu coração em suas mãos.

E depois ouvi alguém gritando meu nome, fazendo-o ecoar por toda a noite.

— Audrey, Audrey! Onde está você? — Minha mãe. — Aaaaau-drey! — berrava ela.

Leo



Audrey correu. Ela o beijou e saiu correndo, e Leo conseguiu um rápido vislumbre do seu rosto, cheio de alegria e medo e horror antes que ela saísse em disparada e ele conseguisse ir atrás dela, ainda um pouco atordoado e chocado. Consequia ouvir Lorraine a dez metros dali, com a voz vibrando como a corda de um violão desafinado.

— O que você estava fazendo? Onde estava? Procurei você por toda parte.
— Lorraine estava reclamando quando Leo se aproximou delas, colocando-se diante do celeiro. Talvez ela os tenha visto entrar ali. Bem, e daí se viu? Ele não estava envergonhado. Mas a expressão de Audrey ficou escondida no escuro, e Lorraine estava entre eles; claro, ele podia simplesmente passar por ela, pegar a mão de Aud e puxá-la para longe. Beijá-la daquele mesmo jeito. Passar a noite inteira fazendo isso. Aparentemente, ele sentia saudade de beijar. Houve até algumas oportunidades, mas aquilo não era algo que ele encarava de maneira leviana. Houve aquela vez com Jecca, é claro, mas a atenção dela estava muito, muito longe. Como se ele não estivesse beijando do jeito certo. E ele preferia não se lembrar de Lizzy. Com Audrey, alguma coisa havia se encaixado muito bem.

— Em lugar nenhum. Estava apenas dando uma volta — disse Audrey, e ele viu Lorraine a olhar de cima a baixo antes de se virar e encará-lo com uma expressão séria. O que estava acontecendo?

— Seu irmão sentiu sua falta — disse Lorraine, ainda com os olhos em Leo, e Audrey se virou para examinar o lugar.

— Desculpe. Onde ele está? — Eles olharam na direção da entrada da fazenda, e Leo viu que Peter estava com Sue, agitando outra vela faiscante.

— Ele está bem — disse Leo. — Olhe, ele está ali. — Lorraine acompanhou a linha indicada pelo dedo dele. Segurou no ombro de Audrey e

lhe deu um pequeno empurrão.

— Ótimo. Bem, ele precisa ir ao banheiro, Aud. Vá levá-lo.

Audrey saiu rápido e Leo estava prestes a segui-la quando sentiu a mão de Lorraine em seu braço. Ele se esquivou instintivamente.

— Leo — disse Lorraine, mas os olhos dele acompanharam Audrey. — Leo? — repetiu ela, dizendo seu nome como se eles fossem íntimos, aproximando-se como se quisesse que ele a encarasse. Os olhos de Lorraine encontraram os dele, mas Leo desviou o olhar outra vez, procurando alguma coisa para dizer.

— Quer que eu lhe traga alguma coisa para beber?

— Sim — disse Lorraine, continuando perto dele enquanto caminhavam rumo ao bar improvisado, puxando assunto, perguntando sobre seus pais e seu passado. Não importa quanto tentasse, Leo era incapaz de se esquivar da atenção de Lorraine. E Audrey havia desaparecido.

— Vamos lá, Leo — disse Lorraine. — Vamos até o campo para nos aquecermos na fogueira. Ficou muito boa. Foi você quem a preparou, não foi? Você e Sue? Ela diz que você é um bom rapaz. — Lorraine estava sorrindo para ele. — Seria muito bom ter alguém para me ajudar, Leo, um garoto. Mas não tenho sorte com homens. Meu marido era um desperdício de espaço; ele nos largou há vários anos. Não consegui lidar com o fato de que Audrey passava o tempo inteiro doente. E, com os problemas que Aud tem, simplesmente não me sobra tempo para aproveitar a própria vida.

Leo não gostou quando Lorraine enlaçou o braço dele entre o dela, ou quando ela tropeçou contra seu corpo enquanto eles caminhavam. Quando ela ria, seu hálito soprava diretamente no rosto de Leo, invadindo seu espaço.

— Você é um rapaz bonito, Leo — disse ela, examinando-o bem de perto, e soltou uma risada curta, surpresa.

— Obrigado. — Não havia outra maneira de responder àquilo.

— Não me admira que minha Audrey goste de você — confidenciou ela.

Leo não tinha uma resposta agora. Não fazia ideia do que devia dizer em tais circunstâncias.

— Mas ela é uma garotinha, Leo; não está preparada para rapazes. Para falar a verdade, ela nem sequer chegou a ter sua primeira menstruação, isso seria um pesadelo para ela. — A voz de Lorraine estava baixa e tinha um tom de cumplicidade, como se quisesse convidá-lo a compadecer-se, a reconfortá-la, a compartilhar algo. Não.

Ele se afastou. A respiração de Lorraine era pesada, próxima demais, assim como a presença do seu corpo. O brilho oleoso de sua testa e do nariz. O batom como uma segunda pele, grosso; sua língua deslizando sobre ele, rapidamente, pegajosa. Leo não gostava daquilo; não gostava nada do que estava acontecendo.

— Não entenda isso de maneira errada — prosseguiu Lorraine. — Mas, bem, eu acho que você devia procurar alguém que fosse mais madura. — Leo tossiu. Isso não podia ficar mais estranho. Talvez alguém tivesse colocado alguma coisa na bebida dele e ele estivesse sofrendo alguma alucinação maluca. Ele olhou para todos os lados, para o céu, para a noite, para os outros rostos. Não para a mãe de Audrey. A mãe dela.

— Bem, e então? — disse ela. Estava claro que ela esperava uma resposta.

— Desculpe. O que foi?

— Que tal sairmos para beber alguma coisa, só nós dois? E conversar sobre algumas coisas. Sobre Audrey. Sobre qualquer coisa que você queira. Eu conheço um bar bem legal. Eu me sinto sozinha, Leo. Preciso sair um pouco. Me divertir um pouco. Eu me mudei para cá por causa dos meus filhos, para lhes dar uma vida melhor. Mas às vezes precisamos pensar em nós mesmos. Afinal, eles não vão ficar felizes se eu estiver triste, não é?

Ele balançou a cabeça negativamente. Era a conversa mais estranha que já tivera em toda a sua vida. Se estivesse entendendo direito a situação, então a mãe de Audrey estava dando em cima dele. E isso era revoltante. Na verdade, era uma coisa que passava de todos os limites da imundície. Mas ela também queria sua piedade, como se estivesse tentando manipular seu sentimento de culpa para que Leo concordasse em sair com ela. Ele enfiou as mãos nos bolsos. Limpou a garganta.

Lorraine ainda estava esperando uma resposta. Ele não conseguiu olhar para ela. Um foguete decolou com um estrondo e rasgou o céu.

— Vou lá ajudar com os fogos de artifício — disse ele, afastando-se e correndo para longe.

Audrey



Minha mãe estava esperando do lado de fora da porta quando eu saí com Peter. Passamos algum tempo na casa com Mary, que estava se escondendo dos fogos de artifício. Peter gostava de fazer carinhos nela e eu estava tentando acreditar no que tinha feito. Sim, eu o beijei. E agora?

— Não desapareça de novo, está bem? — disse minha mãe. Ela estava com as bochechas ruborizadas, o hálito doce, mas ao mesmo tempo ácido. Colocou o braço ao meu redor, mas eu me afastei.

— Certo — eu disse, esquivando-me. — Tudo bem.

— Está ficando tarde.

— Precisamos mesmo ir?

— Vou lhe dar mais meia hora. É o bastante, não é? — disse ela enquanto Sue se juntava a nós e as duas brindaram tocando os copos. — Nós também fazíamos festas com fogueiras, não é mesmo, Aud?

— Fazíamos? — perguntei, revirando a memória para tentar lembrar quando isso acontecia. Meu cérebro era como uma peneira; isso acontecia por causa da medicação, dizia minha mãe, e eu acho que ela tinha razão.

— E então, o que está havendo? — sussurrou minha mãe um pouco mais tarde, e eu a cutuquei.

— Shhh. Ele vai escutar. — Leo estava conversando com um grupo de amigos de Sue. Estava com as bochechas rosadas e os olhos ardendo como duas brasas.

— E daí? Ele é um gato, não acha, Aud?

— Mãe!

— Ah, o que é isso? Ande, é só me dizer. Sabe de uma coisa? Eu não me

importaria nem um pouco. Ele é como aquele Harry Styles, só que mais elegante e com uma aparência um pouco mais exótica. Faz meu tipo.

— Mãe, não fale uma coisa dessas. Ele é legal. É um amigo. Só isso.

— Tenho certeza que é. — Ela engoliu ruidosamente o que tinha no copo, esvaziando-o. — Não nasci ontem, Aud. Sei como as garotas são. E garotos também. Com a idade de vocês, é só nisso que pensam.

Outro conjunto de fogos de artifício decolou. Crepitou e cantou. Vermelho. Âmbar. Verde. Minha mãe bateu palmas, nós dissemos “ohhh” e “ahhh”. Olhei em volta procurando por Leo, mas ele havia desaparecido, e eu comecei a me perguntar se aquilo realmente acontecera, se eu realmente o havia beijado e ele não se importou. Ele retribuiu o beijo. Meu rosto ficou iluminado como o céu.

Na manhã seguinte minha mãe gritou, dizendo que sua cabeça estava latejando. *Não devia ter bebido tanto, não é?*, pensei, mas levei bastante água para ela, dois comprimidos de paracetamol, chá e torradas.

— Desculpe, meu bem — disse ela, olhando para cima, com o rosto dolorido, manchado com a maquiagem que ela não havia removido. — Tive uma semana horrível. E depois eu bebi demais tentando relaxar. Isso nunca acaba bem. — Ela gemeu e em seguida sentou-se na cama e pegou a xícara. Bebeu e gemeu outra vez.

— Está tudo bem, mãe. Esqueça isso.

— Parecia que você estava se divertindo bastante. — Ela deixou a xícara na bandeja e mordeu um pedaço da torrada, espalhando as migalhas.

Minha mãe olhou para mim, e eu achei que ela viu algo de bom, porque sorriu antes de falar com a boca cheia de pão, a voz grossa e abafada.

— Bem, tenha certeza de que está se cuidando. Eu gosto de Sue; ela é uma pessoa muito boa. Mas aquele sobrinho dela... não sei. — Ela estava me observando, mastigando. Seus olhos estavam vermelhos e inchados.

— Por quê?

— Tenho um mau pressentimento em relação a ele. Ele se acha o tal. Acha que sabe de tudo.

— Ele não é assim.

Quando minha mãe encasquetava com alguém, era o fim. Nunca mais haveria uma convivência pacífica.

— Ele é um esnobe — disse ela. — Eu vi o jeito que ele me olhava. O jeito que vocês dois me olhavam.

Dei as costas para ela, querendo ir embora.

— Venha aqui. Venha aqui e se sente comigo. — Minha mãe deu palmadinhas nas cobertas e eu me sentei ao seu lado. Enquanto tomava o chá, ela mudou o assunto, voltando a falar sobre seus plantões da semana anterior. A menininha de quem estava cuidando. Ela tinha apenas oito anos.

— Lembra-se de quando você tinha oito anos, Aud? Você passou o verão daquele ano no hospital. E depois você pegou aquela infecção. Foi um horror. E ontem à noite eu não conseguia tirar isso da cabeça, quanto aquela época foi ruim, e o que eu senti quando você era a menina deitada ali, tão doente. Acho que foi por isso que eu exagerei na noite passada. É algo bobo, eu sei.

Tentei acreditar nela. Tentei sentir pena.

— Aquela menina é muito bonita. Annabel é o nome dela. Um belo nome. Parece-se um pouco com você. — Os dedos da minha mãe deslizaram pelo meu cabelo, retorcendo mechas, atando nós. Afastei a cabeça com um movimento brusco e alisei o cabelo com a mão.

— Não pense nisso, mãe. Tente pensar em outras coisas. Estou bem agora. Talvez Annabel fique bem também.

— Mas você não está bem, não é? Ela também não, e ficar apenas desejando que as coisas sejam diferentes não adianta nada. É um pesadelo. Aquela pobre mãe. — Ela se sentou mais perto, fazendo com que eu comesse a sentir um calor desagradável. — Fui até lá e simplesmente a abracei. Ela estava chorando como se seu coração tivesse sido despedaçado. Quase despedaçou o meu. — Não sirvo mais para esse trabalho, Aud. Não aguento mais isso. Acho que é por isso que fiquei um pouco bêbada ontem.

— Não tem importância. Esqueça.

Minha mãe me beijou no alto da cabeça e depois pegou o controle remoto.

— Vou ver um pouco de TV. Vá separar as roupas lavadas para mim, Aud. E limpe um pouco a casa. E nada de andar de mãos dadas com garotos. Você achou que eu não tinha visto, não é? — Ela piscou. Deu uma mordida no seu sanduíche, concentrando cada vez mais a atenção no programa.

— Tanto faz — eu disse, imaginando se eu deveria ir até a casa de Leo e explicar a ele.

Desci as escadas e enfileirei meus comprimidos no balcão. Um para que eu não me sentisse deprimida. Um para que eu parasse de sentir enjoo. Um para que eu dormisse o dia inteiro. Um para me impedir de abrir cortes nos braços, pernas e coxas. Havia comprimidos para tudo. Para tudo, exceto um comprimido para que eu pudesse ser livre.

Leo



O beijo de Audrey foi um choque. Leo não tinha certeza de que ela realmente gostava dele desse jeito. Pensou que, se alguém tivesse de tomar a iniciativa, teria de ser ele, e o fato de que Audrey se adiantou o fez rir. Ligaria para ela mais tarde e diria alguma coisa. Diria quanto estava feliz. Diria quanto havia sido bom, como ele se sentiu. Ele contorceu o rosto, pensando, e olhou fixamente para o telefone. Diabos. Não tinha o número dela. Não importava; as aulas começariam no dia seguinte e ele a veria novamente. Mesmo assim, nesse meio-tempo ele podia simplesmente sair para correr e passar casualmente na Granja, apenas para ver se ela estava lá.

— Por que está tão animado? — perguntou Sue enquanto eles recolhiam o lixo da noite anterior.

— Por nada.

— Divertiu-se ontem à noite, então?

— É claro que sim.

Sue deu um sorriso torto.

— O que foi? — Leo riu, encarando-a com olhos arregalados e inocentes.

— Sério, o que foi?

— Ah, nada. Nadinha mesmo — respondeu ela, deixando-o sozinho, assobiando enquanto voltava para dentro da casa.

Entretanto, mais tarde, quando ele passou pela Granja, tudo estava quieto, estranhamente silencioso. Ele parou, com a respiração criando pequenas nuvens de vapor no ar gelado de novembro. De agora em diante ele faria mais do que apenas ajudar, decidiu Leo. E, se Lizzy Carr tentasse alguma coisa, ele interviria imediatamente. Era uma missão. Ele voltou a correr pelo campo, dando olhadas para trás, mas nada se mexeu.

Audrey



Leo me encontrou durante o intervalo na segunda-feira, quando entrou na sala de aula e pegou na minha mão. Alguém assobiou e eu vi o rosto de Lizzy pelo canto do olho antes que ele me puxasse para o corredor. No começo nós simplesmente sorrimos um para o outro.

— Leo...

— Audrey...

Nossas vozes se embolaram e eu fiquei corada e olhei para baixo, para o chão, e depois de volta nos olhos dele. Eu podia simplesmente beijá-lo outra vez; isso já havia funcionado. Mas estávamos na escola. E não podíamos transformar isso num hábito, não se pode beijar pessoas no instante em que elas demonstram um mínimo de atenção.

— Senti saudade de você — disse ele, e isso me fez soltar uma gargalhada bem barulhenta.

— Mas a gente se viu no sábado à noite — eu disse.

— Já faz séculos. E eu não tenho seu telefone. Por que eu não tenho seu telefone?

Dei de ombros, ainda sorrindo. Ele franziu a testa e enlaçou as duas mãos ao redor da minha.

— Depois da escola, então? Pode vir até a fazenda?

— Vou tentar — eu respondi, e ele fez que sim com a cabeça e segurou na minha mão por um segundo antes que o sino da escola nos pegasse de surpresa. Ele soltou minha mão e foi embora.

No fim do dia, minha mãe estava me esperando no carro, diante do portão, e eu nem mesmo tive a chance de dizer a Leo que nossos planos teriam de ser

adiados.

— Vamos logo — gritou ela. — Estou aqui, Aud! — Os outros alunos que estavam diante da escola se viraram e começaram a olhar. Peter já estava no banco de trás, batendo com a borda de sua pedra no vidro. Minha mãe estendeu o braço e arrancou-a da mão dele.

— O que está acontecendo? O que houve?

— Nada de pânico. Apenas sua consulta — disse ela. — Não me diga que esqueceu?

— Ah. — Comecei a respirar outra vez. — Achei que fosse na semana que vem.

— Eu adiantei. Foi sorte telefonar para a clínica; eles tinham uma vaga. Consegui convencer a secretária.

— Mãe... — Aquela palavra saiu com a voz chorosa que as crianças pequenas usam.

— Qual é o problema? Você não tem algum outro compromisso, ou tem?
— Ela ergueu o que restava das suas sobrancelhas. Havia tirado os pelos com tanta força que a pele ficou em carne viva.

— Não. É óbvio que não. Porque eu não tenho vida própria, não é?

— Cuidado com o que diz, mocinha.

Ela passou o resto do percurso sem conversar. O ar no interior do carro ficou quente e espesso, e eu abri a janela para poder me livrar daquele cheiro.

No hospital, nós ficamos uma eternidade esperando. É sempre assim. Até que entramos, deixando Peter na sala de espera, sentado e entretido com a caixa de brinquedos que haviam sido colocadas ali para crianças bem mais novas do que ele.

— Cuide dele para mim. Pode ser? — disse minha mãe para a mulher da recepção, que fez que sim com a cabeça e sorriu.

— Audrey. Senhora Morgan? — O homem vestia um terno de risca de giz. Estava com o rosto bem barbeado. Não se parecia com nenhum outro psiquiatra que eu já havia visto antes.

— Sim, somos nós — respondeu minha mãe, segurando a bolsa diante do corpo como se fosse um escudo, os olhos estreitados e perscrutadores.

— Sou Harry Wakeman. Sentem-se.

Minha mãe sentou-se, ergueu uma sobrancelha e olhou para ele — era o olhar fatal. Não causou nenhuma impressão. Harry Wakeman simplesmente sorriu e esfregou uma mão na outra antes de colocá-las sobre as coxas e se inclinar para a frente.

— Bem, a doutora Caldwell indicou Audrey para mim. Ela sugere que Audrey está lidando com uma boa quantidade de problemas. Gostaria de falar um pouco a respeito deles, se estiver tudo bem com vocês; tentar descobrir em que ponto estamos neste momento.

— Posso lhe contar imediatamente — minha mãe começou. Ele ergueu a mão.

— Espere um pouco, senhora Morgan. Vou conversar com você dentro de alguns minutos. Audrey, como você está? — Ele tinha uma voz bem amistosa, como se pudéssemos ser amigos. Eu odiava pessoas como ele. Não precisava de um amigo; precisava ter minha própria vida.

— Bem. — Cruzei os braços e também as pernas.

— Bem, Aud? — disse minha mãe, bufando e mexendo-se na cadeira.

Indiquei que sim com a cabeça. Ela suspirou.

— Receio que não seja o caso. Eu queria que fosse. — Ela começou a contar meus problemas na ponta dos dedos. — Depressão. Automutilação. Não dorme, é paranoica, recusa-se a ir para o próprio quarto porque diz que há alguma coisa ali, por Deus, alguma coisa que quer lhe fazer mal. — Isso indicava que minha mãe havia lido meu diário. Caso contrário, não saberia. Olhei para ela e tive vontade de estapeá-la. Com força. — Por isso, ela começou a dormir no sofá, ocupando a sala de estar toda noite. O humor dela varia bastante; num minuto está transbordando de alegria, no outro está emburrada, desagradável e fora do meu controle. E não estou falando sobre a revolta típica dos adolescentes. Eu preciso de ajuda. E preciso de ajuda agora.

— Certo, senhora Morgan. Se a senhora puder respirar fundo e se acalmar,

eu agradeceria. Vamos tentar lidar com essas coisas, uma de cada vez.

Mas minha mãe estava a todo vapor, o corpo rígido como uma barra de ferro e os ombros tensos.

— Além disso, há a questão do sexo. Há um garoto; ela é louca por ele e eu estou preocupada com o que pode acontecer.

— Como assim?

— Olhe, é óbvio que ela é vulnerável. E esse garoto é mais velho e pode estar querendo se aproveitar dela. Estou a ponto de dizer que não vou aguentar uma coisa dessas. Estou a ponto de dizer que não posso mais tê-la em minha casa.

— Como você se sente com isso, Audrey?

Dei de ombros, esfreguei as solas dos sapatos no chão, fazendo o piso guinchar.

— Isso deve fazer com que você sinta alguma coisa, ouvir sua mãe dizer que está tão preocupada. Tão irritada.

— Ela não vai falar com você — disse minha mãe, e eu comecei a bloquear o que ela dizia, comecei a murmurar baixinho, e depois cada vez mais alto. A boca da minha mãe ainda se movia, mas agora eu não a ouvia mais, e observei quando ela arregaçou a própria manga, exibiu o braço para Harry e mostrou os hematomas que ela tinha.

Harry disse alguma coisa para mim. Não consegui ouvir o que era, então simplesmente fiz que sim com a cabeça outra vez. Como aqueles cachorros idiotas que ficam sentados no banco traseiro dos carros, com a cabeça balançando para cima e para baixo, o sorriso torto e vazio.

Aquilo continuou por mais uns vinte minutos. Minha mãe falando coisas a meu respeito. Eu sem falar nada. O terapeuta tentando fazer com que eu me abrisse, como ele mesmo disse. Mas não havia razão para dizer a verdade a ele. Eu não era tímida, nem maldosa, nem insana. Não era nenhuma dessas coisas. Ignorando os dois, coloquei as mãos ao redor das pernas e encostei o rosto nos joelhos, murmurando e depois balançando o corpo. Para a frente e para trás; para a frente e para trás, como um berço feito para um bebê.

Qualquer coisa que fosse necessária para sair dali, para calar a boca dos dois.

Quando voltamos ao carro, eu não consegui evitar de soltar um enorme suspiro. Era muito trabalho, muito difícil não sentir. Não me importar. Minha mãe me deu palmadinhas suaves no joelho, cantando junto com o rádio enquanto dirigia.

— Não se preocupe, Aud — disse ela, olhando para mim por um segundo. — Estou aqui. Você vai ficar em casa comigo amanhã, meu amor. Bem e a salvo.

Na manhã seguinte minha mãe deixou Peter na escola e voltou para casa para ficar comigo. Ela passou uma eternidade falando ao telefone.

— Sua coordenadora é muito compreensiva, Aud — disse ela quando finalmente desligou. — É uma boa pessoa. Disse que vão mandar algumas lições para você fazer em casa e que vai avisar seus professores, de modo que você não fique atrasada com a matéria.

— Prefiro simplesmente ir até lá. — Era uma estupidez ficar sentada aqui quando não havia nada de errado comigo. E eu realmente queria ir. Lizzy não era nada. E eu tinha Leo.

— Não se preocupe, meu bem. Acho que você precisa descansar um pouco. Tire um dia para relaxar. Você está se esforçando demais, parece estar cansada. — Minha mãe me deu um abraço e me entregou um copo de suco. — O que você quer que eu lhe traga? Do que está precisando?

— Nada. — Eu fui até a janela e olhei para fora.

Minha mãe sentou-se ao computador, lendo seus sites favoritos, seu horóscopo, depois o meu, resmungando, rindo, lendo pequenos trechos sobre suas celebridades favoritas e a família real em voz alta. Não prestei atenção. Pensei em Leo. Estava sentindo uma comichão, louca para sair de casa e ir procurá-lo, apenas para conversar mais. Ele estava tomando conta da minha cabeça. Levando Peter de cavalinho sobre os ombros, segurando minha mão no parque de diversões, encontrando-me na escola, o rosto contente por me ver, e como ele sempre sabia o que dizer. Pensei em beijá-lo outra vez.

— Estou pensando em maneiras de deixar você ocupada, Audrey. Para que

você não passe tanto tempo pensando nos seus problemas — disse minha mãe, enquanto mastigava um pedaço de torrada e gesticulava em minha direção com a casca.

Não respondi àquilo. Houve uma vez em que ela tentou me ensinar a tricotar; aparentemente, aquilo me ajudaria a lidar com as coisas. Não consegui criar nada, me embolando nos próprios dedos. A mesma coisa aconteceu quando tentei fazer ponto cruz — transformei o fio de seda em uma bolota cheia de nós em questão de minutos.

— Achei que você poderia montar uma página. — Ela digitou “blogar” no Google. — Dê uma olhada nisso aqui. Está tudo aqui, todos os conselhos, como começar. Eu estava pensando que você poderia montar o seu próprio site ou coisa do tipo, só para manter a cabeça ocupada enquanto estiver em casa.

— E sobre o que eu escreveria nesse blog?

— Você sabe. O que você está sentindo e coisas assim. Poderíamos chamar o blog de “Uma Oração por Audrey”. O que acha? Haveria um monte de gente interessada, você sabe. Há muitos garotos e garotas por aí que são como você.

— Não sei. — Eu detestei aquela ideia. Detestei de verdade. Não queria revelar minha vida a pessoas que eu nem conhecia. Ou que elas ficassem olhando minhas fotos. Era como se eu subisse em um palanque e dissesse: “Ei, pessoal, olhem aqui, venham rir dessa menina esquisita”. Imagine se Lizzy encontrasse o blog. Imagine o que ela diria.

— Veja — disse ela, acessando um site. — Dê uma olhada nesta garota aqui.

Eu li o conteúdo. A página falava sobre a luta de uma menina contra o câncer; ela tinha só treze anos, havia fotos dela no hospital e uma longa lista de coisas que ela queria fazer antes de morrer.

— Mãe, não estou com nenhuma doença terminal.

— Bem, ainda assim, você está doente. E muito. Audrey, doenças mentais são coisas sérias. — Por um segundo, perguntei-me se ela preferia que eu tivesse câncer. Nesse caso, pelo menos ela conseguiria fazer com que as

pessoas sentissem pena de mim, ou dela. Eu seria uma paciente muito melhor.

— Acho que isso seria meio exagerado, mãe. Só isso. Tudo o que eu quero é ficar melhor. Voltar ao normal. As coisas estavam indo bem antes.

— Não estavam, Aud. Essa é a verdade. Você começou a se cortar outra vez; não está dormindo direito. Não pode fingir que está tudo bem; precisa encarar a realidade e se esforçar um pouco mais para melhorar. E, se esses médicos não conseguirem dar um jeito em você, encontraremos alguém que possa.

Deixei meu corpo cair em uma poltrona.

— Bem, aqui está o que vamos fazer: vamos montar esse blog assim mesmo. E aí você me diz o que acha.

Assim, minha mãe passou a manhã toda montando o blog. Tive de ficar ao lado dela e assistir. Admirar. Concordar. Minha mãe escolheu um conjunto de cores, coloriu tudo em tons de rosa e amarelo, encontrou algumas fotos minhas que iria escanear no trabalho. Eram fotos antigas de quando eu era bebê.

— Aqui está você, recém-saída do hospital — disse ela, olhando fixamente. — Olhe só, você era tão fofa. Pequeninha. Meu Deus, eu achava que ia quebrar você no meio se a pegasse nos braços.

— Tá bem, mãe. — Quando ela começava a agir desse jeito era impossível fazê-la parar. Após um minuto ela já estava em prantos, e eu odiava quando ela chorava. Aquilo me deixava louca, me dava vontade de sair correndo e arranhar meu rosto até ficar em carne viva.

— Você era tão linda. Essa coisinha fofa. Seu pai se apaixonou por você assim que a viu. Ele sempre foi um chorão, um coração de manteiga.

— Meu pai?

— Sim. — Era muito raro minha mãe falar nele. E nunca me deixava fazer perguntas.

— Você sabe onde ele está agora?

— Não. Por que deveria saber?

Por que ele saiu de casa? Era o que eu queria perguntar. Para onde ele foi? Podemos procurá-lo? Eu quero conhecê-lo, mãe. Por favor.

Ela deu uma olhada no relógio.

— E é hora de ir buscar Peter. Vá até lá, Aud. Traga alguma coisa para o chá da tarde também. Estou exausta com tudo isso. Preciso deitar um pouco.

Ela tomou um comprimido, um remédio para dormir que o médico da nossa antiga cidade havia prescrito para mim, e foi para a cama. Aqueles comprimidos funcionavam. Eram como tranquilizantes para cavalos ou coisa do tipo. Ela ficaria dormindo por várias horas, o que significava que, depois de ir buscar Peter, eu poderia finalmente procurar por Leo.

Leo



Leo pensava muito em Audrey; especialmente quando devia estar fazendo outras coisas. Como anotar a matéria de inglês no caderno ou simplesmente prestar atenção no professor. Ele apoiou a cabeça na mão e lembrou-se dela, e ficou contente. Os olhos grandes e escuros de Audrey olhando para ele, um toque de cinza e verde. E aquela boca. Macia. Totalmente macia. Durante todo o período das férias do meio do semestre ele se imaginou junto dela, imaginou-se embarcando e desembarcando junto dela nos ônibus de Londres, observando mostruários que abrigavam artefatos antigos, admirando dinossauros, crânios e sarcófagos. Ele podia sentir quanto ela se sentia empolgada em relação a tudo. Como se tudo aquilo fosse novidade. E agora ela não estava na escola.

— Alguém pode me dizer o que é um paradoxo? Hein? — O professor passou ao lado de sua carteira. Deu meia-volta. Começou a caminhar na direção oposta.

Ninguém respondeu à pergunta. Claro que não. Leo deu uma olhada na sala; pelo que percebeu, a maioria dos alunos estava dormindo.

Foi um erro erguer a cabeça. O senhor Bruce atacou.

— Então, Leo, talvez você possa nos iluminar. Você parece ser um poço de informações técnicas. — Por algum motivo o conhecimento prévio de Leo irritava o senhor Bruce. Ele tinha certeza de que já havia ouvido o professor reclamando sobre filhinhos de papai que andam por aí com a carteira cheia de dinheiro, ostentando seu pedigree. Leo poderia pôr o professor em seu devido lugar, mas havia guardado aquela história para Sue, e os dois riram do que ele falou.

— Claro. Eu sei o que é.

— Gostaria de compartilhar sua interpretação com o resto da sala?

— Se o senhor quiser...

— Quero sim. Vá em frente.

— Um paradoxo é uma contradição estranha — disse ele, olhando pela janela. — Como o fato de que supostamente somos livres para sair daqui... — ele olhou para o professor por um segundo, depois fez um gesto indicando a sala de aula — ... a qualquer momento, mas, se fizermos isso de verdade, então a merda vai bater no ventilador. Assim, ao mesmo tempo em que somos livres, nós não somos livres. Isso é um paradoxo. Algo que é verdadeiro e falso. Ao mesmo tempo.

O professor sorriu. Era a primeira vez que isso acontecia. Pelo menos ele conseguiu fazer com que uma pessoa ficasse feliz no dia de hoje.

— É uma definição interessante, Leo. Obrigado. Vou lembrar-lhe do que Jean-Jacques Rousseau disse, talvez com apenas um toque a mais de eloquência: “Um homem nasce livre, mas está acorrentado em todos os lugares”. Concorda com isso?

— Hum, talvez. Mas Rousseau era um desgraçado. Abandonou seus filhos. Aparentemente a filosofia era mais importante do que a paternidade. Assim, eu não concordo necessariamente com tudo o que ele disse.

Leo voltou a se distrair depois disso. Havia estudado Macbeth várias e várias vezes para se importar com equívocos, com o sobrenatural e com paradoxos.

O sino tocou e ele caminhou rápido, esquecendo-se de descansar depois de haver passado uma semana com a mãe. Eles entraram e saíram rapidamente de vários museus como se houvesse alguém em perseguição. Parecia que, quanto mais rápido eles iam, mais acabariam aprendendo, ou coisa assim. E sua mãe tagarelando sem parar sobre o futuro, o maldito formulário de inscrição na UCAS que ele ainda não havia preenchido atormentava sua consciência. Leo estava considerando a hipótese de fugir de tudo. Construir um barco e velejar pelo mundo. Talvez Audrey viesse com ele.

Estava em algum ponto no meio do mar quando ouviu alguém gritar seu nome.

— Leo, Leo! — Vozes em uníssono. Barulho forte de passos atrás dele.

Ele se virou. Peter veio correndo em sua direção, e Audrey estava logo atrás, apressada, os cabelos esvoaçando por trás da cabeça como a garota na pintura da galeria do Tate que ele admirou na semana anterior, pensando que a reconheceu ali. Sem perceber, até agora, como isso foi acontecer.

— Podemos ir com você? — pergunta Peter, passando por Leo, que parou onde estava. — Quero jogar futebol.

— Só se for agora.

Leo segurou a mão de Audrey, não ouviu quando ela disse “pare”, mas percebeu seu riso como o canto de um pássaro no coração e a puxou pela trilha; ele jurou que, naquele exato momento, eles poderiam sair voando.

Audrey



Na fazenda de Sue, nós nos empanturramos, revirando os armários à procura de salgadinhos, e depois deitamos no carpete velho da sala de estar quando começou a escurecer. Leo se agachou atrás de um toca-discos e começou a examinar uma pilha de álbuns. Peter e eu sabíamos para que serviam aqueles discos, porque antigamente tínhamos uma coleção enorme que abrangia várias décadas. Eram do meu pai, dizia minha mãe, mas ela os deixou para trás quando ele saiu de casa. Beatles, Velvet Underground, Lou Reed, misturados com as obras de Elton John, Tom Jones e Cher da minha mãe. Os discos de estimação do meu pai eram os LPs dos Rolling Stones, as primeiras prensagens que ele teve de cavoucar em vários leilões para poder encontrar. Minha mãe os quebrou no porta-malas de um carro antes de nos mudarmos. Disse que já era hora de fazer isso; não consegui aguentar olhar para aquilo. Peguei na mão de Peter e saí de perto, deixando-a ali.

— Ah, meu Deus. Nós tínhamos esses aqui. — Eu virei a cópia de *Loaded*, e os nomes das canções sorriram para mim como se fossem velhos amigos.

— É mesmo?

— Sim. — Eu me lembrava de dançar. Ser erguida bem alto e depois cambalear, estonteada, com as mãos agarrando pedaços do carpete quando eu voltava ao chão, meu pai me erguendo, rindo. Um beijo no alto da cabeça.

Leo riu.

— Escolha um disco. Qualquer um. — Ele se afastou um pouco e deixou que eu olhasse a coleção.

Era uma escolha difícil. Eu poderia passar o dia inteiro simplesmente olhando as capas.

— Certo. Escolho este aqui. — Entreguei *Please Please Me*. — Estou com

vontade de dançar — eu disse, e logo depois mordi o lábio. Sério, Aud? Sério? Você vai dançar? No meio do dia? Na frente do Leo?

— Legal. — Ele tirou a capa do disco, segurando-o pelas bordas, equilibrando-o entre os dedos. — Estes discos pertenciam ao marido de Sue. Ela me deixa ouvi-los. Acha que talvez ele pode ouvi-los também, onde quer que esteja.

— Por quê? O que aconteceu com ele?

— Ele desapareceu. Simplesmente atravessou os campos certa noite e nunca mais voltou. Sue acha que ele caiu na areia movediça. Você sabe, fica alguns quilômetros mais adiante, perto da margem do rio. Era bem cedo quando aconteceu. Naquela hora não haveria ninguém por perto para ver acontecer ou para ouvir os pedidos de socorro.

— Areia movediça? Está falando sério? — Estremeci. Imagine só: você tenta se salvar, agarra pedaços de terra que se dissolve, a lama enchendo a sua boca, seus olhos, engolindo-o por completo. Minha respiração se acelerou; senti o sangue pulsar nos ouvidos.

— Sim, desculpe. Não é uma história muito agradável. — Leo mordeu o lábio; parecia se sentir culpado por algum motivo.

— Não, não. — Agitei o corpo. — Esse é meu pior pesadelo, só isso. Me afogar desse jeito. Ou de qualquer jeito. Ser enterrada viva. — Esfreguei o tornozelo; estava doendo mais uma vez depois da caminhada, mas eu me levantei e afastei a dor. — É melhor não falar sobre isso.

Ele colocou o disco no toca-discos, apertou um botão, os alto-falantes crepitaram e a música começou a tocar. Merda, que vergonha!

— Pete — chamei. — Peter, venha dançar.

Peter chegou correndo, enfiando o que restava do seu sanduíche de geleia na boca, e Mary logo atrás. Segurei nas mãos de Peter como meu pai fazia comigo e o girei até que ele estava gritando e eu fiquei tonta. Quando eu o soltei, nós dois caímos um por cima do outro. A próxima música era mais lenta. Leo levantou a agulha e a colocou sobre a última faixa.

— *Twist and Shout*. Você vai ter de levantar de novo, Audrey. Nada de

desculpas.

— Tudo bem. Aposto que sei dançar o twist melhor do que você.

— Quero só ver.

Levantando-me com um salto, impulsionada pela voz rasgada de John Lennon, nós saltamos, nos contorcemos, gritamos e berramos, competindo para ver quem era capaz de manter as notas mais altas por mais tempo, quem era capaz de gritar mais alto. Peter colocou as mãos nos ouvidos e eu estava rindo e cantando ao mesmo tempo, Leo também. Leo sabia dançar. Não estava envergonhado; ele não se importava, e eu também não. Quando o disco terminou, a sala lentamente voltou a ficar em silêncio e nós ficamos ali, um olhando para o outro, sem fôlego, ainda sorrindo.

— Há muito tempo que eu não fazia isso — disse Leo. — Como foi que esqueci?

— Eu também. Devíamos fazer isso todos os dias.

— Com certeza.

— Eu, não — disse Peter, correndo outra vez. — Vou lá para fora.

Ele saiu em disparada, com Mary ao seu lado.

— Agora sou eu quem escolhe.

Leo pegou o álbum do Velvet Underground que eu estava olhando há alguns minutos e, conforme a música tocou, mais memórias voltaram a encher minha cabeça: uma pequena sala de estar, meu pai deitado em um sofá, os pés para cima, fumando um cigarro caseiro, folheando uma revista, janelas abertas, as cortinas voando ao sabor da brisa e eu, dançando com a minha boneca ao redor da mobília. Leo estendeu a mão e eu a peguei. Ele me puxou para perto e nós começamos a dançar uma valsa. Eu o segui para onde ele me guiava.

— Que instrumento é esse? Um Glockenspiel? — Eu escutava, com a cabeça apoiada em seu ombro.

— Não, é uma celesta. Mas o som é parecido — murmurou ele.

— Uau. Nunca ouvi falar nisso antes — eu disse enquanto Lou Reed

suspirava a letra de *Sunday Morning*, com Nico cantando daquele jeito esquisito por trás dele. — Como você sabe de tudo isso?

— Audrey, preciso lhe dizer uma coisa. Eu conheço um monte de informações aleatórias e inúteis. Já vou me desculpar antecipadamente por isso.

Deslizamos por cima do tapete da sala; ele me curvou para trás e depois me puxou de volta. Meus cabelos se moviam como a vela de um barco.

— Não é inútil. É muito bom.

Leo deu de ombros e me fez girar.

— Você sabe tocar? — perguntei.

Puxando-me para perto de si, ele ignorou a pergunta.

— É claro que sabe, Audrey. Ele simplesmente não quer. — Levei um susto enorme; ali estava Sue, enfiando a cabeça pelo vão da porta e sorrindo. Quanto ela havia escutado? E visto?

— Obrigado, tia. — Leo fez um gesto para que ela fosse embora.

— Foi um prazer, querido — disse ela, desaparecendo outra vez.

— Por que você não toca? — perguntei a Leo quando ele me puxou de volta. O queixo dele repousava sobre minha cabeça.

— Porque minha mãe me obrigou a tocar piano por vários anos quando eu era criança. Eu odiava isso. E ainda odeio. Era uma forma de tortura, na verdade. — Ele agitou os dedos de uma das mãos. — É surpreendente que minhas mãos não tenham caído. Eram horas e horas de ensaios.

— Minha mãe nunca me obrigou a fazer nada disso. Eu acho que gostaria de fazer aulas de alguma coisa. Talvez piano. Ou trompete. — Devia ser muito estranho ter uma mãe que pensava que você pudesse fazer certas coisas, mas não acreditava que você pudesse fazer de fato. Ou esperava que não pudesse.

— O piano foi só o começo. Teve também o mandarim, todas as aulas de tênis e a merda do violino. — A amargura escorria daquelas palavras. Foi a primeira vez que vi a boca de Leo se retorcer daquele jeito feio. Mas era

porque lhe doía; e eu entendi isso. A música terminou e Leo deixou que eu me afastasse. Ele se espreguiçou. Em seguida sorriu e foi até a estante de livros, andando de um lado para outro. Joguei-me no sofá e me encolhi, escutando.

— Desculpe. Eu a vi na semana passada. Ela continua igual.

— Igual? Como assim? — Meu olhar cruzou com o dele.

— Ela passou a vida inteira querendo que eu fosse algo que não sou. Algum tipo de menino gênio ou coisa do tipo. — Ele riu, envergonhado. — Acho que sou uma espécie de decepção.

— De jeito nenhum.

— Ah, sou sim. Mas não se preocupe. Estou perfeitamente feliz com essa situação.

— Então é por isso que você não mora com eles? Porque não se dá bem com sua mãe?

— Não é bem isso. Não comece a... — Ele parou para medir as palavras. — Não é exatamente assim. — Ele examinou a sala, olhou pela janela por um minuto e depois voltou a me encarar. — Isso é horrível. Não me entenda mal, minha mãe é uma pessoa legal. Inteligente, elegante e engraçada. Acho que você ia gostar dela.

Concordei com um aceno de cabeça porque eu sabia como ele se sentia e o rosto de Leo demonstrava ansiedade, e ele esfregou as faces com as mãos.

— Mas... não sei. Quando estou com ela, parece que estamos jogando uma partida infernal de pingue-pongue; ela insiste em bater nas bolinhas com toda a força, e, cada vez que eu consigo rebater uma delas, ela devolve com o dobro da força e da velocidade. Depois de um tempo, ela ganha. Toda vez. — Ele soltou uma risada curta. — Mas Sue não se importa com provas, com atividades extracurriculares ou nada do tipo. Ela simplesmente quer que eu seja feliz. Foi ideia do meu pai me mandar para morar aqui. Depois que eu tive aquele colapso nervoso. Suspeito que ele tenha ficado constrangido.

— É mesmo? — Apertei o queixo contra os joelhos. Leo teve um colapso. Eu nunca imaginaria; não achava que isso seria possível. Pisquei lentamente

os olhos, absorvendo aquela informação antes de voltar a olhar para ele. Tentei fazer com que meu rosto demonstrasse o que eu sentia. Que aquilo não tinha importância e que eu entendia. Que eu o entendia. Ele se sentou ao meu lado.

— Já faz uns dois anos, Aud. Eu surtei, acho. A pressão foi demais. Não consegui aguentar. Mas... — ele tocou minha mão, de leve — não fique desse jeito. Estou bem agora. Totalmente curado.

Achei que ele estava triste, mas ele sorriu. Tive de retribuir o sorriso. E senti vontade de contar alguns dos meus segredos para ele também.

— Minha mãe disse ao novo terapeuta que não me aguenta mais, e que quer me mandar embora de casa, mas eu não acredito nela.

— Por que ela diria isso, então?

— Não sei. Talvez ela ache que vai me assustar e que eu vou começar a me comportar melhor, que vou ser boa. — Dei de ombros outra vez, e tentei dar a impressão de que aquilo não importava, mas na verdade importava, sim. Minha mãe disse que não me queria. Eu a magoei, não melhorei dos meus problemas e ela já estava de saco cheio.

— Você é má?

Eu ri outra vez. Rir era uma coisa idiota.

— Não faço a menor ideia. Não tento ser má. Sou apenas eu mesma. Talvez este seja o problema: ela simplesmente não gosta de mim. — E foi assim que tossi fragmentos da verdade aqui e ali, como pedriscos, brilhantes e duros, cuspendo-os aos pés de Leo como se o fundo do mar estivesse nos meus pulmões. Todos aqueles segredos. As portas na minha mente rangeram e se abriram. Fechei cada uma delas com toda a força e baixei a cabeça um momento, sentindo-me tonta. Eu nunca poderia contar tudo que me afligia a ele. Ele iria me odiar se soubesse.

— Não sei como isso pode acontecer. — A voz dele era suave e acolhedora, e eu senti o sangue subir, enrubescendo meu rosto. Cobri as bochechas com as mãos, escondendo-me.

Leo se aproximou e passou o braço ao redor do meu corpo.

— Não se preocupe.

— Não estou me preocupando. Desculpe. Estou bem. — Levantei os olhos.

— É que às vezes, você sabe... às vezes eu a odeio.

— O quê?

— Às vezes eu odeio minha mãe. — Engoli em seco. Até mesmo dizer aquilo era doloroso. E não era realmente verdade, era? Eu fechei os punhos com força. Leo estava prestes a dizer alguma coisa, mas eu o impedi, colocando meu dedo sobre os lábios dele.

Leo



Tome a iniciativa, Leo. Vamos lá, isso é patético, pensou ele. Mas tudo havia ficado intenso demais, como uma sessão de terapia improvisada. Não que ele não quisesse ajudar Audrey e estar ao seu lado; é claro que queria. As coisas pelas quais ela estava passando eram horríveis. Mas ela não precisava ouvir sobre a vida dele também; não foi para isso que ele a trouxe até a fazenda. Havia outras razões. Razões bem diferentes. O problema é que era muito fácil conversar com ela, uma garota bastante tranquila, gentil e atenciosa; como se cada palavra que ele dissesse fosse absorvida profundamente, como se ela realmente se importasse.

Audrey afastou o dedo dos lábios de Leo, levantou-se do sofá com um salto e foi até a porta, pegando suas coisas e dizendo alguma coisa sobre Peter e sobre pegar algo para o jantar.

— Não, espere. — Leo saiu atrás dela, atravessando a sala antes que ela pudesse desaparecer. Ele a segurou pelo braço, mas com bastante leveza. — Não vá ainda, Aud.

— Eu preciso — disse ela, virando-se para ele e sorrindo.

— Não, espere. — Os braços de Leo estavam ao redor dela. Seria muito fácil. Ele empurrou a porta com o pé para fechá-la. A sala ficou mais escura, o crepúsculo se aproximando, e nas sombras os olhos dela pareceram mais escuros e profundos do que jamais foram, como se ele pudesse se afogar ali. Os cabelos de Audrey brilhavam, iluminados pela luz da lua.

— Você não pode ir. Ainda não — disse Leo.

— Posso sim — ela riu, contorcendo-se um pouco. Ele a abraçou, mas não com tanta força, quase se afastando.

— Está bem, está bem. Você pode ir. Se quiser. Mas eu queria dizer que...

— É mesmo? — Parecia que ela o estava provocando. Ele a olhou nos olhos e fez o possível para parecer o mais sério possível.

— Eu senti muita saudade. Durante as férias. Ficava o tempo todo pensando em como queria conversar com você. Quis ligar. — Ele respirou fundo. Pelo amor de Deus, eles haviam se beijado. E agora as coisas estavam assim? Era ridículo. Tinha de acabar logo com isso. — Pode me dar seu telefone?

— Claro que posso. Bom, o número da minha casa. Não tenho celular.

— Que pena.

— Pena por quê?

— Quero mandar mensagens de texto pra você. A noite inteira. Deixá-la louca com as provas da minha devoção.

Devoção. Aquela era uma palavra enorme. Uma palavra que tinha um significado forte. *E daí, Leo*, pensou ele. *Você está sendo sincero, não está? Você não diria uma coisa dessas se não estivesse convicto disso.*

— Claro. Mas você vai ter de mandar um pombo-correio — disse Audrey.

— O.k. Combinado, então.

— Ótimo. Bom, posso ir agora? — Ela inclinou a cabeça para o lado, com um meio sorriso no rosto. Leo nunca conseguia ter certeza.

— Não. Tem mais uma coisa.

A sala ficou em silêncio. Os corpos deles se tocaram, novamente próximos, ela se afastou, depois se aproximou, bem perto, seus dedos se entrelaçaram com os dele. Se isso fosse o fim de sua vida, Leo ficaria feliz, pensou ele. Leo a beijou. E isso definitivamente não era o suficiente. Ele beijou Audrey outra vez, mais demoradamente agora, e ela retribuiu, com as mãos ao redor do pescoço de Leo, o corpo bem próximo. Ele colocou as mãos nos cabelos de Audrey e fechou os olhos. A eternidade estava em nossos lábios e olhos, pensou ele, e a felicidade em nossa mente se estampava.

— Socooooooooorro! Audrey, Aud, socooooooooorro!! — Os gritos quebraram o clima e Audrey se afastou dele.

— É Pete — disse ela, e Leo saiu da casa logo atrás dela e se encaminharam até o jardim, onde Peter estava esperando, empoleirado no alto de uma árvore, fingindo não estar preso agora que os dois estavam perto. Leo subiu na árvore com movimentos rápidos e graciosos e ajudou-o a firmar os pés, descer de volta ao chão e remover uma farpa que havia entrado na pele do garoto. Em seguida ele tocou o braço de Audrey uma última vez antes que ela voltasse para casa.

— Ei, leve meu casaco — disse ele. — Senão você vai acabar congelando. — Ela assentiu e sorriu como se os dois tivessem firmado um pacto, e logo Audrey e Peter foram embora: ela alta, ele baixo, suas silhuetas se mesclando ao crepúsculo. Leo esperou que ela pudesse ouvi-lo se despedindo, e ficou observando os dois até que desaparecessem.

Audrey



— Onde você estava?

Minha mãe devia estar dormindo, mas a casa estava empesteadada com o cheiro horrível de fumaça de cigarro, e eu abri as janelas, passando bem ao lado dela.

— Onde você estava, Aud? — Ela me seguiu, levantou meus cabelos, cheirou meu pescoço e minha pele. Eu me desvencilhei dela e me afastei. Era Leo quem eu queria. Tinha a sensação de que minha boca estava inchada. Apertei os lábios com força.

— Na casa de Leo — disse Peter. — Podíamos ter ficado lá também, mas Aud disse que você faria o chá da tarde. Eu queria ficar.

Minha mãe olhou para mim, de queixo caído.

— Você acha que isso é uma brincadeira, Aud? Achei que tivesse dito que você não devia mais ir até lá, não foi? — Ela estava sendo ríspida demais, áspera como uma lixa, arranhando minha pele com aquelas palavras.

— Como assim?

— Estou me referindo a você e Leo. Esqueça isso. — Ela estava com as mãos nos quadris. A perfeita general.

— Claro, tudo bem. Para mim, tanto faz. — De jeito nenhum.

Comecei a desembalar as compras e pus a sopa para esquentar. Peter estava por perto, como sempre acontecia quando minha mãe e eu discutíamos desse jeito, olhando para meu rosto e depois para o dela. Minha mãe estava simplesmente ali nos observando, em silêncio, e eu agia rapidamente sob os olhares dela.

Ela acendeu outro cigarro. Já devia ter fumado um maço inteiro naquela

tarde. Em seguida, me disse, de maneira bem casual, enquanto dava uma tragada:

— Eu sei no que você está pensando, Aud, e estou lhe avisando, eu não me enganaria desse jeito se fosse você. Não estou tentando fazer piada, mas tenha certeza de que nenhum rapaz vai querer tocar em você. Pode acreditar no que eu digo.

Afastei os cabelos do rosto e tentei sorrir quando Peter olhou para mim, com o rosto todo preocupado. Meu irmão puxou minha manga e eu agachei para ouvir o que ele queria me dizer.

— Eu acho que você é bonita, Aud — disse ele, e eu lhe dei um beijo no alto da cabeça.

— Olhe o estado em que você está — continuou minha mãe. — Ele vai sentir pena de você, e isso vai ser tudo. E você não precisa que sintam isso por você.

As palavras da minha mãe eram pequenos punhais que me cortavam e perfuravam. Mas Leo havia me tocado. Ele me beijou. Ele gostava de mim. A sopa começou a ferver; diminuí a potência do fogo e enfiei fatias de pão na torradeira, sorrindo para Peter e fingindo que não a ouvia.

— Você está brava comigo porque eu contei? — sussurrou ele.

— Não, não. Você é legal. Não se preocupe, amigão. Venha aqui. Mexa a sopa. Com cuidado, para que ela não escorra e caia por cima de você. Está bem quente, entendeu?

Ele fez que sim com a cabeça e pegou a colher de pau, ficando na ponta dos pés e mordendo o lábio, concentrado, mexendo a sopa sem parar, em círculos, e nós fingimos que nossa mãe não estava ali.

Na manhã seguinte Peter e eu levantamos cedo para fazer panquecas. Eu disse que ele poderia ser o cozinheiro-chefe depois de ter feito um trabalho tão bom com o nosso chá na noite anterior, e fiquei observando enquanto ele batia os ingredientes, como eu o havia ensinado, mas logo ele aumentou a velocidade e derrubou a mistura por cima das bordas da vasilha. Minha mãe observava comigo e nós trocamos um olhar, sorrindo. Não fazia sentido ficar

brava com ela. Pensando no bem de Peter, eu tinha de esquecer aquilo. Dizer o que ela queria ouvir, e depois fazer o que bem entendesse. Quando Peter nasceu eu já tinha quase onze anos, e ela disse que eu podia ser a mamãe dele também. O que eu mais queria era poder empurrar o carrinho, e minha mãe me deixava colocá-lo ali dentro e levá-lo de um lado para outro como se ele fosse meu brinquedo. Mas eu tinha cuidado. Prendia as amarras ao redor dele e cuidava para que nossas perambulações fossem lentas e gentis. Ele nunca caiu, não quando era eu que empurrava, não quando era eu que estava no comando. Peter nunca teve um pai. Pelo menos eu tive o meu por algum tempo.

— Pronto! — chamou Peter, enquanto eu o ajudava a virar a primeira panqueca e agarrá-la no ar antes que ela caísse. Nós batemos palmas e vibramos, e ele a colocou no prato de nossa mãe como se estivesse lhe oferecendo as joias da coroa de presente. Cobrindo-a com a calda, ela comeu lentamente, saboreando cada pedaço, e minha boca se encheu de saliva. Quis dar uma mordida, apenas um pedaço, para deixar Peter feliz e também porque a comida estava cheirando muito bem. Ela viu minha mão se aproximando e ergueu uma sobrancelha.

— Posso, mãe? Só um pedacinho?

— Audrey. — Havia um toque de advertência em sua voz.

— Mas eu estou bem, mãe. Tenho certeza de que tudo vai ficar bem. Queria só tentar.

— Alergias não desaparecem do nada, meu bem. O motivo pelo qual você está bem é porque não está se expondo. Sei que é difícil, mas não podemos nos descuidar. — Ela apontou para mim com a mão direita enquanto levava outra garfada até a boca com a esquerda. — Você realmente quer ficar como eu? Engordar até rasgar as roupas? Isso não vai fazer muito bem para sua saúde, não acha?

Baixei a cabeça e olhei para a mesa, para meus dedos estendidos, longos, finos e vazios, mas, quando ela se levantou para ir tomar banho, Peter me passou um pedaço de sua panqueca, que ele havia guardado.

— Pode comer — sussurrou ele. — Rápido. Tem o gosto da luz do sol. — E eu enfiei tudo na boca, de uma vez, mastiguei lentamente e o ajudei a lavar

a louça.

Minha mãe olhou a caixa de correio quando estava saindo da Granja. Eu sabia o que ela estava procurando — o cartão com a data da próxima consulta. Havia chegado dois dias antes e eu o encontrei primeiro. Levei-o até o fosso e, depois de olhar em volta, rasguei o papel em pedaços minúsculos, fazendo com que fosse impossível recompô-lo novamente. Isso não me daria muito tempo, mas talvez um pouco a mais, pelo menos.

— Nada. Outra vez. — Minha mãe conferiu um a um os envelopes que tirou da caixa de correio. A porta de entrada ainda estava quebrada, dependurada nas dobradiças, e eu mexia nas folhas que cobriam o chão com os pés, esperando. Tudo o que o correio entregou era propaganda. Quase tudo.

— Afinal de contas, em que época estamos? No meio de novembro? Eles geralmente mandam os cartões imediatamente. Vou ligar para o hospital — disse ela. Em seguida: — O que é isso?

Alguma coisa saiu voando por entre seus dedos e ela a agarrou, olhando fixamente.

— Dê aqui. — Eu estendi a mão. O papel estava um pouco amassado, mas dava para ver o que era. Uma flor. Cinco pétalas. Alguém havia dobrado uma folha de papel, velha e amarelada, e eu consegui identificar as palavras: era uma caligrafia pequena que desaparecia em meio às pétalas e o caule. Havia poucas palavras que continuavam inteiras: eu, e, amor, certeza, pássaro, meu, finalmente. A menos que eu desdobrasse o papel e o desamassasse, não saberia o que estava escrito ali. O mistério era melhor.

— Posso ficar com isso?

Ela deu de ombros e eu peguei a flor, guardei-a no bolso e pensei em plantá-la mais tarde no meu quarto, como um talismã mágico para espantar um pouco a escuridão.

Na sexta-feira à tarde, depois das aulas, minha mãe e eu estávamos trabalhando no blog de novo. Eu não parava de olhar na direção da fazenda, imaginando o que estaria acontecendo ali, qual era o disco que Leo estaria

escutando, qual livro ele estaria lendo, sobre o que ele e Sue estariam conversando. Assim, eu estava de olho quando ele passou correndo. Todo fim de tarde nesta semana ele parava exatamente no mesmo lugar e esperava por dez segundos antes de erguer a cabeça e continuar a correr.

— Ande logo com isso, Aud. O que você está fazendo? — disse minha mãe, atraindo meus olhos de volta para seu notebook.

— O que eu devo escrever? — Eu apoiei a cabeça em minha mão, bocejando. Leo levou um piquenique para a escola. Sentamos em nosso banco. Não consigo me lembrar sobre o que conversamos. Tudo de que me lembrava era dos nossos tornozelos, entrelaçados por baixo da mesa, e sua mão forte e gelada segurando a minha, balançando meu braço quando voltamos para dentro do prédio. Nossos olhares fixos um no outro quando ele voltou pelo corredor de costas porque disse que não queria olhar para o outro lado e como, durante toda a tarde, nenhuma palavra que os professores dissessem fez algum sentido.

— Descreva o que está sentindo. Como o que você faz no seu diário — disse minha mãe. Ela estava logo atrás do meu ombro, com o hálito na minha orelha.

— Mãe... — Meus dentes rangeram, esmagando as palavras que eu queria gritar. Ela me ignorou.

— Escreva sobre os remédios, a terapia com Harry. Você pode escrever sobre mim se quiser, sobre o fato de eu ser sua rede de suporte. Escreva sobre por que você se corta, por que não está indo bem na escola. O que a depressão faz você sentir. — Ela se inclinou para a frente, os cotovelos sobre a mesa. — Qualquer coisa que quiser, realmente. Vai ser terapêutico.

Minha mãe havia tirado algumas fotos e eu deixei que ela carregasse uma. Se queria que eu parecesse horrível, então havia feito um ótimo trabalho. A garota na foto era pálida e parecia estar doente, as pernas longas e finas e o cabelo ensebado. Pelo menos o meu rosto estava um pouco borrado.

Comecei a digitar.

Estive um pouco doente, as coisas estão meio loucas — ah, desculpe pelo trocadilho infame. Não posso explicá-lo — a história toda é longa demais — mas graças à minha

mãe eu estou bem agora, ah, é claro, e também a Harry, o meu terapeuta. Sim, tenho um terapeuta agora, o que eu acho que significa que agora eu sou verdadeiramente INSANA. LOUCA. DOIDA. PIRADA. É o que dizem por aí sobre pessoas como eu, é o que o pessoal da escola diz, de qualquer maneira. Como se eu fosse uma loucura, uma coisa hedionda e assustadora. Mas eu sou real. Sou uma garota e estou tentando sobreviver, mesmo que esteja bastante assustada. Bom, é melhor respirar fundo. Harry parece ser um cara legal. Talvez ele me ajude.

Se eu realmente tentasse, poderia imaginá-la. Uma garota de dezesseis anos, completamente transtornada. Imaginei que ela sentia que a vida era uma merda tão grande que só queria fugir de tudo, que não conseguia descobrir outra maneira de ser feliz a não ser cortando a própria pele e deixando o sangue escorrer. Eu vi a mancha escura daquela garota na janela do meu quarto, vi que ela gritava e sangrava. Sua mãe levando-a às pressas para o médico. Escrevi a história para ela. Coloquei sua dor em palavras.

Geralmente eu me corto para fugir,

Digitei.

porque, e sei que isso pode parecer estranho, às vezes eu me sinto morta e a dor é o que me traz de volta à vida. Às vezes eu acho que sou uma pessoa tão má que preciso machucar a mim mesma — perfurar minha pele o máximo que eu puder; ensinar uma lição a ela. Mas agora estou me sentindo melhor. E espero que isso dure um bom tempo. Desde que eu tome os meus remédios, se eu for uma boa pessoa, talvez eu fique bem.

Era como as histórias que costumavam nos mandar escrever nas aulas de inglês. Imagine que você é a srta. Havisham. Escreva uma página de diário explicando qual é a sensação de botar fogo no próprio corpo. Até que isso se transformasse em uma fábrica de redações sobre um monte de coisas que eu não entendia. A verdadeira “eu”? Bem, eu estava guardando esta pessoa para outras coisas.

Minha mãe leu o que eu escrevi.

— É isso aí?

— Sim. Qual é o problema?

— Bem, não é lá muito interessante, não acha, Aud? Além disso, você quase não fala sobre mim.

— Mãe, acho que você não está entendendo. Eu não quero fazer um blog. Isso é o melhor que consegui inventar. — Meu dedo estava em cima da tecla DELETE. Ela segurou meu pulso e me tirou da frente do computador.

— Certo. Bem, deixe eu tentar — disse ela, e eu me levantei e a deixei ali, entretida.

Leo



Já havia passado quase duas semanas e Lorraine estava na cozinha outra vez. Havia se transformado numa presença relativamente constante desde a noite da festa da fogueira, mas, quando ela chegava, Leo tentava não estar por perto. Geralmente havia choro. A situação ficava pesada. Às vezes a conversa era sobre o pai de Aud, que a havia abandonado muito antes de Peter nascer. Outras vezes era sobre o trabalho e as crianças doentes de quem cuidava. E hoje: Audrey. Pensar em Audrey o deixava agitado. Não conseguia parar quieto, não conseguia terminar uma refeição, não conseguia terminar de ler uma linha de texto sem esquecer o começo, mas, quando ouvia Lorraine começar a falar, seu estômago se revirava.

— Audrey não está nada bem, Sue — ele ouviu. — É sério: ela está vendo coisas, falando com pessoas que não existem. Achei que essa nova medicação que deram para ela ajudaria, e também a terapia com Harry. Mas ela nunca faz nenhum progresso. Nós ficamos rodando em círculos. E se ela nunca conseguir a ajuda de que precisa? E se ela nunca melhorar? Qual vai ser o futuro dela, Sue?

Sua tia murmurou alguma coisa. Leo não conseguiu ouvir direito, mas sabia que não devia ficar escutando atrás das portas como se fosse um espião. Ele se afastou, voltou correndo para o quarto, e em seguida a porta da frente bateu e já era seguro se aventurar fora da casa e sair para uma corrida. Sue o chamou da cozinha, quando ouviu os barulhos que ele fazia. O lugar cheirava a cigarro: havia três guimbas esmagadas em um velho cinzeiro de cerâmica que Sue provavelmente fez havia uns trinta anos, quando ainda estava na escola. Tirando-o de cima da mesa, jogando as cinzas no lixo, abrindo as janelas, ela mandou que ele se sentasse.

— Certo. Bem, precisamos conversar.

Eles não costumavam ter conversas premeditadas como esta. Isso era mais

parecido com o estilo da mãe dele. Leo se recostou na cadeira, apoiando-a apenas nos pés traseiros, e olhou para o teto.

— Lorraine está bastante preocupada — disse Sue. Leo se endireitou na cadeira.

— Audrey está bem, não é? — Ele sabia que ela estava. Ele a via todos os dias na escola.

— Depende de como você define “bem”. Você sabe que ela se corta.

— Sim, e o que mais?

— Isso não é da nossa conta. É Lorraine quem tem de lidar com isso. Audrey é uma menina muito frágil. Lorraine acha que a amizade que ela tem com você, por mais doce e meiga que seja, não está ajudando.

— Por quê?

— Bem, ela ainda está ouvindo vozes e vendo coisas. Lorraine diz que pode ser uma psicose. Não está feliz com o diagnóstico. Que é depressão. Audrey está muito ansiosa e instável.

— E isso significa o quê?

— Significa que ela não pode namorar, eu receio.

— Sue, vou falar pela milésima vez. Não estou namorando a Audrey. Eu não a irritei. Não vou fazer com que ela se corte. — Ele esperava que todas essas coisas, com exceção da primeira, fossem verdade. Tinha quase certeza.

— Tudo bem, tudo bem. Não estou sugerindo que você esteja. O problema é que Lorraine não foi tão explícita, e, é claro, não se pode perguntar sobre os detalhes mais sórdidos. Não quero irritá-la. E acho que falar sobre isso é difícil para ela. Eu entendo. Em resumo, é o seguinte: Lorraine não quer que Audrey se apegue a você. Ela não acha que isso vai ser bom a longo prazo. Para vocês dois.

— Todo mundo precisa de amigos, Sue. — Leo devolveu as palavras da tia e cruzou os braços. Não era possível que isso estivesse acontecendo.

— Concordo. Mas se você puder dar um pouco de espaço a ela...

— Claro. — Ele deu de ombros, fingiu que aceitava o acordo. — Por que

eu não daria? Ela pode ter todo o espaço que quiser — disse ele, indicando o mundo além das paredes da cozinha. — Olhe lá fora. Há quilômetros e quilômetros de espaço.

Sue o encarou com um de seus olhares mais perscrutadores.

— Você sabe do que eu estou falando. Não precisa dar uma de espertinho.

— Sim, eu sei.

— Estou só especulando, mas achei que vocês dois estavam ficando bem próximos.

Leo se levantou. Não conseguiu evitar de sorrir com aquele eufemismo.

— É isso, então? O sermão acabou?

Sua tia assentiu.

— É isso.

Leo calçou os tênis. Estava ficando escuro e frio, mas ele precisava sair. Aquela conversa se repetia sem parar em sua cabeça, um disco muito ruim que ele não conseguia desligar. Queria pegá-lo e quebrá-lo em pedaços. Era bobagem. Primeiro, Sue pediu para que ele fizesse amizades; em seguida, quando encontrou alguém de quem gostava, foi advertido para se afastar. Que diabos? Não era possível que Audrey quisesse que sua mãe interferisse nas coisas entre eles, e ele não iria dar atenção a nada daquilo. O choque da noite arrancou seu fôlego, e, respirando fundo para puxar o ar, ele correu o mais rápido que podia até a Granja. Sua peregrinação diária, independentemente de Audrey estar ali ou não. Só para dar uma olhada, só para ter certeza.

Audrey



Novembro ficou mais escuro, mas a escola ficou melhor. Era como se eu tivesse guarda-costas: Jen de um lado, e, em cada um dos intervalos, a cada horário de almoço, Leo. Ele esperava do lado de fora da minha sala, como se meus horários estivessem tatuados em seu cérebro ou coisa do tipo, e colocava o braço ao redor dos meus ombros e nós íamos para algum lugar. Na última segunda-feira do mês, nós começamos a andar assim, coladinhos, entrelaçados. Coloquei os dois braços ao redor da cintura dele e ele apoiou a lateral da cabeça contra a minha, e eu senti o cérebro dele vibrar, atravessando o tecido da touca azul. Ele sempre estava pensando, pensando, pensando.

— Você deveria ser algum tipo de professor universitário — eu disse a ele.

— Não, obrigado.

— O que vai acontecer, então? O que você vai fazer no ano que vem?

— No ano que vem? Eu prefiro não pensar nisso. Sou um cara do tipo *carpe diem*.

Dei uma cabeçada de leve no ombro dele.

— Não seja bobo.

— Bobo? — Ele ergueu as sobrancelhas, ofendido, e depois me girou em seus braços. — Vou lhe mostrar quem é bobo — disse ele, e nós dois ficamos ali no pátio em meio a bolas de futebol, os gritos e os alunos entediados mascando chiclete, em meio às pilhas de folhas do outono, nossas testas encostadas uma na outra e depois nossas bochechas e queixos, e eu coloquei os braços ao redor dele, por dentro do casaco que usava, e ele me puxou para bem perto, aquecendo-me.



Foi a chuva que me acordou na manhã seguinte, tamborilando e batendo na janela. Corri até a cozinha. Peter já havia ido para a escola. Eu tinha uma prova de história e não podia me atrasar.

— Por que você não me chamou? — perguntei enquanto procurava os sapatos. — Olhe a hora, mãe.

Minha mãe estava sentada, assistindo à televisão e tricotando. Estava fazendo um blusão para dar de presente a Sue no Natal, um agradecimento por ser uma amiga tão boa.

— Achei que seria melhor você descansar. Você passou a noite inteira andando de um lado para outro, Audrey.

— Não passei.

— Passou sim, e eu ouvi você conversando. Eu telefonei para o hospital. Estou tentando encontrar Harry.

— Mãe, eu não quero falar com Harry.

— Azar o seu.

Calcei um par de All Star e saí correndo pela casa, descendo até o saguão, aproveitando para olhar o que havia na caixa de correio. Hoje havia um pequeno pássaro. Não um pássaro de verdade, mas outra dobradura em papel criada a partir de poesias, as asas abertas, e até mesmo as patas pequeninas estavam criadas à perfeição. Consegui identificar as palavras — eu, paraíso, luz, sonhos — e sussurrei-as várias e várias vezes, tentando decifrar o código.

— O que você está fazendo? — perguntou minha mãe, aparecendo no vão da porta atrás de mim, já com o uniforme.

— Nada.

Escondi o pássaro atrás de mim. Ele vibrava na minha mão.

— Bem — disse ela —, ande logo com isso. E vá buscar Peter depois da escola. Não esqueça.

— Claro que não vou esquecer.

— Ótimo. E eu vou marcar a consulta, está bem? — provocou ela, os olhos saltando contra mim como se estivesse me desafiando a reclamar.

— Está bem — eu disse, e saí correndo para a escola.

Naquela tarde eu esperei por Peter no portão da escola primária, enrolando o cachecol ao redor do meu rosto de tal modo que ninguém viesse falar comigo. Olhei na direção do colégio. Passei o dia inteiro sem ver Leo; fiquei com Jen na hora do almoço para fazer um trabalho de inglês e Leo teve uma reunião com seu coordenador na hora do intervalo.

Peter chegou e eu me abaixei para abraçá-lo.

— Este é meu amigo — disse ele, puxando-me pela mão para ir até onde estava um garotinho vestido com uma jaqueta de nylon vermelha com capuz, e depois se escondendo entre minhas pernas.

— Oi — eu comecei. A mãe dele sorriu rapidamente para mim. — Pete, por que não faz as apresentações? — eu disse, tentando fazer com que ele saísse de trás de mim.

— Essa é minha irmã. O nome dela é Audrey — disse ele para o menininho, que sorriu para mim. Em seguida, os dois começaram a brincar de pega-pega.

— Nicky, volte aqui — gritou a mulher, abandonando o carrinho de bebê e saindo a toda a velocidade atrás deles. Mas Nicky era rápido e ele e Peter voavam pela calçada, correndo em círculos. Tudo o que consegui fazer foi rir.

— Vamos nos atrasar agora — disse a mulher para Nicky quando o pegou, puxando-o pela manga. E foram embora sem se despedir.

— Certo, Pete. Acho que é hora de irmos embora também.

— Posso convidar Nicky para ir brincar lá em casa?

— Talvez. Vamos perguntar para nossa mãe, está bem?

— Ela não vai deixar — respondeu ele, enfiando o polegar na boca, e eu agarrei a mão dele.

— Vamos cantar a música da volta para casa — eu disse, mas ele ficou emburrado, fazendo bico e arrastando os pés no chão quando eu tentei tirá-lo do playground.

Onde estava Leo? Ele já teria saído neste momento, e os últimos alunos

estavam acabando de sair, mas Leo sempre era um dos primeiros. Já estaria na metade do caminho, perto da margem do rio, eu calculei.

— Tive uma ideia — eu disse. — Vamos para a fazenda.

— Estou cansado. Meus pés estão doendo.

— E se eu carregar você?

Peter olhou para mim, um enorme não em seu rosto, e assim nós esperamos no ponto de ônibus. E começou a chover.

Leo



— Pare o carro. São Aud e Peter.

Sue assentiu e parou. Leo baixou o vidro da janela e enfiou a cabeça pelo vão.

— Carona? — perguntou ele, agradecendo aos deuses, ou a quem quer que estivesse encarregado dos pequenos meandros do destino da vida por essa oportunidade. Geralmente Lorraine ia buscá-los na escola.

Audrey ajudou Peter a entrar primeiro e depois se agachou para ficar ao seu lado. Leo estendeu a mão sem pensar e segurou na de Audrey.

Sue soltou um pigarro. Acionou a seta e voltou a trafegar com os outros carros.

— Bem — disse ela —, foi muito bom termos encontrado vocês. Caso contrário, vocês estariam encharcados quando o ônibus passasse.

— Obrigada, Sue — disse Audrey. Leo apertou carinhosamente seus dedos e se inclinou por cima de Peter para sussurrar alguma coisa em seu ouvido.

— Por onde você andou? — murmurou ele. Sua boca estava muito perto do pescoço dela. A pele de Audrey cheirava ao frio e também a rosas, rosas vermelho-escuras do inverno. Deixou que seus lábios lhe roçassem levemente o ouvido e ela se levantou com um salto.

— É melhor deixarmos vocês em casa — disse Sue. — Estamos indo visitar alguns amigos.

— Ah, é claro. Obrigada pela carona.

— Não há de quê — disse Sue. — Pegue os doces que estão na minha bolsa, Leo. Divida-os com os amigos.

Quando eles chegaram à Granja, Leo desceu do Land Rover também. E os

acompanhou até a porta.

— Certo — disse ele. — Bom, preciso ver você outra vez. Quando podemos fazer isso? Na escola não é o suficiente. Os horários de almoço são curtos demais. E está frio.

— Logo — prometeu Aud. — Na sexta. Minha mãe sempre trabalha nas sextas à noite. Pode vir até aqui?

— Posso. — Ele olhou na direção de Sue, que fingia não estar assistindo à cena. Peter estava chutando a porta da frente.

— Aud — disse Peter. — Venha logo, Aud.

— É melhor você ir.

— Sim — disse Audrey, sem fazer menção de ir embora.

— Então tchau.

— Tchau.

Eles trombaram um com o outro, muito rapidamente, e houve o borrão de um beijo, mas a boca dele queimou e ela se atrapalhou com as chaves, e foi só isso.

Leo



Em algum momento a mãe dele teria de descobrir o que havia entre ele e Audrey. Sue alegou que não havia falado nada, ou que, se tivesse, certamente não teve a intenção de fazê-lo. Mas sua mãe simplesmente sabia. Leo imaginou quando sua vida deixaria de ser um livro aberto para ela, como ela ainda era capaz de decifrá-lo a milhares de quilômetros de distância. Foi depois que eles voltaram à fazenda, após o jantar enfadonho na casa de uma amiga de Sue do Instituto para Mulheres, que ela ligou.

— E então, está com uma namorada nova?

— Como?

— Leo, eu posso adivinhar o que está acontecendo, apenas olhando nos seus olhos.

Ele se esquivou do foco da câmera e ela gritou para ele pela tela do computador, em meio às risadas.

— Bem, espero que ela seja uma boa moça, inteligente e que lhe traga alguns desafios. E espero que ela reconheça a sorte que tem. Jecca me mandou um e-mail outro dia, disse que queria saber se vocês dois estão a fim de nos encontrar na semana do Natal. Mas acho que você prefere ficar aí com os caipiras, não é?

— Depende. Se você quiser que eu vá para Londres, eu irei. Você virá para cá, não é?

— Desculpe, querido, mas não vou. — A voz estava manchada pelo arrependimento, e em seguida ela se justificou. — O trabalho está uma loucura. Você sempre pode vir se encontrar conosco, como sabe. De qualquer maneira, Jecca adoraria vê-lo se você resolver ir até a cidade. E leve sua namorada também. Como ela se chama?

— Audrey. Mas não é exatamente minha namorada. — Ele raspou a unha na madeira da mesa e uma farpa se enfiou na pele sensível do seu polegar. Não sabia por que havia mentido.

— Muito bom.

— Mãe... — advertiu Leo, e sua mãe alisou os cabelos para trás, encarando-o com um olhar frio e penetrante.

— E como estão as coisas na escola? Espero que essa Audrey não esteja atrapalhando seus estudos.

— Como se isso fosse possível, mãe. Você sabe que eu vivo e respiro meus estudos.

— Não seja irônico, querido. Esse é o jeito mais vulgar de parecer sagaz.

Ele ficou surpreso; sua mãe não insistiu no assunto e a conversa de ambos terminou logo depois. Como ela disse, estava ocupada; e Leo deveria estar ocupado com a redação que precisava entregar ao senhor Bruce. Estavam estudando a poesia renascentista: John Donne. Ele tinha que admitir que curtia John Donne.

Na sexta-feira, em vez de se envolver com anseios metafísicos, Leo foi procurar por Audrey, conforme o planejado. Quando ele bateu à porta da casa ela veio atender, com as bochechas rosadas e cheirando a açúcar.

— Pete e eu fizemos biscoitos. Pegue um — disse ela, estendendo a bandeja. — Estão ótimos. Um sucesso, pelo menos desta vez. Apesar de termos que usar aquela porcaria de forno.

Ele enfiou o biscoito morno na boca, sorrindo enquanto mastigava. Não havia nenhum sinal de Lorraine e Leo aliviou a tensão dos ombros. Os dois tinham o lugar inteiro apenas para si e a casa cheirava melhor; aquele cheiro embolorado de casa fechada havia praticamente desaparecido. Leo avistou uma garrafa de alvejante na pia da cozinha, luvas de borracha sobre o balcão e imaginou que Audrey havia feito faxina. De perto, ela tinha o mesmo cheiro de uma piscina. Ele não se importou.

— Pete vai deitar logo mais. — Ela olhou rapidamente para Leo, afastou os cabelos do rosto e sorriu.

Audrey ainda estava arrumando as coisas e Leo a observou esfregando os balcões, ocupando-se com a limpeza, e isso o fez sorrir também. Ele não sabia do que Lorraine estava falando.

— Vou ler uma história para Pete, se você não se importar — disse ele. — E depois podemos assistir a um filme. Eu trouxe um DVD.

Leo podia ouvir Audrey cantarolando no andar de baixo enquanto lia a história para Peter. Ela não era o que se poderia chamar de afinada, mas ele gostava daquele som alegre. Peter estava com o polegar na boca, aconchegando-se sob as cobertas.

— Amo você, Leo — disse ele quando Leo fechou o livro e se levantou.

— Obrigado, Pete — respondeu ele, surpreso, sem saber o que dizer de verdade. — Você é um cara legal — acrescentou ele. Sabia que era o tipo de coisa que seu pai diria ao receber uma declaração tão sincera de afeto. Arrependendo-se das próprias palavras, ele se abaixou, puxou as cobertas para afofá-las sobre Peter e beijou a testa do garoto.

— Também amo você, companheiro. — Ele sentiu o sorriso de Peter contra sua bochecha e sorriu também.

Foi a primeira vez que ele passou a noite na Granja, e Leo se perguntava se sua imaginação o estava enganando. Ele tinha certeza de que deveria estar com medo de alguma coisa, ou que pelo menos devia desconfiar de algo. Eles comeram biscoitos, tomaram uma Coca-Cola já sem gás e assistiram ao filme, sentados bem perto um do outro no sofá. Estava frio, mas Audrey puxou um dos lençóis que cobriam o sofá sobre eles e os dois se abraçaram.

— Está nevando — disse ele mais tarde, olhando pela janela.

— Vai conseguir voltar para casa?

— Claro. Não é longe. — Ele estava com o braço ao redor de Audrey e, para falar a verdade, não havia nem pensado em ir embora.

— O que vamos fazer?

— Não sei. Quer sair para explorar? — Alguma coisa dentro dele queria ir ver o lugar por conta própria. Verificar se ela estava segura ali.

— Claro — concorda ela. — Vá pegar seu casaco. Eu sei aonde podemos

ir.

Audrey



Subimos pelos dois pavimentos até chegarmos ao alto da Granja e eu puxei Leo para fora, até alcançarmos a escada de incêndio.

Os flocos de neve caíam suavemente, derretendo-se em flores contra os nossos rostos.

— Já vi você aqui em cima — disse ele quando eu botei a língua para fora tentando lambar os flocos gelados.

— Sim. Já vi você também. Não que eu estivesse olhando o tempo todo, nem nada do tipo.

— Ah, é mesmo? — disse ele, e eu ergui uma sobrancelha, tirei os óculos e limpei as lentes.

— Bem... talvez. Eu fico olhando você e pensando. — O rosto dele estava um pouco embaçado agora, e eu olhava para um emaranhado de marrons e dourados, suaves e angulosos. A gola de seu casaco estava erguida e o cachecol estava frouxamente envolto de seu pescoço.

— O que você fica pensando?

— Do que você está fugindo. — Coloquei de volta os óculos no rosto, ainda embaçados. Que coisa idiota de dizer. Ele estava correndo. Fazendo exercício; coisa que as pessoas fazem o tempo todo, e apenas isso. Mas Leo riu e limpou os flocos de neve do meu cabelo.

— Fugindo? De nada. Estou correndo em direção a algo, Aud. Correndo na direção de alguma coisa. Essa é a pergunta que você precisa fazer a si mesma.

— Ah. — Sentei-me no degrau mais alto e ele se juntou a mim, encaixando o corpo com perfeição no espaço que restava. — Bem, tem muita coisa que eu não sei sobre você — eu disse, olhando para o céu esbranquiçado do inverno.

— É mesmo? Como o quê?

— Bem, para começar, quando você faz aniversário?

— Em agosto. É um saco.

Bati palmas. Era perfeito.

— Você é realmente um leão então!

— Ah, bom... acho que sim. — Leo olhou para mim, meio confuso.

— Minha mãe gosta de horóscopo e coisa e tal. Pessoas de Leão são corajosas, eu acho.

— E também são orgulhosas e pretensiosas. Deve ser por causa da juba — disse ele, balançando a cabeça negativamente. Eu o cutuquei com o cotovelo.

Leo prosseguiu, considerando:

— De qualquer maneira, não acho que você pode saber se alguém é corajoso, se é bom ou qualquer outra qualidade somente por causa do nome ou do dia em que nasceu. Não é assim que funciona.

— Mas já ajuda.

— Não, eu acho que é diferente. Ter coragem tem a ver com ser forte. E ser forte, bem... a força surge quando alguém é amado, não acha? Se você sabe que é amado, então isso é tudo de que precisa. O amor lhe dá pernas de aço.

Eu pensei em Peter e no fato de eu ser sua armadura, e percebi que Leo tinha razão.

— Seu casaco ainda está comigo — eu disse a ele. — Como pode ver. — Eu o usava o tempo todo.

— Está tudo bem — disse ele, sorrindo. — Vou pegá-lo de volta algum outro dia.

— E eu encontrei isso. — Levei a mão ao bolso e fechei os dedos ao redor da pequena dobradura de papel que estava escondida. — Foi você quem fez as outras? O pássaro, a flor, as flechas? — Eu estava com a dobradura sobre a palma, e ela pareceu tremer como se tivesse vida própria.

— Acho que foi aquele pombo-correio que você mencionou — disse Leo, fazendo-me rir.

— É muito bonita — eu disse. — Posso ficar com ela?

— É claro. Foi feita para você. Não sei se você percebeu, mas eu a fiz para retratar você como uma super-heroína. Porque eu vejo que você também é corajosa, Aud.

Senti meu rosto corar. Aquilo era uma das coisas mais gentis que alguém já havia me dito em toda a minha vida, e eu queria que fosse verdade.

Leo



Era fácil deixar Audrey feliz, fazê-la sorrir. E era fácil beijá-la quando isso acontecia, quando não havia ninguém para ficar espiando, para gritar ou interromper, a coisa mais fácil que ele já fez e que durou um longo tempo. Muito mais tempo do que a outra vez. Se Lorraine estivesse de serviço toda sexta-feira, então Leo viria até a Granja toda sexta-feira.

— Merda — disse Aud quando eles pararam de se beijar. Seus óculos haviam ficado embaçados e ela os tirou e os esfregou até limpá-los com a ponta do dedo antes de enfiá-los de volta no rosto.

— O que foi?

— Nada. Só que... Nossa, meu Deus. Umas coisas aí.

Leo riu; não conseguiu evitar. Ela estava agindo como se aquilo fosse algo inesperado ou coisa do tipo.

— Audrey, você é hilária. — Ele a beijou outra vez. — E é linda... — Ela riu, fazendo um barulho sarcástico. — ... E totalmente esquisita.

— Assim é melhor — disse ela. — Eu gosto de esquisitices.

Eles não exploraram o resto da Granja, não desperdiçaram tempo procurando por horrores secretos ou escondidos. Em vez disso, passaram o tempo inteiro se beijando, em segredo, totalmente escondidos de tudo e de todos, bem acima do mundo, ofuscados pela neve e, com certeza absoluta, dos seus sentimentos.

Audrey



Fiquei feliz por Leo não ter vindo até meu quarto. Eu não tive tempo para limpá-lo e não queria que ele visse toda aquela bagunça. Depois que ele foi embora eu me sentei na cama, tirando as roupas lentamente. Minha boca estava quente e inchada e eu não conseguia parar de sorrir.

Tirei as calças e fiquei em pé, nua, meu corpo arrepiando-se por causa do frio. As cicatrizes corriam pelos meus braços, minhas pernas e subiam pelas minhas coxas. Deslizando a ponta do dedo pelas linhas esbranquiçadas, eu procurei por palavras, um desenho, talvez um mapa. Como hieróglifos antigos, tentei ler as mensagens.

— Bem — sussurrei, esperando pela Coisa, olhando ao redor, procurando.
— Estou aqui. E agora?

Prestei atenção às marteladas na minha cabeça, a batida do tambor nas minhas veias. Mas não houve resposta. Não agora que eu era tão corajosa.

— Estou ótima, como você pode ver — eu disse. — Estou crescendo. Crescida. Não preciso ter medo de você agora. Você não vai me impedir de fazer as coisas; não vai me deixar doente, nem me fazer pensar que estou louca de novo. Não vou morrer aqui — eu disse. — Não vou me afogar.

Desde que comecei a me consultar com Harry, meus braços haviam se curado e eu os estendi diante de mim.

— Está vendo? Estou melhor. Não vai acontecer de novo. Posso lhe garantir. Você não vai voltar a me dominar.

Vesti minha camisola, deitei-me na cama e cobri as orelhas. A Coisa não iria me acordar. Não se atreveria a perturbar meus sonhos. Não hoje.

Dezembro



Leo



De repente, restavam apenas uns poucos dias de aula naquele final de semestre, e Leo se perguntava para onde todo aquele tempo acabou indo. Os convites para as festas de Natal foram entregues e as baladas com a turma da sala de aula foram combinadas, mas Leo não tinha vontade de ir a nenhuma delas a menos que Aud pudesse ir com ele.

— Não posso. Você sabe como minha mãe é — disse ela, olhando para o chão.

— Superprotetora? — arriscou ele, usando o termo menos ofensivo que conseguiu encontrar para descrever Lorraine.

— Sim. — Audrey ergueu o rosto para olhar para ele, e Leo não conseguiu desviar o olhar. — Vá sem mim.

— Não. Vou dar alguma desculpa para não ir. — Os dois ficaram no corredor por mais algum tempo, ignorando o sino. Leo considerou. — Devíamos simplesmente tirar a tarde de folga. Não há nada acontecendo por aqui, só DVDs e simulados. É uma perda de tempo. Vamos lá, venha comigo.

— Está falando sério?

— Estou sim. Nunca falei tão sério. Quero ficar com você, Aud. Só nós dois, entendeu?

Ela olhou para Leo e afastou a franja que lhe cobria os olhos.

— Só nós dois — disse ela. Um eco, um encanto.

Os dois não conseguiam parar de rir, correndo por entre a neve derretida e a lama, tentando correr ao longo da margem do rio que ficava entre a escola e de volta à fazenda. Audrey segurou na mão de Leo e se jogou contra o vento. Ele a puxou de volta para si e, por algum tempo, eles dançaram e ele cantarolou *Twist and Shout* enquanto giravam, bailando durante todo o

caminho, até voltarem para casa.

Quando chegaram, Leo preparou chá, deu uma caneca a Audrey e cortou fatias grossas de pão caseiro para fazer sanduíches, entregando uma bandeja cheia para ela.

— Usei o restinho do chutney de groselha — disse ele. — Especialmente para você, Aud.

— Obrigada. — Ela mordiscou um dos cantos. Leo se agachou diante da lareira, que já havia sido preparada com gravetos, toras e carvão. Ela se iluminou em chamas quando ele a tocou com um fósforo.

— Ótimo — disse ele, trazendo seu próprio prato e sentando-se do outro lado da mesa. — Vamos lá, pode comer.

Ela mordiscou mais um pedaço do sanduíche enquanto Leo devorava o seu.

— Não está com fome?

— Não muito. Desculpe. — Audrey afastou o prato.

— Mas nós nem almoçamos. E voltamos para cá a pé. Posso preparar alguma outra coisa se você quiser.

— Não, está tudo bem. Estou me sentindo meio doente, só isso. O chá está ajudando.

— Por que você está se sentindo mal?

— Não sei. Talvez seja por causa dos meus remédios. — Aud não o encarava. Ele detestava quando ela fazia isso.

— Achei que você tivesse parado de tomá-los.

— Não exatamente.

— Por quê?

— Não posso simplesmente parar de tomá-los. — A voz dela se ergueu, frustrada, e Leo se recostou na cadeira e passou as mãos pelos cabelos. Audrey estendeu a mão e tocou o rosto dele.

— Não se preocupe, está bem?

— Você pode conversar comigo se quiser — disse Leo.

— Não é nada. Esqueça — disse Audrey, e Leo afastou o próprio prato e segurou em sua mão, puxando-a para si e levando-a até perto da lareira.

Audrey



Era impossível dizer a Leo como as coisas realmente eram. Dizer que, se eu não tomasse os remédios e não conversasse com Harry e não fosse me consultar com Caldwell, a Coisa voltaria e seria pior do que nunca. Quem ia querer uma namorada que dizia esse tipo de coisa? Eu simplesmente precisava manter as coisas calmas e estáveis, em um equilíbrio tênue e precário. Minha mãe feliz, e Peter também. Até mesmo Leo. Dar a todo mundo a versão de mim de que eles precisavam.

— Audrey — sussurrou ele quando eu comecei a beijá-lo, como se ainda quisesse conversar. Mas eu não queria. Queria ficar perto dele, tão perto que não seria possível enfiar nem mesmo uma folha de papel entre nós. Queria beijá-lo por mais do que trinta segundos, só para variar, queria esquecer tudo aqui e agora, nos braços dele.

— Shhhh — eu disse, aproximando-me mais, beijando-o com mais força, e ele veio em minha direção. Abri os botões da blusa dele e tirei sua camisa, assim como o jeans que ele usava. Beije os músculos de seus ombros e braços. E ele tirou minhas roupas gentilmente, com os olhos ainda cheios de perguntas.

Mas não havia qualquer pergunta. Só havia o agora, e a tarde adernou e se agitou como a mais confortável das camas, e tudo ficou bem. Foi assim que senti. Eu esquecia de me esconder quando eram os olhos de Leo que me olhavam; esquecia-me de sentir medo de minhas emoções, esquecia-me de sentir vergonha. Se ele dissesse que estava tudo bem comigo, então essa era a verdade, porque Leo não mentia. Ele era meu. E eu entendi o motivo de tudo, exatamente naquele local, naquele momento. Que a felicidade é ser amada por quem você é sem nenhuma reserva ou hesitação, sem retroceder ou se importar com o que qualquer pessoa venha a pensar. Era confiança; era fé; era saber que o amor que você dá fica seguro no coração de outra pessoa.

Leo suspirou, respirou, e depois parou. Ele beijou meus cabelos e minhas pálpebras e até a pequena verruga do lado direito do meu queixo como se eu fosse uma joia preciosa.

Leo



Alguém tinha de agir de maneira sensata, e Leo imaginou que aquele papel caberia a ele, embora seu cérebro estivesse queimando como as brasas da lareira, brilhando com o calor; seu corpo inteiro estava assim.

— Aud — disse ele. Estava sem a camisa. Ela também. E o corpo dela era bonito. Ele inclinou-se e beijou-lhe o seio, e ela estremeceu.

— É melhor pararmos — sussurrou ele, erguendo os olhos quando falou com ela. — Sue logo vai estar em casa.

— Tudo bem — respondeu ela, sem se afastar, enlaçando-lhe o pescoço com os braços. Leo deitou-se ao lado dela outra vez e deslizou os dedos pelo contorno forte de sua clavícula. Audrey tinha o gosto daquele dia de inverno e do fogo, das chamas quentes e crepitantes; sua boca estava em todos os lugares, e o corpo de Leo estremeceu tiquetaqueando como uma bomba-relógio.

Beijá-la desta maneira, e sentir que ela o abraçava, puxando-o para si com força, era impossível de parar. Ninguém conseguiria. Mas tudo aconteceu rápido demais: desde um beijo até o que estava acontecendo agora, estar deitado com ela, os dois nus, os braços e pernas longos de Audrey, seus cabelos soltos e esparramados por toda parte e o coração batendo com toda a força contra as costelas dele.

— Isso é certo? — perguntou ela quando o tocou. Ele fez que sim com a cabeça, é claro. Como ele seria capaz de dizer não?

Mas ele não podia ir em frente. Não podia deixar que isso acontecesse.

— Certo — disse ele, sorrindo. — Vou me vestir. E seria bom se você fizesse o mesmo. — Foi a coisa mais difícil que ele já teve de fazer, pensou ele: levantar-se, vestir sua camiseta e o blusão e se recompor. Ele abriu a

porta dos fundos para deixar entrar uma lufada do ar frio de dezembro.

Quando se virou, Audrey ainda estava sentada no tapete, os joelhos erguidos até o peito, a cabeça apoiada ali, seus cabelos escorrendo sobre as costas como uma cascata. Era um salgueiro, um lírio. Ela o encarou, os olhos grandes sem os óculos, e piscou. Em seguida, disse:

— É por causa disso?

Ela estendeu os braços.

— Não. — Leo balançou a cabeça e foi até perto dela. — Não. Não pense uma coisa dessas.

Ele abraçou-a e beijou-a outra vez até que a lua passou pelo sol e o céu escureceu outra vez.

As aulas finalmente terminaram e não havia mais nada para fazer. Em tese, ele poderia passar o dia inteiro com Audrey: fazer planos, tramar escapadas e sussurrar. Porque agora Audrey era a única; ele pensava nela e seu estômago balançava, seus olhos ficavam embaçados e geralmente ele tinha de se sentar. Leo estava em pé no meio do campo; devia estar levando o pônei para o estábulo. O veterinário chegaria dali a pouco. A geada brilhava sobre os campos sob a luz da manhã e ele olhava na direção da floresta, para a Granja, pensando no que deveria fazer. Um verso de um poema surgiu em sua mente. Obrigado, *senhor Donne*, pensou ele, *sussurrando as palavras na direção da Granja: Pergunto-me, pela verdade que tenho, o que tu e eu fizemos, até nos amarmos?*

Talvez ele pudesse trazer Audrey às escondidas até a fazenda. Eles passariam o inverno hibernando, talvez em seu quarto ou então no celeiro. A cabeça de Leo girou com aquela ideia. Sue não parava de olhar para ele, um ponto de exclamação em seu rosto, e ele imaginou que havia uma palavra estampada nele, por todo lugar: amor. Era exatamente isso. Tudo aconteceu muito rápido, no fim, e agora havia a sensação de estar correndo incrivelmente rápido, a sensação de que as pernas começam a voar como se mal tocassem o chão, como se você pudesse conquistar o mundo inteiro em um passo. Ele encostou a cabeça contra o rosto do pônei e inspirou a doçura, acariciou-lhe o nariz aveludado. Amor. Será que devia dizer a ela? Ainda

não.

Leo revirou a cabeça, tentando encontrar algo especial que pudessem fazer juntos. Talvez pudessem ir até a cidade para observar as luzes de Natal. Fazer compras para o Natal, ouvir uma banda tocar, patinar no gelo, qualquer coisa. Ele queria planos, decisões, e por isso ligou para a Granja. E, pelo menos uma vez, alguém atendeu: Lorraine.

— Oi, aqui é Leo — disse ele, preocupado com a possibilidade de que, naquele momento, isso seria um erro e que devia desligar. Mas ele precisava ouvir a voz de Audrey, pelo menos por um minuto ou dois.

— Quem? Como é? — Lorraine não fizera visita nas duas últimas semanas e Sue estava preocupada, imaginando que a amiga não estivesse bem. E Leo já podia confirmar que ela não estava.

— Leo — repetiu ele, mantendo a voz num tom cortês e formal. — Posso conversar com Audrey, por favor?

— Não. Ela não está em casa. Já lhe falei antes, não ligue para cá. Não quero que você perturbe minha filha. — Havia uma tensão perceptível na voz de Lorraine, como se ela estivesse tentando conter alguma coisa, como se preferisse xingá-lo, gritar ou vociferar. Ela desligou antes que ele pudesse responder.

— O que aconteceu? — perguntou Sue, olhando para ele.

— Nada. Acho que liguei no número errado.

— Ah, sim. Bem, tente de novo.

— Não, está tudo bem. Vou ligar mais tarde.

Ele subiu até seu quarto — devia estar revisando a matéria do semestre — e tentou ler, mas as frases trombavam umas com as outras e não faziam sentido.

Audrey



— Mãe! Foi o Leo quem ligou? Por que você falou com ele desse jeito? — Tentei agarrar o fone. Ela o segurou longe de mim.

— Você o quê? — O rosto dela ficou vermelho, os olhos saltados, encarando-me enquanto colocava o fone de volta no gancho.

— O que você está tentando fazer? Está tentando destruir tudo para mim?

A voz de minha mãe era de uma tranquilidade fingida. Paciente.

— Audrey, você sabe muito bem que seu bem-estar é minha única preocupação. E que, além disso, eu acho que já lhe falei. Não quero que você converse com aquele garoto.

— Não há nada de mais. Eu simplesmente gosto dele. Ele gosta de mim. E é só isso. Não tem nada de horrível acontecendo. Você não quer que eu tenha amigos? — Era uma pergunta idiota. Onde estavam todos meus outros amigos? E os dela? E os de Peter? Nossos e-mails, cartas, telefonemas, mensagens de texto? Nem mesmo meu pai se preocupou em ficar conosco. Eu via nossa vida e nosso futuro girando em espiral, em círculos cada vez menores, até desaparecer em meio à poeira do tempo. Somente minha mãe, eu e Peter. E mais nada.

— Não precisa ficar histérica por causa disso, Audrey. Não quero que aquele rapaz interrompa o tempo precioso que temos para nossa família. Você está em outro planeta hoje em dia, e sai correndo daqui sempre que tem a oportunidade. — Ela jogou os braços para cima, exasperada. — Eu não consigo passar tempo suficiente com você e Pete. Foi por isso que mandei seu namorado parar de ligar.

— Você não deveria ter feito isso. Eu poderia ter conversado com ele e explicado. — Nós duas ficamos de frente para a outra, não muito próximas,

mas mantendo uma certa distância. Dois ímãs, com os polos se repelindo.

Ela revirou os olhos e suspirou como se eu fosse a pessoa que estivesse agindo de maneira ilógica. Eu entendia o fato de que minha mãe havia tirado alguns dias de folga novamente para as festas de fim de ano e que iríamos ficar todos juntos durante esse tempo, mas Leo havia simplesmente telefonado; isso não era nenhum crime.

Olhei para Peter. Ele já estava com seu casaco e esperava diante da porta. Minha mãe disse que iria nos levar até a cidade para fazermos as compras de Natal ou talvez ao cinema, ou ao teatro para ver um espetáculo de pantomima. Ele estava louco para ir ao teatro, e ficava treinando gritos como “Ele está atrás de você” toda vez que pegava uma de nós distraída. Há pouco mais de um minuto minha mãe estava sorrindo, como se pudesse ser convencida disso.

— Não quero nem saber — disse ela, afastando-se, acendendo seu cigarro e fingindo assistir à TV.

— E o teatro, Aud? — disse Peter, olhando da minha mãe para mim e de mim para ela. Fiz que sim com a cabeça e sussurrei que tudo daria certo.

Mas, quando falei, ela aumentou o volume.

— Mãe, por favor. Deixe-me contar o que está acontecendo. Deixe-me explicar, por favor.

Ela pegou o controle remoto. O volume aumentou até que a casa começou a balançar com o barulho da voz da vendedora enquanto ela cacarejava sobre a quantidade de utensílios para a cozinha em promoção, e eu vi minha mãe revirar a bolsa à procura do cartão de crédito, e depois observar a sala enquanto procurava pelo telefone.

Fui até a televisão e posicionei minha mão, pronta para desligá-la.

— Não se atreva.

Fingi que não a ouvi. Eu já havia enfrentado Lizzy; era capaz de enfrentar minha mãe. Girei e apertei o botão.

— Como se atreve a fazer isso, Audrey? — Minha mãe apoiou os braços na lateral da cadeira, pronta para se levantar.

— Porque eu quero que você me escute. Você nunca escuta o que eu digo. Leo é muito bom para mim. Eu juro. Você devia dar uma chance a ele. Não está sendo justa. — Minha mãe se levantou e foi até a televisão para ligá-la outra vez.

— Eu sei o que é melhor para você, Aud; você é minha única filha. Você não está bem. Não tem saúde mental suficiente para decidir se deve começar um relacionamento com um garoto que é mais velho do que você e mais experiente. Por isso, você vai ficar aqui, em casa comigo, onde é seguro. Você pode dizer que isso não é justo. Eu digo que isso é para seu próprio bem.

Ela estava plantada bem diante de mim. Sólida, imóvel, como um bloco de concreto. Coração de concreto, pensei.

— Não vou parar de me encontrar com ele. Você não pode me obrigar. — Percebi que eu já tinha quase a mesma altura dela. Endireitando-me um pouco mais, eu a olhei direto no rosto. Ela me encarou de volta e não desviou o olhar.

— Deixe-me lhe dizer algumas coisas, Audrey. Deixe-me lhe dizer exatamente o que esse garoto está querendo. O que você sabe sobre sexo?

— Sei o suficiente — murmurei, tentando passar por ela e sair da sala. Meu rosto queimando em rubor. Lembrei daquele dia na fazenda, em como chegamos tão perto de fazer isso, e como Leo me viu por inteiro, me beijou por inteiro e agora eu não era capaz de pensar em mais nada. Minha mãe estava me observando, com a respiração ficando cada vez mais acelerada.

— O que você andou aprontando, Audrey? — perguntou ela, chegando mais perto.

— Nada.

— Eu sei o que está havendo — ela afirmou, dando um passo para o lado quando fiz o mesmo. — Vocês estão planejando um romancezinho sujo, você e esse garoto. Bem, ele não vai ficar feliz até conseguir arrancar sua calcinha e lhe encher de problemas. E eu não vou deixar isso acontecer.

— Isso é besteira — eu disse. — Pare de ser ridícula.

A boca dela estava aberta; o peito arfava.

— Aposto que qualquer médico diria que eu tenho razão — disse ela, agarrando meu braço e me puxando para ficarmos frente a frente.

— O que você está querendo dizer? — perguntei.

— Aposto que, se eu mandar um médico examinar você, ele vai me dizer o que você está aprontando, sem nenhum problema.

— Não estou entendendo — eu disse a ela, sentindo-me ainda mais quente e assustada.

— É muito fácil saber se uma menina ainda é virgem, Audrey — disse minha mãe, e eu levei a mão à boca para engolir o vômito.

— Eu sou virgem. Por que você não acredita em mim? — sussurrei.

— Porque eu não nasci ontem, é isso. Apenas por isso. Você é uma vadiazinha suja. Eu nunca imaginei que diria isso de uma filha minha. Mas você é uma vadiazinha suja. Dá até para sentir o cheiro; está impregnado em você. — Ela deu as costas e saiu pisando duro, batendo a porta da cozinha, e eu subi as escadas, lentamente, como se fosse uma velha, e o quarto adernou e caiu enquanto eu rolava nas ondas do desgosto dela.

Na véspera de Natal, eu fui até a cozinha, que estava enevoadada pelo vapor das panelas e quente como o inferno. Os cheiros estavam subindo até meu quarto há um bom tempo e, se minha mãe estivesse cozinhando, eu achava que podia ajudar. Além disso, eu queria fazer as pazes. Mas minha mãe estava cozinhando e mexendo algo que fervia e borbulhava em uma panela de ferro fundido e não olhou para mim. Assim, eu a observei andar aos trancos e barrancos pela cozinha, os lábios pressionados firmemente um contra o outro, e, quando falei, foi como se eu nem estivesse ali.

— Mãe — eu disse. Ela encheu a chaleira de água, colocou-a para ferver, o rosto retorcido e feio pelo que lhe passava pela cabeça.

— Mãe, pode me escutar? — pedi, mas ela continuou de costas para mim. — Mãe, quero conversar com você sobre Leo e eu, por favor.

Uma tampa retiniu em uma panela conforme a água fervia e se derramava sobre o fogão, respingando e chiando. Era inútil tentar. Eu devia sair de perto

dela, encontrar Peter e ter certeza de que ele estava de banho tomado e vestido; talvez pudéssemos inventar nosso próprio espetáculo de teatro ou passar o dia na floresta. Virei-me para ir, mas a Coisa bloqueava a porta e eu não consegui passar por ela, e, naquele calor, uma gota de suor escorreu pelo meu pescoço, descendo por entre as omoplatas e pelas costas. A Coisa me empurrou para frente outra vez, contra a beirada do fogão, e a água se agitou e entornou e borbulhou e respingou e queimou e eu gritei.

Mais tarde, estávamos sentados no banco de trás do carro. Peter sussurrou que iríamos ao teatro depois de tudo o que aconteceu, e eu não consegui responder, ainda amparando meu braço.

A sala de espera estava cheia. Pequenos grupos de pessoas ocupadas com seus telefones, bêbados gritando, bebês chorando. Minha mãe ia e voltava até o balcão da recepção e perguntava “quando?”, e finalmente nós fomos chamados até um dos cubículos. O médico perguntou como aquilo havia acontecido enquanto examinava delicadamente a queimadura no meu braço e depois a do meu abdômen. Comecei a murmurar, primeiro em voz baixa, e depois mais alto, enquanto minha mãe explicava. Sua boca se movia. Recusei-me a ler aquelas palavras. Não iria juntá-las. Não podia. Olhei para ele.

— Foi um acidente — eu disse. — Mas dói. — Eu não tinha certeza sobre qual parte me referia. Se era realmente do meu braço que eu estava falando. Talvez aquela conseguiu roubar a outra, a que eu trazia dentro de mim

— Podemos lhe dar algo para isso. — Ele sorriu e continuou a fazer perguntas para minha mãe sobre meu tratamento, com quem eu estava me consultando e dizendo que iria acompanhar o meu caso.

Uma enfermeira fez um curativo. Minha mãe conversou e segurou em minha mão, e a enfermeira olhou para ela e sorriu.

Já era tarde quando voltamos para casa. Tomei outro comprimido e subi para a cama sem ver mais nada.

Minha mãe subiu, bem mais tarde, trazendo um copo de água e um frasco de comprimidos. Ela se sentou ao meu lado e acariciou meus cabelos; estava muito gentil e tranquila agora. Quando levou a colher até meus lábios, engoli

como uma boa menina.

— Está tudo bem, meu bem. Você está bem agora. Está vendo? Percebeu o que eu estava dizendo? Você não está em condições de fazer nada. Pobre menina. — E não restava mais nada que eu pudesse discutir. Ouvi quando ela voltou para baixo, o tilintar das chaves, o ranger da porta quando ela saiu e o ronco do motor do carro quando ela adentrou a noite.

Leo



Uma das tradições de Sue era passar a noite de Natal no pub. Geralmente havia pessoas que iam até lá para cantar canções natalinas; a proprietária oferecia um bufê. Todos ficavam alegres, os rostos corados pelo fogo da lareira e o vinho quente. A última pessoa que Leo pensou que veria naquela noite era Lorraine; o diálogo que tiveram no dia anterior ainda o incomodava como a dor que demora para desaparecer após a ferroada de uma vespa. Ela entrou com uma lufada de vento, os lábios pintados com o vermelho habitual, e ele viu Sue erguer a mão em sinal de boas-vindas, mas Lorraine olhou para o outro lado, fingindo que não a viu.

Lorraine atravessou o bar, entrou em uma sala menor e desapareceu das vistas das pessoas.

— Meio estranho, não acha? — Sue olhou para Leo. — Será que eu devo ir conversar com ela, descobrir o que está acontecendo? O que você acha?

Leo terminou de tomar sua bebida.

— Não, deixe-a. Se ela quiser ser grossa, deixe.

— Será que ela não nos viu? Não acho que foi grosseria dela, Leo. Vou conversar com ela mais tarde.

— Tudo bem. Mas ela nos viu, sim. — Se Lorraine estava aqui, então Audrey havia voltado para a Granja. Ele podia correr até lá, bem rápido; simplesmente desejar um Feliz Natal pessoalmente. Ele pegou o casaco.

— Aonde você vai? — Sue ergueu uma sobrancelha. Ela sabia muito bem.

— Volto logo. Não se preocupe.

— Pegue o carro. Vai ser mais rápido assim.

— Claro.

Leo dirigiu rapidamente no escuro, com os faróis altos iluminando a estrada, assustando um coelho e fazendo um cervo saltar para o meio de algumas moitas. A estrada estava limpa, sem neve; o dia havia sido agradável e iluminado, e ele cantarolou uma cantiga de Natal barulhenta, sorrindo ao pensar na surpresa — e no rosto reluzente de Audrey no futuro.

Audrey



As batidas pareciam que durariam para sempre. Eu me virei, profundamente adormecida, tentando bloquear a fonte daquele barulho, mas o ruído não cessou. E em seguida uma voz começou a chamar, Audrey, Audrey — o som chegava tão gentil e doce que as lágrimas rolaram outra vez e eu me virei para segui-la no escuro, imaginando se poderia chegar a algum lugar mais iluminado. Se eu poderia deixar meu corpo para trás e me erguer no ar.

— Aud. — Era Peter agora. Estava me balançando. Eu estava grogue, não conseguia enxergar muito bem. Meus olhos estavam pesados demais para que eu os abrisse.

— Aud, acorde. Tem alguém aqui — sussurrou ele, e eu estendi o braço e o puxei para perto de mim com braços que pareciam ser feitos de chumbo.

— Vá dormir, Pete — resmunguei. — Elas logo irão embora.

E lá estava o som outra vez, as pancadas. Peter saltou nos meus braços e se encolheu junto a mim; desta vez eu me sentei na cama, sentindo a cabeça pesar sobre os ombros.

— Audrey. — O chamado outra vez. — Audrey! — Eu finalmente reconheci a voz. Era Leo.

— Está tudo bem, Pete. Deixe eu me levantar.

Peter com as pernas enlaçadas ao redor da minha cintura, eu abri a porta.

— Oi — disse ele. Fiquei feliz por estar escuro. Senti que ele me olhava fixamente, com a mão no meu rosto. Ele estava gelado e eu tremia.

— Oi. — Levantei a mão e segurei a dele.

— Posso entrar? — perguntou ele, e eu não soube o que responder, porque tinha noção de que estava toda desarrumada e sabia o que aconteceria se

minha mãe voltasse para casa.

— Sua mãe está no pub. Eu a vi lá — disse ele, lendo meus pensamentos.

— O quê? Eu achei que ela tivesse ido trabalhar. Mas, enfim, do que é que eu sei?

— Bem, achei que você pudesse estar se sentindo sozinha.

— Eu estava dormindo. — Eu ainda tinha a sensação de que isso fazia parte do sonho, que a qualquer segundo eu acordaria e perceberia que minha mente havia me enganado outra vez.

— Você está bem, não está?

— Sim. Entre, rápido.

Ele entrou e colocou os braços ao redor de mim, e foi naquele momento que eu soube que tudo estava realmente bem. Que ele era a coisa mais segura em minha vida e que eu não era nojenta ou asquerosa e que Leo não se importava com nada. Não se importava com meu cabelo ensebado; com minha pele pálida e chamuscada; com meus dedos finos, ou mesmo com os dentes inferiores tortos em minha boca ou meus óculos. Todas as coisas que eu não conhecia. Nada disso importava para Leo. Afinal de contas, ele estava aqui.

Leo



Ele estava prestes a desistir quando Audrey abriu a porta, prestes a esquecer essa correria maluca. E então ela apareceu, surgindo diante dele como um fantasma. Seu rosto estava confuso no escuro, como se não o reconhecesse.

— Posso entrar?

Levou um bom tempo até que ela respondesse, e então, quando ele entrou e colocou os braços ao redor dela e a abraçou, sentiu ela ganhar vida, e suas próprias mãos começavam a se aquecer contra a pele sonolenta de Audrey. Ele a beijou no rosto. E sentiu seu sorriso.

Peter acendeu as luzes e, antes que Leo percebesse, o garotinho já estava pegando um jogo, algo com o qual não brincava fazia anos, e eles se reuniram ao redor do quadrado de plástico, com os hipopótamos em cores berrantes mordendo e agarrando as bolinhas que rolavam pela área de jogo. Audrey competia ferozmente, mas deixava Peter vencer, gritando com um desespero fingido; Leo estava de mão dada com ela, feliz por estar aqui durante algum tempo, pois sabia que não iria durar. Isso era algo que todos sabiam.

— Que horas são? — perguntou Audrey.

— Ainda são dez horas.

— É mesmo? — Ela foi até a janela e puxou a cortina, olhando para a via de acesso.

— Vamos ouvi-la quando o carro passar pelo cascalho — disse Leo, e Audrey assentiu e encostou o rosto em seu peito.

— Do que vamos brincar agora? — perguntou Peter. — Esconde-esconde?

— Não. É hora de ir dormir — disse-lhe Audrey. — O Papai Noel vai chegar daqui a pouco, Pete, e, se você não estiver dormindo, como ele vai lhe

deixar os presentes?

— Onde está a cenoura de Rudolf? — perguntou Leo, e eles foram até a cozinha e encontraram uma cenoura, um biscoito e um copo do vinho doce que minha mãe gosta de beber e deixaram tudo sobre o beiral da janela. Ele teria de entrar pela janela, explicou Audrey, porque a casa não tinha chaminé.

— Sabe de uma coisa? — perguntou Leo. — Quando eu era pequeno, nós sempre íamos viajar no Natal, esquiando ou coisa do tipo. E teve uma vez que fomos para a Lapônia, o lugar onde o verdadeiro Papai Noel vive.

— Você o viu? — Peter sentou-se outra vez. Os dois estavam prestando atenção. Aud tinha um sorriso nos lábios, mas seus olhos brilhavam.

Leo fez que sim com a cabeça, lembrando-se vividamente de um lago congelado, de huskies siberianos latindo, sua mãe com um casaco pesado de pele, a tranquilidade e a beleza do inverno.

— Vi, sim. E sabe o que foi que pedi a ele?

Os olhos de Pete se arregalaram. Discos voadores. Leo se aproximou.

— Pedi um irmãozinho — sussurrou ele, e depois se levantou, sorrindo, e Peter retribuiu o sorriso.

Audrey o levou de volta para a sala de estar.

— Acho que é melhor eu ir embora — disse ele. — Espero que o Papai Noel chegue.

Audrey cruzou os dedos e levantou-os. A manga do seu pijama caiu, a luz de uma luminária refletiu nos pelos diáfanos dos seus braços e em algo mais: o curativo que a enfermeira fez.

— O que aconteceu? O que é isso?

Ela se desvencilhou rapidamente e puxou a manga para cobrir o braço.

— Nada. Só um acidente.

— Que tipo de acidente?

— Eu estava fazendo chá. Foi a chaleira. — Ela soltou um riso curto. — Estou sempre largando coisas e fazendo uma confusão.

— Ah. — Ele percebeu que aquilo não era verdade, que ele pensava que ela era capaz de transformar palha em ouro, mas, em vez disso, sussurrou, segurando em sua mão e puxando-a para mais perto. — Tudo bem. Dói muito?

Ela fez que não com a cabeça, ainda encostada no peito de Leo.

— Eu vou voltar. Na noite de Ano-Novo. Faça de tudo para poder sair. Entendeu?

Ela assentiu. Ele não tinha certeza de que ela havia escutado.

— Vou sentir sua falta, Aud, o tempo todo. Está bem?

Os olhos dela perguntavam: É mesmo? Assim, Leo a beijou, para que ela soubesse exatamente quanto ele sentia a falta dela, quanto a queria e quanto a amava. Ela retribuiu o beijo. E tudo que ele sentia explodiu de volta sobre ele. E Leo amou tudo aquilo também.

— É melhor eu ir.

— Não — disse ela.

— Preciso ir. Mas não quero. — Eles se beijaram outra vez, e desta vez foi ela quem se afastou, e depois o empurrou pela porta da casa como se percebesse o que aconteceria se os dois fossem descobertos, como se a realidade repentinamente começasse a fazer sentido.

— Não esqueça — gritou ele enquanto descia as escadas correndo. — Não esqueça. Na noite de Ano-Novo. Estarei de volta.

Audrey



Na manhã seguinte, Peter me acordou cedo e nós esvaziamos nossas meias de Natal, sentados na cama de nossa mãe. A noite anterior parecia um sonho, e eu tentei olhar pela janela e enxergar os campos que se estendiam até a fazenda, mas o vidro estava embaçado pela condensação. Concentrando-me no momento, olhei para os presentes. Minha mãe havia ficado louca com as compras, como de costume, e estava recostada nos travesseiros, olhando para nós, ainda meio adormecida. Só voltou para casa por volta da uma da manhã.

O quarto de minha mãe parecia ter sido atingido por uma bomba. Não eram somente os presentes; havia pilhas de roupas, sapatos e joias. Sacolas e caixas, pacotes fechados cheios de coisas que eu acho até mesmo que ela esqueceu que havia comprado. Talvez eu pudesse arrumar aquela bagunça em algum momento, deixar tudo bem organizado. Seria algo que eu poderia fazer, pelo menos, para mostrar a ela que lamentava a briga que tivemos, e que eu me sentia mal por ela estar irritada. Peter estava abrindo caminho por entre os pacotes, rasgando o papel de embrulho e fazendo uma pilha.

Eu havia comprado um chapéu de cozinheiro para Peter e um conjunto de utensílios de cozinha para crianças, e também um livro de receitas. Foi barato, e meu dinheiro só dava para isso, mas ele não se importava.

— Que legal, Aud. Obrigado — disse ele, rasgando a caixa e examinando o batedor de ovos e a colher de pau. — Vou preparar nosso café em um minuto — declarou ele, todo sério e imponente. Eu o abracei e a minha mãe me entregou o presente que havia comprado para mim. Era uma caixa embalada com um belo papel dourado e brilhante. Quase não me atrevi a abri-la. Não conseguia nem imaginar o que poderia haver ali dentro. Uma parte de mim pensou em uma máquina de escrever, um modelo antigo, elegante, mas não me atrevi a imaginar o que seria aquilo. Ou talvez um globo. Talvez fosse uma caixa enorme e cheia de livros. Não era

suficientemente pesada para ser nada disso, e eu tive de engolir minhas expectativas.

— Vá em frente — disse ela. — O suspense está me matando. — A expressão em seu rosto me dizia que eu teria de amar aquele presente, seja lá o que fosse.

Puxei o papel com cuidado. Olhei fixamente para a caixa. Uma boneca Madison, um modelo ultrarrealista, olhava para mim por trás do invólucro de plástico.

— É linda, não é? — disse minha mãe, pegando a caixa, tirando a boneca das presilhas, com cuidado para não rasgar a embalagem. — Olhe, você pode colocá-la em posições diferentes. — Ela começou a manipular os braços e as pernas daquela coisa, alisando o macacão xadrez do brinquedo e a tiara forrada com o mesmo material. — Ela é adorável. Imaginei que você poderia começar a fazer sua própria coleção, Audrey. Ela tem qualidade, é do tipo Ashton Drake, como algumas das minhas. — Ela indicou uma estante que estava atrás da cama, com as bonecas organizadas em fileiras perfeitas. Eu tentava nunca olhar para elas; o rosto delas me dava calafrios. — Vai ficar linda no seu quarto.

— Obrigada, mãe. É bonita. Muita gentileza sua. Obrigada.

Inclinei-me sobre a montanha de papel de embrulho. Beije-a no rosto. Seu rosto tinha o gosto de maquiagem envelhecida. O hálito fedido. Ela me agarrou e me abraçou com bastante força. Eu me contorci para sair daquele abraço e deixei a boneca de lado.

— O que foi? Não gostou dela?

— Sim, mas, você sabe como é. Não curto bonecas. — Eu estava tentando ser honesta. Não era o melhor jeito de agir.

— Bem, eu acho que já devia saber o tamanho da sua gratidão. — Ela se recostou de novo nos travesseiros, cruzou os braços, recusou-se a abrir qualquer outro embrulho e não quis o café da manhã que Peter preparou.

Depois disso, as coisas ficaram meio chochas. Mais tarde, minha mãe decidiu que não queria saber de peru. O almoço de Natal resumiu-se a sanduíches de geleia que comemos enquanto assistíamos à TV e estouramos

alguns traques de Natal. Soltamos risadas forçadas com as piadas. Nem mesmo o episódio especial de *EastEnders* ou o filme do Mr. Bean conseguiram nos alegrar.

Minha mãe se mexeu no sofá, tamborilando os dedos no braço da poltrona, olhando o telefone e olhando várias vezes em minha direção.

— Sabe, sem mim, sem os médicos, você não vai conseguir melhorar.

— O quê? — eu disse, olhando para ela. Abaixei-me e ajudei Peter a encaixar outra peça em seu novo quebra-cabeça.

— Você acha que as coisas estão ruins agora? — continuou ela. — Imagine como vai ser quando você não conseguir sair da cama, não conseguir comer, se estiver ouvindo coisas, enxergando coisas. Você deixa as suas vozes piorarem, Aud, e aí não há mais jeito. Você vai estar prestes a surtar. Não vai conseguir aguentar isso sozinha.

— Mãe. Pare com isso. — Eu me levantei, fui buscar um copo de água e fiquei olhando para ela sob o batente da porta.

Minha mãe se levantou e veio até onde eu estava.

— Deixe-me ver esse braço — disse ela, agarrando-me, querendo examinar as queimaduras.

— Não. Pare. Deixe isso quieto. — Eu recuei.

— Vou trocar os curativos. Podem estar infeccionados — disse ela, segurando outra vez meu braço. Os dedos dela se fecharam bem onde doía.

— Não estão.

Minha mãe cruzou os braços. O jeito que ela olhou para mim era igual ao jeito que Lizzy me olhava. Como se eu lhe causasse asco.

— É melhor você ir para a cama, Audrey — disse ela, após algum tempo. Devia ser mais ou menos cinco e meia da tarde. — É hora de você subir. Você não está bem.

— Mãe, ainda está cedo — reclamei. Além do mais, eu não queria ir lá para cima, especialmente agora que estava escuro. Minha mãe se levantou e foi até a cozinha, abriu a geladeira e procurou alguma coisa ali dentro.

Quando voltou, com as mãos cheias de queijo e um pote de pickles, viu que eu ainda estava atrás dela e deu um passo adiante.

— Hoje você vai dormir cedo. Vai lhe fazer bem. E não se esqueça da Madison. — Ela encheu o prato e puxou Peter para voltar à sala de estar, fechando a porta logo atrás de si.

Demorou horas até ela ir para a cama e já era tarde demais para eu conseguir sair do quarto. Mas esperei até ouvir o som do seu ronco antes de me esgueirar de volta ao andar de baixo, os olhos de Madison me seguindo, até sair de casa e ir até a caixa de correio. Só para dar uma olhadinha.

Dentro dela havia uma corrente de corações de papel, enrolados como uma cobra adormecida. Eu os tirei de lá. Cada um dos corações trazia palavras, como de costume, palavras preciosas que eu poderia apreciar e tentar compreender: *mergulho*, *sonhos*, *confiança*, *coração*, *mares*, *fogo*. Era perfeito e eu voltei para o quarto sorrindo.

Véspera de Ano-Novo



Audrey



No começo da véspera de Ano-Novo, eu fiquei sentada em minha cama e ataquei uma saia com uma tesoura antes de vesti-la, com uma camiseta preta da minha mãe. Era grande demais, mas eu encontrei um cinto e o preendi firmemente ao redor da cintura. Quase consegui fazer um vestidinho preto. Usando uma agulha e linha, tentei fazer a barra da saia, espetando meu dedo no processo e fazendo-o sangrar. Em seguida, eu ataquei meu cabelo, armando-o em um coque malfeito e encharcando-o com meia lata do laquê de minha mãe. Olhei-me no espelho do banheiro. Ainda estava magra demais. Ainda estava pálida demais. Aplicando no rosto o blush de minha mãe em movimentos circulares, eu comecei a imaginar onde Leo e eu iríamos e o que faríamos. Comecei a me perguntar se ele realmente viria. Sim, ele prometeu. Uma semente de empolgação se enraizou dentro de mim, começou a crescer. Não conseguia me lembrar da última festa a que fui. O produto final me olhou pelo espelho do banheiro. Eu estava horrível, mas pelo menos eu continuava a ser eu. Uma espécie de trabalho em andamento, mas ainda era eu.

— O que acha? — perguntei a Peter.

Ele olhou para mim.

— O que acho do quê?

— Da minha roupa?

— Você está esquisita, Aud — disse ele, sem olhar outra vez. E tinha razão. Mostrei a língua para o espelho. Fiz uma careta e consegui rir.

Troquei a saia por um jeans, soltei o cabelo e apliquei um batom. O vermelho da minha mãe era melhor do que nada. Tive de olhar no espelho para conseguir passá-lo. Estava tudo bem; eu estava bem.

— Para onde você vai? — Peter veio olhar. Ele se sentou na borda da banheira, balançando as pernas.

Pensei naquilo. Ele teria de vir comigo.

— Quer ir visitar Leo? — perguntei a ele.

Ele fez que sim com a cabeça, em movimentos lentos.

— Vai ser legal. — Sorri, tentei fazer com que aquilo parecesse algo corriqueiro, e que eu não me importava. — Nossa mãe não vai descobrir.

— Certo — disse ele. — Tudo bem.

E, logo em seguida, ouvimos uma batida muito alta na porta. Embora eu estivesse à espera dele, levei um susto.

— Quem é? — disse Peter. Saí correndo do banheiro, descendo as escadas a toda a velocidade, atirei-me contra a porta da frente e a abri com um movimento rápido.

Por um segundo, nenhum de nós disse qualquer palavra. Simplesmente nos olhamos. Em seguida, endireitei o conjuntinho improvisado, pensei em meu rosto, na minha boca com um sorriso daquele tamanho. Aquele batom idiota. Cobri a boca.

Leo conseguiu ler meus pensamentos.

— Você está linda — disse ele. — Diferente. Mas está muito bom.

Esfreguei a mão nos lábios para limpá-los. Deixei uma mancha escura na pele.

— Vamos lá. — Leo pegou minha mão. — Vá pegar seu casaco.

— Para onde vamos?

— Você vai ver. Vamos lá, Peter.

— É melhor deixar um bilhete, não acha?

— Claro, claro. — Ele parou.

— E o que vou dizer?

— Que você vai passar a noite fora. Que volta amanhã. Que está em

segurança e que Peter está com Sue. Ela não vai se importar de cuidar dele, mesmo que eu não tenha dito a ela para onde vou com você. Acho que talvez ela não gostasse dessa parte do plano. Mas, enfim... essas são as únicas pistas que vou lhe dar. Rápido, vamos nessa.

Rabisquei a mensagem e a deixei sobre o balcão da cozinha, ao lado da chaleira, e saí correndo atrás de Leo e Peter, emergindo no ar fresco, apostando corrida com meu irmão até a viela que dava acesso à Granja.

O Land Rover de Sue estava estacionado no cascalho.

— Vamos fazer uma pequena viagem — disse Leo. Trocamos um olhar. Ele queria que eu entrasse no carro com ele, queria me levar para longe. Minhas pernas começaram a tremer só de pensar naquilo. Eu nunca havia viajado para lugar nenhum sem minha mãe. Não tinha certeza de que conseguiria.

— Você está brincando.

Não era uma boa ideia. Eu quase virei as costas e voltei para casa, mas Leo colocou os braços ao redor de mim.

— Está tudo bem, Aud. Você vai estar comigo.

Encostei o rosto no peito dele. Consegui ouvir seu coração batendo também, e respirei fundo.

— Uma viagem?

Leo esperou até que eu concordasse, e eu olhei na direção da Granja. Ela estava nos observando, nos repreendendo silenciosamente; as árvores curvadas em uma advertência grave e sombria. Mas o vento não abalou Leo. Ele foi até o carro, abriu a porta do lado do passageiro e indicou o interior com o braço.

— Vamos lá, Aud. Entre. Aperte o cinto. Você também, Pete. Vamos lá.

— Minha mãe vai ficar uma fera — eu disse a Leo pelo canto da boca enquanto afivelava o cinto de segurança de Peter.

— Você deixou o bilhete para ela. Ligue quando estivermos na estrada, explique para onde vamos e onde Peter está. Sue disse que pode cuidar dele. Assim ela não vai se preocupar. O que acha?

Minhas pernas ainda estavam bambas; fiquei sentada ao lado do meu irmão, tentei me acalmar e peguei na mão dele. Peter estava sorrindo e eu queria que ele pudesse vir também. Leo deu a partida no motor e eu observei suas mãos ligando os faróis e manipulando a alavanca do câmbio.

— Não se preocupe. Você sabe que vai ficar tudo bem. — Leo me olhava fixamente. Seu rosto exigia sorrisos, e eu senti a empolgação e a esperança se formarem nas batidas fortes do meu coração, na velocidade de minha respiração. Leo continuava dando a impressão de que esperava alguma coisa e tentei descobrir o que ele sentia, mas não consegui identificar direito — uma mistura enorme de muitas coisas, embora fosse algo luminoso. Como o festival das luzes de Blackpool e toda aquela felicidade maravilhosa, inacreditavelmente cheia de esperanças. *Venha comigo, diziam os olhos dele. Vou levar você para longe, levá-la para um lugar onde a única coisa a temer é o brilho das estrelas e a sensação de quanto o mundo é incrível quando você o enxerga de cima.*

As engrenagens do câmbio se encaixaram e nós partimos, rumo à via de acesso e aos portões. Eu esperava que eles fossem se fechar antes que pudéssemos ultrapassá-los, trancando-nos em seu interior, mas passamos rapidamente por eles, provavelmente rápido demais para que a velocidade pudesse ser considerada segura. Mas que importância tinha isso? Estávamos livres.

— Para onde estamos indo?

— Surpresa. Espere e você vai ver. — Ele olhou o relógio e nós seguimos pelas estradas estreitas que levavam até a fazenda, e a única coisa que interrompia o silêncio eram as coisas que Peter dizia. A qualquer segundo alguma coisa estava prestes a explodir. Abracei meu irmão com força quando ele desembarcou, beijei-o, mas ele se afastou e esfregou o rosto, e, logo antes de entrar na casa, virou-se e mandou um beijo. Eu agarrei o beijo no ar, guardei-o no bolso e voltei para dentro do carro, sentando-me tão perto de Leo que nossos corpos podiam estar presos juntos um ao outro como se houvessem tiras de velcro em nossos quadris, ombros, coxas. Não sabia se ele conseguiria dirigir assim, mas não iria me mover. Ele colocou o rosto no meu cabelo e encostou a boca na minha orelha.

— Senti saudade — sussurrou ele, parecendo estar diferente. Fora de controle, talvez.

Peguei na mão dele e a segurei com força, esmagando-lhe os dedos. O tamanho da saudade que eu senti estava presente em cada pedaço de meu corpo; imaginei se ele seria capaz de ver que tudo pulsava, que eu estava queimando. Engoli em seco e abri a janela para deixar um pouco de ar fresco entrar no carro, mas a lufada de ar gelado não resfriou nada.

As estradas estavam movimentadas, mas Leo dirigia como um profissional, parando apenas para encher o tanque.

— O que é isso? — perguntei a ele.

— Uma viagem mágica — disse ele outra vez. — Já lhe falei.

— Estou com medo. — Sorri quando disse aquilo, sem querer dar aquela impressão. Com medo de todo tipo de coisa, de mim mesma, e dele, e de estarmos juntos. De escapar.

— Não fique assim — disse ele. — Não quero que você sinta medo, não quando estiver comigo. Vou cuidar de você, Aud, prometo. E você vai ver que isso vai ser bem divertido. Vai ser bem animado.

— E minha mãe? — Eu olhei para o trânsito. Era uma idiotice dizer aquilo. Ela não tinha nenhuma importância, não naquele momento, e como poderia saber onde estávamos? Ela não podia nos seguir. Não podia nos impedir.

— Ligue para ela. — Leo pegou seu telefone e o entregou para mim.

— Ela vai ficar muito irritada, você sabe disso. E vai estragar tudo.

— Certo. Bem, ligue para ela amanhã de manhã. Ou podemos mandar uma mensagem de texto. — Eu estava com o telefone na mão, preso nas pontas dos dedos, sem fazer nada. — Vá em frente, ligue para ela. Posso explicar tudo, se você quiser.

Eu não conseguia pensar naquilo. Minha mãe não era bem-vinda aqui, entre nós dois; ela me obrigaria a voltar, e eu não queria que isso acontecesse. Devolvi o telefone.

— Não se preocupe — disse ele novamente, dando a partida no carro e voltando para a estrada. Nomes de cidades que eu nunca havia ouvido antes

se embaralhavam, confusos, em minha cabeça, e conforme os quilômetros passavam eu comecei a pensar no que estávamos fazendo, no que aquilo significava.

— Obrigada por tudo isso, Leo — eu disse. — Independentemente do que seja. Independentemente do lugar para onde formos. Podemos simplesmente continuar a viajar para sempre. Sem parar. O que você acha?

— Por que não? — Ele apertou minha mão e o play no aparelho de som. Começou a cantar. Eu sorri e me recostei no assento, observando o trânsito e os campos passarem, rindo quando Leo se embolava com as letras das músicas e eu me juntando a ele nos refrões.

— Tem certeza de que sabe para onde estamos indo? — Eu espiei pela janela, tentando ler o nome das cidades, procurando por pistas.

— Tenho, sim. Eu memorizei a rota. — Leo parecia estar tão contente consigo mesmo que isso me fez sorrir. Eu o cutuquei gentilmente.

— Uau.

— Pois é — disse ele, sorrindo. — Sou muito bom nisso. Praticamente um herói.

— Você é incrível, Leo.

— Bem, obrigado — disse ele, sem nem mesmo se incomodar em disfarçar o rubor no rosto. — Diga outra vez. Gostei disso.

— Não. Senão você vai ficar se achando demais. Pessoas do signo de Leão são arrogantes, você sabe. Bom, geralmente são.

Leo olhou pelo para-brisa, ultrapassando um carro, e seu olhar cruzou rapidamente com o meu. Aquela olhada me fez corar.

— Sabe, acho que é legal dizer que eu também penso que você é incrível, não é?

— Você acha?

— Acho, sim. E não ria — disse ele, franzindo a testa. — Isso não é engraçado. Está afetando seriamente minha capacidade de continuar sendo um ser humano produtivo. Sue diz que eu fico me lamentando pelos cantos.

— Se lamentando?

— Sim. Tive de me segurar para não invadir a Granja como se fosse um herói de filme de guerra e roubar você de lá na calada da noite. Ou me pendurar do lado de fora da sua janela como aquele idiota do Romeu.

— Romeu era um idiota?

— Bem, eu sempre achei que sim. Até que comecei a sentir um pouco da angústia dele. Hoje em dia eu simpatizo um pouco mais com ele.

Minhas bochechas doíam de tanto sorrir.

— É mesmo?

— Sim. O personagem de que eu menos gosto entre todos os heróis trágicos, porque, francamente, ele não tem nenhuma dignidade. Não chega aos pés de Otelo. Até mesmo o velho Macbeth é mais interessante, e você sabe o que eu acho dele. Veja, estamos quase lá. Precisamos entrar aqui. Espero que o trânsito não fique pior.

Londres. Eu nunca havia ido a Londres, não sabia o que esperar. Conforme a noite foi ficando cada vez mais escura, nós entramos em outra estrada movimentada.

— Leo?

— Sim?

— Nós estamos indo para onde eu acho que estamos indo?

— Se eu disser, vou estragar a surpresa.

Leo



Ele não tinha certeza se Londres era a melhor opção, mas, quando viu o rosto de Audrey, percebeu que havia feito a coisa certa. Estacionando diante da casa dos seus pais, ele começou a se sentir nervoso outra vez.

— Chegamos. Podemos deixar nossas coisas aí. — Ele a levou pelos degraus de mármore até chegarem à enorme porta de entrada. A casa estava toda iluminada, embora não houvesse ninguém ali.

— Que lugar é este?

— Bem, é aqui que meus pais moram às vezes, quando estão na cidade, se não estiverem hospedados em algum hotel. O que, por alguma razão, é o que minha mãe prefere fazer. Acho que é porque no hotel ela não precisa cozinhar nem fazer nenhum trabalho doméstico. — Ele trancou o carro e puxou Audrey para perto da casa. — Minha mãe, como você vai ver quando entrarmos na casa, transcendeu o universo doméstico.

— Ah. Isso é bem estranho.

— Concordo. Mas me mostre alguém que não seja.

— Mesmo assim, é bem legal. Eu gostaria de transcender o universo doméstico, ou seja lá o que isso signifique. Basicamente, parar de fazer todas aquelas tarefas horríveis. Acho que é isso que você quer dizer.

— Exatamente. Quando eu for um homem rico, e não apenas o filho de um homem rico, vou lhe comprar um robô que vai cuidar de todas as suas tarefas domésticas. Ou talvez nós iremos simplesmente viajar pelo mundo; nada de posses, nada de raízes. Apenas você, eu e qualquer lugar onde tivermos vontade de ir.

Audrey o beijou no rosto, rapidamente.

— Estarei lá — disse ela. — Não vá sem mim, está bem?

Ela segurou o rosto dele entre as mãos e Leo se perguntou se os dois estavam enxergando a mesma coisa: um avião, Audrey com um vestido branco e óculos de sol. Ele estaria usando jeans e uma jaqueta de couro antiga. Viu que ambos estavam de mãos dadas acima das nuvens e a oportunidade infinita de que o que havia entre os dois duraria para sempre, e imaginou se conseguiria fazer aquilo ainda no próximo verão; eles deviam dar um jeito de transformar aquilo em realidade, e logo. Qualquer coisa era possível.

Ele a levou pelo corredor, minimizando a ostentação por todo o trajeto. Audrey estava de queixo caído. O piano de cauda, os carpetes brancos, as obras de arte reluzentes. Ele sabia que tudo aquilo indicava dinheiro, estilo e luxo. Mas, para ele, aquele lugar não era um lar, não como a casa de Sue. Quando criança, ele fazia brincadeiras silenciosas, contidas e controladas — empurrando seus carrinhos de maneira bastante morosa pelos carpetes grossos —, e mais tarde despertava após sonhar com paredes cobertas por rabiscos feitos com giz de cera preto, suando e tremendo com as lembranças. Ele se levantava toda vez que isso acontecia, ia até a sala de estar e acendia as luzes. Verificava se o papel de parede continuava imaculado como antes. Audrey queria ficar ali, admirar e inspecionar, mas ele lhe disse que só podiam parar por alguns minutos, recompor-se e depois iriam para a cidade.

Audrey recolocou a pequena miniatura que estava observando — um pequeno Cupido de bronze — de volta onde a pegou, e realinhou-a sobre a cômoda.

— Antes disso, você vai ter de tocar alguma coisa para mim. — Audrey se empoleirou na ponta do sofá, as pernas longas cruzadas na altura dos tornozelos, o rosto tomado pela expectativa.

— O quê?

— Quero ouvir você tocar. Nunca conheci ninguém que soubesse tocar piano. Meu pai tinha um banjo velho, parecido com um violãozinho, mas não tocava muito bem.

— Está falando sério? — Ele ergueu a tampa para revelar as teclas e sentiu uma atração estranha na direção do instrumento enquanto flexionava os dedos, já pensando. O que poderia tocar? Algo especial. Algo para ela. E para

ele. Algo para os dois. Leo deixou as mãos repousarem sobre as teclas. Seu coração parou de bater e voltou logo em seguida.

— Tudo bem — disse ele, embora não soubesse ao certo qual a sensação que isso lhe causaria. Em sua cabeça, o piano ainda tinha parte da culpa. Toda a música que corria pelo seu corpo antes que ele se despedaçasse, os dedos que dançavam sobre teclas imaginárias, seus sonhos cheios de tempestades bravias de semínimas e semicolcheias, arpejos revoltos, acordes maiores zombeteiros que marchavam como soldados e os lamentos menores que o faziam chorar.

— Certo. Lá vai. — Leo pensou por mais alguns momentos. Em seguida sentiu a inspiração bater, e foi como se ele nunca tivesse parado, como se cada nota ainda estivesse na ponta dos seus dedos, esperando como lembranças, como as impressões digitais, fósseis. Esqueceu-se de que Audrey estava ali. Esqueceu-se de tudo.

— Ah, meu Deus — disse ela quando ele terminou, e ele mal conseguiu ouvi-la; ele tremia um pouco, querendo começar novamente, tocar tudo de novo desde o começo, e melhor desta vez.

— Leo — disse Audrey, batendo palmas. — Você é demais como o tal do Mozart ou algo parecido. — Quebrando o transe e fazendo-o sorrir. Ele se virou lentamente para olhar para ela.

— É mesmo? Como você sabe?

— Está dizendo que era mesmo? Você estava tocando Mozart? Está brincando! Pode me ensinar?

— Claro. Talvez algum dia. Mas agora nós precisamos ir. — Ele se afastou do piano, pegou a jaqueta, passou a de Audrey para ela e levou-a para fora da casa.

— Você sabe que isto aqui é incrivelmente chique, não é? — disse ela, parando para admirar a mansão branca em estilo georgiano enquanto fechava o zíper do casaco.

— Acho que sim. Mas há lugares mais chiques.

— Não vamos para esses lugares, não é? — O medo na voz dela fez com

que Leo risse outra vez.

— Não. Vamos para um lugar bem melhor. Está bem?

Eles tomaram o metrô até Trafalgar Square. A temperatura nas ruas estava caindo, mas o ar estava quente e abafado dentro do metrô. Tiveram de viajar em pé, segurando-se nos balaústres e rindo quando trombavam um com o outro.

— O que você está fazendo? — Ele olhou para ela e agarrou-lhe o braço. Audrey estava tirando o casaco.

— Estou com calor. — Audrey soltou a barra de apoio e jogou a jaqueta para Leo, e depois abriu os braços, insistindo em ganhar espaço, forçando os outros passageiros a recuar. As pessoas a encararam e depois desviaram os olhos quando ela começou a girar e rodopiar, cantarolando a música que ele tocou para ela, pelo menos a parte que se lembrava, e com um “lá-lá-lá” para as outras. Sua cabeça pendia para trás, seus cabelos esvoaçavam. Leo a observava. Metade dele estava alarmada com aquilo, e a outra metade estava admirada.

— Isso é uma delícia — disse ela. — Sabe de uma coisa? Estamos livres — cantou ela, estendendo as vogais longas. Agarrou Leo, colocou os braços ao redor de sua cintura e o fez dançar com ela, aquela valsa, até que os dois ricochetearam contra a lateral do vagão, quase caindo um por cima do outro. Alguém soltou um murmúrio de desaprovação, mas a maioria das pessoas os ignorou, provavelmente pensando que estavam bêbados. Leo ajudou-a a se levantar, segurando-a até o trem parar.

— Vamos, temos de descer aqui. Você pode ficar tão empolgada quanto quiser agora, Aud — disse Leo, puxando-a até a plataforma e indo na direção das escadas rolantes.

— Não creio que Londres seja grande o suficiente para conter minha empolgação. Trafalgar Square? É para lá que estamos indo? — Ela gritou e subiu correndo pelos degraus da escada rolante, obrigando-o a persegui-la.

— Sim. E depois para o rio. Você vai enlouquecer, Aud.

— Já estou louca — disse ela. — Já faz tempo. — E acertou-o com um movimento de quadril, fazendo-o cambalear um pouco. Durante a noite

inteira ela o faria tropeçar, surpreendendo, fazendo com que ele caísse várias e várias vezes, jogado aos seus pés.

— Obrigada por tudo isso. — Audrey ficou na ponta dos pés, beijou-o no rosto e os dois entraram no meio da multidão, pressionados um contra o outro, os corpos ligados desde a cintura até os ombros, e ele pensou que isso era a definição de ser feliz. Era quase perfeito.

Audrey



Nada daquilo me assustava. Nem a multidão, nem o barulho, nem a sensação de estar solta no mundo, como uma pipa ou um balão de uma criança. Eu estava com Leo, e nós caminhamos por entre aquela multidão como se flutuássemos, como se aquelas pessoas nem mesmo existissem. Não conversávamos sobre nada que fosse real. Mas Leo me fez acreditar nas possibilidades conforme abríamos caminho entre as pessoas com as estrelas acima de nós e a noite à nossa frente, e eu vi lampejos do futuro, um futuro que eu nunca havia imaginado, e percebi como o mundo era diferente através dos olhos dele. Ele acreditava que estávamos apenas começando.

— Podemos ficar aqui para sempre? — perguntei quando os primeiros fogos de artifício estouraram ao longe, e Leo fez que sim com a cabeça.

— Se você quiser, sim. Mas as coisas costumam ficar bem feias. Pombas e poluição, uma combinação horrível. — Eu olhei para os dançarinos que estavam no palco e me deixei embalar pela música.

— Você podia me transformar em uma estátua. Assim eu não iria me importar com o cocô das pombas — gritei para tentar suplantar a barulheira.

— Hummm. Como um Pigmalião às avessas.

— O quê? — Ele era inteligente demais; havia um comentário erudito para todas as ocasiões. E o jeito que ele tocava o piano. Como ele conseguiu arrancar algo mágico das teclas, uma magia que me fez vibrar. Que diabos eu estive fazendo nos últimos dezesseis anos? Havia um monte de lacunas que eu precisava preencher.

— É uma peça de teatro. Mas também é um mito. Sobre um homem que se apaixona pela sua estátua, ou pela garota que criou na imagem que ele deseja. É uma coisa bem doentia.

— Parece ser mesmo. Mas talvez valha a pena. Você se apaixonaria por mim se eu fosse uma estátua? — Eu não olhei nos olhos dele. Estava mendigando elogios, como minha mãe diria. Flertando como se eu fosse uma boba. Mas Leo não pareceu dar muita importância àquilo.

— Não sei. — Ele abriu um sorriso torto, atraindo meus olhos para os seus com aquela voz, provocando. — Talvez.

— Você é malvado. — Mostrei a língua para ele.

— Eu sei. Mas gosto quando você faz cara de brava.

— O quê? Nossa, isso é malvado em dobro!

— E quando você ri, quando você boceja, suspira ou sorri. Tudo se torna você. Exceto quando você chora. Acho que não gostaria de ver você chorar.

— Vou tentar evitar isso, então.

Ele me abraçou e, subitamente, eu estava pensando em Peter e segurando as lágrimas enquanto olhava para a beleza iridescente da noite, o brilho da cidade, uma terra selvagem de fadas que brilhava em neons, mistérios e luzes. Senti o coração pesar, repentinamente cheio, e levei a mão ao peito.

— Dói — eu disse.

— O quê? — sussurrou Leo. — O que é que está doendo?

— Tudo.

— Não — disse ele. — Não pense nisso. Fique aqui, fique feliz comigo. — Ele me abraçou com mais força, como se pudesse me espremer até arrancar a tristeza de mim.

— Eu estou. Estou feliz com você. — Os cabelos dele eram macios, e as bochechas eram ainda mais macias. Ele era sempre bom. Sempre gentil. As pessoas deveriam ser desse jeito, eu pensei. Todas as pessoas.

— Estraguei a noite?

— Não, é claro que não — disse Leo, tocando meu rosto, segurando-o nas mãos.

— Ótimo. Obrigada.

— Obrigado por quê? — Ele olhou nos meus olhos. Minhas pernas tremiam, minhas mãos, meu coração.

— Por isso, por tudo. Por ser meu melhor amigo — eu disse.

— Melhor amigo?

— Sim. Você não é?

— Talvez. Mas eu tinha pensado em outra coisa — disse Leo, sorrindo.

Ele me beijou outra vez e havia música e estrelas e risos e felicidade, todas as coisas que eu não sabia que existiam mas que eram comuns no mundo das outras pessoas.

Fazendo a contagem regressiva, gritamos até ficarmos roucos e depois houve mais beijos, Leo e até mesmo alguns estranhos, saltando de um lado para outro e cantando sem saber uma única palavra da música, e braços que me levantavam até tirar meus pés do chão e eu estava girando outra vez, virando e rodopiando, e o mundo era uma coisa absolutamente bela.

Leo



Ele poderia passar o resto da eternidade apenas observando-a. Ela era bonita e todos sabiam disso, todos que sorriam para ela absorviam um pouco da magia de Audrey. Leo segurou-se nela, temendo que ela flutuaria para longe, elevada por sua própria emoção, pelo poder da própria felicidade. Ele sentia que toda aquela empolgação emanava dela como raios de luz, e isso o fez perceber quanto ela era triste, quanto a Granja a havia entorpecido, impedindo-a de brilhar.

— Devíamos buscar algo para comer — disse ele, depois de cantarem e gritarem até ficarem roucos. Caminharam por entre aquela multidão até chegarem a Chinatown, comeram um dim sum de mãos dadas, passeando e olhando ao redor.

— Adorei — disse ela. — Eu amo tudo isso.

— Fico feliz. — O rosto de Leo doía de tanto sorrir e a esperança saltava diante deles como um cervo, indicando o caminho. — Vamos voltar para casa.

De volta à casa, Audrey anunciou que não queria ir dormir.

— Talvez, se ficarmos acordados, isso possa durar para sempre. Se não dormirmos, a noite continuará sendo noite, não é?

— Podemos tentar. Que tal um filme?

— Boa ideia.

Ele escolheu o filme *Terra de Ninguém* porque Aud nunca o havia assistido. Ela se aconchegou em Leo enquanto assistia; ele a abraçou e nem chegou a pensar no filme.

— Já está cansada?

— Não. Nem um pouco. — Ela se espreguiçou. — Que horas são?

— Quatro e meia.

— Ah.

Audrey voltou a se deitar, a cabeça afundando na almofada e os cabelos se espalhando por trás de si.

— Este foi o melhor dia de minha vida. Mesmo com aquele casal de assassinos malucos em fuga. — Leo riu.

— É mesmo?

— Sim. Graças a você. — Audrey se virou para olhar para ele, estendeu a mão e deslizou a ponta dos dedos pelos lábios de Leo.

— Você se divertiu? — perguntou ela, fazendo uma cara séria e examinando a expressão dele.

— Demais. Mas não acho que essa palavra descreve o que eu senti. Acho que precisamos encontrar uma palavra melhor.

— Diversão é diversão — disse Audrey, dando de ombros.

— Sim, mas é uma palavra muito pequena. — Ele puxou Audrey para si, envolvendo-a com os dois braços. — Curtição também não é o melhor termo. Não acho que exista uma palavra para descrever o que estou sentindo, Aud, neste exato momento, em relação a você e a tudo isso. Você pode pensar se existe alguma palavra adequada; alguém devia ter inventado um termo.

— Você pode escrever um poema sobre isso e dedicá-lo a mim — provocou ela, mas seus olhos estavam sérios e ele desejou poder encontrar as palavras.

Leo já havia pensado naquilo. Que eles poderiam ir para a cama. E o que aconteceria em seguida. Ele tentava não pensar tanto naquilo, mas as ideias lhe brotavam na mente com uma frequência cada vez maior. Não que ele planejasse transformar aquelas ideias em realidade, mas, se o amor fosse esse buraco tão profundo no meio do seu peito, que se escancarava sempre que ela estava longe e doía insuportavelmente, então, bem, ele a amava. Era quase impossível sentir algo tão intenso assim, tudo de uma vez, e era impossível não pensar em como seria fazer sexo com Audrey. Ele tossiu, limpando a

garganta, e ela ergueu uma sobrancelha.

— O que foi?

— Nada. — Ela envesgou os olhos e mostrou a língua, e ele lhe agarrou os pulsos com gentileza e empurrou-a para trás no sofá, de modo que pudesse se deitar sobre o corpo dela. Beijou-a nos lábios, nas pálpebras, nas faces, no pescoço e continuou a descer. Podia ouvir a respiração dela. Aquilo o excitava. A pele de Audrey era quente e macia. E isso também o excitava.

— Acho que é melhor assistirmos a outro filme — disse ela, afastando-se. Ele a puxou para um último beijo. As bochechas dela brilhavam, enrubescidas, assim como as dele. Leo não queria assistir a outro filme.

— Certo — disse ele, sem afastar a boca. Falava por entre os beijos.

— Ou talvez simplesmente irmos para a cama? — disse Audrey, voltando a se deitar no sofá e fitando-o com aqueles olhos grandes.

— É mesmo?

— Na mesma cama?

Ele deu de ombros e fez uma boa tentativa de parecer neutro em relação àquela ideia.

— Se você quiser.

— Talvez... não sei. Minha mãe iria surtar. — Era a primeira vez em várias horas que ela mencionava a mãe. Leo não queria que Lorraine interferisse nisso, de maneira nenhuma. Ele juntou os cabelos de Audrey nas mãos, levantou-os e deixou que caíssem como uma cascata sobre o rosto dela. Ela desviou os olhos, evitando encará-lo.

— Ela acha que você quer me engravidar, e depois fugir e me deixar com um bebê chorão nas mãos.

— Ela disse isso?

— Não exatamente, mas algo bem parecido.

— Meu Deus. — Leo poderia ter dito muito mais.

Audrey mordeu o lábio, olhando para ele. Ele tentou sorrir, tentou rir

daquilo.

— Desculpe. Eu não devia ter dito isso. Você não precisava ouvir uma coisa dessas. — Ela se endireitou no sofá, alisou os cabelos e desamarrotou as roupas.

— A decisão é sua. Não precisamos fazer nada que você não queira — disse Leo. — Mas eu adoraria poder dormir com você. Na mesma cama. Se houver qualquer outra coisa, a escolha é sua. — Ele tossiu e se levantou.

— Certo.

Leo emprestou uma camiseta para Audrey. Ela se trocou no banheiro e depois se deitou na cama, debaixo dos edredons grossos. Ele não a tocou; não era capaz. Lorraine. Leo tinha quase certeza de que a detestava, mas, é claro, não podia dizer isso. Ou talvez pudesse. Estava a ponto de falar quando Audrey chegou mais perto e colocou os braços ao redor dele, abraçando-o com força.

— Desculpe por estragar tudo — disse ela, sussurrando-lhe no ouvido. — Desculpe, Leo.

— Não, você não estragou nada. Não se preocupe. — Ele se virou para ela. Os dois estavam se abraçando agora, bem apertados, como antes; como uma promessa que seria impossível de quebrar.

As pernas de ambos se entrelaçaram, assim como os braços. Leo deslizou as mãos pelas costas de Audrey, por sua pele macia, e sentiu que as mãos dela traçavam os mesmos contornos pelo seu corpo. Ele a tocou nos cabelos, no pescoço e nos ombros, e ela tocou os dele como se ele fosse um espelho no qual ela tivesse se encontrado. E em seguida ela se sentou na cama e despiu a camiseta antes de voltar a se deitar ao lado dele: completamente, lindamente nua. Ela sorriu e o puxou para mais perto de si novamente, e desta vez Leo não foi capaz de parar.

Janeiro



Audrey



Não se consegue uma noite como aquela sem pagar o preço. Era nisso que eu estava pensando enquanto voltávamos para casa, mas eu não disse nada; não queria que Leo se preocupasse. Dormimos até tarde e eu acordei com o coração em pânico, agarrei as roupas e insisti para que fôssemos embora imediatamente. Nada de café da manhã, absolutamente nada. O encanto havia sido quebrado. E tudo o que eu sentia agora era dor. Na minha cabeça, no meu coração, nos braços e coxas e entre as pernas. Não devíamos ter feito isso. Minha mãe saberia assim que colocasse os olhos em mim. Poderia até mesmo ter costurado as palavras na minha pele, em escarlate, em sangue: não sou virgem.

— Você está muito quieta — disse ele. Leo continuava me olhando pelo canto do olho. Tentei sorrir para ele.

— Hummm. Estou só um pouco cansada. — Segurei na mão que ele me estendeu e entrelaçamos os dedos. Não era culpa dele; Leo não havia me machucado, claro que não. Senti o rosto ficar vermelho, lembrando-me de como foi eu quem disse: *Sim, eu quero*. Como fechei os olhos e depois os abri e não senti medo; como eu amei estar com ele. Como eu o amei. Mesmo que as coisas tenham sido meio desajeitadas no começo. Não éramos exatamente especialistas no assunto. Eu mordi meu dedo, meu coração acelerou, lembrando-se: a pele quente e umedecida pelo suor. As roupas de cama bagunçadas, amarrotadas e manchadas, o corpo de Leo junto do meu. Sua língua na minha boca, na minha pele. Meu estômago embrulhou. Ah, meu Deus. Minha mãe ia perceber, eu tinha certeza. Ajeitei-me no assento e limpei a garganta. Ele piscou os olhos, olhando para mim outra vez.

— Bem, tente dormir um pouco quando voltar para casa. E depois nós vamos nos encontrar de novo à noite.

— Minha mãe não vai me deixar sair de casa duas noites seguidas, de jeito

nenhum. Na verdade, acho que ela vai ficar muito brava comigo. — Engoli em seco. Isso era muito sério. Eu estava metida em uma confusão danada e já podia ver aquilo vindo contra mim, gritando, fora de controle.

— Escute, isso é ridículo. Estou falando sério, o que ela tem contra nós?

— Não é você. Não se preocupe, eu vou falar com ela. Está bem?

— Você precisa pensar de modo positivo, Aud. Quanto mais nós mostrarmos a ela que nosso relacionamento é sério e que não estamos de brincadeira, mais ela vai ver que não faz sentido agir com todo esse puritanismo.

— Eu sei, eu sei. Mas seria a mesma coisa com qualquer um. Você poderia ser Jesus, e ela ainda assim iria pensar que você está querendo me passar alguma DST e depois fugir com minha melhor amiga. Não sei qual é a palavra para alguém que odeia homens, mas isso é exatamente o que ela é.

— Misândrica — disse ele.

— Ah. Isso.

— Está tudo bem, Aud. Eu posso aguentar uma coisa dessas. — O sorriso de Leo quase partiu meu coração. Era audacioso e corajoso, e eu sabia que ele estava sendo sincero. Que ele me defenderia de qualquer coisa.

— Obrigada, Leo — eu disse. — Por tudo.

Estávamos quase chegando em casa. Olhei pela janela e observei os campos passarem por nós, encharcados e encobertos pela neblina do novo ano.

Minha mãe e Sue estavam esperando diante da Granja. Não estavam conversando. Sue estava usando o blusão bordado com desenhos de flocos de neve e um grosso cachecol com a mesma estampa. Minha mãe estava com os braços ao redor de Peter, apertando-o contra si. Leo segurou na minha mão quando desembarcamos do Land Rover e caminhamos na direção delas.

— Vai ficar tudo bem — disse ele pela milionésima vez enquanto segurava minha mão com força, mas eu soltei a mão dele, cruzei os braços e olhei direto em frente, para o primeiro sinal do sol frio que acabara de começar quando ele surgiu por entre as nuvens, brilhando tanto que senti como se

meus olhos estivessem sendo perfurados por facas.

— Entre na casa — ordena minha mãe, e isso foi tudo. Fomos levados para dentro e eu nem tive tempo de me despedir.

— Até mais, Lorraine — disse Sue, mas minha mãe não respondeu.

Pensei em parar ainda nos degraus. Eu podia virar as costas e correr, entrar de novo no carro e ir para a fazenda com Leo. Mas troquei um olhar com Peter e ele enlaçou os dedos entre os meus. Assim, segui minha mãe para cima, o som dos seus pés pisando duro no concreto, ecoando como tapas, retinindo nos meus ouvidos.

— Está tudo bem, Pete? — perguntei. É claro que não estava. Isso não podia ser normal, de jeito nenhum.

— Audrey. — Minha mãe apontou para a cozinha. Eu fiz o que ela mandou.

— O que foi? — Eu sorri para meu irmão, tentando fingir que tudo era uma brincadeira. Ele não era idiota. Ia chorar.

A mesa estava posta. Tigelas de salgadinhos, enroladinhos de salsicha, sanduíches cujas bordas já começavam a se retorcer, uma garrafa de refrigerante e pequenos copos plásticos de cores variadas. Um bolo com cobertura de creme, coberto de poeira e já começando a estragar, estava no centro do palco. Um pedaço de queijo, cercado por biscoitos e uvas, parecia estar mole demais, e já um pouco esverdeado também; um cheiro forte e podre se ergueu e começou a pulsar no ar. Havia também traques de festa no meio da comida. Os traques de festa que estouravam e que traziam pequenas surpresas em seu interior. Um pacote de velas faiscantes.

— O que é isso? — sussurrei.

— Onde você esteve, Audrey? Fiquei sentada aqui, esperando por você — disse minha mãe.

— Foi ela quem preparou tudo — sussurrou Peter. Seu nariz escorria. Eu o limpei. — É uma festa — disse ele.

— Desculpe — eu disse em resposta. Ele parecia menor do que jamais foi, como se tivesse encolhido da noite para o dia. Queria poder abraçá-lo e

consolá-lo, dizendo que tudo ficaria melhor.

— Você não voltou para casa — continuou minha mãe. Ela jogou os cabelos para trás e sua testa me encarou, branca e ativa. — Você passou a noite inteira fora.

Sentei-me de frente para minha mãe. Os olhos dela seguiram uma linha que começou na minha testa, passou pelos meus lábios, meu peito e minha virilha, onde ela se deteve, e meu rosto começou a arder. Ela conseguia ver. Era capaz de cheirar. Eu devia ter tomado um banho e trocado de roupa. Peter estava ao lado dela, a mão lhe acariciando a manga, mas ela não se moveu, como se fosse feita de mármore.

— Está tudo bem, Pete — sussurrei, cruzando as pernas, encolhendo-me sobre mim mesma, e ele veio até mim, ficando bem perto.

— Desculpe, mãe — eu disse, mas isso não ia ser o bastante.

Ela pegou um sanduíche. Um triângulo branco, com as bordas enrolando-se sobre si mesmas. Colocou-o no meu prato.

— Coma — disse ela. Mordi um pedaço pequeno. Poeira.

— Aqui. — Ela começou a encher meu prato com salgadinhos, um bolinho de carne com um ovo cozido no meio e uma colherada gorda de bolo de creme que já estava derretendo.

— Coma tudo. Você também, Peter.

Peter deu uma colherada no bolo de creme, engasgou-se com o primeiro pedaço e cuspiu tudo de volta no prato.

— Está tudo bem — eu disse, acariciando-o. — Não se preocupe. — Servi o refrigerante e ele engoliu a bebida gasosa, esfregando a bochecha com os nós dos dedos, as lágrimas deixando um caminho sujo para trás.

— Mãe, eu posso fazer essa comida de novo — eu disse, mas ela olhou para mim como se não tivesse ouvido, enfiando um cigarro na boca.

— Eu disse no bilhete que havia saído com Leo. Que estava tudo bem com Peter e que o deixamos com Sue, esperando por você. Me desculpe, por favor. Eu sei que foi errado. Sei que não devia ter feito isso. — O silêncio dela era um inferno; eu não entendia aquilo e quase abri a boca para lhe dizer

tudo o que havia acontecido, para confessar ali e agora, só para acabar com aquele sofrimento, só para que ela começasse a gritar e berrar, só para que aquela bomba pudesse explodir de uma vez.

— Coma sua comida, Audrey.

Peguei um enroladinho de salsicha. O salgado se desfez como cinzas em meus dedos.

— Não consigo.

— O quê?

— Isso não é legal, mãe. A comida está velha, já azedou.

— Eu a fiz para você — disse ela. — Então você vai comer. — Respirei fundo. Tinha de dar um fim nisso.

— Não. Não podemos comer isso, mãe. Não está entendendo? — Ela olhava fixamente para mim. Achei que iria me dar um tapa e esperei pelos gritos, pelos berros e pelos xingamentos. Esperei que me dissesse que eu estava de castigo pelo resto da vida e que nunca mais poderia ver Leo. Mas ela simplesmente olhou para mim, esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro e acendeu outro, a boca se fechando ao redor dele, os lábios franzidos e delgados.

— Você vai sair hoje à noite? — perguntou Peter mais tarde quando eu estava sentada com ele, segurando sua mão enquanto ele estava deitado na cama, já quase dormindo. Estava usando seu pijama de piratas; foi um dos presentes de Natal que minha mãe deu a ele. Ele o adorava.

— Não — eu disse. — Hoje não. Alguma outra noite, talvez. Hoje eu vou ficar aqui com você. Senti saudade de você ontem à noite, não parava de pensar: *Ah, Peter adoraria ver isso*. Mas vou levar você comigo no ano que vem, talvez. Havia um monte de dançarinos malucos com máscaras, muitas músicas estranhas, e algumas eram muito boas. E nós caminhamos ao longo do rio Tâmisa, vimos fogos de artifício incríveis. E depois comemos uma comida chinesa muito gostosa. Você vai adorar conhecer a casa de Leo; é maravilhosa. A televisão é do tamanho de um campo de futebol, mas fica escondida atrás de uma porta especial que se abre quando você aperta um botão. Mas você tem de tirar os sapatos depois que entra, porque todos os

carpetes são brancos, como a neve. Tão fofos que seus pés afundam. Consegue imaginar?

Os olhos dele se arregalaram.

— Quero ir lá. Podemos ir?

— Claro que podemos. Daqui a algum tempo. Leo adoraria levar você. Eu sei disso.

Voltando ao meu quarto, eu achava que não conseguiria dormir, mas o sono veio rápido, afetando-me profundamente. O latejamento logo começou a castigar meus ouvidos; pulsava na parte de trás da minha cabeça, um pesadelo lembrado, um sonho em que eu morria afogada.

Jogando-se pela janela, encharcada com a sujeira do fundo do fosso, a Coisa estava mais forte do que antes. Ela colocou seu peso sobre o meu, segurou-me pelos braços; me imobilizou. Não, eu gritei, minha voz perdida em meio ao virar e bater dos lençóis e do colchão, engolida pela enchente que ficava cada vez mais espessa e pegajosa. Nós lutamos e eu consegui livrar um braço, puxei seus cabelos, e alguns fios se enroscaram nos meus dedos como pedaços de arame. A Coisa havia crescido e ficado muito sólida, e eu a mordi, surpresa quando meus dentes afundaram em sua carne, engasgando-me com o sangue conforme ela me agarrava e puxava, arrastando-me para fora da cama, na direção da janela, segurando-me ali.

Veja, sibilou ela, e eu olhei para fora. A escuridão do fosso reluzia, um aviso. E, assim que a lua se escondeu atrás de uma nuvem, a superfície da água ficou negra e opaca.

Veja, cantarolou a Coisa outra vez, seus dedos se fechando com mais força ao redor dos meus pulsos, apertando e fustigando com unhas duras e brilhantes. Eu olhei para o sangue que escorria pela noite, gotas que caíam como a chuva. Vinham de mim, eu percebi, e eu gritei e implorei por piedade enquanto via minha vida se esvaír, os estilhaços pontiagudos do espelho quebrado no chão, os buracos que a Coisa abriu violentamente na janela para poder entrar.

Leo



— Que diabos lhe deu na cabeça, Leo? — Ele nunca havia visto Sue tão brava. Mesmo no ano passado, quando ela se levantou no meio da reunião de planejamento e gritou com o representante da região no parlamento sobre as usinas eólicas, não estava tão alterada. Ele realmente não teve a intenção de deixá-la tão irritada.

— Desculpe, foi uma ideia idiota. Devíamos ter ligado. — Leo andava de um lado para outro na cozinha, pegando as cartas e colocando-as sobre a mesa outra vez, tamborilando os dedos sobre o balcão, evitando o olhar de Sue.

— Claro que sim. Você não respondeu nem mesmo às minhas mensagens de texto. E devia ter dito desde o começo que você passaria a noite fora. A noite inteira, Leo!

— Eu sei, eu sei. — Não havia como escapar daquilo. Ele havia metido os pés pelas mãos e iria passar um bom tempo tentando compensar. Começou trazendo mais lenha para a lareira, levando Mary para passear, organizando seus livros e discos do lugar onde ficaram espalhados na sala de estar — algo que Sue já vinha lhe pedindo para fazer há várias semanas. Em seguida começou a ajudar na cozinha também, imaginando se já havia feito o bastante, ou se, algum dia, algo chegaria a ser suficiente. As costas de Sue ainda estavam tensas.

— Bem, o que foi que Lorraine disse quando veio buscar Peter? — perguntou Leo mais tarde, quando eles haviam terminado o jantar e ele sentiu que não conseguiria represar as perguntas por mais tempo. A lareira já estava quase se apagando; ele se levantou e acrescentou mais uma tora. Sue tomava seu café.

— Não disse muita coisa. Mas ela não estava contente, Leo. Por que você

simplesmente não ligou para ela e falou sobre seus planos? Você tirou a filha dela de casa, a filha que não é uma pessoa muito saudável. Ela queria chamar a polícia. Tive de convencê-la a não fazer isso.

— Ah, puta merda. Não achei que ela seria capaz de chegar a esse ponto.

Sue o encarou e ele enrubesceu por causa da mentira.

— Acho que Lorraine pensou que eu estava envolvida. Isso foi péssimo para minha imagem, Leo; você acabou me prejudicando também. — A tia ainda estava com a cara amarrada.

— Acho que sim. Desculpe. Não pensei nas consequências. Mas tivemos uma noite maravilhosa. — Ele sorriu por um segundo, lembrando-se do rosto de Audrey, alegre, brilhando, sua dança no metrô, a cantoria pelas ruas. Lembrou-se do que aconteceu mais tarde, na cama, seu corpo, sua pele e seu sorriso. Isso foi mais selvagem e mais alegre do que qualquer espetáculo de fogos de artifício.

— Valeu a pena deixar Lorraine irritada, então?

Ele afastou aquelas imagens da cabeça.

— Ah, pare com isso. Ela logo vai esquecer — protestou Leo. Mas ele não tinha tanta certeza, e repetiu as palavras como se aquilo pudesse fazer com que soassem mais verdadeiras.

Sue soltou um murmúrio de desaprovação e limpou os óculos, e os dois olharam para a televisão por algum tempo. Leo tamborilou os dedos no braço da poltrona.

— Talvez fosse melhor eu ir até lá? E pedir desculpas?

— Acho que está um pouco tarde para isso. Mas, sim, talvez amanhã. Não agora; já está tarde. Eles já estarão na cama, eu aposto. Lorraine disse que passou a noite inteira acordada por causa da preocupação. Imagino que você vai ter que fazer um excelente pedido de desculpas.

— Tudo bem. Amanhã de manhã, então.

Leo perguntava a si mesmo se conseguiria dormir. Ficou acordado até tarde, assistindo a um filme com Sue, uma comédia romântica piegas que fez ambos rirem, mas que o deixou bastante preocupado com Aud. Ele puxou o

blusão até cobrir o nariz, inspirou, sentiu o cheiro da pele e dos cabelos de Audrey em suas roupas e desejou que ela estivesse ao seu lado.

Audrey



Minha mãe não parava de falar. Comigo, com o médico, com as enfermeiras, com qualquer pessoa disposta a escutar.

— Pode nos ajudar? — implorava minha mãe. — Estamos com uma emergência — gritava ela. — Ajudem, por favor!

A mão dela acariciava meu rosto, a voz ficando mais suave, como uma gosma, como ervilhas pegajosas. Eu queria vomitar, senti aquilo subir pela garganta, escorrer de mim, por toda parte. Se eu pudesse vomitar o bastante, não sobraria nada, e eu estaria vazia. Como um ovo quebrado em dois, do qual restam somente as cascas pontiagudas.

— Ah, meu Deus. — Minha mãe segurava meus cabelos, meu rosto, erguendo-me. — Alguém ajude, por favor.

Eles nos levaram até uma sala menor; alguém estava limpando meu rosto, esfregando, com movimentos rápidos e experientes. Minha mãe ainda estava conversando.

— Audrey, meu bem? Não se preocupe, estamos no hospital. Está tudo bem.

A voz dela vinha de muito longe, como se estivesse conversando comigo a partir de outro continente, numa ligação cheia de estática. Abri os olhos o suficiente para ver que este hospital se parecia com todos os outros: paredes brancas, cortinas, pessoas que olhavam e encaravam fixamente, cheiros de produtos antissépticos iguais aos que havia no armário de minha mãe. E médicos que nunca sabiam o que fazer. Eu não sabia se ainda estava sangrando. Pensei no rastro de sangue que deixei para trás, manchas e esfregaços nas paredes de casa, descendo pelos degraus da Granja, manchando o cascalho, encharcando o carro inteiro. Será que alguém veria? Seguiria o rastro? Me encontraria?

Senti dedos forçando minhas pálpebras para se abrirem, uma luz forte nos olhos, mãos que seguravam meus pulsos com muita força através das ataduras apertadas.

— Eu a trouxe para cá assim que a encontrei. — Minha mãe estava me segurando sobre a mesa de exames. Meu corpo se movia sob as mãos dela, como se estivesse mexendo em uma de suas bonecas, puxando seus braços e pernas até ficarem na posição que ela queria.

— Sou enfermeira — continuou minha mãe. — Não devia ter entrado em pânico. Mas é diferente quando acontece com sua filha. Meu Deus, eu estava aterrorizada. Por que ela fez uma coisa dessas?

Por que eu não conseguia dormir? Por que não podia ficar em segurança com Leo naquela cama de casal enorme, deitada em lençóis limpos, frescos e brancos que cheiravam a flores?

— Ela se automutila. Não achei que fosse chegar a esse ponto. Nunca achei que fosse mais do que um pedido de ajuda. Não guardo nada afiado em casa, então ela deve ter planejado tudo. Estive pensando nisso. Em como ela faria. Devíamos ter vindo falar com o médico, eu marquei as consultas, mas ela se recusou a vir. Nunca sonhei que algo assim pudesse acontecer. Se tivéssemos apenas ido àquela consulta... — A voz da minha mãe ficou embargada. Parecia que estava tentando engolir um soluço.

— Ela estava assistindo à TV comigo e depois subiu para o quarto. Foi a primeira vez que ela foi dormir em seu quarto em várias semanas, então achei que seria um bom sinal. Ela diz que há vozes lá em cima, fantasmas. Que tem ouvido coisas. Mais tarde, subi para ir ao banheiro e Audrey estava no chão, toda cortada. Acho que tem algo a ver com esse garoto com quem ela andou se envolvendo. Acho que foi isso; ela fugiu com ele na noite de Ano-Novo. Acho que alguma coisa deve ter acontecido. Não suporto nem pensar nisso.

— Certo. — O médico falava calmamente. — Senhora Morgan, obrigado. Vamos limpar os ferimentos de Audrey. Tente se acalmar. Creio que ela ficará bem.

— Você acha? Não sei se isso é algo que eu chamaria de “ficar bem”. — Ela ergueu meus braços e mostrou-lhe meus pulsos.

— Talvez a senhora devesse pegar uma xícara de chá, conversar com uma das enfermeiras. Tente se acalmar. Explique o que aconteceu. Conversaremos logo mais.

— Não posso ficar longe de Audrey. — Ela me segurou com força. Senti que ela se pendurava, que me agarrava.

— Ela não vai ficar sozinha. Vamos monitorá-la. E, é claro, entrar em contato com o serviço de psiquiatria infantil. Eles vão querer conversar com vocês duas. Bem, vamos lá. Audrey? Está tudo bem com você. Veja, ela está abrindo os olhos. Oi, Audrey.

Eu estendi a mão; queria me segurar à minha mãe e que o médico me deixasse em paz. As luzes estavam claras demais e eu apertei os olhos com força outra vez. Minha mãe pegou em minha mão, esfregou minha pele; tentava me aquecer, eu pensei.

Quando o médico desapareceu, puxando as cortinas por trás de si com um farfalhar rápido, ela se sentou ao meu lado e segurou na minha mão, beijando meus dedos, respirando fundo.

— Esse aí é só um garoto — sussurrou minha mãe. Olhei para ela, e vi que ela revirava os olhos. — Que audácia dessa gente. Imagine, mandaram um rapazote para cuidar de você. Sorte sua eu estar aqui, Aud.

Ela suspirou, apoiou a cabeça em nossas mãos unidas por um momento antes de se levantar e me deixar com mais um beijo rápido na testa. Meus pulsos estavam começando a latejar. A dor era insuportável. Eu a ouvi no corredor, perguntando a alguém o que estava acontecendo, quanto tempo demoraria até me levarem para a enfermaria, quanto tempo teríamos de esperar pelo psiquiatra. *Quem não chora não mama*. Esse era o mantra de minha mãe.

E eu não conseguia me lembrar de ter feito aquilo. Não me lembrava de nada. Apenas da Coisa vindo contra mim, a água e depois a dor. E isso era mais assustador do que qualquer outra coisa.

— Quando vou poder ir para casa? — perguntei à enfermeira que disse que cuidaria de mim naquele dia. Este ano devia marcar meu recomeço; eu havia prometido aquilo a mim mesma e estabelecido algumas resoluções.

— Acho que não vai ser tão logo, não tão cedo, Audrey — disse ela com a voz gentil. Essa enfermeira me tratava como uma princesa, trazendo-me coisas, bebidas e comida e revistas, antes de correr para cuidar dos outros pacientes. Havia muito barulho naquela enfermaria e tudo o que eu queria fazer era dormir, mas eu não me atrevia. Não depois do que aconteceu da última vez.

— Onde está minha mãe?

— Ela desceu por uns minutos. Foi ligar para seu irmão.

— Ah.

Olhei para os curativos em meus pulsos. Grossos. Brancos. Embaixo deles, em algum lugar, estava o sangue. Pensar naquilo me deu vontade de vomitar outra vez, e eu me recostei nos travesseiros, segurando o recipiente de papelão que a enfermeira me entregou, pensando em Peter e sabendo que eu tinha de voltar para casa para cuidar dele. Ele precisaria do café da manhã e de um banho. E algo divertido para fazer hoje.

— Está tudo bem, Audrey? — A enfermeira alisou meus lençóis e me ofereceu um gole de água.

— Sim. Estou bem. Mas quero ir embora. Quero ir para casa. — Mesmo dizendo aquilo eu sabia que não queria mais voltar para lá, para meu quarto, nunca mais. Eu não podia entrar lá, onde a Coisa estava esperando. Ela acabaria comigo da próxima vez, de uma vez por todas. Teríamos de nos mudar de novo; minha mãe teria de encontrar uma nova casa.

— Bem, apenas descanse por enquanto, está bem? O médico não vai demorar para chegar até aqui e eu tenho certeza de que sua mãe voltará em pouco tempo.

Eu não a observei ir embora, não olhei ao meu redor; não queria ver os outros, aquelas pessoas nos leitos ao meu lado. Em vez disso, eu olhei para o céu pelas janelas. A chuva forte havia parado e a tarde havia se iluminado até chegar a um cor-de-rosa pálido e frágil; os braços nus das árvores se erguiam e apontavam para alguma coisa muito além desta cama, e eu sonhei por algum tempo, até o pôr do sol, sobre pombos, estátuas e um cupido pequeno e pesado em minhas mãos.

Minha mãe voltou antes de o médico chegar para as inspeções noturnas. Uma luz violeta estranha se acendeu atrás dela quando ela bloqueou a minha linha de visão do que restava do dia.

— Onde está Pete? — perguntei quando ela se curvou sobre mim, toda sorridente, trazendo balões, um urso Pooh gigante de pelúcia e uma caixa de doces.

— Está bem. Não se preocupe com ele. — Ela se curvou e beijou meu rosto, colocando o urso em meus braços.

— Mas, mãe...

Ela não me deixou falar, beijando meus dedos e o dorso de minha mão. O sol estava se pondo às suas costas e eu tive de me esforçar para enxergar um último vislumbre do céu se estendendo em tons de roxo, azul e dourado. Ela largou minha mão e fechou as cortinas bruscamente, e eu percebi que, ainda que eu pudesse me levantar e sair correndo, correr com toda a velocidade, aquele momento estava perdido para sempre. Eu não conseguiria agarrar o sol. E agora estava escuro.

— Certo, certo. E então, cadê o médico? Finalmente nós conseguimos um psiquiatra de verdade, Aud. — Minha mãe conferiu o batom com o espelhinho que trazia na bolsa. Eu a observei com os olhos entreabertos. — Eles vão ter de levar isso a sério agora, meu bem. Afinal de contas, olhe só o estado em que você ficou.

Não respondi. A sensação de latejamento em meus pulsos ficava cada vez mais forte, um tambor que ressoava ruidosamente; balançando a cabeça, eu levantei as mãos e cobri as orelhas. Meus braços doíam quando eu os erguia, e eu acho que soltei um gemido de dor.

— Vamos lá, Aud. Assim mesmo — sussurrou a minha mãe, e cortinas foram abertas e o médico estava conosco.

— Bem, você deve ser Audrey. Boa tarde. Eu sou o doutor McGuiness, um dos médicos daqui. Pode abrir os olhos, por favor? — disse ele, segurando gentilmente em uma das minhas mãos e tirando-as de perto de meu ouvido.

— Eu gostaria de conversar com você, se não houver problema.

Eu não precisava de um psiquiatra. Virei o rosto para longe da voz dele, fechando os olhos com força, contorcendo o rosto inteiro, até doer.

— Bem, você sabe que, quanto mais cedo conversar comigo, mais rápido poderemos ajudá-la. O que aconteceu é muito sério. Queremos ajudar você a melhorar, e não queremos nunca mais que uma coisa dessas volte a acontecer. Podemos conversar um pouco sobre os eventos que levaram ao que ocorreu ontem à noite?

Eu não respondi. Aquilo não fazia sentido. Minha mãe aproveitou a chance.

— Ela saiu para passar a noite de Ano-Novo com um rapaz com quem andou se envolvendo. Ele é uma má influência; Audrey normalmente não faria uma coisa dessas sem me contar. E, quando voltou para casa, estava num estado horrível. Recusou-se a me contar o que houve. De qualquer maneira, eu fiquei preocupada, mas ela subiu para o quarto. Quando dei por mim, vi que ela havia cortado os pulsos desse jeito. — Minha mãe perdeu a compostura nesse momento. Eu a ouvi sufocando o choro.

— Certo. — A voz do médico ainda estava calma. Imaginei seu rosto: gentil, um queixo forte, olhos inteligentes. Meu pai tinha olhos gentis, olhos reluzentes. *Não se preocupe*, Aud, disse ele em algum lugar muito distante. *Não se preocupe*. — Audrey — o médico falou novamente, insistindo para que eu lhe desse uma resposta. — Aconteceu alguma coisa? Houve algo específico que fez com que você se cortasse?

O ar estava bastante tenso. Todos esperavam. Eu ouvia minha própria respiração, acelerada demais. Mas eu não ia mencionar a Coisa, de jeito nenhum. Eles me trancariam em algum hospício e jogariam a chave fora.

— Gostaria que ela fosse examinada — disse minha mãe. — Com certa urgência. Acho que precisamos trazer a polícia para o caso.

— Como assim? — O médico parecia estar confuso. Minha mãe levantou minha mão esquerda, abriu meus dedos e segurou-a entre suas duas palmas. Quando voltou a falar, sua voz estava muito baixa. E totalmente controlada.

— Acho que minha filha foi estuprada. Eu acho que foi isso que aconteceu, essa foi a razão por ela ter tentado se matar, o motivo pelo qual ela não está

falando agora. Ela não me disse uma palavra. Ficou quieta desse jeito, simplesmente olhando para o nada, chorando. Quero que Audrey seja examinada para ver se há sangramentos ou hematomas. Haverá evidências físicas e precisamos registrar isso rapidamente.

Eu liberei minhas mãos, sentei-me na cama e olhei para minha mãe. O que foi que ela havia acabado de dizer? Que palavras foram aquelas? Ela estava olhando para o médico, com os olhos fixos e penetrantes.

— Senhora Morgan, Audrey disse ou fez alguma coisa que sugira que ela foi estuprada pelo namorado?

Estuprada? Estuprada pelo namorado? Do que eles estavam falando?

— Ela acabou de tentar se matar, doutor — respondeu minha mãe, olhando-o com ar de autoridade, a voz letal, retumbando no fundo de minha cabeça, entre meus ouvidos. — Como eu disse, ela voltou do passeio que fez. Estava em uma condição lastimável. Em seguida, isso acontece. Pelo amor de Deus, doutor, esta é minha filha e ela precisa de ajuda. Não posso ficar quieta quando uma coisa dessas acontece. Audrey não tem ninguém que lute por ela, apenas eu. Sou a única pessoa que se importa com ela.

— Audrey? — O médico se virou para mim e eu olhei para ele pela primeira vez, mas ele não entendeu o medo em meus olhos e percebeu-o como algo completamente diferente. Minha mãe sabia que havíamos feito sexo. E pensava que Leo havia me forçado. Não. Ah, meu Deus, não. Isso não estava certo. Não podia estar acontecendo. Ela não podia inventar isso sobre Leo. Era a Coisa.

— Alguém machucou você, Audrey? Há alguma coisa que precise me contar? — A voz do médico era bastante cuidadosa, os olhos profundos e questionadores.

— Não — eu disse. — Não, ele não fez isso. Ele nunca faria uma coisa dessas. Não, não, não. — Eu repeti aquilo sem parar e as palavras machucaram minha garganta, minha boca e meu coração.

De repente, os braços de minha mãe estavam ao redor de mim, apertando-me contra o peito; Ela estava chorando sobre mim e meu estômago se retorceu, e eu senti aquela náusea voltar.

— Ah, Aud, me desculpe — chorou ela enquanto eu vomitava e a enfermeira se apressava para me limpar. — Minha coitadinha, minha pequena Audrey.

Quando todos se foram outra vez e eu tomei os comprimidos que o psiquiatra havia receitado eu consegui falar, arrancando as palavras do pântano de minha mente.

— Você não pode dizer isso.

— Hummm? — Ela estava distraída, tirando algumas coisas de dentro de uma sacola, arrumando as cortinas.

— Por que você falou aquilo?

Minha mãe não respondeu. Minha cabeça estava cheia de preocupação, de confusão, de medo.

— Onde está Peter, mãe?

— Está em casa.

— Ele não devia ter ficado sozinho. Ele tem cinco anos. Vai ficar com medo.

— Eu deixei a TV ligada. E coisas para ele comer.

— Ele precisa que alguém cuide dele. Você não pode deixá-lo sozinho assim. Vou contar para os médicos.

— Mas eu preciso ficar aqui com você.

— Não quero você aqui.

— Você não vai ficar melhor sem mim. Se eu não disser aos médicos o que há de errado com você, quem vai dizer?

— Encontre alguém para cuidar de Peter — eu disse a ela, sentando-me na cama com as últimas forças que me restavam, determinada a fazer pelo menos uma coisa acontecer. — E não se atreva a dizer esse tipo de coisas sobre o Leo de novo. Não se atreva.

Minha mãe se aproximou da cama, olhando-me de cima e balançando a cabeça.

— Eu posso dizer o que eu quiser, Audrey. Sou sua mãe e sou responsável por você. Não faz sentido tentar fingir, Aud. Eu sei o que aconteceu com você. Você pode estar machucada; pode precisar de tratamento. Quero que você deixe o médico lhe examinar. E se você pegou alguma doença? E se engravidou? Você vai precisar passar por testes.

— Não, mãe.

— Está tudo bem — disse ela. — Está tudo bem, Audrey. Vou dar um jeito nisso. Basta ficar deitada e descansar. Concentre-se em ficar melhor. Deixe tudo comigo.

Leo



— Você fez o quê? — Leo olhava fixamente para Sue. Ela repetiu o que disse, pronunciando as palavras de novo e bem rápido, em uma voz estranha e baixa. Não importava. Cada uma delas o atingiu como um soco.

— Audrey tentou se suicidar. Acabei de falar com Lorraine no telefone. Ela quer saber se podemos cuidar de Peter enquanto ela fica com Audrey.

— Espere um pouco, espere um minuto. Você está de brincadeira, não é? Isso deve ser uma piada. — Leo estava imóvel no meio da cozinha. O sol forte que brilhava pela janela grande era uma afronta. As cortinas estampadas com figuras felizes, o buquê de flores em um vaso de cerâmica pintada sobre a mesa, a guirlanda de heras e azevinhos ao redor da lareira, sua própria pele limpa, recém-saída do chuveiro. Nenhuma dessas coisas seria possível se Audrey estivesse machucada ou com problemas. Leo não conseguia respirar. Não conseguia pensar.

— Leo, eu sei que é difícil lidar com isso. Sabíamos que ela era frágil. Lorraine nos avisou; eu tentei lhe dizer. — A voz de Sue era gentil, mas suas palavras não eram. Eram acusadoras. O coração de Leo batia como um martelo numa bigorna; seus olhos doíam.

— Não havia motivo para ela fazer uma coisa dessas. Ela não é assim. Ela estava muito feliz.

Suicídio. Sua cabeça doía, a palavra sibilava, enroscando-se. Como isso aconteceu? Comprimidos? Lâminas? Ele não conseguia pensar. Leo tentou bloquear a imagem e substituí-la pelo rosto de Audrey, erguendo-se na direção do céu, a pele pálida e os olhos brilhando com o verde dos recomeços. E, em seguida, ele viu os curativos que ela tinha nos braços. Ela não havia explicado o motivo, e ele não quis se intrometer. Mas ele a viu sorrir várias e várias vezes. Ela havia segurado em sua mão e colocado os

braços ao redor de seu pescoço e sussurrado em seu ouvido que gostava dele. Que estava muito feliz. Suicídio. Por quê? Não. Audrey teria vindo conversar, devia ter vindo conversar. Devia ter telefonado. Ou fugido. Ele passaria a noite inteira acordado, segurando sua mão, dando apoio, conversando, ajudando; faria qualquer coisa por Audrey. Ela sabia disso, não sabia? Ele não deixou tudo bem claro? Devia ter dito a ela. Leo se sentou, sentindo o corpo pesado, o coração afundando no peito, descendo-lhe até os sapatos.

— Lorraine disse algo sobre bipolaridade outra vez. Isso explicaria tudo, não é? Os altos e baixos. — Sue tirou os óculos, esfregou as lentes em seu blusão e voltou a posicioná-los no rosto. Colocou a mão no ombro de Leo. Ele levantou o rosto para olhar para a tia e os olhos estavam cheios de lágrimas.

— Não sei. Que porra eu sei sobre isso? Ela estava bem, estou lhe dizendo. Estava de verdade. — Ele fechou os punhos. Não conseguia engolir.

Sue o abraçou. Leo estava tremendo agora. Era a fúria e o medo; ele conhecia aquelas sensações, o enjoo no estômago, o piso girando e afundando como se ele tivesse sido lançado ao ar; não havia nenhuma rede de segurança para agarrá-lo. Não queria chorar feito um bebê. Não conseguiu evitar. Queria alguém que pudesse consertar as coisas, mas não havia ninguém. A sensação de ter os braços de Sue apertando-o com força também não ajudava.

— Lorraine logo vai estar aqui com Pete. Eu disse a ela que ajudaríamos, com certeza. Afinal de contas, o que mais eu podia dizer? — explicou ela.

— Vou ver como Audrey está — Leo disse a ela, afastando-se, enxugando o rosto e caminhando até a porta. Nada que Sue lhe dissesse poderia facilitar as coisas; ela não entendia. Pegando as chaves do carro de Sue, ele disse: — Ela vai querer me ver. — Era a única coisa da qual ele tinha certeza.

— Espere. — Sua tia o puxou para trás. — Talvez isso não seja uma ideia tão boa. Pelo menos, ainda não. Vamos perguntar para Lorraine.

— Não quero perguntar para Lorraine. Quero ver Audrey. — O dedo de Leo apunhalou o ar. Imaginou o rosto de Lorraine. Imaginou-se golpeando o rosto dela daquele jeito. Tentou respirar.

— Acalme-se. — Sue agarrou-o pela mão e tentou contê-lo.

— Não. — Ele se desvencilhou outra vez. Por que Audrey teria feito uma coisa dessas? Ele não conseguia entender. Até que conseguiu. Leo parou. Olhou para Sue, sentindo a percepção se formar dentro dele.

— Leo, o que foi?

— Merda — sussurrou ele. Estava claro. Audrey não queria ir com ele a Londres. Estava preocupada e insegura, mas ele lhe prometeu que tudo ficaria bem. Ele a arrastou consigo por toda a Londres e levou-a de volta à casa dos pais dele e em seguida eles fizeram sexo e talvez ela não quisesse realmente que as coisas chegassem àquele ponto; talvez ela achasse que tinha de ceder, que era isso que ele esperava, que era por essa razão que eles estavam lá. Não. Tudo aquilo era culpa dele. Leo não iria se acalmar. Não agora. Seu coração batia acelerado; precisava chegar até onde ela estava. Precisava explicar. Que não esperava nada em troca, que ele a amava independentemente do que haviam feito.

Um carro chegou em alta velocidade e parou logo em frente ao portão, bloqueando a saída. Lorraine saltou do veículo, abriu a porta traseira, tirou Peter de dentro como um mágico que tira um coelho da cartola e atravessou o portão, marchando na direção deles, com passos longos e resolutos, trazendo Peter a reboque.

— Aqui está Pete — disse ela para Sue, ignorando Leo. — Agradeço demais por você nos ajudar desse jeito. Voltarei para buscá-lo assim que puder, mas preciso ficar com Audrey.

— O que aconteceu? — perguntou Leo. Lorraine se virou para ele.

— Você não tem direito de fazer essa pergunta — rosnou ela.

— Desculpe — disse Leo. — Pelo que aconteceu na noite do Ano-Novo. Eu não queria...

Ela não o deixou terminar.

— É tarde demais agora — disse Lorraine. — Audrey está muito mal, e isso é tudo o que posso dizer. E isso está partindo meu coração. — Sue deu um passo à frente, estendendo as mãos para trazê-lo para dentro, mas Leo foi

mais rápido, seguindo Lorraine de volta ao carro.

— Quero vê-la. Lorraine, eu preciso falar com ela.

— Nem pensar — disse Lorraine, e Sue o alcançou.

— Entre, Leo. Dê um pouco de espaço a Audrey. Venha. Vamos ajudar Peter a se sentir confortável. Está bem?

Ele encarou Lorraine e ela o encarou de volta. Em seguida, deu-lhe as costas e entrou novamente no carro. Ele sentiu o ardor da acusação de Lorraine em sua pele durante o resto do dia.

Audrey



Ouvi minha mãe conversando do outro lado das cortinas, e em seguida uma voz de homem respondeu. Devia ser o médico cujo nome eu já havia esquecido. Eu tinha esquecido muitas coisas. Meu pai, meu passado, minha vida. Como a Coisa me pegou, como escapar. Eles continuavam me dando os comprimidos e ficavam olhando quando eu os engolia. Mas eu já estava aqui fazia dois dias e era tempo demais.

— Quero que ela seja internada de acordo com a seção três — dizia minha mãe; palavras que eu não entendia, mas conseguia adivinhar o significado. — Não consigo lidar com isso em casa e temo que ela vá tentar outra vez. Ela não pode sair, não sem o tratamento adequado. Ela precisa receber cuidados; precisamos de ajuda adequada. Doutor McGuiness, quero que minha filha fique bem.

— A equipe ainda está trabalhando na avaliação da Audrey, senhora Morgan.

— Lorraine.

— Lorraine. Mas, como a senhora já deve saber, uma decisão como essa não é tomada de maneira leviana. Precisamos ter cuidado aqui, ter a certeza de que estamos fazendo as escolhas certas. Todos nós queremos que Audrey se recupere e faremos absolutamente tudo o que julgarmos ser o melhor. Interná-la não parece ser a melhor escolha neste momento.

— E se eu quiser uma segunda opinião?

— Esse é um direito que a senhora tem. Mas existem alguns pré-requisitos que precisamos...

Minha mãe o interrompeu.

— Sim, eu sei. Dois médicos diferentes e um profissional de saúde mental

credenciado. Sou enfermeira, conheço os procedimentos, doutor.

— Certo. Bem, vamos levar algum tempo para encontrar o melhor plano de cuidados para Audrey, como tenho certeza que a senhora sabe. — Tentei prestar atenção em sinais de irritação ou agitação, mas o médico estava perfeitamente tranquilo. Parecia que ele estava conversando com um sorriso no rosto, tentando aplacá-la.

— Ela ainda não foi examinada — disse minha mãe, mudando de assunto. Meu estômago se retorceu e eu apertei os lençóis entre as mãos.

— Não. Ela se recusa a ser examinada. Não vamos forçá-la a fazer nada contra a vontade. Audrey nos disse que não foi estuprada.

Quase consegui ouvir minha mãe revirando os olhos.

— Claro que ela está dizendo isso. Ela está com vergonha. E aterrorizada. O senhor não sabe nada sobre a psicologia de vítimas de estupro?

— Como eu disse, estamos tomando todos os cuidados para garantir que Audrey tenha tudo de que precise.

— Quanto mais vocês demorarem, menor será a chance de encontrarem evidências.

— Audrey chegou a lhe dizer que foi agredida, senhora Morgan?

O silêncio se formou. Agarrei os lençóis e fechei os olhos com força outra vez. Ah, meu Deus. Não, ela não pode fazer isso.

Quando eles finalmente abriram as cortinas e me viram deitada ali, eu me sentei e encarei o médico.

— Doutor McGuiness, eu não fui estuprada — eu disse, com uma voz que imaginei que uma pessoa determinada, sã e consciente usaria, embora houvesse muito pouca evidência de que eu voltaria a ser uma pessoa que pudesse ser descrita daquela maneira. Tossi rapidamente. — Eu juro para o senhor que não fui agredida. E não quero ser examinada.

Minha mãe se aproximou.

— Shhh, meu bem, não se irrite. — Ela tentou me abraçar, tentou encontrar uma maneira de me trazer para perto de si, de me sufocar. Eu me

desvencilhei, empurrando-a para longe de mim com minhas mãos cobertas de ataduras.

— Mãe, eu estou falando sério. Leo não fez nada comigo. Nada disso que você está falando. — Meu rosto ardeu e eu abaixei os olhos, olhando para o lençol. — Ele não me machucou. — Eu repeti aquilo porque era verdade. — Nós fizemos sexo, mas eu queria. Eu pedi a ele.

Minha mãe fez um ruído como se alguém a estivesse estrangulando.

— Certo, Audrey. Muito obrigado — disse o médico, e ele se sentou ao meu lado. — Quero passar algum tempo aqui com você. Conversar. Isso é uma das coisas que eu gostaria de discutir. Podemos fazer isso? Tudo bem para você?

— Sim. — Cooperar era a única maneira de sair dali. Eu percebia isso agora. Mas seria difícil; eu estava muito cansada.

— Tenho dezesseis anos — eu disse a ele. — Não preciso que minha mãe esteja comigo, não é?

— Não. Se preferir conversar comigo a sós, não há nenhum problema.

Tentei dar a impressão de que estava recomposta, cruzando as mãos sobre o colo, sentando-me de maneira confortável e ereta. Minha mãe ficou por perto, mas eu mandei uma mensagem com o olhar. Saia de perto, dizia a mensagem. Deixe Leo fora disso. Voltei a prestar atenção no médico.

— Obrigada — eu disse a ele.

Leo



Leo queria visitá-la, mais do que qualquer outra coisa. Lembrando-se de quando esteve no hospital, todo aquele tempo que passou deitado, olhando para telas de televisão, paredes, tetos. Sem ouvir nada, sem ver nada, perdido num vácuo cinzento, seus pensamentos como pedaços embaralhados de papel, rasgados, cortados, amassados. Lembrando-se de que a única coisa que precisava era de alguém que se importasse com ele, ao lado de sua cama, não para conversar ou contar piadas ou fazer perguntas, mas que simplesmente estivesse ali. Ele sabia que Audrey gostaria de tê-lo por perto. Lembrava-se da solidão, do horror frio, de sentir-se totalmente abandonado, sem nenhuma esperança, perdido. Mas Sue disse não. Disse que Audrey não estava recebendo visitas. Apenas familiares.

— E Peter, então? Ele devia ir até lá, não acha?

Os dois olhavam pela janela enquanto o garotinho brincava no gramado com Mary. Ele jogava a bolinha e a cadela ia buscá-la, largando-a aos seus pés. Ele pegava a bolinha outra vez e repetia a ação. Nada de sorrisos. Nada de saltos, corridas ou risos. Sue levou a manhã inteira para convencê-lo a fazer apenas isso.

— Lorraine acha que isso vai deixá-lo triste.

— Ele está com saudade.

Sue suspirou. Os pratos retiniram na pia.

— Não sei o que mais eu posso fazer, Leo. Desculpe.

— Não suporto isso.

— Deve estar lhe trazendo lembranças horróricas.

— Não, não é isso; não me importo com essas coisas. É ela. Não consigo suportar a ideia de que ela está sozinha.

— Lorraine está com ela.

Leo se afastou de sua tia, bateu a porta dos fundos com força ao sair e correu até onde Peter estava. E pegou a bola de futebol.

— Venha, Pete. Vamos jogar. — E os dois passaram outra hora desesperada fingindo que não havia nada de errado.

Peter não havia mencionado Audrey, nem uma vez desde que chegou. Naquela noite, Leo leu uma história para Peter e o colocou na cama. Lembrou-se de quando sua própria mãe fazia isso, sorriu com a lembrança e depois riu sozinho. Ela lia *Robinson Crusoe* para Leo quando ele tinha cinco anos, e não o *Horrível Henry*. Mesmo assim, ele adorava aquilo. Até mesmo as perguntas que ela lhe fazia sobre o livro na manhã seguinte.

— Você está bem, amigão?

— Sim. Obrigado. — Peter havia puxado as cobertas até a altura do nariz. Seus olhos enormes estavam fixos em Leo, sem piscar.

— Tem certeza?

— Sim. Está tudo bem.

Quando Leo se levantou para ir embora, Peter saiu da cama com um salto, agarrou-o ao redor das pernas e quase o derrubou na cama em um abraço desajeitado e desesperado. Leo se agachou e o segurou em seus braços por bastante tempo.

Na manhã seguinte, ele e Peter pegaram seus casacos e foram para o ponto de ônibus. Ele disse a Sue que iria levá-lo para a biblioteca e ela lhe deu uma pilha de livros para devolver, então parecia que eles teriam de fazer isso também. Mas antes os dois iriam visitar Audrey.

Peter ficou em silêncio durante o trajeto.

— Está tudo bem, Pete? — perguntou Leo.

Peter confirmou com um aceno de cabeça, o polegar enfiado na boca.

— Olhe aqui. — Leo desenhou uma careta engraçada na condensação que cobria o vidro. — Agora é a sua vez de desenhar uma.

Peter não olhou. Ficou olhando para suas pedras, balançando os pés para a

frente e para trás.

Quando chegaram ao hospital, Leo perguntou na recepção onde ficava a enfermaria. Eles pegaram o elevador e foram até o quarto andar.

— Este hospital parece com o outro — disse Peter.

— O quê?

— O outro hospital onde Audrey estava antes.

— Quando foi isso? Por que ela estava no outro hospital, Pete?

— Não sei — respondeu Peter, correndo na frente.

Eles não precisaram apertar o botão para poder entrar na enfermaria; outro visitante estava saindo e eles conseguiram se esgueirar pela porta antes que ela se fechasse, dando de cara com outro corredor impessoal.

— Onde está Audrey?

— Não tenho certeza. Venha, vamos ver se conseguimos encontrá-la.

O balcão da enfermaria parecia ser o lugar óbvio para perguntar. Leo limpou a garganta e, com sua melhor voz de garoto bem-educado, perguntou se poderiam ver Audrey.

A enfermeira cujo crachá dizia se chamar Kitty, sorriu.

— Ah, lamento. Ela está com o médico. Mas será que vocês podem voltar mais tarde? Leo, não é? E Peter? — Ela deu a volta no balcão para falar com eles, agachando-se para dizer oi a Peter e abrindo-lhe um enorme sorriso.

— Sim, tudo bem. Quando?

Kitty se ergueu outra vez e verificou o relógio.

— Eles terminarão em meia hora, mais ou menos. Por que não esperam na sala das famílias? Aliás, a mãe dela está lá, sentada com um de nossos outros pacientes. Vou chamá-la para vocês; tenho certeza de que ela vai ficar feliz em vê-los.

— Não — disse Leo, dando um passo atrás. — Não precisa.

— Não é nenhum sacrifício. — E Kitty saiu, caminhando pelo corredor.

Leo hesitou, deu um passo para seguir Kitty, e em seguida um passo para trás. Pegou na mão de Peter e o puxou consigo para seguir a enfermeira.

A expressão no rosto de Lorraine dizia tudo. Seu sorriso ficou estirado como os botões de sua blusa, a pele contorcida em uma careta que não indicava nenhum tipo de afeto. Com um olhar vazio, ela os acompanhou de volta até o balcão, voltando pelas portas e indo até o elevador.

— Ela não pode falar com você, Leo. Ou, melhor dizendo, ela não quer ver você. Foi o que ela me pediu para lhe dizer. Ela prefere que você não a veja nesse estado. É de dar pena, você sabe. Portanto, é melhor deixá-la em paz.

— Não faz diferença para mim. Só quero que ela saiba que eu me importo.

— Ah, ela sabe disso. Sabe muito bem. Não se preocupe.

— Certo.

Lorraine os acompanhou até saírem do hospital e voltarem ao ponto de ônibus. Leo ainda levava a sacola com os livros que Sue havia pedido que devolvesse à biblioteca. E ela estava incrivelmente pesada.

Audrey



O dr. McGuiness vinha me ver constantemente. Queria saber várias coisas: o que eu achava, o que eu sonhava, o que eu comia e bebia. Se eu estava conseguindo dormir, se me sentia ansiosa, se tinha pensamentos suicidas. Perguntou-me o que eu odiava e o que eu amava.

— Peter — eu disse, imediatamente. Era a primeira pergunta fácil. — Meu irmão mais novo.

— Quantos anos ele tem?

— Só cinco. Ele vai fazer seis no verão. — Ergui o rosto e sorri para o psiquiatra. Ele retribuiu o sorriso, como se fôssemos amigos conversando enquanto tomávamos uma xícara de café.

— Eu tenho um filho pequeno — disse ele. — Quase da mesma idade. É bem divertido.

— Pete gosta muito da vida selvagem; nós construímos um esconderijo na floresta, mas ele desabou. Em breve nós vamos fazer outro, e Leo vai ajudar. Estamos anotando tudo em um caderno, todas as coisas que vimos. Vimos um cervo. Lebres. E estamos esperando para ver se aparece algum castor. E vimos também o quiri-quiri. — Parecia ter acontecido há muito tempo, aquele dia perfeito. Era impossível acontecer de novo agora.

— Estou percebendo que você gosta muito de Peter, Audrey.

Confirmei com um aceno de cabeça. Ele esperou.

— Gosto, sim. Gosto muito. — Fechei os olhos. Imaginei o rosto alegre dele. A inocência em seus olhos grandes. Ele havia perdido um dente antes do Natal e agora havia uma fresta em seu sorriso.

— Alguma outra coisa? — O médico esperou e eu sabia que tinha de cavoucar mais fundo, apresentar mais um pedaço do meu coração em uma

bandeja.

— Sim.

— Pode me contar?

— Eu amo meu namorado, Leo.

— Hummm, e...?

— E... — Tinha de haver mais. Eu ainda não havia dito o que faltava. Se deixasse de fora, teria de enfrentar mais perguntas. Ele ia pressionar cada vez mais até ouvir a resposta certa.

— E...?

— Acho que amo minha mãe.

— Somente “acho”?

— Não. Eu amo minha mãe. — Dizer aquilo era difícil, como botar para fora um osso que estava entalado na garganta; fazia minha garganta doer e os olhos coçarem. Não era mentira. Não totalmente.

— Audrey?

— Sim?

— Por que você está chorando?

Balancei a cabeça negativamente. Aquilo era tudo.

Mais tarde minha mãe veio conversar comigo. Eu sabia que ela estava por perto, o dia inteiro, todos os dias, mas ela havia encontrado outras coisas para fazer. Pacientes com quem podia conversar, ou seus pais, e as enfermeiras com quem conseguia rir. Ela lhes trazia bolos e café da cantina no térreo, pelo que me disse. Era uma turma muito legal.

— Então, meu bem — disse ela, acomodando-se. — Eu estava pensando... que tal trabalharmos um pouco no seu blog?

— O quê?

— É a oportunidade perfeita. Venho mantendo ele atualizado, mas você sabe como é. Você podia aliviar um pouco desse trabalho para mim, não é?

— Não quero fazer isso. Não sei o que vou escrever.

— Não me volte com essa desculpa. Você é muito preguiçosa, Aud. Há muita coisa acontecendo. Vou tirar algumas fotos suas e postá-las no blog também.

— Não. Não comigo neste estado. Por favor.

— Ah, não seja boba. Você está ótima; linda como sempre. Tudo isso aqui é como se você estivesse de férias, não é? Você está sendo paparicada, estão trazendo sua comida e bebida na cama, e as pessoas estão lhe dando atenção o dia inteiro. Você é uma menina de muita sorte.

Ela me entregou o notebook. Plugou o cabo e carregou a página.

Comecei a ler. Ela não mentiu quando disse que estava mantendo o blog atualizado. Havia uma foto minha que eu não sabia que ela tinha tirado. Eu estava deitada, dormindo, com os braços por cima das cobertas, e quem olhasse a foto poderia ver as ataduras sem nenhum esforço, junto com longos parágrafos logo abaixo. Eu não precisava ler aquilo e empurrei o computador de volta para minha mãe.

— Apague essa foto.

— O quê? Por quê? Ela ficou ótima. — Ela examinou a foto outra vez, observando-a a partir de ângulos diferentes.

— Estou dormindo. Você tirou a foto enquanto eu estava dormindo. E nem me contou.

Era uma sensação estranha, como se ela tivesse roubado alguma coisa de mim. Um rim, um braço ou uma perna. Outro pedaço do meu coração.

— Vamos lá, Audrey, trabalhe um pouco. Vou deixar o notebook com você. Volto em dez minutos para ver como você está se saindo.

Eu tinha de fazer aquilo. Tinha de encontrar aquela outra garota, aquela que eu havia imaginado — aquela que morava nesse blog e que deixava minha mãe feliz; a garota triste e desesperada que estava enlouquecendo e tentando morrer. Como eu podia criá-la a partir dos restos e dos cacos do meu coração? Como podia criá-la a partir do desastre que era minha vida? Aquela garota sentia coisas, e nós não compartilhávamos a mesma dor. A dor que ela

sentia era particular. Aquela garota queria morrer. Eu, não. Eu queria viver. Respirei fundo e comecei a digitar bem lentamente, com um dedo. Apunhalei cada tecla e comecei a dar vida às mentiras.

OS LUGARES DA DOR: EU E MINHA DEPRESSÃO

POR AUDREY MORGAN. IDADE: DEZESSEIS ANOS E QUATRO MESES.

Não consigo fazer nada certo.

Isso era algo que tínhamos em comum, eu pensei, fazendo uma careta e apertando a tecla DELETE com toda a força que tinha. Certo, vamos tentar outra coisa.

Não consigo nem morrer direito, não é? Acho que fiz algo errado mais uma vez, mas não, isso não devia me surpreender. Toda a minha vida é uma porcaria, uma bagunça. Nada presta.

Agora as coisas estavam ficando mais parecidas com o que eu queria. Não era eu quem estava falando; era ela. Porque eu tinha Leo e Peter. Tinha muitas coisas pelas quais viver.

O médico disse que eu tenho muita sorte por minha mãe ter me encontrado naquele momento. Sorte. Não foi essa a primeira ideia que entrou na minha cabeça quando eu acordei e percebi que estava enfiada num hospital de novo. Não. Eu estava furiosa, porque eles não me deixariam em paz nem mesmo para fazer o que eu quisesse com minha própria vida. Agora eu tenho que ficar melhor, porque não faz sentido ficar no hospital, e eu preciso cair fora daqui. Trocar uma prisão por outra. A prisão da minha mente, a prisão da minha vida e esta prisão aqui. Paredes, tetos e portas me encurralando. Eles me vigiam o tempo todo, sempre cuidando para que eu não esteja aprontando nada. Como se eu fosse uma criminosa.

Parei de digitar. Pensei naquilo. Será que isso estava certo? Será que iria ajudar? Não, eu precisava de mais.

Bem, não faz sentido eu sentir pena de mim mesma. A única pessoa de quem eu devia sentir pena é da minha mãe. Ela é a melhor pessoa do mundo. Ela me ajudou durante

todos esses anos, cuidou de mim, e o que foi que eu fiz? Eu entendo tudo errado, o tempo todo. Queria poder fazer com que ela se sentisse feliz. Doenças mentais são horríveis para famílias, eu sei disso. Mas minha mãe nunca reclamou, nem mesmo quando eu transformo a vida dela num pesadelo, como agora. Ela é uma pessoa única, minha mãe, e, quando eu digo que devo muito a ela, estou sendo totalmente sincera. Estou planejando algo para ela, uma surpresa enorme, e algum dia vou retribuir tudo o que ela fez por mim. Vou mostrar a ela verdadeiramente a gratidão que eu sinto. Eu juro, não existe nenhuma outra mãe como a minha.

Mas não consigo evitar de pensar que seria melhor para ela, para todo mundo, se eu tivesse morrido.

Pronto, assim estava melhor. Minha mãe ia gostar disso. Ela ia adorar. Eu voltei a me deitar, exausta depois de todo aquele esforço, com os pulsos doendo novamente. Os cortes foram profundos, disse o dr. McGuinness, mas eu não me lembrava de quando eles haviam dado os pontos e me costurado outra vez como se eu fosse uma boneca quebrada. Ele perguntou como eu sabia onde cortar, de onde eu tirei a coragem suficiente para me cortar tão profundamente. Eu simplesmente dei de ombros e não mencionei a Coisa que saiu das águas e entrou em meu quarto. Como a Coisa sabia. Como foram as mãos da Coisa que manipularam as minhas.

Leo



A mãe dele atendeu o telefone ao primeiro toque. Era o que geralmente fazia.

— Leo, meu querido, como você está?

Era bom ouvir a voz dela. Ele sorriu, e aquela sensação lhe pareceu esquisita.

— Estou bem, mãe.

— Então, o que houve? Já são... o quê, duas da manhã no fuso horário do Reino Unido? Por que você não está na cama?

— Estava com saudade. Não consegui dormir.

— Saudade de mim? Hummm. Problemas com alguma garota? — Leo recostou-se sobre os travesseiros. Sua mãe estava de bom humor. Pelo menos não estava reclamando da insônia dele.

— Mais ou menos.

— Você sempre foi péssimo com elas. E digo isso com a melhor das intenções.

Ele não podia se ofender e riu do insulto dela, lembrando-se dos pequenos cartões do Dia dos Namorados que fazia quando era criança. Sua mãe o levava para postá-los todos os anos na caixa de correio da menininha com os cabelos loiros e luminosos que morava do outro lado da praça e que às vezes se sentava com ele na gangorra. Sua mãe achava aquilo muito meigo. Ela sabia ser sentimental quando queria.

— Acho que sim. Lembra-se de Suki?

— Lembro, sim. Você era bastante dedicado. Mas estou falando sério, Leo... — a voz dela perdeu o sorriso. — Lembre-se do que Graham lhe disse. Nada de estresse. Coisas felizes. A sua Audrey está sendo difícil?

— Não. Não está não. Ela é maravilhosa, mãe. É verdade. — Maravilhosa, mas estava no hospital. Maravilhosa, mas tinha problemas sérios. E ele ainda não sabia o que fazer para ajudá-la.

— Sim, Sue também me disse. Mas eu espero que você tenha outros amigos, meu querido. E muitos interesses. O que andou fazendo de bom?

Ele contou sobre a noite de Ano-Novo. Sobre o piano. Sobre tocar novamente, a sensação boa que aquilo lhe causou.

— Vou comprar um piano e mandar entregar aí na fazenda. Sue vai adorar.

— Não, não, não precisa fazer isso. — Era demais; ela sempre ia longe demais. Nunca guardava os presentes para quando o aniversário de Leo chegasse, entregando-lhe tudo assim que os comprava; ficava empolgada demais para escondê-los, querendo os sorrisos dele.

— Nada de discussão. Você disse que se sentiu bem tocando. Bem, isso é tudo que me importa. A única coisa que importa é sua felicidade, você sabe. Isso é tudo que eu sempre quis. — Não fazia sentido tentar impedi-la agora. Leo não queria.

— Obrigado. Vai ser ótimo.

— Sim. — Ele conseguiu perceber quanto ela estava animada. — Sim, eu concordo. Agora, vá dormir. E me ligue de novo em breve.

— Amo você, mãe — disse ele, e, por algum tempo, ele se sentiu um pouco melhor.

Audrey



A noite foi longa outra vez. Fiquei sentada, olhei o relógio e escutei os sons da enfermaria. Quando as enfermeiras passaram e vieram me examinar, eu fingi estar dormindo. Minha mãe estava por perto, em algum lugar, e às vezes a respiração que eu sentia no meu rosto era dela. Eu conhecia aquele odor amargo: uma mistura de chicletes e tabaco. Dentes sujos.

Se eu dormisse, eu sabia que a Coisa viria. Estava na hora. Ela se aproximava, sorrateira. Por algum tempo o sangue a havia saciado, deixando-a contente com toda aquela atenção. Agora ela queria mais. Eu ouvi as batidas, bem sutis, no fundo da cabeça. Mas a Coisa não me pegaria novamente. Não seria preciso muito para que eles resolvessem me trancar em algum hospício para sempre, então eu precisava ficar atenta. Se tivesse chance, eu rasgaria os pontos nos meus pulsos e me dilaceraria inteira outra vez, e aí seria meu fim. Não.

Era melhor ficar alerta. *Fique atenta e vigilante*, eu pensava, lembrando de um verso de algum poema. Uma frase da boca de um louco. Mas aquela era minha frase agora. E eu não era louca. Eu era a única que conhecia a verdade.

Leo



Ele decidiu que teria de enviar alguma coisa, alguma mensagem; qualquer coisa que fosse necessária. Lembrou-se de quando Audrey mencionou um pombo-correio e agora achava que ela tinha razão. Os dois estavam divididos por algo que era tão grande quanto um oceano ou uma guerra, mas, na realidade, a única coisa que os mantinha longe um do outro era Lorraine, e ele odiava o poder que a mãe de Audrey havia conseguido; Leo desejou ser capaz de atravessar as ondas revoltas que cercavam Audrey e levá-la consigo para longe.

Ele não tinha um pombo-correio, mas tinha papel. Ficou em seu quarto rasgando página após página dos seus exemplares das obras completas de Shakespeare que sua mãe lhe comprou quando ele fez onze anos, escolhendo diálogos entre amantes, tanto jovens quanto mais velhos. Dobrou-os rapidamente, criando flores e mais flores. Logo, tinha um buquê. E começou a fazer outro.

Mais tarde, depois que Sue fez Peter tomar outro banho e escovou sua cabeleira espessa, ela ficou sentada com o menino diante da lareira, lendo para ele, e Leo se juntou aos dois.

— O que é isso? — perguntou Peter, olhando para as mãos de Leo que estavam cheias de flores de papel, frágeis e brilhando como estrelas. Elas guardavam mensagens e um coração, uma história despedaçada e reconstruída. O esforço do amor, algo que ainda não estava perdido, ainda não.

— São flores para Audrey. São perfeitas, Pete, porque são de papel. Nunca vão morrer. Podemos levá-las ao hospital. Você acha que ela vai gostar?

Ele se agachou e Peter assentiu, solene e com a expressão séria quando estendeu a mão para tocá-las gentilmente.

— Não fiz nada para ela — disse Peter. — Posso fazer alguma coisa?

Sue encontrou um velho livro com mapas, já há muito desatualizado, e Leo se agachou ao lado de Peter e começou a rasgar as páginas e a dobrar. A primeira coisa que ensinou o garotinho a fazer foi um coração.

— Quero fazer um pássaro. Um pássaro que possa pousar nas suas flores — disse Peter. — Audrey gosta de pássaros.

Leo fez uma expressão séria. Era complicado.

— Certo. — Ele respirou fundo. — É assim que se faz, então. Olhe. — Leo começou a mostrar a Peter, com os dedos trabalhando lentamente, muito pacientes.

— Espere — disse Peter, e pegou uma caneta e o papel que estava nas mãos de Leo, desfazendo as dobras.

— Primeiro eu preciso desenhar nós dois. Eu e Aud. Preciso colocar a gente no mapa. — Ele começou a rabiscar dois bonequinhos. Um deles, alto e com cabelos compridos, enquanto o outro era pequeno e quase insignificante ao lado do primeiro.

— Agora sim — disse ele, sorrindo e devolvendo o papel para Leo, e os dois se deitaram no tapete fazendo um pássaro, que Leo esperava ser capaz de voar algum dia.

Audrey



Minha mãe disse que eu não devia me levantar.

— Por quê? Eu quero levantar.

Era verdade que eu estava cansada. Seria ótimo poder dormir por cem anos ou mais. Mas isso era a receita para um desastre: meu corpo acabaria por ceder; meu cérebro se desligaria; meus olhos se tornariam opacos e vidrados. Eu me transformaria na boneca Madison.

— Você vai acabar se cansando. E o médico logo estará aqui para dar uma olhada em você. Quero que você esteja na cama quando isso acontecer.

— Estou entediada.

Girei as pernas para deixá-las sobre a lateral da cama e me levantei, sentindo as pernas vacilarem um pouco. Mas estava melhor do que eu havia imaginado.

— Isso não é uma boa ideia — disse minha mãe, se aproximando. Fiz um gesto para que se afastasse. Eu tinha dezesseis anos, idade suficiente para dar uma volta.

— Estou me sentindo bem. — Apertei os dentes. — Me solte. — Tirei a mão dela de cima do meu braço. A Coisa não veio me pegar e eu tinha de ter certeza de que isso não aconteceria.

— Vou buscar uma cadeira para você.

— Não preciso de uma cadeira de rodas. Deixe-me em paz.

Caminhei por toda a extensão da enfermaria, forçando-me a andar com um passo firme. Os outros garotos e garotas olharam para mim quando passei. Alguém gritou. Minha mãe disse que eu devia tentar fazer amizades, mas eu estava acostumada a ignorá-los quando me chamavam, e apertei o passo. Mas

ainda assim aquilo demorou demais. Eu queria correr. Voar. Se eu pudesse fazer um desejo, pediria um par de asas.

Quando o médico chegou, eu estava em pé ao lado da cama, e minha mãe estava tentando me forçar a deitar outra vez.

— Ela está se cansando à toa — disse minha mãe a ele com a voz exasperada.

— Exercitar-se é uma boa ideia — disse-nos o dr. McGuinness.

— Os comprimidos me deixam cansada — eu reclamei com ele. — Não os quero mais. Não quero ter de tomar medicação. Não preciso disso.

— A medicação existe para ajudar você, Audrey. — Eu odiava esse tom de voz que os médicos usam para falar com os pacientes, e odiava quando falavam comigo como se eu fosse uma retardada. Eu não ia mais aceitar aquilo.

— Sim, mas... não funciona. Não cura o problema...

— Nada de “mas”, Aud. Escute o que o médico diz.

— Mas, Audrey — continuou ele, como se minha mãe não tivesse se pronunciado —, nós decidimos que você já pode ir para casa. Vamos continuar a tratá-la com consultas no ambulatório, é claro, mas uma transferência para o centro de internação não é algo que vá lhe fazer bem neste momento.

— Você quer dizer que eles não têm leitos disponíveis — retrucou minha mãe. — Isso é uma piada. Audrey está doente. Está seriamente doente.

O médico escutou minha mãe por mais algum tempo, mas não parecia estar realmente prestando atenção nela. Nem eu. Eu só conseguia ouvir as palavras dele, repetidas, dizendo que no dia seguinte eu estaria livre. Definitivamente, essa era uma ótima oportunidade. Eu precisava fugir dela. Meu coração começou a galopar. Ela havia mentido sobre Leo, e eu não podia perdoar uma coisa dessas. Minha mãe tinha de saber que não conseguiria se safar do que fez, e que eu tinha meus próprios planos. Meu cérebro começou a trabalhar rápido. Para onde eu podia ir? Para a fazenda. Ficar com Peter, Leo e Sue.

O médico ainda estava falando sobre minha próxima consulta, sobre a

medicação, sobre como entrar em contato com ele ou com a equipe. Minha mãe sibilava de raiva e eu sorria, com as pernas agitadas e saltando, a pulsação soando rítmica em meus ouvidos.

Dormi tranquilamente e, quando a tarde chegou, eu finalmente estava pronta para ir embora. Sorrindo e acenando para as enfermeiras, deixei que minha mãe me tirasse daquela ala do hospital em uma cadeira de rodas. Ela achava que eu ficaria sentada ali como Madison; pensava que podia enfiar um cordão em minhas costas, fazer com que eu dissesse as palavras que ela achava que eram apropriadas para uma boa menina dizer. Achava que podia dizer que Leo era um estuprador. Ela pensava um monte de coisas, e todas elas estavam erradas.

Parte Dois



Audrey



— Entre no carro, Aud — disse minha mãe, sentada no carro, já a postos para partir.

Estava escurecendo. Estava frio. Mas havia chegado a hora.

— Não. Não vou voltar com você para a Granja. Não posso confiar em você, mãe. Você é uma mentirosa.

A cabeça dela se virou bruscamente.

— Você o quê?

— Não vou voltar para lá — eu disse.

— Entre no carro agora. Isso é ridículo. Para onde você acha que vai?

— Para algum outro lugar. Sozinha. — Dei um passo atrás. O primeiro passo para longe dela.

— Não existe nenhum outro lugar. É a única opção que existe para você. Azar o seu, mocinha. Entre e vamos embora. Você já desperdiçou muito do meu tempo.

— Não.

Dei as costas para ela e comecei a caminhar, indo por um caminho onde ela não conseguiria seguir com o carro, passando pelos canteiros de flores e pelas calçadas dos pedestres. Ela gritou, com a voz se espalhando pelo ar, como uma linha jogada na água, com uma isca e um anzol.

— Audrey, não seja idiota. Volte aqui.

Abaixei a cabeça e cruzei os braços, concentrando-me em colocar um pé na frente do outro, forjando uma linha reta para longe dali. Eu sabia que era suficientemente forte. Seria capaz de fazer isso.

Quando percebi que minha mãe não me seguiu, eu aumentei a velocidade, sentindo o coração bater atabalhado dentro do peito quando virei em uma curva. E depois em outra. Encontrei a rua. Vi uma placa. Acelerei as pernas outra vez, contei os passos enquanto caminhava pela rua principal, com os carros passando por mim, os faróis acesos e brilhantes.

— *Um, dois, três, quatro* — cantarolei. — *Cinco, seis, sete, oito. Um dois três quatro cinco seis sete oito.* — Enquanto continuasse contando eu estaria livre; se meus pés continuassem a me levar adiante, eu conseguiria me libertar. O vento estava frio, mas ele me impulsionava para continuar em frente. O fim daquela tarde estava bem escuro, mas eu podia me esconder nas sombras. Minha mãe não ia me pegar. Outro carro passou correndo por mim. E outro. E depois...

— Audrey!

Minha mãe estava lá, diminuindo a velocidade ao meu lado conforme eu caminhava, com a janela aberta, a cabeça para fora, gritando.

— Entre neste carro agora! — gritou ela.

Fingi que não podia vê-la, que não conseguia ouvi-la. Mudei minha marcha, mais alta, mais rápida, e contei. *Um dois três quatro cinco seis sete oito.* Eu tinha de encontrar energia em algum lugar; tinha de encontrar a força. Eu era uma máquina: dura, metálica, forte. Com braços agindo como pistões, eu prossegui.

— Audrey, estou falando sério. Você está cavando sua própria cova. Você acha que esse comportamento é normal? Você precisa de ajuda. Entre no carro.

Minhas pernas se moviam como uma tesoura e minha respiração vinha em arfadas bruscas, mas não era o suficiente. O trânsito estava se acumulando atrás de minha mãe. Buzinas gritavam, carros faziam ultrapassagens perigosas, motoristas xingavam. Eu precisava encontrar outra maneira de fugir dela.

— Entre no carro — repetiu ela, com um tom mais gentil agora. — Venha, vamos falar sobre isso. Podemos resolver isso juntas, como sempre. Venha, meu bem, você vai acabar morrendo. Você precisa de mim para ajudá-la.

Você precisa de mim.

Continuei andando, saí da avenida por onde estava caminhando e entrei na via campestre que saía da cidade e seguia na direção das cidades vizinhas. Se eu conseguisse continuar caminhando, se eu não cedesse, as coisas mudariam. Magoar Leo, mentir a respeito de Leo, isso era algo que eu não ia aceitar. Ela não podia continuar mentindo e não podia me controlar; por isso, era hora de fazer algo acontecer. Hora de mostrar a ela o que eu era capaz de fazer. Ela não destruiria tudo. Ela não tinha esse poder.

— Audrey. — Minha mãe apoiou o peso do corpo na buzina. Eu coloquei as mãos nos ouvidos e caminhei. Cada vez mais rápido.

Um portão. Um campo, lama congelada. Não parei, não pensei. Saltei por cima dele e comecei a correr. E se ela comesse a me perseguir? Quem venceria? Tinha de ser eu. O frio mordida e cortava minha pele e eu corri até que meus pulmões estouraram, deixando os gritos dela para trás, cambaleando e diminuindo o passo até estar caminhando outra vez — as pernas ainda não tão fortes, ainda não, sem pisar no chão com a força que precisavam ter, como deviam. Eu era jovem, mas eu era velha e aquela ideia me deteve. Não estava certo. O horizonte estava cheio de um nada; não havia razão para procurar algo ali. Uma linha fina de árvores, que mal era visível em meio à escuridão, se erguia como sentinela diante da cena. *Ande*, eu pensava, *simplesmente ande*, e comecei a correr. Era assim que tinha de ser. *Continue andando; não pare*.

A escuridão me engoliu. Comecei a me perguntar se não estaria andando em círculos. Lembrei-me da areia movediça. Sobre a lama e cair e me afogar e morrer e sem que ninguém nunca me encontrasse. Parei outra vez e olhei ao meu redor. Olhei para trás. Para onde agora? Por que não havia placas? Por que não havia um guia, alguém, qualquer pessoa, para tomar minha mão e me mostrar o caminho?

— Pai, onde você está? — sussurrei. — Pai, venha me buscar. Encontre-me, por favor. — Mas ninguém respondeu. Ninguém veio. O ar estava seco como um osso. Eu continuei a marchar, contando meus passos, apenas para poder prosseguir.

Encontrei a margem do rio por acidente; segui pela trilha, ainda olhando

por cima do meu ombro, andando com passos atrapalhados e tropeçando em raízes expostas, tentando encontrar o caminho para a fazenda, desejando saber me orientar pelas estrelas.

Ela estava em algum lugar, à minha espera. Ainda muito distante, mas eu vi luzes acesas nas janelas, a fumaça se erguendo pela chaminé, e voltei a andar, atravessando o campo, para a frente, na certeza de que, quando eu chegasse, estaria finalmente em casa.

Mas o carro de minha mãe estava lá. Eu não consegui andar rápido o bastante. Eu nunca seria capaz de deixá-la para trás.

O que eu faria agora? Chegaria sorrateiramente até o celeiro e me esconderia ali como um rato no meio do feno, ou diria na cara dela, em alto e bom som, que não queria mais voltar para a Granja? A Coisa não ia parar. Queria vencer. Era grande demais agora, totalmente crescida, e estava faminta. E minha mãe, minha mãe era uma mentirosa. Ela não ia me proteger.

O celeiro. Esconder-me. Sim, ficar a salvo.

Antes que eu pudesse me mover, a porta se abriu e uma figura se ergueu sob o vão: uma silhueta, procurando, observando a noite. Encostei-me contra a parede, fora do campo visual, prendendo a respiração, sentindo como se o peito estivesse prestes a explodir. A figura se moveu. Era Leo. Meu coração saltou, doeu outra vez. E em seguida uma figura menor se juntou a ele, segurou em sua mão, inclinou a cabeça, uma voz miúda cortando a escuridão.

— É Audrey? Consegue vê-la?

Peter, meu irmão. Ele precisava de mim. Ele estava esperando que eu voltasse para casa, que eu voltasse para ele. Que eu fosse cuidar dele. Não havia escolha agora. Comecei a avançar quando eles viraram as costas. Eu tinha de segui-los para dentro da casa.

Quando abri a porta, eles estavam reunidos ao redor da mesa tomando chá e conversando em voz baixa. Observei a cena por um segundo. Ninguém havia me ouvido; talvez eu estivesse encolhendo, desaparecendo, pequena demais para ser vista. Foi então que Leo se virou.

— Audrey! — Meu nome reverberou pela sala, ecoando, estranho e desincorporado. Eles estavam rindo de mim, observando, apontando. Levei as

mãos ao rosto, querendo me esconder outra vez. Desejando ter ficado nas sombras.

— Aqui está ela — disse minha mãe, e estendeu os braços. Seu rosto se partiu ao meio, dividido. Uma mãe, duas. A Coisa sobre seu ombro. Seus cabelos grisalhos desgrehados e longos. Seus olhos, escuros e sorridentes. *Ah, aqui está você*, disse a Coisa. *Finalmente*. Fiquei paralisada. Não. Não aqui. Não na fazenda. Ela não podia ter nos encontrado aqui.

— Aud? Você está bem, meu amor? Audrey? Nossa, deve estar morrendo de frio.

E foi então que tudo aquilo me atingiu. O frio, a exaustão. Senti uma náusea forte. Minhas pernas cederam. Os rostos deles se dissolveram. Os braços de alguém me agarraram antes que eu caísse no chão de pedra, e uma voz, bem próxima.

— Audrey, você está segura agora, está tudo bem. Sou eu, Leo.

Leo



Ela estava ali e, ao mesmo tempo, não estava, tremendo em seus braços como se tivesse visto algo que a deixou completamente em pânico. O corpo dela estava gelado, os sapatos enlameados e estragados, e a parte de baixo de seu conjunto de moletom estava emplastada com uma grossa camada de lama e água.

— Audrey? Você está a salvo. Está tudo bem com você?

Ele a pegou nos braços e a levou até o sofá e Sue trouxe um cobertor. Lorraine corria de um lado para outro.

— É melhor eu chamar uma ambulância — disse ela, com o celular já na mão.

— Não, está tudo bem. Ela só desmaiou. — A última coisa que Leo queria era que Audrey fosse embora de novo, logo depois de chegar. Se eles esperassem alguns momentos ela abriria os olhos e diria o que havia de errado.

— Leo, deixe que eu cuido disso. Sou enfermeira.

— Espere — disse Sue. — Só um pouco. Olhe, ela já está acordando.

Lorraine o empurrou de lado, agachou-se ao lado da filha e falou com uma voz doce e apaziguadora.

— Audrey, minha querida, Audrey, meu bem, a mamãe está aqui, está tudo bem agora, meu amor, está tudo bem.

Ela alisou a testa de Audrey, estendeu a mão, enfiou-a na bolsa, pegou uma cartela de comprimidos e depositou um sobre sua palma.

— Tome isto aqui, Aud, vamos, é sua medicação. Já passou da hora de tomá-la esta noite. Quanta bobagem. Meu Deus, olhe o estado em que você

está. Vamos chamar a ambulância e levá-la de volta ao hospital, não se preocupe.

Leo observou enquanto Lorraine colocou o comprimido na boca de Audrey. Viu que Audrey fez o comprimido rolar sobre a língua. Imaginou se ela o engoliria. Ela se sentou, tossiu. Cobriu a boca com as mãos e tossiu outra vez.

— Mãe, eu estou bem. Desculpe, desculpe. — Ela deixou Lorraine endireitar suas roupas, desembaraçar seus cabelos, cuidar da sua aparência, acariciar suas bochechas e puxar seus lábios como se quisesse reorganizar as feições do rosto dela. Lorraine ergueu os olhos e sorriu para todos.

— Está tudo bem, meu amor. Agora, vamos levar você de volta ao pronto-socorro. Certo?

Audrey olhava fixamente para a mãe. O medo havia voltado aos seus olhos. Leo teve certeza de que a viu recuar alguns centímetros, vindo em sua direção.

— Posso ficar aqui? — disse ela rapidamente, olhando para Sue e depois para Leo. — Estou cansada.

As sobrancelhas de Sue desapareceram por trás de sua franja. Leo se levantou e colocou a mão no ombro da tia.

— Está tarde. Ela pode ficar, sim. Não vai ser preciso voltar ao hospital, não é? — repetiu ele, insistindo.

Audrey se sentou. Ela tirou os óculos e olhou para a mãe.

— Vou ficar aqui, mãe. Está bem?

Lorraine não disse nada.

— Por mim, não tem problema — disse Sue. — Você pode ficar também, você e Peter. Audrey parece estar bem agora. Deve ter sido o choque, o estresse. Temos bastante comida; podemos comer alguma coisa. — Ela foi até a cozinha, colocou uma frigideira no fogão e encheu outra panela com água na pia.

— Ah, não. Seria um incômodo para vocês. Vamos embora. Mas não gosto de deixar Audrey para trás, não depois de tudo o que ela passou. Ela não está

bem. Imagine só, fugir desse jeito. Graças a Deus ela veio até aqui, como eu suspeitava.

Leo olhou para os pulsos de Audrey. Ainda estavam cobertos pelas ataduras. Ela viu que ele olhava e piscou os olhos. Leo desviou o olhar. Merda, o que foi que ele disse a ela sobre aquilo? Imaginou se ela havia recebido suas flores, se havia deixado claro que os ferimentos não lhe incomodavam. Ele estava ao lado dela, independentemente do que acontecesse. Lorraine tinha razão; parecia haver algo errado com Audrey. E por que ela veio até aqui e fugiu da mãe? Ele queria respostas, mas não podia perguntar.

Audrey



Vá embora, vá, pensei. *Caia fora daqui, mãe*. Quanto mais tempo ela ficasse ali, quanto mais Sue oferecesse chá e comida e uma cama quente e macia, maior seria a chance de que ela ficaria por perto.

— Nos vemos amanhã. Vou passar a noite aqui, está bem? — eu disse.

Parecia que ela ia recusar, mas alguma coisa a fez mudar de ideia. Talvez fosse o fato de que todos estavam olhando para ela: Sue e Leo. Talvez ela tivesse entendido: eu sabia que ela era uma mentirosa, e que, se Sue e Leo soubessem o que ela havia dito, seria o fim. Tudo viria à tona.

— Tudo bem. Tudo bem, que seja como você quiser. Mas, se houver algum problema, ligue para mim. E não esqueça de tomar sua medicação, Audrey. — Minha mãe guardou suas coisas.

— Vamos, Pete. — Ele olhou direto para mim quando ela falou. — Peter, eu mandei pegar suas coisas.

Meu irmão levantou o rosto; ele olhou para mim e depois para ela. Estava bem quieto, pelo que percebi, quase sem dizer coisa alguma.

— Está tudo bem, amigão? — sussurrei.

— Quero ficar com Aud. — A mão de Peter se apertou ao redor das minhas. Ele andou roendo as unhas. Percebi o olhar de Leo, e estava prestes a começar uma nova discussão para que Peter pudesse ficar também quando minha mãe se aproximou, beijou meu rosto e agarrou o braço dele.

— Não. Vamos embora agora. É hora de irmos. Estou cansada, e Sue provavelmente já está farta de sua presença.

Ela se endireitou e riu, mas aquilo não tinha graça.

— Ele pode ficar — disse Sue, suave e sorridente. — Vocês todos podem.

— Não, não. Meu Deus, as pessoas vão pensar que você abriu uma espécie de albergue para crianças e animais abandonados, Sue. — O riso da minha mãe estava mais falso do que nunca, as mãos se abrindo e fechando. — Vou levá-lo de volta comigo, prepará-lo para voltar à escola amanhã de manhã. Você pode conversar com sua irmã amanhã, Peter. Viremos buscá-la.

E não houve mais discussões. Peter foi levado a reboque, olhando por cima dos ombros, implorando. Apertei os olhos para não ver. Só ouvi a porta se fechar, Sue se despedindo e minha mãe agradecendo.

Peter ficaria bem. Ficaria tudo bem com ele. Eu encontraria uma maneira de garantir que isso acontecesse.

— Obrigada por me deixarem ficar aqui — eu disse a Leo. Ele estava sentado ao meu lado, apenas esperando.

— É um prazer. — O sorriso dele era uma bênção. Tão normal. Leo se aproximou. Ele tomou minha mão, sussurrou algo em meu ouvido. Algo que indicava que estava contente em me ver. Eu não conseguia escutar direito, ainda pensando no meu irmão. *Por onde eu havia andado?*, Leo murmurou. *Ele estava esperando*, disse ele, exigindo minha atenção, arrastando-me de volta ao presente. Virei a cabeça e os lábios dele estavam no meu rosto. Perto da minha boca. Ele estava quente, era real. Estava vivo e eu também, agora. Livre, pelo menos por enquanto.

— Ei, vocês dois. — Sue parecia estar surpresa, e nós nos afastamos rapidamente. — Dê uma chance para a garota se recompor, Leo; ela acabou de chegar. Estava no hospital ainda há poucas horas. — Ele se levantou com um salto ao ouvir aquela reprimenda, com um sorriso forçado.

— Desculpe. Quer que eu lhe traga alguma coisa, Aud? Algo para beber, ou outro cobertor? Uma massagem nos pés? Não sei. Diga o que quiser, desejo, ordem, servo humilde, *et cetera et cetera et cetera*, você sabe como é. — Ele me fez rir. E era muito bom.

— Não. Não, quero apenas que você fique sentado aqui — eu disse a ele, e Leo fez que sim com a cabeça como se entendesse que aquilo era tudo de que eu precisava.



A primeira coisa que fiz foi jogar todos os comprimidos no vaso sanitário, cada um deles, e dar a descarga. A embalagem prateada amassada e rasgada e cada rasgão faziam com que eu me sentisse melhor.

— Tem certeza de que você devia estar fazendo isso? — Leo estava sob o batente da porta do banheiro, observando. Não tentou me impedir, mas sua voz tinha um toque de dúvida, uma certa tensão.

— Tenho sim. — Eu lavei as mãos e voltei a olhar para Leo, com um sorriso já pronto no rosto. Mas eu já havia me olhado no espelho; sabia que minha aparência estava uma lástima. O sorriso não enganaria ninguém.

— Certo. Onde foi que paramos, sei lá, há uns dez dias? — eu disse, quebrando o silêncio. Ele começou a caminhar de volta para a sala de estar, descendo rapidamente os degraus.

— Acho que havíamos acabado de passar a melhor noite da nossa vida. Ou algo assim. — Leo jogou as palavras por cima do ombro. Eu as recebi com uma sensação de alívio. Ele estava disposto a fazer o que eu dissesse.

— Sim, é verdade. Como eu poderia esquecer?

Então, por que diabos você tentou se matar na noite seguinte? Ficamos sentados lado a lado no sofá. Sue havia desaparecido, deixando-nos em paz, e aquela pergunta não verbalizada pairava entre nós, pesada e escura. Rindo de mim. Engoli em seco. As coisas nunca mais seriam as mesmas.

— Acho que preciso explicar algumas coisas — eu disse.

— Tudo bem. Certo. Se você quiser. — Ele não parecia irritado, mas preocupado. Engoli em seco e me afastei um pouco dele, preparando-me. Isso seria difícil. Eu já havia pensado sobre o que diria a ele e estava com tudo pronto, mas chegar ao ponto de dizer as palavras era algo completamente diferente. Eu nunca havia falado sobre aquilo para ninguém.

— Certo. Bem, você sabe que eu nunca lhe falei muito sobre minha doença antes.

Leo estava esperando, quase imóvel.

— Bem... uma parte dela. Isso vai parecer meio... sei lá, esquisito, mas o que acontece é que existe essa Coisa.

— Coisa?

— Sim, é como eu a chamo. Não sei de que outro jeito eu posso descrevê-la.

— Seria algo parecido com uma voz ou coisa do tipo?

— Talvez, algo mais ou menos assim, acho que sim. Uma presença. Simplesmente existe.

Leo estava tentando compreender, prestando bastante atenção.

— Bom, foi por causa dela — eu sussurrava e falava rapidamente. — Não tinha nada a ver com você, você sabe, ou conosco, ou com o que aconteceu. — Senti o rosto ficar quente, senti-me uma idiota, e baixe os olhos.

— Espere um pouco. Então foi essa Coisa que fez você tentar se matar?

Eu enrolei uma longa mecha dos meus cabelos ao redor dos dedos, puxando e torcendo.

— Não fale assim.

— Assim como?

— Como se eu fosse louca. Como se não acreditasse em mim. Não posso evitar. Sei que as outras pessoas não são assim, Leo, mas é assim que eu sou, e não gosto disso, mas tenho de viver com isso.

— Então, por que você jogou os comprimidos fora?

— Porque não preciso deles. — Minha voz estava esganiçada demais. Era ridículo. Eu não podia falar sobre isso; não era algo que simplesmente se pode explicar.

— Aud — ele pegou a minha mão, interrompeu meus pensamentos —, você devia pensar melhor nisso. Estou preocupado com o que vai acontecer se você não tomar sua medicação. Você falou com um psiquiatra, não é? E foi ele que receitou os remédios?

— Sim.

— Então, jogá-los fora é algo arriscado.

— Tudo bem... — Suspirei e cobri o rosto com as mãos. — Vou ligar para

Caldwell. Pedir outra receita. Pode ser?

— Logo cedo?

— Sim, logo cedo.

Leo se recostou no sofá, mas não estava satisfeito. Olhei para ele. A expressão séria continuava em seu rosto, sem alteração.

— E você vai continuar se consultando com alguém, não é? — perguntou Leo, ainda olhando para mim.

— Sim. Mas não vou ficar internada. Tenho de me consultar com o psiquiatra. Essa é a condição. Minha mãe queria me internar. Me mandar para algum lugar residencial.

— É mesmo? — A voz de Leo estava cautelosa. Parecia estar pensando que aquilo seria uma boa ideia.

— Sim. Por algum motivo, o médico não concordou. Acho que os deuses sorriram para mim, pelo menos uma vez. Ele era legal, o doutor McGuiness. Gente boa.

— Certo. — Leo se aproximou de mim e me puxou para si; abraçou-me com força e eu soltei um suspiro enorme. Havia conseguido falar sobre mim e ele não saiu correndo da casa. — Estou feliz simplesmente pelo fato de que você está bem, que você está em casa. Estou feliz porque você não morreu, Aud.

— Sim — eu sussurrei em seu ombro e não consegui conter um calafrio.

— Mas escute: você pode conversar comigo, como sabe. Se precisar. Sério, sobre qualquer coisa, porque eu já passei por algo parecido uma vez. Não ouvi vozes nem nada do tipo. Mas minha cabeça estava bem bagunçada. Sei que é assustador. Mas, por favor, não faça isso outra vez, Aud... não se vire, não...

Eu olhei pela janela por um segundo e depois voltei a olhar para ele, apertando os punhos, enfiando as unhas nas palmas da mão. Ergui os pulsos, mostrei as ataduras para ele.

— Escute, Leo. Estou falando sério. Você acha que eu quero isso aqui? Você acha que eu quero ser a garota que faz esse tipo de coisa? Bom, não

quero. Não quero morrer. Não agora, e não por muito, muito tempo. — Ele olhou para mim e eu engoli em seco, forçando minha voz a ficar menos agressiva. — Em primeiro lugar, está você. — Eu me levantei e comecei a andar de um lado para outro, contando os motivos nos dedos. — Vou precisar saber o que vai acontecer conosco, não é? Não posso perder isso. Literalmente, a coisa que mais amo na minha vida. Nunca pensei que algum dia eu fosse ter um namorado, e definitivamente nunca pensei que seria alguém como você.

— Aud... — ele disse, tentando interromper, mas eu balancei a cabeça negativamente.

— Não. Escute. Eu preciso saber se você e eu... — Eu olhei para Leo, ele estava me observando, em silêncio agora, com o corpo inclinado para a frente. — Preciso saber se você e eu teremos um futuro juntos. Quero ficar com você outra vez. Como antes. Quero ser amada como as outras garotas são amadas e poder retribuir o amor, como você merece. Quero que você me ensine a tocar piano, pelo menos uma música simples como o “O Bife”. — Ele riu, enxugando os olhos. — Não, não chore. Por favor, não por minha causa. Não vou morrer antes de ter mais disso que eu quero. Mais de nós, mais de você.

— Está bem, pare com isso então, shhhhh.

— Não. Tem coisas que eu preciso dizer. Tenho muitas coisas a fazer, listas e mais listas de coisinhas. Nunca estive na Espanha nem em nenhum outro país, nunca passei em um exame nem usei um vestido bonito nem tingi o cabelo de preto nem escalei uma montanha. Quero aprender a nadar. Aprender a dirigir. Talvez, não sei, talvez ir para a faculdade se eu puder. Pelo menos conseguir uma educação de qualidade. Quero saber as coisas que você sabe, Leo. Coisas que as outras pessoas sabem. E eu também me preocupo com Peter. Você acha que eu posso deixá-lo para trás? Ele é a minha vida. — Fiz uma pausa, tentando me controlar. — Preciso cuidar de Peter, preciso ver o que a vida reservou para ele, estar por perto para os momentos bons e os ruins, e pelo menos para o dia a dia. — Merda. Eu havia deixado meu irmão ir embora. Como eu podia dizer uma coisa dessas depois de deixá-lo ir embora daquele jeito? Eu mordi o lábio e voltei a olhar pela janela. — Por isso, não se preocupe. Não vou fazer nada de ruim. Não vou a

lugar nenhum — concluí, com um suspiro.

Leo assentiu. Eu o ouvi vindo em minha direção, não me virei, mas ele colocou os braços ao meu redor, a cabeça em meu ombro, e soube que ele acreditava em mim.

Minha mãe chegou cedo na manhã seguinte, com Peter ao seu lado, já com o uniforme e pronto para ir à escola. O começo de um novo ano letivo. E, novamente, eu estaria ausente. Peguei Peter e o abracei com força, e em seguida eu o afastei e examinei seu rosto. Parecia estar tudo bem com ele. Limpei o resto do café da manhã que havia ficado ao redor de sua boca com o polegar e ele se retorceu, com um meio sorriso, esfregando o queixo com a manga. Fiz que sim com a cabeça. E o sorriso dele ficou ainda maior. Fiquei feliz por ver cor no rosto dele; talvez ele simplesmente estivesse cansado quando cheguei à fazenda ontem, por causa da preocupação e também pelo fato de que as coisas não estavam muito bem. Mais tarde nós iríamos brincar. Talvez Leo pudesse levá-lo para cavalgar um pouco no pônei depois da escola. Ou pelo menos podíamos jogar bola. Todas essas promessas estavam na ponta da minha língua, mas minha mãe falou antes de mim.

— Vamos, Aud, é sua primeira consulta. Não vamos nos atrasar, hein? — disse minha mãe, acenando para Sue, curvando-se para fazer carinhos em Mary. A cadela rosnou, seus pelos se eriçaram. Mary nunca rosnava, e o riso de minha mãe estava estridente e falso quando puxou Peter para dentro do carro e acenou para que eu a seguisse. Percebi que ela estava com receio de que eu tivesse contado a Sue e Leo sobre suas mentiras e acusações. Isso seria minha munição para mais tarde.

Peguei meu casaco e me despedi de Sue. Não havia como fugir da consulta; eu ia provar ao doutor McGuiness que estava bem, receberia alta e esqueceria que tudo isso havia acontecido.



Mais tarde, minha mãe guiou o carro de volta na direção da Granja. Parecia estar bem, não muito tensa, então eu acho que fiz tudo do jeito certo. Tudo correu da maneira habitual: comer, dormir, o que eu estava pensando, como estava me sentindo. Disse tudo o que eles queriam ouvir e cheguei até mesmo

a dizer ao médico que precisava de uma nova receita, porque havia perdido a cartela de comprimidos.

Enquanto ela dirigia pelas estradas sinuosas, tagarelando sobre a novela a que havia assistido na noite anterior e o que sua personagem favorita fez, eu a interrompi, dizendo de maneira bem casual:

— Me deixe na casa de Leo, mãe. Vou ficar com ele mais um tempo. Ele disse que não há problema.

— O quê? De jeito nenhum, Audrey. Você está tentando me fazer de idiota ou o quê? — Ela raspou o lábio inferior com os dentes.

— Não. Simplesmente não quero morar na Granja. — Com você. Com a Coisa. Não cheguei a falar essas coisas.

— Você não vai ganhar essa. — Uma olhada rápida e penetrante que me avaliava; ela me fuzilou com o olhar. Eu o empurrei de volta a ela.

— Vou, sim. Porque, se você não fizer o que estou pedindo, vou dizer a eles o que você disse sobre Leo. Vou contar a eles que você disse aos médicos que ele me estuprou.

— Eu nunca disse uma coisa dessas, Aud. — Ela olhou para mim com a boca aberta, os olhos arregalados e chocados.

— Disse, sim. Eu ouvi. Não posso mais confiar em você.

— Quando? — Minha mãe estava balançando a cabeça negativamente. Pensei no tempo em que passei no hospital, tentando me lembrar. Eu tinha certeza de que estava certa.

— Logo que eu fui internada. Você queria que eles me examinassem. Você ia até chamar a polícia.

— Examinar você? Do que você está falando, Aud? — Ela bufou, fazendo um ruído de *pffft* e enfiou o pé no acelerador. — Você não ouviu nada disso, nada. Deve ter tido alguma alucinação; você estava muito mal, como sabe. Ficou o tempo todo atordoada. É por isso que eu não consigo acreditar que deixaram você sair do hospital.

— Mãe, pare com isso. — Eu segurei o assento, agarrando-me com força naquilo que acreditava que sabia.

— Não, Audrey. Você é que vai parar com isso. Eu acho que todos nós sabemos quem é a pessoa que tem problemas aqui, não é? Não sou eu; é você. — O dedo dela apontava ameaçadoramente na minha direção e o carro ameaçou sair da estrada. — Em quem eles vão acreditar? Na menina que acabou de cortar os pulsos, na menina que é mentalmente doente, ou na mãe dela que tem de sofrer e aguentar isso há tanto tempo?

Permaneci sentada em silêncio. Eu não havia simplesmente imaginado aquilo, não é? Por que eu inventaria uma coisa dessas? Coloquei a cabeça para trás e fechei os olhos, tentando fixar aquela informação. Mas os dedos de outra lembrança correram pela minha coluna. Outro médico. Logo depois que eu comecei a ter problemas e enxergar coisas, ouvir coisas, estar assustada demais para conseguir dormir. Minha mãe conversando. Dizendo coisas que não eram verdadeiras sobre meu pai, falando com o médico sobre coisas que eu não entendia direito.

— Alguém tocou em você? — perguntou o médico naquela ocasião. — Aconteceu alguma coisa com a qual você não se sentiu confortável? Com um adulto?

— Não. — Lembrei da minha voz. Bem clara. Isso era errado. — Não. Nunca. Não.

Minha mãe havia começado a chorar. Eu não soube o que aconteceu a seguir e acabei bloqueando a lembrança. Abrindo a janela do carro, eu coloquei a cabeça para fora e inspirei o ar puro com força. Talvez tenha sido por isso que meu pai nos deixou. Talvez ela o tivesse ameaçado, também. O carro parou diante da fazenda; minha mãe puxou o freio de mão e desligou o motor. Ela veio para perto de mim, fechou minha janela e continuou por perto. O ar estava quente e cheirava a fumaça de cigarro e ao perfume forte e inebriante que ela usava.

— Vá buscar suas coisas. Estamos indo para casa.

— Posso mandá-los perguntar ao doutor McGuiness.

— Como se isso fosse servir para alguma coisa. Eles vão achar que você está tendo alucinações. Agora, ande logo.

As coisas estavam tranquilas na cozinha de Sue; minha mãe ficou

conversando com ela enquanto eu subia ao andar de cima. O quarto que eu havia usado era limpo e bonito, com um leve aroma de fumaça de lenha que vinha do fogão da cozinha. Na penteadeira havia um vaso branco de porcelana chinesa pintado com flores azuis delicadas, que guardava alguns ramos de jasmim de inverno. A colcha era branca, com as beiradas franzidas. Sentei ali por um momento, alisei-a e tracei o contorno daquele bordado delicado com o dedo. Pensei. Pensei em tudo.

Quando voltei para baixo, eu disse:

— Mãe, posso conversar com você por um minuto?

Ela ergueu o rosto, sorriu e me seguiu até a sala de estar. O sorriso se desfez no instante em que ela fechou a porta atrás de nós, como uma pedra que cai numa lagoa.

— O que foi?

— Não vou com você. Pode fazer um escândalo ou simplesmente me deixar aqui. Escolha o que quiser. Não me importo. Estou pronta até para brigar.

— Audrey. Achei que eu tivesse lhe dito que...

— Não. Escute, eu não vou mais dar ouvidos a nenhuma ameaça sua. Não vou mais deixar você me manipular. Você não me controla mais.

— Controlar? — A boca da minha mãe se retorceu, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Não confio em você. Você mente. Você se livrou do meu pai e agora está tentando se livrar do Leo. Então, pode simplesmente me deixar em paz. Você não vai me obrigar a voltar para a Granja. Nem agora nem nunca mais.

— Ah, pare de fazer drama, Aud. Vá pegar sua mala. Ou vou ter de guardar suas coisas para você?

— Estou falando sério. Vou contar a Sue, e aposto que ela vai me deixar ficar aqui por mais algum tempo. Quando eu estiver melhor, Peter pode vir morar comigo. — Franzi a testa. Peter era a única parte do plano que não funcionava; ele não entenderia. Meu pai havia me abandonado, mas eu não abandonaria meu irmão. Esfreguei a testa. Eu teria de ir até a Granja todos os

dias, pelo menos, apenas para conversar com ele. E me certificar de que ele viria para a fazenda nos fins de semana. Ele poderia dormir aqui quando minha mãe estivesse fazendo plantões noturnos, e eu poderia levá-lo para a escola e pegá-lo ao final do dia. Poderia funcionar.

— Você está agindo de uma maneira ridícula.

Respirei fundo. Encarando-a e me colocando no nível dela, encontrando a força para revidar — tudo isso demandava um esforço enorme e eu já estava cansada. Mas ela não podia vencer esta batalha, não importa quanto se esforçasse para me derrubar.

— Não estou. É hora de encarar a realidade, mãe. As coisas têm de mudar. Não podemos mais agir assim. Você não pode destruir tudo. Não pode mentir sobre as pessoas.

Ela se aproximou de mim e me segurou pelos ombros, fincando as unhas duras e coloridas na minha pele. Os olhos fixos nos meus. Eram agressivos, furiosos. Sua boca era uma linha vermelha lisa traçada sobre os dentes.

— Mãe, vou contar tudo a eles se você não me soltar. — As palavras, a ameaça. O que eu queria dizer com isso? Em algum lugar dentro de mim, bem fundo, no meio de todas as coisas que eu havia esquecido, nos pedaços sombrios do meu coração, nos túneis cinzentos do meu cérebro, eu sabia. Era encontrar as palavras e reconhecer a dor. Isso era a coisa mais difícil de fazer, e minhas pernas fraquejaram e eu quase caí. Corri para o banheiro, chegando lá bem a tempo antes de começar a vomitar, quase convulsionando com as náuseas e o enjoo, tremendo de frio e sentindo-me quente ao mesmo tempo. Não olhei quando a porta rangeu ou quando minha mãe se sentou na borda da banheira, esperando até que eu terminasse.

— Olhe só a situação em que você está — disse ela. — Venha para casa. Vamos, Aud. — Eu vomitei outra vez quando ela me tocou.

— Não vou, mãe — sussurrei. — Deixe-me em paz.

Minha mãe olhou para mim por um longo tempo e assentiu com um movimento de cabeça.

— Tudo bem, Audrey. Vou fazer isso.

Leo



Sue não gostou de ver Lorraine tão irritada. Ela conversou com Leo quando ele chegou da escola. Falou-lhe sobre como ela saiu dali correndo, num estado lastimável.

— Não sei o que aconteceu entre elas, mas há problemas sérios ali, Leo. Pobre Lorraine. Ela está se esforçando muito.

— Bem, elas vão acabar se entendendo. Provavelmente é melhor deixar que cada uma tenha um pouco de espaço. — Leo mordeu sua maçã e se encostou no balcão da cozinha, considerando a situação.

— Sim, é o que eu espero. E espero também que não estejamos interferindo. — Sue virou a página do jornal, examinando os artigos sem realmente se concentrar nas palavras.

— Não estamos.

Audrey entrou na cozinha. Estava usando o blusão dele; era comprido demais para ela, e as mangas lhe cobriam as ataduras e as mãos. Ela ficou ao lado dele, o corpo ereto, o queixo erguido.

— Sue — disse ela, limpando a garganta. — Você se incomoda se eu passar mais algum tempo por aqui?

— É claro que ela pode ficar, não é, Sue? — disse Leo, tentando fazer aquilo parecer bem casual. Normal, até.

Sue franziu a testa e tomou um gole de sua bebida.

— Claro. Vou ficar muito feliz se você quiser continuar aqui por algum tempo, Audrey, se isso ajudar. Mas tente se acalmar um pouco. Com o tempo, seria melhor se você pudesse resolver esses problemas com sua mãe, não acha?

— Sim. Acho que sim.

— Que tal se nós tentássemos convidá-la para vir até aqui? Uma noite durante esta semana? Podíamos fazer um jantar. Vocês duas podem conversar e resolver o que for preciso. É terrível deixar assuntos inacabados. E eu acho que ela ainda não engoliu direito a aventura que vocês dois tiveram na noite de Ano-Novo. — Ela continuou séria. — Não foi a coisa mais sensata a fazer, não acham? Sair correndo sem dizer a ela para onde vocês iam? E sem dizer nada para mim, também, já que tocamos no assunto.

— Sim, sim, nós já pedimos desculpas por ter feito isso — disse Leo.

Sue olhou para ele com uma expressão exasperada.

— Eu sei. Mas eu acho que Audrey devia conversar com a mãe dela. Ela só quer o que é melhor para você, como todas as mães, mesmo que nem sempre consiga expressar isso da maneira certa. E ela ama você.

— Por favor, não me peça para fazer isso. Pelo menos, não agora — disse Audrey, e Sue ergueu as sobrancelhas, gesticulando com as mãos.

— Não posso forçar você a fazer nada. Só acho que ela vai ficar preocupada. Eu já vi o estado em que ela fica, Audrey. Assim, posso entender por que você está se sentindo desse jeito e que, se vocês tiveram uma discussão séria, você ainda não quer voltar para casa. Mas ela vai se acalmar. É uma época bastante estressante para todos vocês.

Leo fez que sim com a cabeça.

— Vai ficar tudo bem, Aud. Tente não se preocupar. — Ele não fazia ideia do motivo que ocasionou a briga entre as duas, pois Audrey se recusava a comentar o assunto. Mas se isso significava que ela ficaria na fazenda por mais algum tempo, ele não pretendia se opor à ideia.

— Acho que sim.

Sue terminou de tomar o chá e Leo percebeu que ela os observava, especialmente Audrey, como se a garota fosse um quebra-cabeça que a tia estivesse tentando montar. Mesmo assim, o sorriso de Audrey não parecia real. Ele imaginou o que ela estaria fazendo: tentando parecer sensata e sob controle. Ele já havia passado por isso. Mas, por dentro, tudo estava

desmoronando. Ele segurou a mão de Audrey com mais força.

— Tudo bem?

— Sim, estou bem. — O sorriso dela estava úmido, assim como seus olhos. Hoje ela estava enigmática, inexplicável, e não havia maneira alguma de compreender aquela tristeza.

Audrey



Naquela noite eu ouvi Sue falando ao telefone. Eu deveria estar dormindo, mas estava mais acordada do que nunca e a voz de Sue atravessava a parede. Direta e firme.

— A namorada do Leo... sim, é uma boa garota... gentil... mas tem algo esquisito, algo que parece não estar direito. Ela tem um monte de problemas.

Houve uma longa pausa. Senti meu rosto queimar, minhas mãos tremerem e fechei os olhos com força, como se pudesse evitar de escutar as coisas horríveis que ela acabaria dizendo sobre mim.

— Vou deixar que ela passe alguns dias aqui. Não se preocupe, vou ficar de olho neles... sim, eu sei... sim, tudo bem... mas não se preocupe, você sabe como Leo age. Ele tem uma paixão enorme pelas coisas. Tem uma paixão enorme por ela. Ela é uma boa garota, muito inocente. Eu lhe disse.

Ela deveria estar falando com o pai de Leo, talvez com sua mãe. O que eles pensavam sobre mim? Que eu era louca, esquisita, instável. Que minha família não era legal, que eu magoaria o filho deles e o arrastaria para a lama comigo. Que eu era um problema. Não, não era verdade. Eu ia provar que eles estavam errados.

No dia seguinte, eu coloquei a mesa para o café da manhã, depois lavei os pratos e tentei ajudar. Não havia dormido muito e minhas mãos ainda estavam trêmulas, desajeitadas. Um copo escorregou de minha mão, espatifando-se sobre o chão de pedra. Saltei com o susto.

— Desculpe. Me desculpe, por favor. — Olhei para Sue e ela olhava de volta para mim, com as mãos erguidas para indicar que aquilo não tinha importância.

— Está tudo bem. É só um copo. Não se preocupe.

— Deixe que eu limpo isso. Vou lhe comprar outro copo.

— Não, não. Deixe que eu cuido disso — disse Sue. — Vá descansar, Audrey. Volte para a cama. Não exagere no esforço.

— Obrigada — sussurrei, sem conseguir olhá-la nos olhos.

— Já pensou um pouco mais no que eu lhe disse? — perguntou Sue, sua voz me interrompendo quando eu estava na porta. — Sobre conversar com sua mãe? A oferta ainda está de pé para que ela e Peter venham até aqui para jantar algum dia desses.

— Não. Obrigada. Acho que não ia ajudar. Ela está muito brava comigo, Sue. Duvido que ela queira escutar o que eu tenho a dizer.

— Certo. Bem, pense mais um pouco no caso. E tenha um bom dia. Tente não se preocupar. Essas coisas acabam se resolvendo com o tempo.

— Está bem. — Olhei pela janela, e depois voltei a observar Sue. Ela estava em pé, na expectativa, como se esperasse que eu lhe dissesse alguma coisa. Como eu continuei em silêncio, ela falou.

— Audrey, você sabe, eu não quero me intrometer. E sei que você está se consultando com o psiquiatra. Mas você pode conversar comigo, se quiser, sobre qualquer coisa.

— Obrigada, Sue — sussurrei, e desejei poder conversar com ela, encontrar algum jeito de fazer isso. Ela era muito gentil. Mas os nós em minha cabeça estavam apertados demais: minha mãe e Peter e Leo e a Coisa, todos misturados em uma enorme confusão. — Vou ficar bem — eu disse, e fechei a porta por trás de mim.

Não fazia sentido voltar para a cama ou ficar perambulando pela fazenda. Leo havia ido para a escola e eu teria de ir também, mas antes de mais nada eu queria ver meu irmão.

Eles já me conheciam da escola primária, e quando eu disse que precisava dar um recado a Peter, permitiram que eu entrasse, cheios de sorrisos e olhares de preocupação. É claro: minha mãe provavelmente já havia lhes contado toda a história. A professora de Peter passou por mim no corredor e parou por um momento para dizer que ele já estava bastante acostumado à escola e que

finalmente estava fazendo progressos excelentes, embora ainda ficasse muito quieto ocasionalmente. Um pouco reservado. Minha mãe deveria ouvir isso. Esfreguei a testa e esperei do lado de fora da sala de aula de Peter, mas ele me evitou, passando rapidamente por mim, e mesmo quando eu o chamei ele simplesmente correu para o playground, sem olhar para trás.

Assim, eu voltei para o colégio, entrei na sala e sentei-me em minha carteira como se nunca tivesse saído de lá. Quando as pessoas falavam comigo — os professores, Jen —, eu respondia e fingia sorrir, mas não conseguia afastar a sensação de que havia perdido algo precioso, como se eu estivesse revirando a floresta em busca de uma joia; pequena, escondida sob várias camadas de folhas podres. E que, a menos que eu a encontrasse, ela poderia desaparecer para sempre.

Leo e eu encontramos Peter ao término das aulas, em frente à escola primária. Ao me ver, ele começou a recuar, apoiando-se nos corrimãos.

— A mamãe está vindo me buscar — disse ele, virando de costas e se desvencilhando de mim quando peguei em seu braço. — Ela disse que eu não posso conversar com você.

— O quê? Peter, você tem de conversar comigo, por favor.

— Não posso, Audrey. — Havia lágrimas em sua voz e eu estendi as mãos outra vez, segurando-o com força. — Eu já falei, ela disse que eu não posso — disse ele, debatendo-se, arredio como um porco-espinho. Ele estava magoado; pensou que eu o havia abandonado e que eu não me importava.

— Ei — disse Leo. — Está tudo bem, Pete. — Leo se agachou ao lado do meu irmão e procurou mirá-lo nos olhos, mas Peter virou a cabeça, contorcendo-se para fugir dos meus braços.

— Não posso conversar com você, nem ir para a fazenda, nem dizer o seu nome.

— Então a nossa mãe está brava, não é? — eu disse, tentando aliviar aquele clima pesado, o que era uma coisa idiota, e meu sorriso bobo também não ajudou em nada.

Peter fez que sim com a cabeça e se virou e me olhou direito pela primeira vez naquele dia. Estava pálido, as bochechas coradas com um vermelho forte,

os olhos brilhando pelas lágrimas e pela raiva.

— Você me deixou ir embora, Aud, e eu não gosto de ficar sozinho.

E então ele saiu correndo, passando por entre os carros até chegar ao outro lado da rua para encontrar minha mãe, que havia acabado de estacionar e estava nos observando. Peter deu a volta ao redor do carro e entrou no banco do carona, e, quando fiz menção de segui-lo, eles foram embora.

— Merda — eu disse. — Mas que merda.

— Acho que essa é a única palavra para descrever a situação — concordou Leo quando colocou um braço ao redor dos meus ombros e me puxou para longe da sarjeta e da imagem do meu irmão desaparecendo.

Eu precisava de Peter. Precisava que ele me perdoasse. Era difícil pensar em como isso poderia acontecer. Ele e eu éramos uma dupla forte. Conseguíamos resolver as coisas juntos. Quem o ajudaria com sua lição de casa — verificar a ortografia e as somas que ele estava começando a entender, ler para ele durante as tardes e ver TV quando minha mãe estava fora? Protegê-lo, observar o mundo, coletar as memórias e guardá-las em um lugar seguro?

Eu precisava dele e de muitas outras coisas. Precisava da minha vida e do meu futuro e também precisava me sentir forte outra vez. Precisava de pernas de aço, mas estava me sentindo fraca.

— Quando ela vai estar de serviço? — perguntou Leo enquanto caminhávamos de volta para a fazenda, passando ao largo da margem do rio. Tentei calcular. Mas eu nunca sabia onde minha mãe estava ou o que ela faria em seguida.

— Vou fazer tudo o que puder para ajudar, Aud. Você sabe disso, não é?

— O que podemos fazer com Peter, Leo? O que vamos fazer por ele?

— Ele vai ficar bem, não é? Sua mãe não age desse jeito estranho com ele também. Ou age?

Pensei naquela pergunta. Ela realmente não fazia nada de esquisito com ele. Peter estava bem. Mas em seguida eu me lembrei de todas as noites em que minha mãe não estava por perto e vi Peter sozinho, naquela casa enorme

e vazia, cheia de sombras que sussurravam; eu sabia quanto ele odiava ficar sozinho. Ele podia se esquecer de desligar o forno ou se confundir com o sistema de aquecimento e ficar em uma casa gelada. Ele ficaria com medo. Apertei os olhos outra vez e enxuguei o nariz com a manga da blusa.

— Vamos, Aud. Tente não se preocupar. Vamos planejar alguma coisa, algo divertido. E vamos tentar levar Pete conosco também.

— Certo, obrigada. — Pensei que eu ficaria muito feliz. Livre da Granja, livre da Coisa. Mas a euforia não veio; a sensação que tomou conta de mim em Trafalgar Square estava perdida. Eu me sentia vazia e entorpecida.

— Bem, que tal alguma coisa no fim de semana? Podemos dar uma olhada nos filmes em cartaz no cinema ou algo do tipo. Algum desenho animado ou outra coisa de que Pete goste. Sue vai nos dar uma carona. — Leo continuou a falar, planejando aonde iríamos e o que faríamos. Mas, em minha cabeça, tudo o que consegui ver foi o carro de minha mãe e o rosto de Peter na janela, magro e entristecido, preso atrás do vidro. Onde eu sempre estava.

Havia um saco com minhas coisas esperando ao lado da porta da sede da fazenda. Minhas coisas, quase tudo o que eu tinha, enfiadas em um saco de lixo como se eu fosse uma tranqueira da qual minha mãe estivesse pronta para se livrar. Junto com Madison e o Ursinho Pooh.

— O que é isso? — perguntou Leo, examinando a boneca enquanto eu começava a tirar as coisas do saco, guardando-as nas gavetas, sem ter muita certeza, sem convicção, imaginando se seria melhor deixá-las no saco, prontas para quando eu tivesse que ir embora. A ideia de ficar ali por mais um dia, uma noite, de ficar tanto tempo longe de Peter... e se alguma coisa acontecesse?

Leo pegou a boneca, olhando para sua cara estúpida. Ele balançou um dos braços, fazendo a boneca dançar uma ciranda idiota.

— Nada. Minha mãe me deu isso aí no Natal. — Mas, enquanto eu dizia aquilo, comecei a chorar. Minha mãe achava que eu gostava dela. Estava apenas se esforçando para fazer o melhor que podia. Leo não perguntou por que eu estava chorando. Se tivesse perguntado, eu não conseguiria responder.

— Está tudo bem — sussurrou ele, várias e várias vezes, até que eu me

afastei.

— O que foi? — perguntou ele, mas eu não fui capaz de responder. Enxuguei o rosto na manga da blusa e enfiei-o em um blusão que ainda tinha o cheiro de casa: a comida da minha mãe, o sabão em pó que usávamos, o perfume dela, os cigarros. Tinha o cheiro de casa e talvez minha casa não cheirasse tão bem, mas ainda era tudo o que eu tinha. E eu havia abandonado Peter.

— Desça, vamos lá para baixo — disse ele, sob o vão da porta. Mas eu não me mexi.

— Desculpe — sussurrei. — Me desculpe. — E Leo foi embora e me deixou sozinha.

As pessoas sonham com várias coisas, como serem livres, por exemplo. Mas a liberdade é uma ilusão. Eu passei tanto tempo grudada à minha mãe, a minha pele unida e presa à dela, que me afastar desse jeito deixava as bordas puídas e o corpo esfarrapado. E doía me sentir rasgada dessa maneira, sentir que faltavam alguns pedaços de mim. Deitei-me na cama e tentei me acalmar. Pensei neles. Em minha mãe e em Peter. Imaginei o que estariam fazendo, como ela explicaria a situação para meu irmão. Se ela agiria de maneira justa. Se Peter conseguiria entender.

Leo



Sue estava preparando o jantar e Leo chegou para ajudá-la. Ele pegou o descascador e começou a preparar as cenouras. Geralmente isso era fácil; ela perguntaria sobre como ele passou o dia, depois eles conversariam sobre algo que ela havia ouvido na Rádio BBC 4, ou se deveria ou não levar Mary ao veterinário outra vez. A cadela estava envelhecendo; seja lá o que lhes viesse à cabeça, os dois conversavam imediatamente a respeito. Hoje as coisas estavam diferentes; sua tia ficou um longo tempo em silêncio. Até que não aguentou mais.

— Você precisa conversar com a sua mãe.

Ele não havia pensado naquela possibilidade e não via razão para fazê-lo.

— Converse você com ela, se estiver incomodada, Sue.

— Já conversei. Ela não está contente. Você deveria ligar para ela e explicar o que está havendo. — Leo imaginou que Sue talvez tivesse tanto medo da mãe dele quanto ele próprio tinha. Não, talvez não medo, essa não era a palavra certa. Cautela. Isso serviria melhor. Ela era uma pessoa complicada, e era difícil argumentar com ela.

— Ela não precisa que conversem com ela. Além disso, não quero fazer uma coisa dessas. Você sabe como ela é.

— Sei, sim. — Sue disse as palavras com um suspiro, alongando as vogais.

— Audrey é uma hóspede aqui. Minha mãe não tem nada a ver com quem fica na sua casa.

— Claro. A menos que a pessoa hospedada aqui em casa seja sua namorada, Leo.

— Não estou nem aí. Já tenho quase dezoito anos. — Ele colocou a última cenoura sobre a tábua e começou a cortá-las em cubos rapidamente.

— De qualquer jeito, ela não vai ficar muito tempo aqui, não é? — perguntou Sue. — Tenho certeza de que elas vão fazer as pazes. As duas são muito próximas.

“Muito próximas.” Aquilo era parte do problema. Leo queria mantê-la perto de si o máximo que conseguisse, mas já sentia que ela estava pronta para ir embora. A cabeça dela estava fixa em algum outro lugar que não este, no presente, com ele. Leo não poderia entrar na cabeça dela e desligar todos os outros botões; não poderia reprogramá-la para ser feliz. Ela não deixaria que ele a ajudasse, ou mesmo que entendesse. Ainda assim, ele aguardaria.

Mais tarde, quando a cozinha estava cheia de calor e com o cheiro do jantar, ele gritou para o andar de cima.

— Audrey, o jantar está pronto.

Ela não respondeu. Leo ficou esperando no pé da escada, prestando atenção, mas não ficou surpreso quando percebeu que ela não desceria. Ele teve a sensação de que ela já havia ido embora.

Audrey



É claro que minha mãe não me trouxe o pássaro de papel nem os corações. Nem a rosa, nem a super-heroína. Imaginei se ela havia encontrado aquelas dobraduras. Pude visualizar ela revirando minhas coisas, farejando meus segredos, vasculhando minha vida, tentando me puxar de volta para a Granja.

Desci para o andar de baixo mais tarde, depois que Sue e Leo haviam terminado o jantar, e perguntei se eu podia usar o telefone.

— É claro — disse Leo, erguendo o rosto e sorrindo. — Fique à vontade.

Liguei para o celular da minha mãe, mas ele só tocou e tocou, até a linha cair. Eu quis fugir. Agora eu queria ouvir a voz dela. *Aud*, diria ela. *O que você está aprontando, Aud? Eu amo você, volte para casa, tudo vai ser diferente agora. Desculpe, eu cometi um erro. Você vai ficar segura aqui comigo. Eu estava apenas irritada, brava.* Por que ela não atendia? Eu precisava ouvir aquelas palavras e falar com meu irmão, apenas para dar a ela um boa-noite. Apenas para dizer que eu voltaria em breve.

Voltei para a cama. Depois de mais uma hora, ouvi uma batida na porta, bem sutil; tão suave que não me acordaria se eu estivesse dormindo. Eu não conseguia pensar na minha mãe. Tinha de pensar no agora, no futuro, no que eu faria dali por diante. Eu ainda tinha Leo. Isso era alguma coisa. Era algo muito importante.

— Entre. — Sentei-me na cama, e puxei as cobertas até o queixo.

— Oi — disse Leo, colocando a cabeça pelo vão da porta. — Está dormindo?

— Parece que estou?

— Bem, não. Que bom.

Ele se sentou na beirada da cama. Movi o corpo para a frente,

engatinhando sobre o edredom, buscando sua mão.

— Olhe, me desculpe, por favor.

— Por quê?

— Por ser esquisita. Por todas as coisas estranhas que eu faço.

Leo começou a rir.

— Achei que você soubesse que eu gosto de esquisitices.

— Leo, eu gosto muito de você. Tipo... gosto de você mais do que gosto de qualquer pessoa no mundo.

— Que bom.

— Certo, então. Venha aqui — eu disse a ele, voltando para baixo das cobertas. — Fique comigo.

— Sue está lá embaixo — disse ele, erguendo as sobrancelhas, mas já afastando as cobertas e tirando os sapatos.

Ele se deitou ao meu lado e, por alguns momentos, nós ficamos deitados ali, lado a lado, sem nos tocar, sem conversar.

Olhei para o perfil dele. Aquela cabeleira escura e espessa. A curvatura suave de suas bochechas e de seus lábios, carnudos, mas que não sorriam. Seus olhos estavam semicerrados e pensativos; perguntei-me o que pairaria em sua cabeça naquela hora.

Escureceu um pouco mais. E, no escuro, tudo era mais fácil.

— Leo — sussurrei.

— Sim? — Os dedos dele se entrelaçaram nos meus, apertando-os como uma fechadura. Era como das outras vezes, em tempos melhores.

— Nada — eu disse, porque não consegui pedir a ele que me beijasse, que me abraçasse ou me tocasse. Sentindo-me tímida demais para falar, toquei seu rosto e apoiei a cabeça sobre seu peito, tentando juntar os pedaços de mim mesma que estavam espalhados. A respiração dele era lenta, tranquila, os braços fortes e esguios.

— Você faz com que eu me sinta melhor — sussurrei, e ele passou as

mãos em meu cabelo, puxando meu rosto na direção do seu e beijando-me até espantar meus medos.

— Você também — disse ele. — Eu queria que pudéssemos ficar assim sempre, sem nunca precisar sair desta cama, apenas ficarmos escondidos aqui em cima. Esquecer que o resto do mundo existe. Eu a protegeria para sempre, Audrey.

Retribuí os beijos dele, porque eu o amava e ele era bom, e eu não queria parar. As mãos dele tocavam meu corpo. E eu tocava o dele.

— Está fervendo aqui embaixo — disse ele, empurrando as cobertas e afastando-se de mim, apenas por uma fração de milímetro. As janelas estavam cobertas pela condensação. O ar, quente.

— E então? — sussurrei.

— E então... talvez seja melhor eu voltar para minha cama. — Ele evitou meu olhar. Alguma coisa havia mudado. Mesmo se ele não soubesse, ele me enxergava de uma maneira diferente agora. A Coisa havia acabado conosco.

— Ou não. — Ele se deitou ao meu lado outra vez, brincou com meu cabelo e tocou meu rosto.

— Tudo bem. Não me importo se você ficar.

— Vou ficar. Mas não posso fazer nada. Não que eu não queira. Mas, simplesmente, acho que devíamos esperar. — Porque você não está bem. Porque você me assusta. Porque não sei o que você pode fazer consigo mesma e não quero ser culpado por isso.

Eu fiz que sim com a cabeça e tentei sorrir, e me perguntei como poderia mostrar a ele que não era minha a culpa de nada do que havia acontecido.

Leo



O piano chegou uma semana depois que Audrey se mudou para a fazenda. Eles ficaram diante da porta observando os homens descarregarem o instrumento.

— Cuidado — ele não conseguiu evitar dizer, e Audrey cutucou o ombro dele com o seu.

— Eles são especialistas, Leo. Não se preocupe. Olhe, já estão levando o piano para dentro.

Ele arrastou uma das cadeiras da cozinha de Sue para a sala de estar assim que o piano foi instalado. Sentou-se e flexionou os dedos.

— Certo — disse ele. — Posso demorar um pouco. — Ele teclou uma enorme quantidade de notas rapidamente e não demorou muito até que Leo se esquecesse de onde estava ou quem estava ouvindo. E, conforme o piano lhe devolveu as sensações que ele despejava sobre as teclas, ele se sentiu mais leve, melhor, em paz.

Sue e Audrey aplaudiram de pé.

— Não acredito que você é tão bom — disse Sue. — Seu pai comentou a respeito, mas eu achei que ele estava exagerando.

— Meu pai disse?

— É claro. Ele sempre se gabava de você.

Leo fez uma careta e se levantou, apontando a cadeira para que Aud se sentasse.

— Hora da primeira lição — disse ele. — Vamos aprender a tocar “O Bife”. A quatro mãos. Certo?

— Legal. — Ela sentou-se antes que ele pudesse piscar os olhos, e, durante

a hora seguinte, os dois fizeram bastante barulho. Ele descobriu que Aud era completamente incapaz de distinguir entre as diferentes notas musicais, mas e daí? Ele já imaginava que era assim quando ela estava cantando no metrô, e, de qualquer forma, isso o fez gostar ainda mais dela; toda vez que desafinava uma nota, ela simplesmente dava de ombros e tentava outra vez, perseverando, determinada, a língua presa entre os dentes, a testa franzida pela concentração.

— Sua mãe é um gênio, Leo — disse Audrey durante o jantar. — Você tem sorte.

Ele fez que sim e Sue concordou.

— Ligue para ela mais tarde. Pelo Skype, apresente Audrey. Já é hora, Leo.

Sue tinha razão. Não havia nada a esconder, e ele queria que sua mãe aprovasse a escolha. Percebeu que aquilo era tudo o que sempre quis, e teve uma sensação de que ela não o decepcionaria.

Audrey



A mãe de Leo era linda. Não sei por que fiquei surpresa. Ela chamou o pai dele assim que me viu sentada ao lado de Leo, e passou os quinze minutos seguintes conversando, com uma voz bonita e doce como uma canção. Seu sorriso era perfeito, a pele era sedosa e reluzente, os cabelos brilhantes e negros, com um corte Chanel moderno e elegante. Ela me perguntou como eu estava, e os olhos, ainda mais escuros que os de Leo, me observavam fixamente pela tela do computador. Eu já havia me acostumado com a rotina da fazenda? Havia alguma coisa que eu precisava ou algo que ela ou seu marido podiam fazer? Leo estava me tratando bem? Eu sorri e gaguejei. Não estava preparada para isso. Imaginei perguntas mais difíceis, sobre minhas ambições e meu Q.I. Embolei-me nas minhas próprias palavras enquanto tentava responder até que Leo interveio.

— Mãe, relaxe. Aud está bem.

Mas eles continuaram a ser encantadores. Era um prazer poderem finalmente conversar comigo; diziam que eu era adorável. Será que eu gostaria de ir a Hong Kong com Leo para visitá-los? Eu fiz que sim com a cabeça e Leo me deu um cutucão forte com o cotovelo.

Quando Leo finalmente se despediu e desligou o computador, eu fiquei olhando para ele.

— Adorei sua mãe.

— Ela causa esse efeito em todo mundo. — Ele soltou uma risada forçada, puxando-me para perto de si. — Da próxima vez não vai ser tão fácil — avisou ele.

— Pare com isso, Leo. Eu não achei que ela seria tão legal. E o seu pai também. Gostei dos dois. E eu realmente quero ir a Hong Kong. — Segurei a mão dele com força.

— Ótimo. Bem, temos um plano, então — disse ele, e eu gostei de ouvir aquilo.

Era o final de janeiro e a sede da fazenda ficava surpreendentemente gelada quando chegava o fim da tarde. Assim, eu usava isso como desculpa para subir até o quarto de Leo e me deitar com ele em sua cama, apenas para conseguir me aquecer. Eu amava o quarto dele; ficava na parte mais alta da casa e era preciso se agachar para evitar bater nas paredes inclinadas e no teto. As janelas estavam cortadas no próprio telhado da casa. As paredes estavam cobertas de pôsteres; alguns pareciam muito antigos, como se estivessem ali desde sempre, enquanto outros eram mais recentes. Tudo estava organizado e perfeitamente em ordem. Com exceção dos livros espalhados ao redor da cama, empilhados na mesinha de cabeceira e também no chão, e das fotografias de sua família coladas por toda a parede — pessoas que nunca conheci e sobre as quais ele raramente falava — e cobrindo todas as superfícies. Uma bela garota com cabelos longos e escuros estava em seus braços em uma das fotos, usando um vestido para a noite e joias reluzentes. Parecia muito sofisticada, incrivelmente glamourosa. Leo parecia estar feliz também. Ele nunca falou dela e eu nunca perguntei muito sobre aquela parte de seu passado. Uma parte de mim queria rasgar a foto em duas; em vez disso, eu simplesmente me recusava a olhar para ela.

Vi algo que não havia percebido antes em meio a todos aqueles pôsteres e fotos. Era o desenho que me retratava, que Jen havia começado a fazer na escola, há vários meses, ainda inacabado, colado na parede.

— Você afanou esse desenho. — Apontei para o papel. Ele se fez de inocente.

— Nada disso. Jen disse que eu podia ficar com ele.

— Sei. Vou perguntar a ela. Se ela não confirmar isso, vou considerar que é um objeto roubado.

— Você terá de arrancá-lo de mim se quiser — disse ele, segurando-me sobre a cama de modo que eu não podia me mexer. Ele se deixou cair ao meu lado e ficamos escutando música em volume bem baixo e lendo. Leo estava estudando algum poeta antigo e ocasionalmente lia alguns de seus versos favoritos, fazendo vozes engraçadas, e eu cobria meu riso com o edredom.

Algum tempo depois ele me explicou *Hamlet*, e concordou quando eu disse que ele agiu como um canalha em relação a Ofélia.

— Além disso, é um texto triste — eu disse. — Todos morrem.

— Bem, é uma tragédia, não é? O que você queria? — Não havia como discutir aquilo. Ainda assim, resolvi tentar.

— Mesmo assim, é cruel. Shakespeare devia ser meio sádico, matando todos os seus personagens daquele jeito.

Ele sorriu.

— É uma maneira de analisar a situação. Mas eu não o culpo; ele é simplesmente o escritor. É isso que o gênero exige.

E também não havia como contestar aquela afirmação.

— E como você sabe tanto sobre isso?

Leo entrelaçou os dedos atrás da cabeça e olhou para o teto.

— Bem, acho que preciso dar o crédito à minha mãe, porque o mérito é dela. Quando eu era bem pequeno, ela me levava para assistir a peças de teatro, em sua maioria comédias, nos jardins de Cambridge durante o verão. Acho que você ia gostar bastante. Ninguém morre em comédias, pelo menos até onde eu sei. Mas há muitos triângulos amorosos, todas aquelas coisas de meninas. — Eu o cutuquei entre as costelas e ele fingiu que estava ferido, rolando na cama em uma agonia de mentirinha. E usou aquilo como desculpa para me segurar, para me abraçar.

— Vá em frente, fale mais sobre isso. — Com minha cabeça sobre o peito dele, Leo continuou. Escutei o coração dele enquanto ele prosseguia. *Tum-tum. Tum-tum. Tum-tum.*

— Geralmente rolava um piquenique. As amigas dela estariam por perto, com seus filhos pequenos também. Eu acabava me enturmando, adorava aquela atmosfera. A espessura das árvores, as luzes que piscavam no crepúsculo, toda a magia que estava à espera. As palavras. E Bottom, geralmente.

— Bottom?

— *Sonho de Uma Noite de Verão*. Vão encenar essa peça em algum lugar quando o verão chegar. E nós vamos assistir.

— Certo. Certo. Bem, acho que entendi. É a nostalgia, então, que faz você gostar dessas peças? Por causa dos tempos antigos, pela sensação de estar com sua mãe?

— Não, não. Só um pouco. São as histórias. A linguagem. É magnífico. Inesquecível. Assim como você.

Aquilo me fez rir alto, e Sue socou a parede, dizendo que estava tentando dormir.

Leo continuou a conversar, mas agora em sussurros. Podíamos passar a noite inteira assim, conversando e sonhando desse jeito, mas agora Leo falava sobre a primavera. As coisas que faríamos quando a primavera chegasse. Ele tinha uma lista enorme.

— Primeiro, vou levar você para o litoral. Assim que surgir o primeiro dia claro, Aud. E vamos sair bem cedo, já vou lhe avisando. Mas nada de bocejar e tentar recusar o programa. Vamos até lá, pegaremos um barco e sairemos para o mar. E vamos ver as focas. Você vai adorar. Eu garanto, prometo a você. Não vou deixar você cair na água. Não precisa ter medo. — Ele colocou a mão em seu peito e depois sobre o meu, fazendo a marca de uma cruz. Eu segurei a mão dele.

— Está se sentindo bem? Acha que sua medicação está ajudando agora? — perguntou Leo.

— Sim. Acho que sim. — Eu me sentia mais lúcida, mais desperta. Como se o mundo não fosse um lugar tão ameaçador, como se não tivesse tantas pontas afiadas por toda parte. Leo não precisava saber que eu nunca engoli os comprimidos que ele achava que me via tomar.

— E a terapia?

— Sim, também. Daqui a mais alguns dias. Por isso, não se preocupe, está bem?

— Claro. — Leo se levantou e se espreguiçou, e me mandou de volta para minha própria cama.

No dia seguinte eu estava diante da escola primária no horário do almoço e olhei além da cerca espessa de alambrado verde, observando meu irmão jogar futebol no playground. Era o mais próximo que eu poderia chegar. Pelo menos as outras crianças o deixavam jogar agora, e ele estava gritando para que um dos seus amiguinhos lhe passasse a bola.

— Aqui! — gritou ele. A bola foi chutada na direção dele e eu prendi a respiração quando ele a dominou desajeitadamente e driblou, indo em direção ao gol. Eu sorri, apertei os olhos, incomodada pelo sol ofuscante do inverno quando Peter levou um encontrão, mas conseguiu manter a posse da bola e correu para a frente, preparando o chute. Ele deu o pontapé mais forte que sua perninha era capaz de desferir e a bola fez um ângulo longo, passando longe do gol, e ele soltou um palavrão, a boca retorcida pela raiva, e socou o ar com uma expressão que eu nunca havia visto antes em seu rosto. Eu nem sabia que ele conhecia palavras como aquela. Quis ir até lá e acalmá-lo, mas a cerca impedia meu acesso, e eu não podia confortá-lo como fazia quando ele ainda estava aprendendo a andar e às vezes caía, arranhando um joelho ou a palma da mão. Lembrei-me de beijá-lo para que ele se sentisse melhor, de limpar a sujeira, sem ter certeza de onde havia aprendido a fazer aquilo.

O sino tocou e os meninos começaram a voltar para o interior da escola. Eu aguardei, esperando poder atrair a atenção dele.

— Peter — gritei por entre a grade, seguindo-o pelo lado de fora. Ele fingiu que não me ouvia.

— Pete, espere. Espere. Só quero conversar com você. — Mas ele não parou. Passou correndo por mim, trombando com outras crianças, abrindo caminho e avançando como se minha voz não fizesse som algum.

Encontrei Leo no corredor antes da última aula. Ele estava determinado.

— Bem, por que não vai até a Granja para vê-lo?

— Mas e se...?

— E daí se ela estiver lá? Ela não pode impedi-la de ver seu irmão, Aud. Quer que eu vá com você?

— Não. Vai ficar tudo bem. Obrigada. — Havia coisas que eu tinha de fazer sozinha. Não consegui ver Peter uma única vez desde que fui morar na

fazenda. Aquilo não poderia continuar. Minha mãe tinha de me deixar vê-lo e explicar o que estava acontecendo, e eu tinha de começar a cuidar dele outra vez. Ele precisava de mim, e eu precisava dele. E havia muitas perguntas que eu precisava que ele respondesse. Por exemplo, como ele estava se sentindo? Estava tudo bem com ele? Estava tomando o café da manhã, almoçando e jantando direito? Minha mãe estava lendo histórias para ele? Ajudando-o com sua lição de casa, levando-o para festas e para o parquinho? Preparando o seu banho? *Encare isso, Aud, eu pensei. Você sabe a resposta para essas perguntas. Você precisa dar um jeito nisso, e precisa dar um jeito nisso agora.*

Voltar para a Granja foi uma experiência estranha. A porta da frente estava aberta, como sempre, como se estivesse pronta e à espera durante todo esse tempo, e o cheiro do fosso me seguiu para o interior, úmido e sujo.

Bati a porta da casa.

— Peter? — chamei. — Pete? — Fiquei brava comigo mesma por não ter uma chave.

Mas não houve nenhum som. Nada. E eu saí com uma sensação pesada e desagradável no estômago, como se tivesse um leite grosso e talhado sendo batido e azedando.

Voltei no dia seguinte, trazendo Leo comigo desta vez. Subindo aquelas escadas, eu sabia que precisava demonstrar coragem. E minhas pernas estavam bem mais fortes, os pulsos quase curados. Eu precisaria ir à clínica da dra. Caldwell pela manhã para trocar os curativos. Talvez ela me deixasse sem eles definitivamente.

A porta estava trancada outra vez. Tentei mexer na maçaneta.

Era óbvio que Peter estava lá dentro. Eu quase consegui sentir a presença dele do outro lado da porta, e isso estava me deixando louca.

— Por favor, Peter, abra a porta. Deixe-nos entrar. Quero conversar com você. Quero ver se está tudo bem. Quero ficar um pouco com você. — Eu arranhei a porta como se fosse algum animal. — Ou então você pode sair, vir comigo até a fazenda e jogar futebol com o Leo. Vai ficar tudo bem. Se a nossa mãe vier, eu vou conversar com ela. Prometo.

Percebi uma movimentação. Um ruído bem tênue. Esperamos, prendendo a respiração. Em seguida, um pedaço de papel surgiu por baixo da porta. Uma frase escrita em letras maiúsculas e trêmulas. VAI EM BO RA.

— Acho que é outro não, então — disse Leo, dando meia-volta para sair dali.

— Não podemos deixá-lo aqui. — Eu o puxei pela manga da camisa, ainda olhando para o papel.

— Por quê? Ele não quer sair, Audrey. Dê mais algum tempo a ele para se recuperar. Ele ainda está magoado.

— Eu sei. E é aí que está o problema. Ele tem só cinco anos, Leo. Não pode ficar sozinho desse jeito. Não devia nem mesmo estar em casa sem ninguém por perto. — Soquei a porta outra vez.

— Podemos chamar a polícia, então. Ou o serviço social.

— O quê? Não, não posso fazer uma coisa dessas. — Será que ele estava brincando com a gente? Leo deu de ombros e encostou-se na parede.

— Tudo bem, tudo bem. Vou derrubar a porta então.

— Você não pode fazer isso. Pare de agir desse jeito ridículo. — Olhei para ele, brava, para fazer com que ele ficasse quieto. — Pete. Peter. Olhe, não seja bobo. Por favor, abra a porta, companheiro. Eu amo você. De verdade. Por favor.

Depois de outro longo silêncio, eu apoiei a cabeça contra o batente da porta.

— Por favor — sussurrei contra a madeira. — Por favor, Peter. Não me odeie.

— Você não pode fazer nada, Aud — disse Leo, colocando o braço ao redor dos meus ombros e me tirando de perto da porta.

— Ele é meu irmão. Não posso abandoná-lo.

— Você não está abandonando ninguém. Vai estar por perto se ele precisar de você. Já mostrou isso a ele. Ele sabe onde estamos, não é? E eu acho que Lorraine vai voltar logo.

— É, acho que sim. Vamos esperar, então.

Minha mãe passou por nós na escada. Nem chegou a olhar para mim, como se eu finalmente fosse invisível. Em seguida, nós caminhamos de volta para a fazenda, andando pelo terreno lamacento, encharcado pelas chuvas de janeiro. Tentei não pensar em Peter, não voltar até lá, não olhar outra vez. Mas, se não fosse por Leo, eu voltaria correndo para casa.

Leo



A primavera não estava muito longe. Leo tinha a sensação de que tudo ficaria bem na primavera, e ele fez muitos planos para coisas que ele e Audrey fariam juntos: primeiro, a viagem para o litoral e para ver as focas, e depois talvez o teatro em Londres — Shakespeare, talvez, algo divertido. Haveria concertos, cafeterias, exposições, shows de música e o sonho de passar alguns dias em Paris ou Nova York — ou mesmo em Hong Kong, como sua mãe havia sugerido. Quando as aulas terminavam, Sue o buscava e o levava para a cidade. Audrey não era a única que ainda estava se consultando com alguém. Ele contou a Graham sobre o plano de ver as focas, como ele sabia que Audrey iria adorar aquilo, e Graham sorriu e esfregou as mãos.

— Isso é o que eu chamo de otimismo. É um ótimo sinal.

— O que você quer dizer com “ótimo sinal”?

— É um sinal de que você está indo muito bem, e que você vai ficar bem daqui por diante. Acho que não precisamos mais nos encontrar, você concorda?

— Concordo. Mas vou sentir saudade — confessou Leo.

— Eu também, meu chapa. — Graham estendeu a mão e apertou a de Leo.
— Você progrediu muito. O garoto que vi quando você veio até aqui pela primeira vez... quanto tempo faz isso? Uns dois anos? Bem, ele cresceu.

Leo sorriu. Graham tinha mãos fortes e afáveis. Parecia um aperto de mão entre amigos.

— Pois é. Há mais uma coisa — disse Leo.

— Sou todo ouvidos.

— Eu lhe falei da minha namorada, Audrey, certo?

— Claro. Pelo que estou sabendo, vocês dois estão loucamente apaixonados.

— Sim, é verdade. Mas, depois da noite de Ano-Novo, você sabe... bem, ela se cortou de novo. E foi grave. — Graham assumiu uma expressão pensativa, recostou-se em sua cadeira e não emitiu um som. Era a tática que ele usava quando queria que Leo continuasse a falar. Assim, Leo explicou que Aud estava morando na fazenda, que parecia estar muito bem, que queria ver seu irmão e que sua mãe estava criando dificuldades. Ele perguntou o que poderia fazer para ajudar.

— Parece que você está fazendo tudo do jeito certo, Leo. Ela está se consultando com alguém para avaliar seus problemas, não é?

— Sim, mas ela não me fala a respeito. O problema é que eu não sei se ela vai ficar. Tenho medo de que ela vá embora. Que volte para lá.

— Voltar para onde?

— Para a Granja. O lugar onde a mãe dela mora.

— E se ela voltar? — Graham inclinou a cabeça de lado, parecendo estar tão confuso quanto Leo.

— É sobre isso que tenho dúvidas. Mas tenho medo de descobrir a resposta.

Audrey



Na manhã seguinte eu acordei sentindo cólicas fortes no abdômen. A primeira coisa que pensei era que aquilo era realmente o fim. Que eu realmente estava doente, que minha mãe sempre esteve certa, desde o princípio, e que havia algo incrivelmente, terrivelmente errado comigo. Com meu corpo, desta vez, e não com meu cérebro. E em seguida eu me levantei e fui ao banheiro e vi uma mancha rosada no papel higiênico.

Minha menstruação. Finalmente.

O sinal de que eu era como as outras meninas. Que estava mudando, crescendo. Antes tarde do que nunca, eu pensei enquanto lavava o rosto e escovava os dentes, olhando no espelho, vendo apenas a mim mesma, Audrey. Nenhuma Coisa mostrando os dentes para mim, zombando, rindo ou me zoando.

— Por que você está sorrindo assim? — perguntou Leo durante o café da manhã, e eu simplesmente abri um sorriso ainda maior e tomei meu chá. Ele não precisava saber. Era um segredo que pertencia somente a mim.

— Estou achando que este será um dia legal, só isso — eu disse. — Vou tentar falar com Pete mais uma vez, e acho que hoje vai ser o dia. Olhe, o sol está brilhando para variar um pouco. Isso é um bom sinal. — Leo concordou, mordendo sua torrada, derramando o café enquanto falava sobre como tudo era bom e ficaria ainda melhor.

— Otimismo — disse ele. — Somos os últimos entre os eternos otimistas, Aud. — E me beijou enquanto saíamos da fazenda, caminhando para a escola.

Era fácil ignorar os sorrisos venenosos e as gracinhas de Lizzy quando eu estava de bom humor. Fui até a escola primária na hora do almoço, levando uma barra de chocolate que eu havia comprado para Peter na cantina. As

crianças não podiam comer chocolate na escola, mas eu achei que poderia lhe passar alguns pedaços às escondidas e implorar que me deixasse acompanhá-lo no caminho de volta para casa.

Mas a recepcionista disse que ele não estava na escola. Tudo parou. Uma batida ritmada começou a chacoalhar no fundo de minha cabeça, lenta, constante, determinada.

— Por quê? — eu consegui perguntar.

— Sua mãe telefonou. Parece que ele levou um tombo. — Ela abriu um sorriso simpático. As pancadas em meus ouvidos ficaram mais altas.

— Ela disse alguma outra coisa?

— Não. Somente que ele voltaria para a escola assim que ficasse melhor. Coitadinho.

Voltei correndo para o colégio, mas em seguida eu parei, imóvel na rampa de acesso. Não, eu não podia entrar na sala de aula. Peter não estava bem. Isso não devia estar acontecendo. Dei meia-volta, voltei correndo pelos portões e corri por entre as ruas para chegar até meu irmão, com os passos fortes e inclementes da Coisa ganhando cada vez mais força, obrigando-me a voltar para casa.

A Granja estava esperando. A água se agitava ao sabor do vento, ondulando e chapiscando, e eu passei sobre a ponte, pelo caminho de cascalhos, sem parar para olhar. Subi os degraus, dois de cada vez. Cheguei ao topo da escada e forcei meu coração a bater mais devagar. Ele estava acelerado, um relógio no qual alguém havia girado demais a alavanca da corda.

Ninguém atendeu quando eu bati e esmurrei a porta, então eu saí outra vez e fiquei andando de um lado para outro na via de acesso, até sentar nos longos degraus de concreto da Granja, certa de que eles acabariam voltando após algum tempo.

O carro passou pelo portão. Não consegui ver Peter de imediato; parecia que minha mãe era a única pessoa no carro, e meu coração afundou no peito. Onde ela o havia deixado? Corri para a frente enquanto ela estacionava e soquei a janela.

— O que foi? — Ela abriu a porta do carro.

— Onde está Peter?

Ela apontou por cima do ombro com um gesto. Ele estava dormindo no banco traseiro, com um cobertor jogado por cima, mas que já estava lhe caindo do corpo, amontoando-se no chão do carro.

— Ele está bem? — A boca dele estava aberta; ele babava no assento, com a mão repousando frouxamente ao lado do rosto. Parecia ser muito pequeno. Lembrei dele ainda no berço, cabelos loiros que se encaracolavam sobre o lençol branco, os cílios lançando sombras delicadas sobre as faces perfeitamente lisas. Eu ficava sentada ao lado dele, espiando por entre as grades do berço, e o observava dormir, esperando que acordasse, certificando-me de que ele não choraria. E agora eu o deixei para trás. Como fui capaz de fazer isso?

— Ele está bem — insistiu minha mãe.

Ela soltou o cinto de segurança, erguendo-se para ficar em pé ao meu lado antes de bater a porta com força, fazendo o carro balançar. Levei um susto.

— Por que você está vindo até aqui?

— Eu queria vir fazer uma visita. Andei preocupada.

Mas estava assustada demais. Assustada demais para perceber o que estava acontecendo. Acreditando cegamente que tudo estava bem, que tudo estava normal.

Minha mãe abriu a porta de trás e balançou meu irmão para que ele acordasse.

— Ande logo, preguiçoso — disse ela. — Entre na casa.

E Peter se levantou com esforço, gemendo ao desembarcar do carro. Fiquei olhando aquilo, embasbacada, e dei um passo à frente.

— O que aconteceu com Peter? Qual é o problema com ele?

— Nada. Ele caiu enquanto jogava futebol. Levei-o para o pronto-socorro. Torceu o tornozelo. Talvez haja uma fratura. Não deram certeza. Talvez ele precise de outra radiografia. Voltaremos lá amanhã.

Corri à frente e peguei meu irmão no colo. Ele se aninhou contra meu ombro, ainda sonolento, e nós seguimos para dentro da casa. Enquanto eu o carregava, tentei agir com clareza.

— Quer dizer que ele simplesmente caiu? Como? Como conseguiu torcer o tornozelo desse jeito?

Minha mãe não respondeu. Eu o segurei com mais força; a pele de Peter estava quente, úmida e suada. Seu hálito também parecia estranho, enjoativo demais, até mesmo acre. Eu sussurrei que tudo ficaria bem, que eu estava aqui agora. Ele choramingou um pouco, segurou-se em mim com mais força, mas ainda assim não disse nada.

— O que você quer? — Minha mãe se virou para olhar para mim quando eu a obriguei a me deixar entrar em casa, ainda segurando meu irmão nos braços. Ele estava pesado, um peso morto, mas eu não queria soltá-lo. Minha mãe parecia estar chateada; ela acendeu um cigarro. Observei a fumaça se erguer, enroscar-se ao redor dela como a corda de uma forca, e levei Peter até o sofá, ajoelhando-me ao lado dele. Coloquei a mão em sua testa, e em seguida encostei minha bochecha, gentilmente, contra sua pele, sentindo-a queimar. Abrindo os olhos, Peter olhou para mim, embasbacado, assustado, e segurou nos meus dedos.

— Pode ler uma história para mim, Aud? — sussurrou ele, e em seguida esfregou o rosto, piscando os olhos. Eu fiz que sim com a cabeça, engolindo as lágrimas, e tentei sorrir outra vez.

Minha mãe estava observando.

— Imagino que você veio aqui para pedir dinheiro, não é? — disse ela. — Creio que é por esse motivo que você está aqui.

— Não. Por favor, mãe, deixe-me ficar, só um pouco. — Eu olhei para ela. — Senti saudade de vocês dois. E estou preocupada com você. Cuidando de tudo. Trabalhando e tendo de cuidar de Pete também. Deixe-me ajudar.

Houve outra pausa. A respiração dela ficou pesada enquanto considerava. O som que ela fazia ao tragar o cigarro enchia meus ouvidos, como o sibilar da água, a atração da maré.

— Não precisamos de ajuda. Não precisamos de ninguém — ela respondeu

ao final. Um cheiro veio da cozinha quando ela se afastou: cabelo queimado, pele queimada. Peter precisava de mim. Este lugar não era seguro para ele.

— Está tudo bem, neném? — perguntei.

— Não sou neném, Aud — disse ele, e eu sorri, tocando seu rosto.

Peter fechou os olhos, ajeitando-se no sofá, contorcendo-se, o rosto se configurando em uma careta.

— Está doendo, Pete? — perguntei, e ele confirmou, um movimento bem curto de cabeça. Corri para o quarto dele para buscar um cobertor, o travesseiro e um livro.

Minha mãe estava sob o vão da porta.

— Ele vai precisar tomar o remédio logo — disse ela, verificando o relógio.

Eu olhei para ela.

— Deixe que eu dou para ele — eu disse. Ela fez que não com a cabeça e olhou para mim como se eu fosse louca.

— Fique, Aud. Quero você aqui — sussurrou Peter, puxando-me pela manga, segurando com as duas mãos.

Segui minha mãe até a cozinha.

— Quando você vai voltar para casa, então? — perguntou ela. — Você já conseguiu o que queria. Já conquistou sua liberdade. Mas parece que não consegue ficar longe, não é?

— Logo, mãe. Eu voltarei para casa logo. — Tentei ver o que ela havia colocado no balcão da cozinha, que remédios meu irmão teria de tomar, mas não havia nada fora do comum, apenas as coisas de sempre.

— E quando isso vai acontecer? Amanhã? Na semana que vem? No mês que vem? Eu preciso saber. Tenho meus próprios planos para fazer. Se você não voltar, vou colocar seu quarto para alugar. Está me custando caro.

— Logo — eu disse. Não havia como levar Peter para a fazenda comigo agora; ela nunca deixaria isso acontecer. — Amanhã — eu disse, decidindo —, assim que eu arrumar minhas coisas. Estarei aqui pela manhã. Certo,

mãe? E deixe Peter em paz. Vou voltar para cuidar dele, está bem?

— Ele é meu filho, Audrey — disse ela. — Eu é que sou responsável por cuidar da casa. Não você.

Muito mais tarde, quando voltei para a fazenda, Leo quis saber onde estive. Ele não chegou a formular a pergunta, mas ficou sentado tocando o piano, esperando que eu lhe contasse.

— Peter precisa de mim — eu disse, após algum tempo.

— Por quê? O que aconteceu?

Levantei-me e sentei-me ao lado dele, pressionando uma das teclas: uma nota grave, profunda. Ele pegou minha mão e começou a analisar as linhas, traçando gentilmente meu futuro, e eu não me atrevia a perguntar o que ele havia encontrado.

— Nada de mais. Acho que eu não devia tê-lo deixado para trás, em primeiro lugar.

— Como assim? Ele está bem, não é? Aconteceu alguma coisa? — Leo não entendia. Seja lá o que ele estivesse pensando, eu não podia ficar na fazenda com ele para sempre, como se estivéssemos vivendo em algum conto de fadas. A realidade era diferente. Estava decidido: eu ia voltar. Eu tinha de escolher. Eu mesma ou Peter. A fazenda ou a Granja. Meu irmão precisava de mim; ele sempre precisou de mim, e eu o abandonei. Deixei-o sozinho e com medo. Agi de forma egoísta, inconsequente e cruel. Como minha mãe.

— Sim, ele está bem. Mas é que... bom, minha mãe trabalha muito. E isso significa que é mais fácil para ela se eu estiver por perto para ter certeza de que Peter está bem.

Leo se levantou e começou a andar de um lado para outro, passando as duas mãos pelos cabelos.

— Escute, Aud, eu sei que as coisas com sua mãe estão meio estranhas. Isso é óbvio, e eu nem precisaria mencionar isso. Mas você não pode deixar que ela continue agindo desse jeito. — Ele olhou pela janela e continuou a falar. — É óbvio que, pelo fato de ela ser sua mãe, isso é difícil. Mas às vezes você precisa resistir e lutar pelo que acredita.

— É claro que tenho. Por que você acha que estou aqui? Eu fiz minha escolha e agora preciso dar um jeito nas coisas. — Fui até onde ele estava. A Granja parecia estar perto demais esta noite, uma mancha negra contra o céu noturno. Minha cabeça latejava, ecoando com o que restava das ondas de choque da tarde.

— Sim, eu sei. Eu sei. Mas você não devia recuar agora — continuou ele.

— Não estou recuando. As coisas vão ser diferentes.

Leo se virou e olhou para mim. Estava com uma expressão dura no rosto. — Acho que você não deveria voltar.

Ele sabia o que eu estava tramando e eu observei seu rosto procurando por um pouco de compreensão, coloquei os braços ao redor de sua cintura, encostei a cabeça em seu peito. Ele ficou imóvel, sem retribuir meu abraço, com o corpo tenso. Eu me afastei.

— O que você sugere que eu faça, então? Que simplesmente esqueça que Peter existe? Que esqueça da minha família?

Leo virou o rosto. Eu não precisava disso. Não estava ajudando.

— Será que você não pode ser legal em relação a isso? Por favor? — Fechando os punhos, eu me contive para não tocar nele. Não sabia como fazer aquela discussão prosseguir.

— Não. Desculpe. Acho que essa é a decisão errada, Audrey. — Leo voltou a olhar para mim, com os olhos bem circunspectos, a voz muito séria. Eu queria que ele sorrisse. Queria que ele assentisse e concordasse comigo.

— Mas é minha decisão. Vou ficar bem. Não há nada com que você precise se preocupar. Eu e minha mãe, nós apenas tivemos uma discussão ruim. Eu saí. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo com as pessoas. Não é algo tão grave assim. Você já sabia que eu não posso ficar aqui para sempre. Você já sabia que eu teria de ir embora algum dia.

Ele ergueu as mãos para apaziguar a situação, tentando acalmar as coisas.

— Tudo bem, desculpe-me pelo que eu disse. Mesmo assim, quero que você saiba que, se precisar de ajuda, pode contar comigo. Eu quero ajudar, isso é tudo.

Concentrei-me nos fatos. Voltar para cuidar de Peter era algo que dependia unicamente de mim.

— Obrigada — sussurrei. — Mas vamos ficar bem. Não há nada com que se preocupar.

Leo deu de ombros. Senti vontade de gritar com ele. *Meu irmão precisa de mim; ele precisa mais de mim do que você.* Mas não consegui. As palavras ficaram entaladas na minha garganta. Todas as minhas palavras estavam entaladas.

— Pode me deixar sozinha, por favor? — sussurrei. — Preciso ficar sozinha por um tempo.

— Claro — disse Leo, e ele saiu e fechou a porta, bem silenciosamente, atrás de si.

Audrey



Arrumei as minhas coisas para ir embora naquela noite, e depois fui bater na porta de Leo.

Ele estava acordado e pediu que eu entrasse. Ficamos sentados diante da janela por algum tempo, os dois olhando para fora juntos. Não havia muita coisa a dizer. Eu queria uma despedida melhor, pelo que imaginava.

Fora da janela, uma chuva leve começou a cair, tamborilando bem suavemente contra a janela.

Ele continuou olhando para fora.

— Está chovendo.

Dei de ombros.

— O que houve? — perguntou ele.

Como eu podia dizer a ele que tudo havia mudado? Não havia palavras para aquilo. contei os dias nos dedos, pouco mais de três semanas. Foi o tempo que tivemos. Apenas vinte e três dias. Se não fosse por Sue, gritando para Leo que ele precisava atender o telefone, eu não sei o que teria dito a ele. Mesmo assim, não havia motivo para dizer nada. Desci para a cozinha e fiquei sentada só, olhando para a tela do notebook, tentando respirar, refrear tudo, pensar direito.

Digitei algumas palavras.

Mães que machucam os filhos

Mães que deixam os filhos doentes

Centenas de sites surgiram para mim. Eu poderia passar a noite inteira ali, lendo, mas ouvi Sue chegando e fechei as páginas rapidamente.

Quatro palavras ficaram marcadas em minha mente: *Transtorno Factício por Procuração*. Fosse lá o que isso significasse.

Leo veio bater à minha porta mais tarde e eu fingi que estava dormindo. Ainda estava pensando naquelas palavras. E foi então que o sonho teve início.

Começou com minha mãe. Bem ao meu lado, eu podia senti-la, cheirá-la, ouvi-la murmurando, enchendo meus ouvidos com sua música. Ela alisou meus lençóis, me chamou, tentava me acordar do meu sono. Mas minhas pernas estavam fixas, meus braços estavam presos. Meu corpo havia sido moldado e cortado para se encaixar nesta cama, ficar pregado no lugar, e eu queria acordar, correr, voar. Mas aquela música me achatava, como um feitiço, enodoando-se como uma capa, uma mortalha paralisante. Minha mãe segurou uma pluma diante dos meus lábios. Ela não se moveu. E foi então que vi algo se levantar. Minha sombra. Meu reflexo. A Coisa. As batidas rítmicas começaram, mesclaram-se com a música que ela murmurava — uma música horrível, espessa e profunda —, e eu estava afundando e me afogando e quase, quase morta. A Coisa saiu do meu corpo, esvaindo-se pelos meus poros, escorrendo por todo o quarto. Ela assumiu uma forma. E, quando ela se virou e olhou para mim por um momento, seu rosto estava cheio de buracos.

Alguém estava me balançando para acordar. Por um segundo, eu ainda estava no sonho, gritando. Era minha mãe. Era a Coisa.

— Não! — gritei, debatendo-me, pronta para lutar. — Saia de perto de mim! Saia daqui. — Empurrando, socando com toda a minha força. Eu não ia sangrar de novo. Eu não ia morrer.

— Qual é o problema? Audrey? É um pesadelo?

Sue.

A voz dela me fez parar, e eu chorei.

— Desculpe, Sue. Sim, foi um sonho ruim, eu acho. Desculpe. — O quarto se ajustou, voltando a ser o que era sob a luz que entrava pela porta, onde Leo estava, contornado pelo batente e olhando fixamente. Eu quis pedir a ele que entrasse, queria deixá-lo cuidar de mim. Mas não falei nada, e foi Sue que me

abraçou. Era melhor assim.



Leo não concordou. Uma hora depois, assim que as primeiras luzes surgiram no horizonte, ele estava ali, balançando meu corpo para eu acordar.

— Desculpe, Aud — sussurrou ele. — Mas você precisa acordar agora.

— O quê? — resmunguei, sentindo o corpo dolorido e a cabeça latejar.

— Não se lembra? Eu prometi a você que iríamos ver as focas. Não é primavera ainda, mas é melhor irmos agora, eu acho. Não quero esperar.

Ele abriu as cortinas; o sol estava começando a surgir e o céu estava clareando. Fiquei ao lado dele e nós observamos o astro se erguer no horizonte, espalhando ondas de luz sobre os campos escuros. Transformando o mundo.

— Vai fazer frio — disse ele. — Traga uma blusa, uma jaqueta, e ande logo.

Ele preparou uma garrafa térmica com café, pão e geleia, bananas. Sue já estava em pé e atarefada.

— Ela disse que podemos usar o carro.

Segui Leo porta afora e dei de cara com a manhã fria, ainda com os olhos inchados, e sentei-me ao lado dele no carro. Mas não nos tocamos.

— Certo. Segure firme. — Leo deu a partida no motor, com uma expressão de bastante concentração no rosto.

— Venha, sente-se aqui do meu lado — disse ele, e eu deslizei sobre o banco da frente, ficando mais perto dele. Sentindo-me um pouco mais aquecida. Mas isso era tortura. Afastei-me outra vez.

— Não fica muito longe, não se preocupe. Chegaremos lá em uma hora. — O carro entrou na estrada rural, e ele saltou para fechar o portão.

— Uma hora? — gritei para ele, mas Leo estava sorrindo quando voltou ao seu assento.

— Sim. O que é uma hora no grande turbilhão de acontecimentos?

Praticamente nada, não é? Estaremos de volta no começo da tarde.

Mas meu irmão estava sentado na Granja esperando por mim, e cada minuto era cruel; sem saber como ele havia dormido, como estava se sentindo, ou o que minha mãe estava fazendo, eu tinha de voltar lá rapidamente. Isso era perda de tempo.

— Pensei em outras coisas, Audrey. Coisas que podemos fazer também. — Leo olhou novamente para mim enquanto o carro engolia os quilômetros. Tentei dar a impressão de que me importava com aquilo.

— Tipo o quê?

— Podemos ir a um festival no verão. Todos nós. Você, eu, Pete. Encontrar alguns dos meus velhos amigos. — Imaginei se ele estava se referindo àquela garota com o vestido de noite e tentei não me importar.

— Ah, sim, vai ser ótimo — eu disse, olhando para o relógio. Não conseguia pensar em barracas, fogueiras ou peles bronzeadas pelo sol e em passar horas e horas ao ar livre. Essas coisas estavam reservadas para outras pessoas. A Granja estava à minha espera.

— Poderíamos acampar. Passar a noite acordados. Olhar para as estrelas. Acho que vou arranjar um violão, começar a tocar outra vez.

— Ah, sim, certo. — eu disse. Leo ficou sério, mas eu olhei pela janela e não voltamos a conversar até chegarmos ao nosso destino.

Havia alguns outros passageiros esperando pelo passeio. Leo comprou os ingressos, estendeu a mão e me ajudou a entrar no barco, e nós ficamos sentados longe dos outros, ele com os braços ao redor de mim, puxando-me para perto dele. Leo limpou as lentes dos meus óculos para mim, colocou-os de volta em meu rosto e ajustou-os cuidadosamente atrás de minhas orelhas.

— Está bem aquecida?

— Estou bem.

— Ótimo — disse ele, e me beijou na frente de todo mundo, e eu não me importei com aquilo. Não consegui sentir coisa alguma. Era idiota sentir qualquer coisa.

— Espere até você ver as focas — disse ele. — É sério, são lindas.

E elas vieram, nadando ao redor do barco; caras pequenas e curiosas que observavam esses alienígenas que vieram invadir seu mundo. Havia pássaros também: albatrozes e gaivotas. Um maçarico. Leo me disse o nome de cada uma daquelas aves e eu continuei sentada, observando tudo como se fosse algo muito distante, como se houvesse outra garota sentada no barco com aquele rapaz que era bonito, gentil e bom. Minha mente devaneou.

— Podemos roubar um barco — eu falei. — E sair para o mar. Para nunca mais voltar.

— Podemos, sim. — Ele encostou o rosto no meu. Tão macio, com resquícios de uma barba por fazer. A respiração doce e compassada. Os cílios que me faziam cócegas. E o vento erguendo-lhe o cabelo e afastando-o do seu rosto, emaranhando-o com o meu. Eu me afastei.

— Para onde iríamos? — perguntei, apoiada sobre a amurada do barco, deslizando os dedos pela superfície da água.

— França, Itália, Austrália, o mundo inteiro — murmurou ele. — Qualquer lugar que você deseje. Eu vou com você. É só escolher.

— Algum dia, quem sabe — eu disse, e o vento agarrou aquelas palavras, jogou-as mansamente no mar, onde elas rolaram sobre as ondas e foram jogadas como destroços flutuantes contra a areia da praia.

Leo



Havia muita coisa que ele precisava dizer a ela. Mas era como seguir uma trilha em meio ao fogo. Ela podia explodir a qualquer momento, queimá-lo com suas palavras. Já havia acontecido antes, o calor que lhe ardia o rosto, os olhos brilhando com as lágrimas. Ficou claro que ela não queria estar aqui; Leo achou que Audrey adoraria o passeio, mas ela não sorriu uma única vez. Ele pensou na mãe dele. Se alguém dissesse algo contra ela. Que a mulher era uma vaca mandona. Que ela o havia machucado. Se Graham perguntasse a Leo quem foi a pessoa responsável pelo seu colapso. Não que Graham tivesse chegado a fazer isso; ficar apontando culpados não era seu trabalho, dizia ele. Mas o que Leo diria? Será que diria simplesmente “a minha mãe”, e deixaria as coisas por isso mesmo? Ele não achava que isso seria certo, ou mesmo justo. E o que dizer de tudo o que ela havia lhe dado? Ele simplesmente jogou tudo no lixo? Fingiu que nada disso tinha valor algum?

— É melhor irmos embora — disse Audrey. Ele percebeu o que ela queria dizer. O saco de lixo com roupas no quarto que ela ocupava na fazenda era uma mágoa amarrotada, esperando que ela retornasse, lembrando-o de que ele não havia feito o bastante. Assim que eles voltassem, ela iria embora. Ela o cutucou outra vez, esperando por uma resposta. Nenhuma outra garota havia se encaixado tão bem ao seu lado, nunca dessa maneira. Ninguém havia conseguido fazer com que ele se sentisse daquele jeito.

Eles estavam na praia, tomando o café da garrafa térmica que ele havia levado, encolhidos dentro dos casacos. Não estava quente o bastante para um banho de sol, e mal fazia calor suficiente para ficar ao ar livre. Podia-se dizer até mesmo que era uma estupidez estar naquele lugar. *Carpe diem*, dizia Graham; Leo não se importava com clichês, porque havia uma verdade muito grande naquelas palavras. Talvez agora fosse o momento de dizer a Audrey que ele a amava. Mas não foi aquela frase que acabou saindo.

— Então, você vai voltar mesmo?

Aquela pergunta, a voz tão amarga e dura. Leo não teve a intenção de falar desse jeito, e acabou estragando todo o momento. Completamente. Ela se esquivou, só um pouco, passando por cima da pedra, deslizando sobre algas marinhas como uma sereia pronta para cair de volta ao mar. As ondas arrebentaram mais perto, castigando a praia, e depois sibilando para longe.

— Acho que sim. — Ela olhou para o longe, sem olhar nos olhos dele, como se o horizonte já tivesse tudo de que ela precisava.

— Faria alguma diferença se eu pedisse a você para não voltar?

Ela não respondeu. Não queria conversar, mas não importava agora. Ele havia começado e teria de terminar. Ele diria o que queria. Não tinha nada a perder.

— Audrey, se você voltar, eu tenho medo do que vai acontecer.

— O que você quer dizer com isso? — O fogo que havia nela estava crescendo; ele podia ver as chamas em seu pescoço, os tentáculos da raiva subindo em direção ao seu rosto, acabando com a cor saudável em suas faces e transformando-a em ódio. Ele não queria que Audrey o odiasse.

— Estou dizendo que... a vida é uma merda, Aud, mas você não precisa se jogar nas garras dela; não precisa deixar que ela morda você. Você pode ficar comigo. Sue não se importa. Ela gosta de você.

— Não gosta. Ela se sente mal. Ela e minha mãe são amigas; isso a deixa num dilema.

— Bem, que se dane isso. Que importância tem o que Sue pensa?

Audrey se levantou e falou novamente.

— Escute, Leo. O motivo pelo qual eu vou voltar para a Granja é o bem-estar de Peter. Você sabe que eu detesto ficar longe dele, e ele é meu irmão, então ele vem primeiro. Já decidi.

— Tudo bem. Eu sei disso.

— Então por que você acha que pode ditar o que eu devo fazer? Como me trazer até aqui, desperdiçando toda a manhã. Tenho coisas que preciso

terminar de fazer. Preciso estar com meu irmão.

Desperdiçar a manhã? Era assim que ela enxergava as coisas? E tudo o que havia aqui — as focas, o mar, o café da manhã na praia — ela jogou tudo em sua cara. Aquelas palavras ardiam, prendendo-se em sua pele como pequenos anzóis em uma linha de pesca.

— Estou tentando ajudar — disse Leo.

— Mas eu não preciso de ajuda. Simplesmente não se envolva. Fique fora disso. Não preciso que você fique se metendo em tudo o que eu faço, não é?

— Audrey, isso é loucura. — Ela soltou um gemido. — Porra, o que deu em você?

Ela o interrompeu outra vez, sem lhe dar tempo para terminar uma ideia ou uma frase.

— Já chega, Leo. — E, em seguida, após uma pausa: — Não quero mais ver você. Entendeu?

— O quê? — De onde havia surgido aquilo? Os olhos dela estavam da cor de jade turva. Cruéis. O vento soprava e as nuvens corriam pelo céu. Audrey continuou a falar, gesticulando, as palavras vindo cada vez mais rápido.

— Estou falando sério. Você e eu, esqueça. Não quero mais estar com você. Você me sufoca. Você me atrapalha. Não consigo mais aguentar isso. — Ela deu as costas para ele, com os ombros encolhidos. — Então é isso. Terminamos. Não tente vir me procurar. Não me telefone. Eu não preciso de você. Entendeu?

— Audrey... — disse Leo, com um milhão de palavras borbulhando em sua garganta e pronto para gritá-las para ela, mas ela saiu pisando duro da praia rumo ao estacionamento antes que ele pudesse organizar as ideias.

— Vamos embora — gritou Audrey, e ele a seguiu, alguns passos atrás, com o espaço entre eles crescendo cada vez mais, como um buraco que se abre no chão.

Audrey



Quando voltamos à fazenda, Leo foi direto para dentro. Não se despediu nem me ajudou com a bagagem. Sue fez uma expressão séria e gritou com ele.

— Leo, volte aqui. O que aconteceu com os seus modos? — Mas ele simplesmente se fechou em seu quarto.

Eu entendi. E não o culpava. Foi o que eu havia pedido. Nosso namoro havia terminado. Foi Sue quem me levou de volta. O saco estava pesado demais para levar a pé pelos campos. Eu ainda não conseguia carregá-lo sozinha e isso me fez enfiar as unhas nas coxas. Era patético. Não me atrevi a olhar para trás. E se eu cedesse? E se eu gritasse *Não! Volte aqui. Eu mudei de ideia?* Assim, procurei me concentrar em Peter. Pensei em seu abraço, em como nós dois jogaríamos cartas mais tarde, talvez um jogo de Snap, ou então eu o ensinaria a jogar algum outro jogo, e depois poderia ler uma história antes que ele dormisse. Aqueles pensamentos deviam me deixar feliz, mas eu estava me sentindo entorpecida.

— Fico feliz por você ter feito as pazes com sua mãe — disse Sue enquanto dirigia, olhando casualmente para mim, e também não tão casualmente.

— ã-hã.

— Mas o que houve com Leo? Vocês tiveram algum problema? Não chegaram a terminar, não é?

— A culpa foi minha, Sue. Não culpe o Leo. Nós terminamos. — Enxuguei os olhos. O mar ainda estava em minha pele, salgado e forte. Meus cabelos embaraçados pelo vento. Mas as memórias do barco, Leo ao meu lado, me abraçando com força. Essas eram frias.

— Eu não culpo ninguém. Espero apenas que vocês ainda consigam ser

amigos. Ele está muito feliz ultimamente.

— Nós somos amigos. E sempre seremos. — Engoli em seco, mas a minha garganta doía e tudo estava próximo demais, real demais, e prestes a explodir. Não era o momento certo. Eu não podia fazer nada aqui.

Ela me deixou diante do portão.

— Obrigado, Sue. Por tudo. Foi muita gentileza sua me receber. Desculpe por chegar daquele jeito e atrapalhar sua vida.

Ela me abraçou.

— Venha até a fazenda mais vezes. Vou sentir saudade sua.

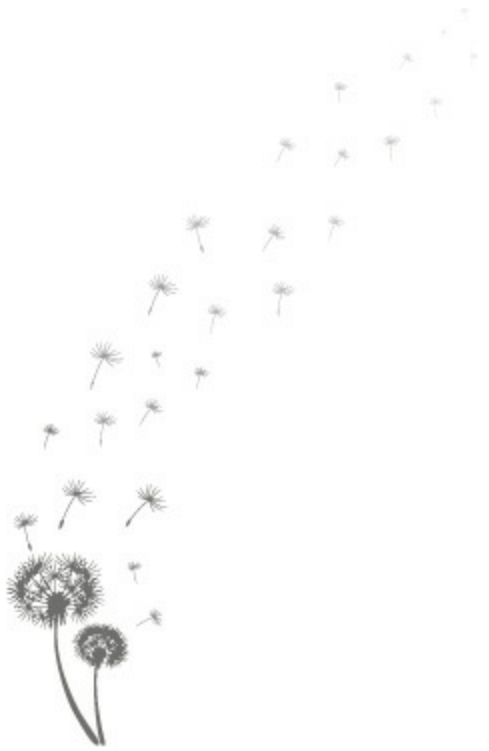
Ela teve de fazer algum esforço para se desvencilhar; eu não queria soltá-la. Ela era a única parte de Leo que eu ainda tinha.

— Dê lembranças minhas à sua mãe. Vou ligar para ela durante a semana — disse Sue, recuando. — Diga a ela que foi um prazer. E que estou feliz por vocês terem feito as pazes. — Ela sorriu. Ela realmente achava que as coisas eram daquele jeito.

— Pode deixar — gritei assim que ela embarcou no carro outra vez, e, com as rodas girando sobre o cascalho, foi embora.

Em seguida, eu peguei o saco de lixo preto e minha mochila da escola e caminhei rumo à Granja. O fosso cantava atrás de mim, circulando, a água se aproximando, e minha mãe estava sobre os degraus da entrada, com a porta aberta para o escuro.

Parte Três



Fevereiro



Leo



Leo passou vários dias sem olhar para a Granja. Ele saía e voltava para a fazenda, os olhos no horizonte, apontando para o mar ou para a escola; qualquer lugar exceto aquele. Mas o lugar ainda existia em sua consciência; ele ainda sentia sua presença, uma escuridão dura em uma distância que não podia ser alcançada. A terra se expandia e crescia em sua imaginação, até que era impossível pensar em ir a qualquer parte que fosse próxima daquele lugar também.

Após alguns dias — escuros e enfadonhos — Jen veio até onde ele estava e o interpelou no corredor.

— Onde está Aud? Temos de apresentar um trabalho de história hoje — disse ela. — Precisamos repassar o conteúdo.

— Ela não está mais morando comigo. — Leo tentou continuar andando, mas Jen o seguiu.

— Ah, sim. Quer dizer que ela fez as pazes com a mãe, então? — A voz de Jen era curiosa e alegre.

— Acho que sim. — Leo apertou os dentes.

— Isso é muito bom, mas por que ela não está vindo às aulas?

— Quem sabe? Pergunte a alguém que se importe com isso, Jen. — Leo se afastou dela, voltando para o bloco de artes, mas não entrou. Ficou sentado do lado de fora observando um grupo de meninos brincando com uma bola de futebol e tentando esquecer.

As aulas se encerraram para as férias de fevereiro e alguém resolveu dar uma festa em homenagem ao Dia dos Namorados. Os lábios de Leo se retorceram ao pensar naquilo, mas, no final, não foi nada do que ele esperava. Um enorme celeiro adaptado, cheio de alunos dos últimos anos da escola,

junto com outros do décimo primeiro ano, música alta e garrafas e mais garrafas de bebida alcoólica. Os pais de alguém haviam viajado para algum lugar quente, e garotas e rapazes bêbados enchiam o lugar como um bando de formigas. Leo viu Jen dançando e a evitou. Apanhou-se bebendo Jack Daniel's com Coca-Cola e decidiu que gostava daquilo, e que iria continuar a beber até cair. Havia gente dançando, música alta e escuridão, e, toda vez que as portas do celeiro se abriam, Leo parava de beber e olhava naquela direção. É claro que ela não viria. Não havia esperança alguma de que isso acontecesse, e ele era um idiota por achar que ela viria até ali. Mesmo se viesse, Leo não conversaria com ela. Já era tarde demais para isso.

Leo se deixou cair no sofá, ainda segurando a garrafa de Coca-Cola que estava cheia até a metade com uísque. Alguém lhe passou um baseado e ele o pegou e deu uma tragada profunda, inalando a fumaça adocicada. Havia desperdiçado os últimos seis meses de sua vida, pensou ele, como um idiota apaixonado, às voltas com uma garota que não se importava com ele. Agiu como um verdadeiro imbecil; as pessoas deviam estar rindo sem parar — Leo, o bobão, Leo, o imbecil — pensou ele, e, quando uma garota chamada Lucy, com longos cabelos ruivos e olhos castanhos meigos, sentou-se ao seu lado, ele não se afastou. Passou o baseado e a bebida para ela. E colocou-lhe o braço ao redor dos ombros.

— Quer dizer, então, que você não está mais namorando aquela garota do décimo primeiro ano? — berrou ela, tentando ser ouvida por sobre a música.

— Não.

— Entendi — disse ela, erguendo as mãos. — Assunto proibido, não é?

Leo fez que sim com a cabeça.

— Bem, isso me deixa feliz. Faz dois anos que gosto de você, Leo. Dois anos inteiros. E você nunca olhou para mim! — Ela balançava a cabeça e ria de si mesma, e ele achou que ela também devia estar bêbada para dizer uma coisa dessas. Ele tomou mais um gole da garrafa. O rosto de Lucy estava bem próximo. Ele amassou o baseado com a sola da bota e, quando ela o beijou, ele retribuiu o beijo. Realmente, nada mais importava.

Março



Leo



— E então, Leo, quando é que vocês vão fazer as pazes? — Sue passou semanas evitando tocar no nome de Audrey. — Você não a vê desde o fim de janeiro. O que está havendo? — Pela primeira vez, havia um território entre os dois que não podia ser atravessado; aquilo se estendia como um campo minado, perigoso e carregado com perguntas que não haviam sido formuladas. Agora ela estava exasperada. Ele podia ouvir em sua voz.

— Vamos falar sobre outra coisa. — Ele tentou forçar um sorriso.

— Você conversou com sua mãe?

— Sobre o quê?

Ela suspirou e voltou a se ocupar com as sacolas de compras que estava tirando do carro. Ele pegou duas sacolas em cada mão e levou ambas para casa. O celular tocou em seu bolso. Devia ser Lucy de novo.

— Bem, o que eu posso dizer é que já estou cheia disso. A pobre Lorraine já está extenuada. Você sabe que Audrey já não está tão bem. Por que vocês dois não fazem as pazes? Não podem ser amigos, pelo menos?

— Acho que não.

— Como quiser. Mas eu vou até lá. Vou ver se podemos fazer alguma coisa. Venha comigo se quiser, ou fique aí. Entendeu?

Ele observou Sue atravessar os campos usando seu jeans, as galochas e a jaqueta forrada com pele de ovelha. Geralmente Leo admirava sua tia, mas hoje ele achava que ela estava agindo como uma idiota. Lorraine não a deixaria entrar. Havia excluído Leo e Sue de sua vida. Audrey podia fazer as coisas do seu jeito agora; se dependesse de Leo, os dois teriam terminado o namoro em definitivo.

Leo verificou a mensagem: Lucy queria encontrá-lo, ir ao cinema e depois

comer uma pizza. Ele guardou o celular no bolso outra vez sem responder e aumentou o volume do disco. Mick Jagger gritava *You Can't Always Get What You Want*, quebrando a paz da fazenda, e Leo esmurrou os acordes no piano, apertando os dentes, o queixo tenso.

E ele tinha razão. Menos de uma hora mais tarde, Sue estava de volta. O rosto estava vermelho e os cabelos desgrehados pelo vento. A porta da cozinha bateu atrás dela, o vento a arrancou de suas mãos. Leo parou de tocar. Ela ficou sob o batente da porta da sala de estar e olhou para ele.

— Não havia ninguém em casa. Foi uma idiotice, eu devia ter ligado antes.
— Sue jogou as mãos para cima. — Este lugar está imundo, Leo. Hora de fazer uma faxina geral. E você pode ajudar.

Os dois passaram a tarde esfregando e limpando cada canto da casa, como se isso pudesse ajudar a clarear as coisas.

Abril



Leo



A escola estava mais movimentada do que nunca. As pessoas só conseguiam falar de uns poucos assuntos, como as provas finais. As aulas de revisão. O futuro. Bem, o que ele tinha a perder? Leo baixou a cabeça e estudou. Quando voltava para casa após o fim das aulas, o piano estava à sua espera. Ele comprou uma batelada de partituras em uma loja de música na cidade e se dedicou a estudá-las, aprendendo-as de cor, testando-se. E às vezes ele imaginava a sua plateia. Audrey, geralmente. Sempre. A cabeça dela inclinada para um dos lados, o rosto tomado pela concentração, imersa em pensamentos. E então ele batia a tampa do teclado e tentava esquecê-la outra vez.

Foi quando sua mãe telefonou.

— Leo. — Ela foi incisiva.

Ele estava prestes a sair para uma corrida e não precisava daquela conversa bem agora. Esticando as panturrilhas, ele atendeu.

— Sim? Ah, oi, obrigado pelos cumprimentos.

— Desculpe. Não estou com ânimo para ficar de conversa fiada.

— Não diga.

— Não estou mesmo. Bem, acabei de ligar para sua escola, já que você não me falou sobre os testes e as cartas de interesse que enviou para as universidades.

— Ah.

— Sim, “ah” é algo bem adequado a dizer. Sua coordenadora me disse que os formulários não foram nem preenchidos.

— Eu...

— Se importaria de me explicar o que houve?

— Olhe, na época de enviar os formulários, eu estava pensando em outras coisas e achava que iria tirar um ano inteiro para descansar a cabeça, ficar aqui com Sue, ou talvez viajar. Não sei. Mas, sim, você tem razão. Foi uma idiotice.

— Foi por causa de Audrey? — Estava claro que sua mãe achava que já sabia a resposta para aquela pergunta.

— Não.

Não era realmente uma mentira. Ele havia decidido bem antes que precisava de um tempo para pôr a cabeça no lugar. A voz de sua mãe ficou mais suave.

— Tudo bem. Olhe, deixe para lá. Eu só gostaria que você tivesse falado sobre isso comigo ou com seu pai. Você pode conversar conosco, como sabe. Podíamos ter ajudado. Queremos ajudar você, mas, bem, você logo vai fazer dezoito anos. Vai ter de cometer os próprios erros às vezes, eu acho. Estive me esforçando para não interferir.

Leo estava andando de um lado para outro; desgastando o tapete, como Sue diria. Decidiu se sentar.

— Obrigado, mãe. — Ele olhou pela janela.

— Está tudo bem. Mas você vai se inscrever no ano que vem?

— Sim. — No ano que vem. Mas o que iria fazer agora? Ele suspirou.

— E como está o piano? — perguntou ela, tentando alegrá-lo. Ele conhecia a estratégia.

— Bem. Não, ele é maravilhoso. Obrigado.

— Pode tocar para mim agora? — Ele riu e se levantou outra vez, levou o telefone até a sala de estar e colocou-o sobre o beiral da janela. Abriu a tampa do teclado e flexionou os dedos. Mozart, decidiu ele. Todo mundo adora Mozart.

Jen Blake chegou para conversar com ele durante o almoço, algumas semanas antes da Páscoa. Ela era uma das poucas pessoas que se

incomodavam em ser receptiva ou mesmo em demonstrar alguma amizade em relação a Audrey, mesmo que remotamente. Será que simplesmente ser legal era algo que realmente demandava tanto esforço?

— E então, como estão indo as coisas com Audrey? — perguntou ela. A resposta não veio rápido e Jen ficou olhando para ele, com uma expressão confusa.

— Disseram que ela não está bem. Bem, foi o que a senhorita Jones disse.

— É mesmo? — respondeu Leo, no fim.

— Então, será que é algo ruim?

— Não sei dizer.

Jen franziu os lábios e cruzou os braços.

— Ela vai voltar para as aulas ou não?

— Não sei.

— Mas ela já perdeu um monte de aulas — insistiu Jen, com os olhos seguindo os de Leo quando ele tentou virar o rosto.

— Desculpe, Jen. Não sei quais são os planos de Audrey. — Leo pegou o seu sanduíche, querendo realmente dar um fim àquela conversa. Não fazia sentido, era ridículo. E ele estava irritado agora, esforçando-se para conseguir engolir.

— Olhe, você devia perguntar a si mesma — disse Leo quando percebeu que Jen não iria embora. — Não tem nada a ver comigo.

— Ah, claro. Você está saindo com Lucy agora. — O tom de voz que ela usava trazia a acusação. — Acabei de lembrar. Você está pouco se lixando. Vocês terminaram.

— Isso mesmo. Terminamos. — As palavras eram cruéis, mas verdadeiras. Era assim que ele se sentia, dividido e agressivo. Como um pedaço de madeira cortado ao meio por um machado. E com a sensação de que nunca mais veria Audrey outra vez, que talvez ela nem existisse mais — era horrível. *As sombras deixaram metade de mim doente*, pensou ele, e lembrou-se de ter lido aquele poema para ela, e como ela se sentou, inclinou-se para a

frente para ouvir as palavras, encantada. Será que havia outras garotas que gostariam daquilo? Ele conseguiria encontrar alguém que o entenderia como Audrey? Leo pensou nas vezes em que a abraçou e quis dizer algo, algo que ela entendesse. *Eu te amo*. Era isso; só isso. Ele nunca disse e agora era tarde demais. Leo embrulhou o sanduíche no plástico e o jogou na lixeira com um arremesso longo.

— Certo. Bem, se você conseguir vê-la, pode entregar isso a ela? — Disse Jen, dando-lhe um envelope. — É um convite para minha festa. Meu aniversário de dezesseis anos. Não tão doces assim. — Ela exibiu uma expressão irônica no rosto e Leo conseguiu rir, pegando o papel. Ele quase disse não. Mas, em seguida, reconsiderou. Podia deixar o convite na Granja quando estivesse voltando para casa no fim da tarde. Não seria um problema. Não teria que ver Audrey. Mas, se ela estivesse lá, talvez. Talvez ele a visse.

— Está bem. Deixe comigo.

— Obrigado, e mande um beijo a ela por mim. Diga que estou com saudade. E que ela melhore logo, está bem?

— Tudo bem.

O carro de Lorraine não estava estacionado na Granja. Assim, Leo apertou a campainha da casa. Nada de resposta. A porta da frente estava aberta como sempre, e Leo entrou, cautelosamente, devagar. Era estranho voltar aqui. Devia apenas colocar o envelope na caixa de correio e ir embora. Mas ele se deixou ficar no saguão por alguns momentos, imaginando o que poderia fazer rapidamente para deixar na caixa. Uma mensagem rápida, uma surpresa, algo que indicasse a Audrey que ele esteve ali e que estava pensando nela. Pegou o folheto de uma pizzaria. Dobrou-o ao meio e depois novamente ao meio. Não gostou daquilo; deixou a dobradura cair ao chão. Ela mandou que ele não entrasse em contato. Por um momento, sentiu um desejo enorme de tirar a caneta do bolso e rabiscar algo nas paredes brancas do corredor. Escreveria com as maiores letras que conseguisse para que a mensagem não passasse despercebida, para que ela não pudesse ignorar; seu nome, para que ela soubesse que ele não conseguia esquecê-la, não importa o que ela dissesse, e lesse seu pedido de desculpas escrito ali de maneira indelével.

AUDREY AUDREY AUDREY AUDREY AUDREY AUDREY

Por que motivo ele queria pedir desculpas? Por desistir dela? Leo não sabia. Não sabia nem mesmo se devia se sentir arrependido por algo que fez. Seu pai sempre o chamou de fresco, bebezão, filhinho da mamãe, e tinha razão. Deixando os ombros caírem, Leo deu a volta do lado de fora da casa, chegando à escada de incêndio, e pensou em todas as vezes que esteve ali em cima, observando, como um pássaro no alto do seu ninho, ou um marinheiro no alto do mastro principal do navio. A visualização funcionou. Leo sorriu. Audrey, pensou ele outra vez, e seu coração começou a bater mais rápido, chutando e socando suas costelas por dentro, como sempre acontecia quando ele pensava em vir vê-la. E se ela estivesse lá? À sua espera, como sempre? Ela estaria, com certeza. Era aquela sensação, o tipo de pânico e ansiedade que alguém sente antes de fazer uma prova. Ele se sentiu um pouco atordoado e respirou fundo antes de subir até o alto da escada, com os degraus de metal retinindo sob seus pés. Mas se viu sozinho e sentou-se onde ela costumava ficar sentada. E observou o mundo e tentou imaginar como era ser Audrey.

Maio



Leo



Quando o senhor Bruce enfim viu *MacBeth* se deu conta do que realmente era — uma peça de propaganda política criada para lisonjear o rei James I e entreter as massas —, ele e Leo conseguiram decretar uma trégua. Leo respondia às suas perguntas e participava das aulas, e o senhor Bruce aceitava que sua releitura marxista da peça estava errada. Em vários níveis. Para se divertir, disse Bruce, eles podiam aproveitar para fazer algumas encenações.

— Quero ver a tragédia em sessenta segundos. As falas-chave, os principais quadros, seja o que for. Deixo isso a cargo de sua criatividade. — Bruce sorriu. Sádico.

Leo montou um grupo com dois outros rapazes, Jon e Billy. Os dois eram bem legais; sempre se deram bem. Conversaram a respeito, improvisaram e chegaram a um resultado satisfatório. Quando o sino tocou, Jon seguiu Leo pelo corredor.

— Ei, cara. Fiquei sabendo que você toca teclado.

— O quê? Como você soube disso?

— Ouvi dizer por aí. Precisamos de alguém para a nossa banda.

— Que banda?

— É um novo projeto. Eu e Billy. Ele toca bateria, e eu toco guitarra e faço vocais. Está interessado?

— Talvez. Que coisas vocês tocam?

— Ah, nós escrevemos nossa própria música. Um pouco de folk, música americana tradicional, country.

— Beleza, pode ser. — Por que negar? Ele não tinha muitas coisas para fazer. Poderia até ser divertido; teria algo para afastar a cabeça de todas as

coisas que Sue dizia que ele precisava parar de pensar a respeito.

— Então venha nos encontrar hoje à noite, às sete, aqui. — Jon escreveu um endereço num pedaço de papel. — Até mais, cara.

Leo estava chocado. Eles eram bons, muito bons. As letras eram sombrias e pontuadas por uma agressividade intensa conforme Jon cantava com uma voz grave e gutural sobre águas negras se erguendo, medos bíblicos e garotas com enguias nos cabelos. Leo escutou os acordes. Ele definitivamente se divertiria com isso. Com os dedos sobre o teclado, deixando a música fluir, ele se sentiu bem, sentiu que estava no lugar certo. Desejou que Audrey estivesse aqui. Ela adoraria ouvi-lo tocar. Não pense nisso agora. Apenas continue fazendo barulho.

Eles trabalharam nas músicas por cerca de duas horas. Depois, foram ao pub. Aparentemente, o dono do bar não se importava com o fato de que os três eram menores de idade, desde que ninguém ficasse bêbado. A polícia daquela região também preferia se ocupar com outras coisas.

Jon era o mais falante dos dois; Billy não dizia muita coisa, comunicando-se geralmente por meio de resmungos, mas ele era o letrista. *Quem vê cara...*, pensou Leo, sorrindo.

— Aquele som estava do caralho, Leo — disse Jon. — E aí, está dentro? Podemos conseguir uns dois ou três shows quando o verão chegar.

— Estou sim. Por que não? Mas vou lhe dizer uma coisa. Você devia tentar usar um pedal de distorção RAT. Eu tinha um: vou ver se consigo encontrá-lo, e deixo você usar também.

— Você também toca guitarra?

— Mais ou menos. Sei tocar um pouco de tudo.

— Esse é um homem da renascença — disse Jon, rindo e engolindo a cerveja que tinha em sua caneca. Leo gostava daquilo.

Quando Billy se levantou para escolher uma música no jukebox, uma garota deslizou para o assento ao seu lado. Cabelos ondulados, perfume enjoativo. Sentou-se perto demais. Lizzy. Leo sufocou um resmungo e, pela milésima vez, arrependeu-se dos bons modos que tinham sido incutidos nele

desde que era pequeno.

— Oi. Como estão as coisas?

— Bem. — Ele a observou, imaginando o que ela queria desta vez.

— Não tenho visto você por aí.

— Ah.

— Minha mãe diz que sua namorada está bem doente. Ah, desculpe. Eu quis dizer... sua ex. — Ela enfatizou a palavra, esfregando-lhe aquilo na cara.

Ele olhou para Lizzy com atenção. Não havia nuvens da cor do mar em seus olhos ou flores em seus cabelos; não havia poesia em sua cabeça. Não usava óculos, não estava murmurando nenhuma canção infantil que cantarolava com Peter. Era simples: ninguém mais brilhava como Audrey. Ninguém mais fazia sua pele formigar ou seu estômago se retorcer. Seu coração doer.

— Viu? Eu te disse que ela era louca. Psicótica. Você devia ter me escutado.

Jon e Billy estavam prestando atenção. Leo não ia perguntar o que ela queria dizer com aquilo. Não lhe daria aquele prazer. Ele tomou sua bebida, sem saber quanto conseguiria ser grosseiro e ainda sair ileso dessa situação. Lizzy sorriu para todos que estavam na mesa, os dentes brancos e pequenos brilhantes e bem delineados, mas ninguém retribuiu o sorriso. Ela o cutucou, soltou uma risadinha e tomou um gole de sua bebida, uma mistura de refrigerante com bebida alcoólica de aparência radioativa.

— Ela é uma esquizofrênica, Leo. Eu sabia. Ela sempre me assustou. Minha mãe disse que vão ter de interná-la em algum hospício, e não vai demorar muito. Outro dia ela estava em cirurgia. Bastante chapada, pelo que minha mãe disse.

Leo segurou a caneca com mais força, as articulações dos dedos ficando tensas e esbranquiçadas. Jon perguntou-lhe alguma coisa, se queria se reunir outra vez no próximo fim de semana, e ele fez que sim com a cabeça quando Lizzy o interrompeu outra vez.

— Ah, quer dizer que você entrou na banda, não foi? É por isso que vocês

estão fazendo esta reuniãozinha?

Desta vez Leo respondeu. Era capaz de falar sobre isso sem se deixar abalar.

— Sim. Eles são muito bons. Tocam bem pra caramba. Gostei muito do que eles fazem. Mas estou um pouco enferrujado...

Jon interrompeu.

— Não está, não. O cara é um gênio. E vai ser o cara que vai atrair as garotas para nós. — Jon tomou o que restava em sua caneca e indicou Leo com um meneio de cabeça, fazendo-o rir.

Lizzy concordou, mesmo que não entendesse do que se tratava.

— Tem razão — disse ela, aproximando-se dele, subindo a barra da saia um pouco mais para exibir as coxas, ajustando os cabelos de modo que roçassem nele.

— Não. — Leo se levantou. — Preciso ir.

— Até mais então — disse ela, seguindo-o. — Na escola, na próxima segunda?

— Claro. Se cuide.

E ele se afastou dos outros, saindo do pub e seguindo pelas ruas escuras até a margem do rio, encontrando o caminho em meio à escuridão pela lua prateada que brilhava com força no céu noturno.

Leo parou na metade do caminho de volta para casa. Colocou a mão no bolso. Pegou o celular. Fazia muito tempo desde a última vez que havia falado com ela. Não adiantava fingir que não se importava.

O telefone tocou e tocou. Após um clique, a ligação foi atendida por uma secretária eletrônica.

— Desculpe — disse ele. — Desculpe. — Várias e várias vezes.

Audrey



Quando minha mãe empurrou minha cadeira de rodas para me levar até o consultório do dr. McGuiness, ele me olhou fixamente, embora eu tivesse certeza de que não teve a intenção de fazer isso. Devia ter passado por um treinamento para não arregalar os olhos desse jeito; com certeza eu não era a pior paciente que ele já havia visto. Meu corpo se entortara e se ajustara à cadeira, adotando sua forma, e agora era mais difícil caminhar, mais difícil ficar em pé. Às vezes, durante a noite, eu ficava deitada na cama e tentava girar as pernas no ar como se estivesse pedalando, mas era difícil. Não demorava muito até que eu perdesse o fôlego.

— Audrey não quer se levantar. Diz que não consegue andar — explicou minha mãe. — Claro, nós sabemos que isso não é verdade. Mas é parte da doença dela; é assim que o problema a está afetando, doutor.

— E o cabelo? — perguntou ele. Eu havia me esquecido daquilo e já estava acostumada com o visual. Em geral, as pessoas achavam que eu estava passando por quimioterapia; minha mãe nunca corrigia quem dizia aquilo, e eu estava cansada demais para me importar com isso agora. De certa maneira, eles até estavam certos, havia um câncer, mas ele crescia fora do meu corpo, agindo disfarçadamente.

— Ela raspou. Tudo. Eu não consegui acreditar no que ela fez quando a encontrei; todo aquele cabelo lindo espalhado pelo chão. Eu chorei. — Minha mãe fungou e o dr. McGuiness assentiu, sem interromper as explicações da minha mãe, as histórias que ela contava. Era incrível a certeza que ela tinha, como se acreditasse em cada palavra que dizia. — Como eu disse, é a doença. É como se ela estivesse tentando se destruir, de qualquer maneira que possa. Como se quisesse ser feia e desagradável. É de partir o coração.

Os olhos de minha mãe se arregalaram e apontaram para mim, e depois para o médico. Ela se sentou, puxando a cadeira para mais perto da minha, e

em seguida pegou na minha mão e eu a deixei repousar em sua palma, tentando não sentir — o toque da sua pele me fazia querer vomitar, me virar do avesso e me livrar dela. O dr. McGuiness pigarreou. Minha cabeça girava com as histórias e as palavras, questionava os fatos e a ficção, a verdade e as mentiras. Quais delas eram realmente lembranças? Quais eram sonhos? Eu havia pesquisado aquelas palavras. *Transtorno factício*. Eu sabia o que significavam agora. Sabia que aquilo significava que estávamos mentindo. Eu era a vítima dela. Na noite passada fiquei acordada pensando naquilo, querendo respostas. Há quanto tempo eu fazia parte dessa mentira? Há quanto tempo eu era um fantoche? O que era verdadeiro a meu respeito? Eu não sabia. Minha boca produziu as palavras, *transtorno factício*, retorcendo-as e mastigando-as como se fosse uma carne cartilaginosa. O psiquiatra me olhava com bastante atenção.

— Sim, é claro que eu me lembro de você, Audrey. Desde... janeiro, é isso? O que aconteceu?

— Nada de mais — eu disse. Agindo de maneira mal-educada, como minha mãe disse que eu deveria fazer.

E foi então que eu fiquei de boca fechada e deixei que minha mãe continuasse a conversa; ela era melhor do que eu para lidar com isso. Mas, assim como a dra. Caldwell, ele não quis saber e pediu para falar comigo a sós. Mesmo assim, minha mãe deixou a Coisa aninhada ao meu lado. Ela me espetava e me provocava enquanto eu explicava, lembrando-me de contar a ele, de lhe contar tudo.

Leo



Leo decidiu que sentir-se arrependido, simplesmente, não era suficiente. Ele esperou por Peter após a escola e acompanhou seus passos. Peter marchava sobre as perninhas, com uma mochila grande demais nas costas, que pendia de seus ombros. Leo tentou pegá-la, mas Peter se esquivou.

— Sua mãe vem buscar você?

— Não. — Ele acelerou o passo, os cabelos esvoaçando. Estava longo, já para baixo do pescoço, assim como os de Leo. O queixo naquele pequeno rosto se projetou para a frente quando ele olhou para Leo, que reconheceu aquela expressão. Rebeldia. Dor. Perplexidade.

— E Audrey?

— Ela não pôde vir.

Leo não perguntou o motivo. Não seria justo.

— De qualquer maneira, já sou grande o bastante para andar sozinho agora. Foi o que minha mãe disse.

— Posso voltar com você, então? — Peter fez que sim com a cabeça, e os dois andaram juntos, quase como nos velhos tempos. Quase.

— Eu vi uma garça há alguns dias — disse Leo. — Você ainda observa os pássaros, Pete?

— Não. — Ele hesitou. — Não vamos mais para a floresta hoje em dia. Audrey não pode ir. Vou ver TV quando voltar para casa.

— Que tal jogar bola antes disso, então?

Os olhos de Peter brilharam. Ele pareceu ser o mesmo garoto de antes por um momento.

— S3rio?

— Sim. Vamos, venha comigo.

Enquanto tocavam a bola, Leo tentou fazer Peter falar. No come7o foi bem dif3cil; as respostas eram curtas, simples e vagas.

— Voc4 se lembra da casa em que morava antes de vir para c3, Pete? Audrey tamb3m estava mal quando voc4s moravam l3?

— N3o sei — disse Peter.

— Ela ia 3 escola?

Peter deu de ombros.

— Ela sempre cuidou de mim — disse ele, ap3s algum tempo. — Ela 3 a minha melhor amiga.

— Eu sei. 3 a minha tamb3m.

— Mas voc4 n3o gosta mais dela — acusou Peter.

— O qu4? Quem disse isso?

Peter correu, driblando Leo com a bola e se afastando dele.

— Ningu3m gosta de n3s — gritou ele por cima do ombro. — Nunca.

Audrey



Havia muitos comprimidos agora. Eu engoli um por um, um procedimento longo e vagaroso. Em seguida, minhas palavras começavam a sair mais lentamente, mais arrastadas, e eu me sentava ao lado de minha mãe, olhando para o chão ou para suas mãos enquanto ela tricotava e coçava e apertava as teclas em seu celular. O tempo parecia ser feito de borracha e, embora eu tentasse encarar cada dia, esticando e testando, fazendo força contra sua espessura, ele nunca cedia; nunca me deixava entrar. E havia lugares em meu cérebro que eu não visitava mais, lugares altos onde eu podia encontrar um pássaro pousado em um galho, a cabeça erguida para o céu. Em vez disso, eu ficava lá embaixo, imersa na escuridão, nos lugares marcados pela dor, enfurnada ali dentro.

Houve uma noite, em algum ponto do fim de maio, que eu olhei para cima. Eu estava perdida naquele negrume, e Peter me observava intensamente, olhando para mim como se eu fosse uma estranha. Endireitei-me na cadeira e tentei sorrir, parecer normal, e olhei em volta à procura de um maço de cartas, um livro, alguma coisa que pudesse usar para distraí-lo.

— O que aconteceu com Audrey, mãe? — perguntou Peter.

Minha mãe levantou os olhos da revista que ela estava lendo. Bateu a cinza do cigarro e voltou a se concentrar na revista, os olhos procurando pelo lugar onde havia parado de ler.

— Sua irmã é uma garota muito doente, Pete. Você pode dizer aos seus amigos da escola, se quiser, e aos seus professores. Diga a eles que Audrey não está bem. Que ela está se consultando com os médicos lá naquele hospital grande.

Estiquei o braço e segurei na mão de Peter. Apertei com o máximo de força que consegui. Isso não devia ter acontecido. Não fazia parte do plano.

Peter olhou fixamente para mim outra vez. Os olhos se enchendo de lágrimas.

— Você vai morrer, Aud? Não quero que você morra — sussurrou ele.

Consegui abrir um sorriso e articular um “não”. Mas já havíamos tido aquela conversa, é claro, e várias vezes. Eu me lembrava agora. E repentinamente me lembrei do motivo.

Quando eu tinha cinco anos disse que queria vestir minha fantasia da Branca de Neve. Minha mãe gostou da ideia, fez uma anotação e deixou-a de lado junto com os sapatos de cetim, a bolsa e a tiara. Meu pai me comprou uma fantasia de Jessie, de *Toy Story*, para substituí-la, e eu marchava de um lado para outro com as botas vermelhas e reluzentes, girando um laço imaginário. Isso durou alguns anos. Aos dez anos, eu optei pelo amarelo — minha cor favorita —, um vestido amarelo, flores amarelas e a música *Yellow Submarine* em vez de um hino. Foi o começo de minha fase Beatles, quando eu escutava os LPs do meu pai à noite, ouvindo-os com o volume bem baixo, quando minha mãe e Peter estavam dormindo. Ela não gostava muito disso, dizia que era divertido demais, mas que tentaria manter minhas ideias em mente. Aos treze anos, eu disse que pensaria naquilo e me senti um pouco enjoada quando cheguei a fazer aquilo mais tarde, sozinha em meu quarto, olhando para o teto que eu havia pintado de preto e onde havia grudado algumas constelações cujos nomes eu não conhecia, ou que o céu da cidade nunca havia me mostrado. E agora eu não fazia ideia. Mas toda a família sabia o que estava envolvido na despedida de minha mãe. Muitas músicas de Elton John. O nome dela escrito em flores cor-de-rosa sobre o caixão. Cavalos com penachos nas cabeças, coveiros com longos sobretudos pretos. Uma procissão, se possível, como nos vídeos do funeral da princesa Diana a que ela assistiu; Peter no centro da cerimônia, estoico, pálido (eu, é claro, já estaria morta há muito tempo). E na lápide: “Mãe dedicada. Viveu para os outros, não para si mesma”. Ela criou aquele epitáfio e eu não disse nada. Agora eu sabia que aquilo não era verdade.

Naquela noite eu terminei de me lavar e caminhei de maneira lenta, excruciante, até o quarto de Peter, ignorando a voz de minha mãe que me mandava voltar. Li o primeiro volume de *As Crônicas de Nárnia, O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, e o livro me pareceu muito pesado nas mãos.

— Vamos, leia, Aud. — Peter se sentou, animado e pronto. Deixei o livro sobre o colchão; estava sem fôlego. Eram necessárias vozes especiais para a feiticeira e para Aslan, para Lucy e Edmund. Era preciso energia para dar vida às palavras, e quando eu olhei para a página as frases pareceram longas demais, como cobras que se retorcem para fora do livro e se transformam em nada. Peter pegou o livro, abriu-o e começou a lê-lo para mim em voz alta. Mas ele não conseguiu ir muito longe, gaguejando e tropeçando sobre as palavras mais longas e a pontuação difícil. Se eu não estivesse por perto para ler essa história para ele, quem o faria? Ele nunca saberia o final. Acho que eu soltei um resmungo.

— O que foi? — perguntou Peter. — Por que você está falando desse jeito?

— Estou bem, não se preocupe. — Eu tossi, tentando limpar a garganta.

— Desculpe, Aud — disse ele, acariciando minha cabeça.

— Por que está se desculpando, amigão? — Segurei na mão dele.

Ele se aconchegou junto de mim. — Você preferiria não ter voltado?

— Não. — Foi muito difícil conseguir colocar aquilo para fora. Era apenas uma meia mentira. Eu queria que tivesse outra maneira de fazer isso. Mas era tarde demais para fugir agora; eu não podia mais. Aquela ideia insistia em surgir no meio dos meus pensamentos e eu enfiava as unhas na pele da palma de minhas mãos. O rosto de Leo surgia nas minhas pálpebras, o rosto dele quando tentava perguntar se havia algo de errado: ansioso, mordendo o lábio, como ele ficava corado quando eu dizia que não e o afastava. E ele não veio me ver. Fazia meses que não aparecia. Não houve nenhuma carta, nenhuma mensagem secreta escondida em dobraduras feitas com papéis antigos.

— Andou vendo Leo ultimamente, Peter? Na escola ou em algum outro lugar? — sussurrei a pergunta. Minha mãe podia estar escutando. Ela sempre escutava. Houve uma longa pausa. Peter esfregou a cabeça no travesseiro. Seu cabelo estaria todo embaraçado pela manhã.

— Sim — sussurrou ele em resposta, piscando os olhos. Ele aproximou a boca da minha orelha. — Mas a nossa mãe disse que não posso falar disso para você.

— O quê?

— Se eu lhe contar, você não vai ficar boa. — Ele fez uma expressão séria.

— Pode me contar. Está tudo bem.

— Ele me encontra depois da aula e pergunta sobre você todos os dias,
Aud.

Endireitei-me e me inclinei para a frente.

— E o que você diz?

— Digo que você está bem. Não contei para ele sobre seu cabelo ter caído.
— Ele estendeu a mão e tocou a minha cabeça outra vez, deslizando a palma pela pele exposta. Minha mãe raspava minha cabeça quase todos os dias. Ele deu de ombros. — Quer que eu conte a ele que você está doente? Acha que ele vai vir aqui para ver você se eu fizer isso?

— Não. — Eu segurei as mãos dele e as apertei. — Não. Não diga isso a ele. Obrigada, Pete. — Dei um beijo na cabeça dele, fiz força para levantar e saí lentamente do quarto.

— Boa noite, irmãozinho.

— Boa noite. Amo você, Audrey.

— Eu sei.

Audrey



Tudo demorava tempo demais. Calçar os sapatos, encontrar um casaco, as chaves. Devagar não era bom, e eu bati as portas com força, irritada, enraivecida. *O que aconteceu com você, Audrey?* Mas eu não conseguia responder àquela pergunta e tentei abafá-la, pisar nela como se estivesse matando uma aranha.

Não havia ninguém por perto. Era cedo demais para Peter voltar para casa. Cedo demais para minha mãe estar em casa também. O que eu precisava era de alguém com quem pudesse conversar. Mas não alguém que eu conhecesse. Não alguém que me fizesse perguntas. Eu não podia suportar o horror. A pena. A culpa.

O jardim estava explodindo em vida. Era o começo do verão. O verde da grama brilhava como neon, o céu azul, o sol e as nuvens construindo uma escadaria de algodão-doce, delicada demais para andar por ela. Salgueiros se curvavam com seus braços longos e graciosos, ninando crianças há muito tempo esquecidas, seus sussurros pouco mais do que uma história sobre o passado. Eu não podia ficar na Granja para sempre, enfurnada no sótão como a mulher do livro que eu costumava ler. Mas o céu parecia ser grande demais; ele se espalhava e balançava, e o chão sob meus pés gritava e o céu estava doendo e os ossos do mundo pareciam estar prestes a se quebrar. Tropecei. Leo havia prometido aventuras, e só de pensar naquilo me fez dar as costas para os gramados, porque havia urtigas crescendo por entre a grama, longas e cruéis. Como minha mãe. Se você as tocasse, elas deixariam uma marca, uma ardência, mas o problema verdadeiro eram suas raízes amareladas, longas e duras, como um cabo de alta tensão correndo por baixo da terra, sob minha pele. Conectando-se, preparando uma armadilha.

Peter está bem, lembrei a mim mesma. Seu irmão está vivo, tem saúde e está crescendo. Isso era tudo que eu queria que acontecesse quando voltei

para a Granja. Mas eu não havia previsto o futuro — não sabia que acabaria me perdendo desse jeito. Aquilo não fazia parte do plano. Pensei que as coisas seriam como antes: ruins, mas não tão ruins que eu não poderia enxergar uma época melhor adiante ou planejar uma rota de fuga, algo que me levasse para além de tudo aquilo. E agora o futuro era um lugar muito escuro, como se todas as cortinas tivessem sido fechadas, sufocando minha vida.

Eu não conseguiria ir muito longe ou andar depressa. Minhas pernas doíam. Os ossos dos tornozelos, joelhos e da coxa eram como gravetos; os músculos, como esponjas. E o cérebro era um ninho de vermes, apodrecido, desajustado. Eu caminhei. Para onde? A dra. Caldwell queria saber o que havia de errado. A dra. Caldwell me pediu para lhe contar. Ela entenderia. Eu podia ir lá agora. Podia, sim. Ela me escutaria. Eu tinha as palavras. Sabia o que devia dizer.

Conte à doutora Caldwell.

De vez em quando algum carro passava, com o motor roncando alto. A cada vez que isso acontecia eu me espremia contra a cerca viva à beira da estrada. E foi então que um deles diminuiu a velocidade, chegando bem perto. A Coisa estava no volante.

— Entre, Audrey — disse ela, enfiando a cabeça pela janela. — Entre neste carro.

Continuei com a cabeça baixa, os olhos fixos na estrada e tentei me espremer entre o carro e a cerca viva para avançar. Se eu não tivesse cuidado, a roda passaria por sobre meu pé. Eu podia sentir isso acontecendo em algum momento no futuro, uma dor lancinante, uma agonia esmagadora. A pele dilacerada, os ossos estraçalhados.

— Entre — disse a Coisa. — Vamos para casa.

Junho



Audrey



Minha mãe e eu começamos a ir juntas a todos os lugares depois daquilo. Mais um dia, mais uma semana, mais um mês. O sol já havia ido embora, mas nós estávamos a caminho da clínica quando minha mãe estacionou diante de uma banca de revistas para comprar outro maço de cigarros. Ela estava fumando muito, tossindo à noite, e eu abaixei o vidro da janela e apoiei o queixo sobre a mão, olhando para fora, esperando que ela voltasse. Do outro lado da rua as pessoas entravam e saíam do supermercado, as rodinhas dos carrinhos fazendo aquela barulheira característica. Os sons do mercado e do trânsito se misturavam e se confundiam.

— Oi.

Eu deveria estar caindo no sono, porque a voz me assustou. Era a voz de Leo.

Não havia tempo para fechar a janela, não havia tempo para me esconder. Eu havia sido avistada e isso foi um choque. Na minha imaginação, Leo havia se afastado e mudado: um fantasma, insubstancial — assim como eu. Ele pertencia a outra existência, a uma garota diferente. E agora Leo estava aqui, bem diante de mim, e era muito estranho ver quanto ele parecia ser sólido. Quanto era alto. Vivo. Tirei os óculos. Esfreguei os olhos. Nada estava claro. As vidas que as outras pessoas, os meus amigos, estavam vivendo sem mim. Eu estava acostumada aos meus comprimidos, ao meu psiquiatra. Ao branco asséptico das salas de espera dos hospitais. À diversão de mentira da clínica. Às paredes apodrecidas da Granja. Não a isso.

Percebi que Leo me olhava fixamente. Estava esperando por alguma coisa. O tempo se abriu, estendendo-se em um choque.

— Audrey. O que aconteceu?

Leo, o meu Leo, porque era isso que ele sempre foi e sempre seria em meu

coração, se aproximou, apoiando as mãos na porta, a cabeça bem próxima à minha. Tão perto que eu podia sentir seu cheiro. Fechei os olhos e inspirei fundo, e sei que sorri por um segundo. Sol, grama fresca, papel. Ele esteve lendo em algum lugar; embaixo de uma árvore, eu imaginei. As marcas deixadas pela grama em seu braço. A tatuagem da natureza. Tinta em seus dedos, consegui sentir esse cheiro também, o aroma denso e complexo — um tipo melhor de sangue. Eu poderia tocá-lo facilmente; seus braços estavam perto do meu rosto e a tarde morna exalava pela sua pele, flutuando em minha direção. Eu poderia enterrar a cabeça na camiseta dele; podia ter segurado suas mãos quentes e fortes. Em algum lugar do passado.

— Você parece... digo, você parece estar mal. — A voz dele soou baixa. Asco, eu pensei, desejando poder cobrir minha cabeça, o rosto. Mas era tarde demais para colocar alguma coisa bonita ali. Recuar, tentar me esconder onde não havia nenhum esconderijo. A luz do dia revelava tudo.

— Obrigada. — Tentei fazer com que aquilo parecesse uma piada. Rir do comentário.

Leo se curvou, aproximando-se ainda mais. Eu inalei seu aroma, como se pudesse roubar um pouco do que ele tinha. Juventude. Coragem. Beleza. Parecia que ele ia dizer alguma coisa, a boca se moldando em formas distintas, palavras na ponta da língua. E, em seguida, Sue apareceu por trás dele, o sorriso em seu rosto desaparecendo, como se o sol se apagasse em pleno céu.

— Audrey?

— Oi — consegui dizer. Eles deviam simplesmente ir embora, parar de me olhar daquele jeito.

— Eu não imaginava... — começou ela, e eu a interrompi.

— Por favor. Por favor, não façam isso. Estou bem. — Meu sorriso era artificial, uma máscara, mas Sue retribuiu o sorriso, estendendo os braços na direção do carro como se quisesse me abraçar. Mas minha mãe estava chegando e não havia mais tempo. Sue se endireitou e olhou para ela. Leo também.

— Senhora Morgan. — Um breve meneio da cabeça de Leo, um olhar

cheio de veneno.

— Olá, Sue — disse minha mãe, como se não tivesse escutado ou mesmo percebido a presença de Leo. — Tudo bem com você? — Ela revirou a bolsa à procura das chaves. Eu me inclinei para o outro lado e abri a porta para ela, e meus dedos se atrapalharam com a alavanca.

— Estou bem, Lorraine, mas e você? Você não disse que era... digo, nós não sabíamos que...

A voz de Sue ficou mais alta, e em seguida desapareceu no ar conforme minha mãe se enfiou rapidamente no carro, girando a chave e fazendo o motor roncar alto. Ela resmungou alguma coisa que não consegui entender, engatou a marcha do carro desajeitadamente e escoiceou o acelerador. Enquanto íamos embora, eu olhei para Leo e sua tia pelo retrovisor lateral. Eles ficaram olhando para o carro até virarmos em uma esquina e eu não consegui mais vê-los. Depois, para onde eles foram? Aquilo já não era mais da minha conta.

Leo



— Mas que merda foi aquela? — disse Leo enquanto Sue se afastava, dando meia-volta para retornar ao seu carro.

— Não sei, Leo. Nós sempre soubemos que ela não era uma pessoa muito saudável, ou muito estável... — A voz de sua tia se desfez em meio ao nada e eles fizeram o restante do trajeto de volta à fazenda em silêncio. Era pior agora; muito pior do que antes, e Leo percebia isso. Ele quase não reconheceu Audrey; ela parecia ter encolhido, os ossos lhe marcando a pele, as veias azuis fortes contra o branco de seu pescoço e de sua testa. E seu cabelo? O que aconteceu com seu cabelo?

— Sue — disse ele, quando chegaram à fazenda. — Não vou aguentar isso. — Ele achou que acabaria se engasgando com as palavras; queria quebrar alguma coisa e bateu na porta com o punho fechado. — A culpa é minha, Sue. Eu não devia ter deixado que ela voltasse. Devíamos ter feito alguma coisa. — As palavras de Jen, as de Lizzy. Ele não havia escutado. Não havia prestado atenção.

— O quê? — Sue olhou para ele sem compreender. Estendeu a mão e segurou-lhe o braço. — Você não pode assumir a culpa por isso, Leo. É algo que todos nós sabíamos que ia acontecer, eu acho. Audrey nunca esteve realmente bem, não é?

Leo estava furioso. O fato de que sua tia podia ser tão cega o convenceu de que ninguém entenderia Audrey, ninguém tentaria ajudá-la. Ele deveria tentar ajudá-la. Era o único que podia fazer isso.

— Ela estava... Ela estava bem. Estava em boas condições. Um amor de pessoa, você mesma achava isso.

— Bem, eu quero dizer, não estava muito bem mentalmente. — Sue estava se esforçando para encontrar as palavras certas, mas Leo não se importava.

— Besteira. Não havia nada de errado com ela. Quem tinha algo de errado na cabeça era Lorraine. Eu nunca gostei dela. Nunca. E agora... olhe só o que aconteceu! Eu tenho de fazer alguma coisa.

— Você não pode culpar Lorraine — repetiu Sue. — Escute, eu sei que aquela mulher é meio esquisita, mas... francamente, Leo. Eu sei que é muito triste, mas ela fez o melhor que pôde por Audrey. E eu não imagino o que você possa fazer a respeito. Tenho certeza de que Lorraine está indo atrás de ajuda. E é disso que Audrey precisa. Ajuda profissional. Não estamos em posição de lhe oferecer isso.

— Não. Não concordo. — Leo saltou do carro e correu para dentro da sede da fazenda. Era hora de tentar entender o que estava acontecendo, mas ele não sabia como. Poderia tentar procurar a dra. Caldwell, talvez, ou então tentar descobrir algo sobre Lorraine, porque o problema estava com ela. Ele tinha certeza.

O Google trouxe poucos resultados. Ele examinou as referências a Lorraine Morgan, e depois digitou o nome de Audrey também. Clicou em um link, um blog.

OS LUGARES DA DOR: EU E A MINHA DEPRESSÃO

POR AUDREY MORGAN. IDADE: DEZESSEIS ANOS E NOVE MESES.

O que seria de mim sem minha mãe? Eu pergunto isso a mim mesma cem vezes por dia quando estou deitada, muito cansada, e ela está sentada ao meu lado, lendo para mim, ou simplesmente tricotando, simplesmente comigo. Quero dizer a ela quanto eu me arrependo por ser assim. Mãe, eu amo você. Obrigada por tudo.

Ela batalhou muito por mim, sempre. Ela foi a pessoa que conseguiu com que eu me tratasse, que encontrou médicos maravilhosos e nunca desistiu de mim. Sem ela, acho que eu já estaria morta. Eu sei que estaria. Lembra-se da noite de Ano-Novo? Lembra-se do que eu fiz e quanto isso me deixou doente?

Leo observou as fotografias, leu postagens, esfregou os olhos e leu outra vez; Audrey não podia ter escrito essas coisas, sobre se cortar, sobre a depressão, sobre pensamentos suicidas. Sobre Lorraine. Não era a sua Audrey.

Ele se levantou e pegou o telefone; podia ligar para ela e pedir que lhe contasse exatamente o que significava tudo aquilo. Ele segurou o aparelho, sentou-se e leu mais uma vez, voltando até o post mais recente.

Tenho muito medo do que posso fazer, ou de quem eu posso vir a machucar, inclusive eu mesma. Porque estou irritada, com medo e presa em minha cabeça com o medo e a voz que me diz que não sou uma boa pessoa.

E minha depressão mora dentro de mim. É um cobertor pesado, pilhas de cobertores pesados, sufocantes, são tão grossos que às vezes eu não consigo respirar, não consigo me mover. Minha mãe diz que eu vou melhorar, que muitas pessoas se sentem assim. Ela diz que o sol está brilhando lá fora, mas saber disso não faz com que a doença vá embora. Viver com uma doença dessas faz com que você seja diferente, e a maioria das pessoas simplesmente não quer saber, não querem entender. Quando minha mãe me leva para algum lugar, eu vejo a maneira como as pessoas dessa cidade olham para mim. Elas se afastam, como se eu cheirasse mal, como se eu fosse asquerosa. Elas acham que eu posso machucá-las, fazer algo nojento, talvez me urinar inteira como se eu fosse um bebê ou gritar e falar palavrões e dizer todas as coisas que elas não conseguem admitir. Por exemplo, dizer que a vida é uma merda. Ou que viver dói. Mas realmente dói. Basta olhar para minhas cicatrizes.

Em meio ao texto havia uma fotografia dos pulsos de Audrey, em preto e branco — quase artística, os braços nus e magros, muito magros. As mãos estendidas em um gesto que, para Leo, parecia ser de alguém que suplicava, as palmas abertas e viradas para cima, a carne riscada e ferida, riscada com a evidência de sua dor. Ele fechou o notebook com força, deitou-se na cama e chorou.

Audrey



Minha mãe parou no supermercado quando estávamos a caminho de casa; eu estava na cadeira de rodas. Fazia frio perto dos refrigeradores e eu comecei a tremer; e, quando eu começava, não conseguia mais parar.

— O que houve? — Minha mãe estava enchendo a cesta com guloseimas. Eu havia apagado Leo daquele dia; não havia acontecido. Eu não o vi.

— Vamos buscar Pete na escola — disse ela. — E depois voltar para casa e fazer um piquenique no jardim. O tempo está ótimo para isso, mas é melhor você colocar um chapéu para se proteger do sol. — Ela examinou uma garrafa de espumante, depois colocou-a de volta na prateleira e escolheu outra.

— Podemos ir à praia? — perguntei, a ideia me iluminando como se fosse um pedaço de céu azul. Peter adoraria aquilo. O dia estava suficientemente quente para que ele nadasse e eu poderia levar um cobertor, e me enrolar nele se sentisse frio. Era uma das coisas que eu havia prometido a ele, uma das coisas que havíamos planejado fazer. Assim, pelo menos, eu poderia fingir. Parecia que não conseguiríamos ir à Espanha. Não este ano.

— Bem, não vejo razão para não irmos. Eu até gostaria de tomar um pouco de sol. Boa ideia. — Ela tomou sua decisão, enfiou mais algumas coisas na cesta e me empurrou até o caixa, com os sapatos guinchando sobre os azulejos do piso.

A moça do caixa não parava de olhar para mim, mas eu baixei a cabeça e fechei os olhos.

— Ela está cansada — ouvi minha mãe dizer —, o dia foi bem movimentado. Acabamos de ficar sabendo que... — ela abaixou a voz — ela está em estágio terminal. É câncer. — Eu nem cheguei a me abalar com aquilo.

— Ah. Ah, meu Deus — disse a garota, como se alguém tivesse acabado de lhe contar que era ela quem estava morrendo. — Coitada.

— Eu sei, eu sei. Mas está tudo bem. Estamos assimilando. Ela é muito corajosa; quer levar o irmãozinho para fazer um piquenique à beira da praia depois da escola. É algo maravilhoso, realmente. Ela é minha inspiração. O meu milagre.

Achei que minha mãe fosse chorar. A moça no caixa também. Toda a porra da fila esperando atrás de nós. Não agora. Tarde demais. Eu não iria conseguir fugir. Minha mãe não estava mais mentindo. Tudo havia se tornado realidade. Eu olhei para cima.

— Por favor — eu disse. — Podemos ir? — E minha mãe pegou as sacolas do supermercado, pendurou-as nas manoplas da cadeira de rodas e me empurrou para fora, sob a luz brilhante que me machucava, queimava meu cérebro como se fosse um veneno radioativo.

— E aqui vamos nós, meu bem — disse ela, erguendo-me para me colocar no carro. — Você é uma estrela, Aud. Sabia disso?

— Obrigada, mãe — eu disse a ela, abafando a voz com as mãos, esfregando o rosto, os olhos. Ela não percebeu que eu estava chorando, ou, se percebeu, não se importou. Tentei lembrar da última vez em que ela perguntou como eu estava me sentindo, e percebi que aquilo nunca havia acontecido.

Ela continuava falando. Eu não estava prestando atenção.

— Mas, Audrey, meu bem, eu achei que você quisesse fazer planos. Afinal, já conversamos sobre isso antes, mais de mil vezes, e vai chegar uma hora em que você terá de encarar a realidade. No meu caso, já estou com tudo acertado, e já faz vários anos.

O funeral. De novo.

— Rhubarbrhubarbrhubarblalalalala — cantarolei, com as mãos cobrindo as orelhas.

Ela me olhou com uma expressão irritada, bateu em minhas mãos e continuou a conversar por cima do som do rádio e das palavras sem nexo que

eu continuava a balbuciar como se aquilo fosse Shakespeare.

— Não quero ser grosseira, meu bem, mas é igual para todos nós. Você nunca sabe quando sua hora vai chegar, e, para você, Aud, esse dia está mais próximo do que para a maioria das pessoas. Na verdade, você tem muita sorte, todos nós sabemos disso, como um gato com sete vidas ou algo parecido. — Ela soltou uma risadinha. — Mesmo assim, você é uma adolescente muito doente. Afinal, quem sabe o que vai lhe acontecer agora? Ter uma doença mental é um problema sério. E você não está nada bem. — Os olhos dela estavam fixos na estrada, e ela ignorou os carros que se enfileiravam no cruzamento, dando a volta para ultrapassar todos eles pelo acostamento e entrando na via que saía da cidade e ia em direção à escola.

Paramos em casa para buscar algumas coisas de que precisávamos e depois fomos buscar Peter, que nos esperava do lado de fora do portão da escola. Ele saltou e deu um soco no ar, empolgado, quando lhe contei sobre nosso plano. Mas, quando chegamos à estrada que levava para o litoral, percebemos que todas as rodovias estavam congestionadas com o trânsito: furgões de campistas e *motorhomes* faziam com que todos tivessem de diminuir a velocidade e bloqueavam as estradas secundárias sinuosas.

— Mas que merda — resmungou minha mãe, agitando-se no assento, ajustando o cinto de segurança pela milionésima vez. Havia manchas de suor debaixo de seus braços, marcando a camiseta que ela usava, e gotículas de suor entre a boca e o nariz. Eu sabia que ela estava sentindo calor. Ela não se deu conta de que eu estava sentindo frio.

— Mãe! — Peter estendeu a mão. Ela havia prometido dar a ele uma libra toda vez que ela dissesse um palavrão, mas simplesmente afastou a mão de Peter com um tapa.

— Vamos voltar para casa. — Ela acionou a luz de seta.

— Não! — gritou ele. — Vamos chegar lá bem rápido. Por favor, mãe! Olhe, os carros estão andando de novo. Por favor.

Ela suspirou e olhou para a frente outra vez.

— Vou esperar mais cinco minutos. Coloque algum CD para tocar, Aud.
— Ela acendeu um cigarro, apoiando o braço na janela.

Revirei o porta-luvas tentando encontrar algo diferente, mas as opções eram as mesmas de sempre. Já conhecíamos bem as letras de todas aquelas músicas. Eu queria uma música melhor para poder cantar.

— Aud — disse Peter, inclinando-se para a frente outra vez. — Este aqui.

— O que é?

— Um amigo me deu. — Ele cutucou meu braço. — Coloque para tocar, Aud.

Peguei o estojo plástico e o abri. Não havia nada escrito no disco. Virei-me para olhar para Peter, mas seu rosto mostrava a inocência de sempre. Um toque de malandragem o entregou, e se eu ainda tivesse sobrancelhas eu teria erguido uma delas. O que ele estava aprontando?

Os carros começaram a andar outra vez e eu inseri o disco no aparelho de som, temendo o que estava por vir. “Crazy Frog”, ou qualquer que seja lá o nome que isso tinha. Era uma coisa boba, de qualquer maneira.

Minha mãe engatou a segunda marcha e o primeiro acorde soou. O fôlego que eu ainda tinha escapou de mim, e nada mais teve importância, nem o calor do carro, o fedor da fumaça do cigarro, os insetos mortos e enegrecidos no para-brisa; minha respiração ficou presa em algum lugar do peito. Apenas o som da emoção, de dançar, de John Lennon gritando *Twist and Shout* e me mandando dançar, como havia feito fazia muito tempo, quando Leo me segurou e nós competimos para ver quem conseguiria dançar melhor.

Ignorando a expressão na cara de minha mãe, eu aumentei o volume da música, enchendo o carro com o refrão crescente, fazendo o som explodir naquele lugar do interior, cantando junto com a banda em minha cabeça, meus lábios formando palavras que tinham um significado mais importante do que qualquer pessoa conseguiria imaginar. E eu me dei conta de que ainda estava viva e Leo estava bem ao meu lado, dividindo um travesseiro no quarto de hóspedes da casa de Sue — um quarto que foi meu por algum tempo —, cada um com um fone de ouvido enfiado na orelha, os dedos dele tamborilando o ritmo sobre minha pele.

A música terminou, eu me recostei no assento, feliz, esperando pelo que viria a seguir. Uma música clássica. Minha mãe estendeu a mão para desligar

o aparelho de som, mas eu afastei sua mão com um tapa. Mozart. Eu o vi sentado ao piano, com seu jeans e os pés descalços, completamente concentrado na música, até que ele se virou para mim e sorriu. *A música clássica é o novo rock 'n' roll*, disse ele, me provocando. E eu me levantei e fui me sentar ao lado dele, apoiando minha cabeça em seu ombro, sem me importar realmente com o rock 'n' roll ou com qualquer outra coisa, apenas com Leo, que fazia eu me sentir em paz e bem. Quis sair do carro. Correr todos aqueles quilômetros de volta à fazenda. Porque Leo ainda se importava, ainda pensava em mim, e isso era a prova.

— Onde você conseguiu isso, Peter? — Ouvi minha mãe dizer, em algum lugar distante, conforme os violinos volteavam e solfejavam. Mas acho que ela acabou gostando também, porque ficou quieta e nós ficamos ali, os três juntos, suspensos na música, com sorrisos bobos no rosto.

Eu me virei e olhei para Peter, estendi o braço e levei a mão até sua bochecha, tocando-lhe a pele macia. E ele segurou nos meus dedos, apertando-os com força.

— Obrigada, companheiro — eu disse.

— Amo você, Aud — sussurrou ele, de modo que apenas eu pudesse ouvir.

O sol se pôs como se tivéssemos ajustado o tempo para correr em câmera lenta, e Peter entrava e saía correndo da água, enfiando os pés por entre as ondas. Peguei o celular de minha mãe e tirei fotos dele brincando na parte mais rasa, seu corpo magro e branco cortando a água antes de mergulhar, desaparecendo por um segundo, e depois voltando à superfície, cuspidando água, buscando o ar, já azulado com o frio. A câmera clicava e apitava. Virei o rosto e encaixei minha mãe no visor, olhando para o mar.

— Ei — disse ela. — Venha aqui, Aud. Tire uma foto nossa. — Não consegui resistir ao sorriso dela. Àquele convite. Como se fôssemos normais, como se isso fosse uma coisa que pudéssemos fazer em qualquer dia. Como se pudéssemos mandar revelar esta foto e colocá-la em um álbum para admirá-la vários anos depois, lembrando-nos de bons momentos. Felicidade.

Sentei ao lado dela no cobertor que trouxemos de casa, segurei a câmera,

fiz uma pose e apertei o botão para fotografar.

— Pronto. Vamos dar uma olhada. — Repassamos as fotos, nós duas, juntas. Não éramos nem um pouco parecidas, mas havia algo em nossos olhos que foi enaltecido pela lente. Eu aumentei o zoom, prestando mais atenção. E foi então que eu vi. O medo. A Coisa. Não somente em minha mãe, mas em mim também; eu também estava me matando. Mas eu não precisava continuar com aquilo. Eu não precisava morrer.

— Linda — disse minha mãe, beijando meu rosto, com o braço ao redor do meu corpo, me apertando. — Quer um sorvete?

Quando eu fiz que sim com a cabeça, ela se levantou e foi na direção das lanchonetes localizadas à beira da praia. Peter saiu da água e veio correndo, agitando o corpo para se secar como se fosse um cãozinho, a pele arrepiada. Eu lhe passei uma toalha.

— Rápido, seque-se. Você vai acabar congelando.

— Eu sei. A água está muito gelada mesmo, Aud. — Os dentes dele estavam batendo. Eu o puxei para perto de mim, num abraço.

— O que você queria? Estamos na Inglaterra, não é? Mesmo assim, é divertido. — As ondas se erguiam e quebravam. Eu tremia, mas mantive o sorriso no rosto, pensando em Peter.

— Sim. Olhe lá. — Ele apontou para o mar e eu vi os surfistas pegando onda. — Quero fazer isso.

— Quando for maior, você vai poder surfar.

— Você também quer, Aud?

— Claro.

Peter olhava para mim como se eu tivesse todas as respostas. Mas havia muitas coisas com as quais eu não poderia ajudá-lo, muitas coisas que eu não estaria por perto quando acontecessem. A menos que... eu olhei para o céu, procurando pela escadaria outra vez, a rota para fugir. Tarde demais. Havia perdido a oportunidade.

— Você está melhorando? — perguntou ele, e eu fiz que sim com a cabeça.

— Sim, Pete. Estou bem. Não se preocupe.

Peter não respondeu; simplesmente se aninhou ao meu lado, a água escorrendo pelo seu corpo e molhando o cobertor. Eu inalei o cheiro do mar nos cabelos dele, enxuguei-o com a toalha e sorri com o tom rosado que estava voltando a lhe tingir o rosto.

— Tem certeza? Como você sabe? — perguntou Peter, e eu não queria mentir de novo. Fazia muito tempo que as mentiras eram mais seguras do que a verdade, como cavernas para se esconder quando havia uma tempestade a caminho ou um nevoeiro encobrindo o pântano. A mentira sempre foi o local em que estávamos seguros. Que cresceríamos como as outras crianças, que seríamos fortes, andaríamos de cabeça erguida e nossa vida seria boa. E vivemos sob aquela mentira por tempo suficiente para esquecermos que, quando ela estendia os braços para nós e nos abraçava, permanecíamos gelados para sempre. A mentira para meu irmão estava na ponta da minha língua, outro fragmento de traição que eu estava pronta para largar aos seus pés. Tentei me impedir de fazer aquilo, mas ela acabou saindo pela minha boca como se tivesse vida própria.

— Sabe, Pete, você não precisa se preocupar. Estou aqui. E sempre estarei aqui.

— Não vá embora, por favor, Aud. Não me abandone outra vez.

Engoli em seco; eu não queria saber que ele se preocupava com isso, que ainda tinha medo.

— De jeito nenhum, cara — eu disse, falando por cima da dor que acometia minha garganta.

— Por que a nossa mãe não é como a mãe das outras pessoas? — Os grandes olhos castanhos dele olhavam para mim, os cílios ainda brilhando com as gotas de água. Eu esfreguei o sal ressecado que ele tinha nas bochechas.

— Como assim?

— Você sabe. — Ele afastou minha mão, querendo respostas.

— É, sei sim. — Ele nunca havia feito uma pergunta como aquela antes, e

eu percebi todas as coisas que ele vinha escondendo, imaginando o que mais estaria preso dentro dele, e procurei as palavras certas. Aquelas que o fariam se sentir amado, importante e seguro. Meu pai as ensinou para mim há tanto tempo que eu já havia quase esquecido, então criei minhas próprias palavras e esperei pelo melhor. Elas vinham do fundo do meu coração e tinham de surtir o efeito certo.

— Não sei por que ela é desse jeito. Mas ela nos ama, Pete. E nós a amamos, não é?

Ele deu de ombros.

— Amamos sim. Ela é nossa mãe. E ninguém tem uma vida fácil ou simples o tempo inteiro. A coisa principal que você precisa saber é que, seja lá o que a nossa mãe disser ou fizer, você é uma pessoa especial, Peter. Na verdade, você é mais do que especial. Você é incrível. Sério, você é o melhor irmão em todo o mundo. O dia que você nasceu foi o dia mais feliz da minha vida.

Ele ficou um pouco constrangido com aquilo; ele estava crescendo, eu percebi, e começando a compreender as coisas que eu achava que podia esconder. Mas pelo menos seu sorriso era verdadeiro.

— Estou falando sério. E eu quero que você sempre se lembre disso, está bem? Você é precioso e perfeito. Nunca deixe que ninguém o magoe. Nunca tenha medo de pedir ajuda se precisar.

Ele olhava para mim com os olhos arregalados e eu o abracei outra vez.

— Não se preocupe. Ninguém vai magoar você. Mas lembre-se. Se algum dia isso acontecer, então você precisa sair correndo. Você vai correr, gritar, e não vai parar de gritar até que alguém venha ajudá-lo.

— Certo — sussurrou ele. Houve uma longa pausa, e o único barulho que nos perturbava era o chapiscar e a arrebentação das ondas; isso e os piados das gaivotas e o ruído ocasional de algum carro que passava pela rua à beira-mar.

— Era isso que você estava fazendo quando foi para a casa de Leo? — perguntou ele, e levou algum tempo até que eu conseguisse responder.

— Mais ou menos, amigão.

— Nossa mãe disse que você não me amava mais.

— Isso nunca foi verdade

— Você realmente me amava, porque voltou para casa.

— Isso mesmo.

— Mas por que você voltou? — perguntou ele, com o rosto sério. — Não deu certo? Você não conseguiu fugir?

— Deu, sim. Mas eu precisava voltar, não é? Senti muita saudade de você. Não consegui ficar longe. — Era impossível explicar, fazer com que as coisas fizessem sentido, mas eu tinha de tentar. — Mas você... você é diferente. Tudo vai ser diferente para você. Eu consegui fugir, e você viu isso. Pode ser feito. Se você precisar ir embora, basta ir. Certo? Promete? Converse com alguma professora, com Leo ou com Sue. Pessoas em quem você confia.

— Mas eu confio em você, Aud.

— Eu sei. Mas você tem de me prometer que vai fazer isso.

— Eu juro — sussurrou Peter, e nós enlaçamos nossos dedos mindinhos, selando um pacto. Respirei fundo e não conseguimos continuar a conversa, porque minha mãe estava caminhando pela areia com três casquinhas para nós, as coberturas de baunilha e morango escorrendo pelas bordas e tubetes de wafer que eram como pequenas torres inclinadas.

— Pronto, aqui está. Rápido, lambam tudo antes que meus braços fiquem melecados. — Ela riu e Peter se levantou com um salto, pegando nossas casquinhas, devorando a sua e passando-me a minha, como se estivéssemos apenas conversando sobre a previsão do tempo.

Depois que eles tomaram o sorvete e terminaram com o que restava do meu, minha mãe empurrou minha cadeira de rodas pelo atracadouro por alguns momentos. Senti os últimos resquícios do sol como um abraço ao redor do corpo e fechei os olhos, deixando-o banhar minha pele. Estava quente debaixo do cobertor. Senti vontade de dormir. O dia havia me deixado cansada.

— Aud, deixe eu empurrar você — disse Peter, acordando-me com um

movimento brusco, e segurou nas manoplas que estavam sob o comando de minha mãe. No começo ele caminhou em ritmo lento, movendo a cadeira de um lado para outro, sentindo como ela funcionava, mas logo ele começou a ganhar velocidade, indo cada vez mais rápido. Segurei firme, rindo, conforme ele empurrava a cadeira, passando ao redor dos outros pedestres, gritando *Bip, bip, bip, bip!* Atravessamos o atracadouro em disparada e não demos ouvidos à nossa mãe, que gritava: “Parem, esperem, vão devagar!”. Ela nunca nos pegaria — pois ela corria como um hipopótamo geriátrico —, e eu deixei que ele me empurrasse o mais rápido que conseguisse, encarando a brisa que tocava nas minhas roupas e as inflava como se fossem velas náuticas. Estávamos quase voando.

— Mais rápido — gritei. — Vamos! — E, com um último impulso, tive a certeza de que conseguimos decolar por um segundo; apenas por um momento nós dois conseguimos voar, meu irmão e eu, encontrando nossas asas, cortando as nuvens, subindo cada vez mais alto rumo ao céu.

— Uooou! — gritei, erguendo as mãos acima da cabeça, voando na direção do pôr do sol, para cima, para o alto e avante.

Mas a força do meu irmão começou a se dissipar; afinal de contas, ele era somente uma criança, pequena, humana e assustada. E ele diminuiu a velocidade, conduzindo-me gentilmente até a outra ponta do atracadouro. Ele parou perto do corrimão de proteção, resfolegando e rindo.

— Você devia ter me soltado — eu disse. — Devia ter deixado que eu continuasse voando. — Torci o pescoço para olhar para ele. Ele ainda estava tentando recuperar o fôlego.

— De jeito nenhum, Aud — ofegou ele. — Eu não faria isso. Nunca.

E em seguida esperamos até que nossa mãe chegasse ao lugar onde estávamos, com o rosto vermelho, gritando sobre o perigo e a estupidez de tudo aquilo e que eu tinha muita sorte por não ter caído da cadeira ou na água. Mesmo assim, ela não conseguiu roubar nossos sorrisos, e Peter ficou de mãos dadas comigo o tempo todo, até voltarmos ao carro, assim como fazíamos quando ele era pequeno e eu sabia que ele ainda precisava de mim. E eu também precisava dele.

Audrey



— Creio que gostaríamos que Audrey ficasse aqui — disse o dr. McGuiness, encostando as pontas dos dedos de uma mão nas da outra, observando-me com seus olhos claros e lúcidos. — Gostaríamos de interná-la na unidade de saúde mental para adolescentes assim que for possível.

Olhei para minha mãe. Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça, abriu a boca para falar, mas o médico a ignorou.

— Creio que você precisa de cuidados vinte e quatro horas por dia agora, Audrey. Não acho que estas consultas têm sido suficientes; não estamos fazendo progressos.

— Não é sua culpa, doutor — disse minha mãe. — O senhor se esforçou para fazer o melhor que podia. Mas, sim, eu concordo que precisamos de mais ajuda; é o que venho dizendo há um bom tempo.

McGuiness não respondeu ao que ela disse. Estava com os olhos fixos em mim.

— Audrey, por que não se levanta? Por que não sai dessa cadeira?

— Não posso — eu disse, como minha mãe havia mandado. A diferença é que, agora, isso era quase verdade. Eu não tinha energia para fazer aquilo. Não havia motivo.

— E por que você não pode? — repetiu ele. Eu apertei os olhos com força.

— A Coisa não me deixa. Ela me disse para não levantar — eu disse, com a voz baixa, irritada.

— A Coisa. Você disse que ela vive na Granja. — Ele tamborilou a mesa com a caneta. — Você sabe que ela não estará por perto quando você estiver na unidade, não é? E você vai conseguir caminhar, não acha? E comer adequadamente? E conversar conosco?

Eu abri os olhos e olhei para minha mãe. Não tinha certeza.

Ela pegou em minha mão, mas eu não fiz menção de retribuir a pegada. Não gostava da ideia de ir para essa unidade. Outras garotas com olhares vazios, rostos pálidos, vozes que se parecem como metal raspando contra metal. Olhando para mim, gritando coisas, seguindo-me de um lado a outro.

— Não quero ir — eu disse. Não sairia de perto de Peter. De jeito nenhum.

O médico baixou os olhos e folheou seus papéis por alguns momentos. Não encontraria suas respostas ali. Deveria olhar para nós. Olhar com atenção. *Por favor, olhe para mim, olhe para ela*, eu pensei. *Por favor, entenda.*

O médico começou a fazer uma lista de novos tratamentos, quanto essa unidade poderia me fazer bem, a sorte que eu tinha por eles terem conseguido uma vaga, e que eu poderia ir para lá ainda esta tarde.

— Precisamos intervir antes que isso progrida ainda mais. Não se preocupe, Audrey — disse ele. — Você vai ver que o lugar é bem confortável. A equipe é muito bem qualificada. Você vai ter tudo de que precisa para se recuperar e voltar a andar, e sair dessa cadeira. Quero vê-la em pé outra vez. Comendo direito. Respirando ar fresco e fazendo exercícios. E, é claro, haverá terapia diariamente. Isso vai lhe trazer benefícios enormes.

Minha mãe se inclinou para a frente em sua cadeira, e eu deixei que ela cuidasse da conversa.

— Sabe, doutor, é um alívio ouvir isso. Depois de todo esse tempo, das coisas que passamos. Eu sabia que, se continuássemos insistindo, chegaríamos ao cerne da doença de Audrey, mas eu preciso agradecer ao senhor, pessoalmente, por tudo o que fez. Pela sua persistência e profissionalismo. — Ela se deteve por um momento, considerando. — E, é claro, se as coisas acabarem piorando, o senhor poderia tentar utilizar a ECT, não é?

Eu não sabia o que era aquilo. Minha mãe estava olhando para McGuiness, as mãos apoiadas sobre os joelhos, e percebi a tensão em seu queixo, sabia que ela estava mordendo a parte interna da bochecha, e que sua boca logo se encheria de sangue. Ele franziu a testa.

— Esse tratamento geralmente é utilizado como último recurso. Estou confiante de que poderemos fazer uma diferença enorme por Audrey sem recorrer a ele.

— Sim — começou minha mãe. — Mas a terapia eletroconvulsiva pode ser a resposta. Conheço vários casos em que...

— Teremos de ver como as coisas acontecerão — interrompeu o dr. McGuiness. Bastante decisivo, tentando tomar o controle.

— É claro. Bem, eu presumo que terei de ficar com ela — disse minha mãe. — Precisarei ficar com Aud, não é?

— Não — disse o médico. Minha cabeça se ergueu com um movimento brusco. Olhei para o sr. McGuiness por entre as lentes arranhadas dos meus óculos. Ele disse que minha mãe não viria comigo. Que eu seria internada sem ela, sozinha. Isso era diferente. Eu poderia melhorar bem rápido. Voltar para casa rapidamente. Eu contaria a um médico ou enfermeira assim que chegasse lá, imediatamente. E o dr. McGuiness resgataria Peter também. Eu tinha certeza.

Minha mãe limpou a garganta.

— Audrey não vai conseguir suportar a vida no hospital sem mim. Eu sou a cuidadora dela.

— Como eu disse, a equipe lhe dará todo o apoio — disse ele, explicando que haveria enfermeiras e médicos para cuidar de mim.

Minha mãe tossiu outra vez, torcendo a alça de sua bolsa, o calor aumentando por baixo da sua pele.

— Acho que o senhor não entendeu. Eu preciso ir com ela. Ela precisa de mim.

— Mas o que vai acontecer com seu outro filho, senhora Morgan? — perguntou o doutor McGuiness.

— Ah, sim, Peter. Ele vai ficar bem. Vou deixá-lo com meus vizinhos, como sempre faço.

— Como a senhora sempre faz? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Quando Aud está doente, quando ela precisa de mim.

— Ah, compreendo. Nesta ocasião, não será necessário. É claro que a senhora poderá visitá-la, tanto a senhora quanto Peter. Ela poderá voltar para casa também, para fazer visitas. Mas a internação residencial é apenas para Audrey. Neste momento, é o melhor lugar para ela.

O dr. McGuiness era inteligente. Cruzei os dedos. Tentei mandar mensagens para ele com os olhos. Piscando rápido. Depois, mais devagar. SOS.

— Veremos você em breve, Audrey — disse ele, olhando para mim. A consulta havia terminado.

— Vou me certificar de que ela esteja lá, doutor. — Minha mãe abriu seu melhor sorriso antes de olhar para mim, suspirando, passando a mão pela penugem de cabelos que cobria minha cabeça, mas por baixo eu percebia que ela não estava feliz. Não era isso que ela havia planejado. — Vamos ficar bem até chegar a hora, não é, Aud?

Eu fiz que sim com a cabeça, fechei os olhos e me recostei na cadeira. Ela não me deixaria ir. Não havia escapatória.

— Quero ir agora — eu disse.

— Lamento. O lugar só poderá recebê-la mais tarde. — A voz do dr. McGuiness demonstrava surpresa. — Mas fico contente por ouvir que você está tão interessada em continuar com isso, Audrey.

Eu me inclinei para a frente, enfiando as pontas dos dedos nas coxas, pressionando com o máximo de força que tinha. Por que ele não estava prestando atenção em mim? Eu poderia gritar. Berrar. Talvez isso mudasse alguma coisa.

— Por favor, doutor McGuiness, deixe que eu vá agora — eu disse outra vez, sentindo as lágrimas me encherem os olhos, a voz estridente e tomada pelo pânico.

Ele me observou por um bom tempo.

— Você será internada hoje, Audrey. A unidade vai telefonar para sua mãe quando seu leito estiver pronto. Eu sei que tudo isso parece muito estranho,

até mesmo meio assustador. Mas tente não se preocupar.

Olhei para ele mais uma vez. Tamborilei na lateral da cadeira com as minhas unhas. O mesmo ritmo. Ponto-ponto-ponto. Traço-traço-traço. Ponto-ponto-ponto. O dr. McGuiness manteve os olhos fixos nos meus; vi a pergunta neles, como se ele estivesse esperando que eu falasse. Minha mãe cobriu minha mão com a sua.

— Nos vemos mais tarde, senhora Morgan. Eu estarei na unidade quando a senhora trazer Audrey. Continuaremos nossa conversa lá. — Ele estendeu a mão, minha mãe o cumprimentou e depois me empurrou para fora do consultório. Senti os olhos dele em nós quando saíamos e soube que nunca mais veríamos o dr. McGuiness outra vez.

— Certo. Bem, acho que chegamos ao fim da linha aqui, Aud. Se aquele médico acha que vou deixar você sozinha em alguma maldita unidade de saúde mental sem ideia alguma sobre o que ele está planejando e sem que eu esteja por perto para ficar de olho em você, ele vai ter uma bela surpresa. Eles querem tirar você de mim, mas não vão conseguir. — Minha mãe deu a partida no carro, engatou a ré e mal se deu o trabalho de verificar os espelhos.

Não respondi. Ela estava mordendo os lábios, roendo a própria carne.

— É hora de pedirmos uma segunda opinião.

Lá vamos nós outra vez. Tudo de novo.

— Amanhã. Nós vamos acordar cedo e ir embora. Estou cheia deste lugar, de todos esses esnobes daqui. Vamos fazer as malas esta noite e cair na estrada assim que o dia amanhecer. Vamos procurar um médico decente, alguém que saiba o que faz. Como eu disse. Eu acho que você precisa da ECT. Já li bastante sobre isso, Aud. É o melhor tratamento. Estou pensando em irmos para a Escócia — disse ela. — O que você acha?

Não havia motivo para argumentar.

Minha mãe queria que fizéssemos as malas e mandou-me para o andar de cima para preparar as coisas. Eu me agachei ao lado da cama dela e tateei para encontrar as malas, mas meus dedos encontraram cantos duros e eu puxei uma caixa pesada de papelão em minha direção, quase transbordando

com tantos papéis. O tesouro secreto dela. Eu não sabia que estava aqui.

Comecei a procurar rapidamente. O que eu estava procurando? Uma folha de papel, talvez, com instruções impressas: *Como ser feliz*, ou *Como mudar, crescer, recomeçar*. Em vez disso, havia anotações feitas com a caligrafia da minha mãe que cobriam páginas e mais páginas, uma letra cheia de garranchos e frases emboladas. Tentei decifrar as palavras, mas nada fazia sentido, pois estavam rabiscadas e corriam pelas folhas como crianças aterrorizadas em meio a bombas de borrões de tinta. Em seguida eu revistei mais a fundo e encontrei uma pilha de envelopes endereçados a mim. As datas nos carimbos do correio eram antigas, e eu fiquei surpresa por não ter encontrado aquilo antes. Minha mãe deve ter trazido aquele pacote do nosso antigo apartamento e se esquecido de escondê-las. Fechei os punhos com força. Todas aquelas mentiras sobre um incêndio. Por que ela fez tudo aquilo? Quem realmente se importava? Ninguém. Eu abri o primeiro envelope com cuidado, mas ele se desfez; a cola que prendia as laterais já havia perdido o grude há muito tempo, e um cartão escorregou para fora do envelope: 10 anos hoje! Havia uma foto de uma menina que calçava patins e segurava um monte de balões. No interior, uma nota de dez libras e uma mensagem escrita à mão: *Feliz aniversário, Aud! Beijos do papai*.

Eu abri o envelope seguinte, e o próximo. Todos eles tinham as mesmas mensagens, marcavam meus aniversários dos últimos dez anos. Ele não havia se esquecido, nem uma única vez. Procurei pelo mais recente, do meu aniversário de setembro. Foi o único que eu não consegui encontrar, mas, ainda assim, o restante era meu e minha mãe os havia roubado. Meu pai pensava em mim. Ele se importava comigo.

Fechei os olhos e tentei me lembrar de alguma outra coisa, mais do que apenas isso. Segurei os cartões perto do nariz e inspirei com força, tentando farejar o passado e as lembranças que eu merecia.

— *Pai? O que aconteceu? Onde você está? Preciso de você. Agora* — sussurrei no papel. Não houve resposta, mas uma lembrança começou a se formar, como um barbante que começa a se desfilar rapidamente, escapando dos meus dedos, quase rápido demais para que eu consiga pegá-lo outra vez. A cena se formou: o rosto do meu pai, olhos carinhosos, a força de suas costas. Estou montada em seus ombros, de cavalinho, bem acima do mundo,

o céu fazendo cócegas em meu rosto enquanto eu grito: *mais rápido, vamos mais rápido!*, e nós galopamos pela colina na direção do mar em algum lugar, em um lampejo azul-esverdeado do começo da manhã. Meu pai e eu. Ele me segura com força. Não me solta. Eu não vou cair. Estamos vivos e ele me ama. Por alguns segundos, isso é tudo o que eu sei.

Eu queria mais: cartas, um número de telefone, um endereço. Aqui havia velhos artigos a meu respeito, ainda de quando eu era pequena, que foram publicados em um jornal local. Examinei-os rapidamente e peguei outra pilha. A certidão de nascimento de Peter: pai desconhecido. O passaporte de minha mãe com a validade vencida. Na foto, ela tinha os cabelos longos e encaracolados, e olhava para a câmera com uma expressão acusadora. Virei de costas, subitamente com medo de que ela estivesse ali no quarto, observando-me enquanto eu revirava suas coisas particulares.

Não, eu ainda estava sozinha. Meu coração começou a bater mais lentamente e eu mergulhei outra vez na caixa. Havia um envelope gordo, cheio de papéis, enfiado no fundo. Eu o puxei até soltá-lo e comecei a ler. O envelope continha velhos prontuários médicos, pelo que eu percebi: não meus, mas de minha mãe, todos com datas da década de 1990. Meus dedos tremiam enquanto eu folheava as páginas e tentava compreender aquela informação. Havia anotações sobre seus enjoos matinais, as consultas com o médico, sua hospitalização devido à pressão alta e uma cesariana de emergência. Havia muitas páginas, muita coisa para eu conseguir entender, e eu não tinha tempo. Folheei mais um pouco procurando alguma coisa, e, já nas últimas páginas, vi as palavras “*transtorno factício*” seguidas por um ponto de interrogação, e uma recomendação de acompanhamento. O arquivo de prontuários terminava ali e eu sabia que minha mãe o havia roubado. E agora sabia o porquê.

— Aud? — ela gritou. — O que você está fazendo aí em cima, Aud?

— Nada — respondi, e com dedos atrapalhados e aterrorizados, enfiei tudo de volta na caixa, colocando-a rapidamente de volta no lugar.

Naquela tarde, enquanto enchíamos as malas com roupas e coisas que minha mãe disse que precisava guardar, eu tentei pensar. Peter não parava de olhar para mim, com movimentos nervosos e desconfiados.

— Eu gosto da minha escola, Aud — disse ele. — E Jake disse que vai ser meu melhor amigo e que eu posso brincar com ele na hora do almoço.

— Eu sei, Pete. Desculpe. — Guardei as roupas e os brinquedos dele em uma mala pequena, e não consegui encontrar nenhuma outra palavra. Ele começou a jogar suas pedras contra a parede e eu não o mandei parar.

O telefone tocou. Era a unidade de internação. Eu me levantei rapidamente, mas minha mãe chegou até o aparelho antes de mim, e eu tive de me esforçar para escutar, apoiando-me sobre o corrimão frágil.

— Ah, que maravilha. Sim, estaremos aí logo mais. Obrigada — mentiu ela antes de bater o fone com força e voltar a subir as escadas rapidamente.

— Vamos lá, ande logo com isso, Aud. Você já enfiou coisas de mais aí, não foi? — Ela pegou minha mala e um punhado das coisas de Peter. — Vamos colocar isto no carro.

Enquanto guardávamos a bagagem no porta-malas, a chuva começou a cair. Pingos gordos e enormes caíam do céu escuro e carregado.

— Típico — resmungou minha mãe, batendo a porta com força, quase prendendo o braço de Peter. — Vão para a cama agora, vocês dois. Temos de acordar cedo amanhã.

O telefone tocou várias vezes durante a noite. Não havia como atender sem que minha mãe soubesse. E, mesmo que o fizesse, o que eu diria?

Quando a casa estava em silêncio, eu saí da cama, vesti um moletom e uma calça de abrigo, ofegante, a respiração pesada.

Precisávamos fazer alguma coisa, e precisávamos fazer alguma coisa agora. O doutor McGuinness não podia me ajudar, Leo não podia me ajudar, ninguém podia. Eu tinha de fazer isso por mim e por Peter. Tinha de dar um fim nisso.

As tábuas do chão rangeram sob meus pés, só um pouco, e eu me encostei na parede e avancei lentamente. Parei no corredor e escutei do lado de fora da porta do quarto da Coisa. A respiração dela estava lenta e compassada, um ronco agitava sua garganta de vez em quando. Abri a porta, apenas uma fresta. Ela parecia uma pessoa diferente quando estava dormindo. Cansada.

Mas não parecia estar em paz; a boca aberta, frouxa, retorcendo palavras silenciosas de tempos em tempos, mastigando-as, preparando suas mentiras. Inclinei-me sobre ela. O que ela estava pensando? O que acontecia em sua mente para que ela acreditasse que podia me machucar desse jeito para sempre? Um soluço subiu pela minha garganta, e eu cobri a boca, tentei abafar o barulho. Tarde demais. Ela se virou, gemeu, e eu me afastei cuidadosamente.

Esgueirei-me para fora do quarto. No andar de baixo, eu abri o armário da cozinha, o lugar onde minha mãe guardava os remédios, e tirei os frascos de comprimidos, alinhando-os sobre a mesa. Sentei-me diante do computador, organizando minhas evidências.

Confrontada com o brilho da tela, meus olhos arderam. Apertei-os e digitei com um dedo:

Lítio

Fluoxetina

Diazepam

Olanzapina

Risperidona

Alguns haviam sido prescritos por médicos. Outros eram um presente da minha mãe para mim: seu amor, seus cuidados. *Tome isso aqui, Aud, você vai se sentir melhor. Se você não tomar seus remédios, nunca vai ficar bem. Vamos, meu bem, só mais um.* Eu engolia e engasgava e engolia outra vez, pensando que, algum dia, aquilo iria parar.

E a revolta do meu corpo, o jeito de me retorcer ansiosamente em silêncio e sofrimento, tudo isso foi uma mentira, um engodo.

Mais palavras, nomes em frascos que estavam pela metade. Embalagem após embalagem. Eu espalhei o conteúdo pela mesa. Havia tomado alguns desses remédios em certas ocasiões. Mas eu não tinha diabetes, epilepsia ou doença cardíaca; não precisava de estatinas, esteroides ou comprimidos para dormir. O fato de eu ainda estar viva era um milagre. Minha boca se encheu de bile. Era um coquetel tóxico que eu engoli como se fossem balas; eu não

poderia ignorar aquilo agora. Isso tinha de chegar ao fim.

Carreguei o blog. Era difícil focalizar a tela, difícil fazer meus dedos trabalharem, ou clarear meu cérebro suficientemente para que ele funcionasse direito.

Não havia outra maneira de passar o recado. AJUDEM-ME, eu digitei.

É hora de ir rápido com isso, eu pensei. Ande logo ou a Coisa vai surgir. Ela vai acordar e perseguir e arranhar e morder e machucar e mandar você para o hospital, vai prender você outra vez. Aja rápido, Audrey, eu pensei, Vamos. Salve-se. Salve Peter. Dê um fim nisso agora.

POR FAVOR, ALGUÉM ME AJUDE. SE NINGUÉM ME AJUDAR, MINHA MÃE VAI ME MATAR. EU TENHO CERTEZA DE QUE ELA VAI FAZER ISSO.

Ninguém acreditaria nisso. Eles pensariam que essas eram as palavras de uma adolescente louca, psicótica.

NÃO ESTOU DOENTE. MINHA MÃE É QUEM PRECISA DE AJUDA. MANDEM ALGUÉM AQUI PARA A GRANJA. MINHA MÃE VAI ME MATAR. MINHA MÃE SÓ ME AMA QUANDO EU ESTOU DOENTE, MAS EU ACHO QUE VOU MORRER.

Digitei o endereço da Granja, publiquei o post e levantei da cadeira, voltando mais rápido para o andar de cima. As pessoas liam aquele blog; elas realmente liam. Elas nos ajudariam. Elas nos resgatariam. *Ande logo, Aud, eu disse a mim mesma, subindo pelo curto lance de escadas. Vamos, você tem que fazer isso. Não se deite, não desista, fuja, fuja, fuja.* Eu ainda não estava morta, eu ainda podia viver. A chuva castigava as janelas; o vento se jogava contra a Granja. Era tarde demais para eu me importar com o que aconteceria com minha mãe. Ela desapareceu há muito tempo; em seu lugar, dormindo em sua cama, estava a Coisa. Eu não me importava com a Coisa. Ela não representava nada para mim. E merecia tudo o que lhe acontecesse.

Havia somente uma verdade, eu pensei, agachada ao lado da cama do meu irmão, havia apenas uma coisa da qual eu tinha certeza: eu tinha de salvar a nós dois. Deslizei a mão pela minha cabeça, os cabelos macios, espetados,

com pouco mais de um centímetro de comprimento. Não fui eu quem fez isso comigo mesma. Eu não estava louca e talvez ainda tivéssemos uma chance.

— Pete — sussurrei. — Pete. — Ainda assim, ele dormia como se tivesse sido drogado. Drogado. Como aconteceu comigo.

Neste exato momento alguém poderia estar lendo aquela mensagem. Leo? Jen? Sue? Eles leriam e viriam até aqui. Leriam e viriam correndo. Ou talvez pensassem que eu estivesse mentindo, que estivesse delirando. *Mães não fazem com que seus filhos fiquem doentes*, ria a Coisa dentro da minha cabeça. Ou, se acreditassem naquilo, o que fariam? Minha mãe seria mandada para a cadeia? Ou eu? Todas as mentiras que eu contei aos médicos. Será que teríamos problemas depois? Afinal de contas, eu fui conivente. Essa era a palavra que eles usavam. *Sim*, concordou a Coisa outra vez. *Você está doente, Audrey, mentalmente doente. Você também mentiu. E você fez isso porque é louca. Você gosta de toda a atenção, todo o cuidado, toda a preocupação. Você adora estar doente; foi por isso que você mentiu. Você é a minha menininha.*

Será que eles acreditariam nas palavras de uma garota que tentou se matar, que passou semanas sentada em uma cadeira de rodas, recusando-se a se levantar? E o que aconteceria conosco se acreditassem em mim? O que aconteceria se não acreditassem? As perguntas ricocheteavam pelo meu cérebro, deixando-me tonta. Segurei-me na cama com força.

Levantei e fui até a janela. Olhei na direção da fazenda. As luzes piscaram e se apagaram. Pensei mais uma vez e soube que teria de encontrar forças.

E então... um barulho. Vindo do quarto da minha mãe. A cama dela rangeu. Ela tossiu, cuspiu catarro. Ouvi passos, uma porta se abrir e fechar, passos vindo em minha direção.

Não. Ela não podia me machucar, não de propósito. Não era culpa dela. Eu diria a ela que entendia, que eu sabia que era a Coisa, que não era ela, não de verdade. Não minha mãe. Tudo ficaria bem. Daríamos um jeito em tudo isso. Eu poderia ajudá-la.

— Audrey? — Ela estava na porta.

— Mãe. — *Coisa*, minha cabeça gritava. *Não*, meu coração chorava.

— O que você está aprontando aí? — Ela acendeu a luz. Piscou os olhos. Olhou para mim, vestida e pronta para ir embora. Abriu lentamente um sorriso e falou, de maneira calma e clara, como se eu fosse uma mera criança.

— Está fazendo isso de novo, Aud? — Ela suspirou. — Fugindo outra vez? Não se lembra do que aconteceu da última vez, meu bem? Você não conseguiu aguentar. Não conseguiu viver sem mim e teve de voltar. Você sabe que está doente demais, meu bem; você precisa da mamãe. Agora, venha aqui comigo. Vamos para sua cama; temos um dia cheio pela frente, amanhã. Vamos dar um jeito nisso de uma vez por todas. Conheço um bom médico na Escócia. Ele é o especialista; é dele que nós precisamos. — Ela veio em minha direção com os braços estendidos.

Os braços de uma mãe deveriam ser fortes e seguros. Gêntis. Bondosos. Por um segundo eu acreditei, mais uma vez, como sempre fizera. Minha mãe não podia me machucar. Não faria uma coisa dessas.

E em seguida o clarão de um relâmpago iluminou o quarto. Um raio prateado riscou a escuridão. Eu saltei, assustada, e as portas que existiam dentro de minha cabeça começaram a se abrir, rangendo lentamente e depois batendo com força, como se estivessem sendo abertas pela força do vento.

Eu olhei para dentro da primeira sala, o espaço cavernoso. O lugar ganhou forma: vi uma banheira, o vaso sanitário, meu roupão felpudo cor-de-rosa jogado em uma poça d'água no chão. E lá estava minha mãe segurando meus pulsos sobre a pia, a lâmpada do banheiro iluminando a cena. Vi a mim mesma em pé, imóvel. E minha mãe erguendo a mão, algo que refletia a luz da lâmpada, algo metálico e afiado, e em seguida o sangue quando ela cortou, rapidamente, profundamente, decididamente. Minha respiração parou com o choque. Senti a dor como se aquela fosse a primeira vez e me curvei sobre mim mesma, fechando os olhos contra aquele horror. Não.

A Coisa havia me segurado naquela ocasião, exatamente como ela fazia agora. Seu sorriso entrecortado, os cabelos de Medusa, os dedos pontiagudos, em forma de garras.

O estrondo longo de um trovão. Ouvi Peter me chamar, mas ele parecia estar longe, com a voz pequena.

— Foi você quem fez aquilo. Você me cortou. Você me machucou, mãe —

gritei a verdade com toda força, como se alguém pudesse me ouvir e ajudar. — Você disse para todo mundo que eu estava doente. Que sou doente; que sou louca. Mas não sou nada disso, e vou contar a verdade. Eu vou sim, vou contar tudo — gritei, mas ela agarrou minhas mãos e tapou minha boca. Mãos fortes, segurando com força, torcendo, arrastando.

— Audrey! — Ela disse meu nome por entre os dentes enquanto eu tentava me desvencilhar.

Outra porta se abriu, escancarando-se. Olhei para dentro dela. Muitas lembranças lutando para chegar à superfície, todas ao mesmo tempo. Eu observava enquanto os vislumbres de horror apareciam como cenas congeladas de um filme.

Esta aqui é minha mão. E essa é a porta do carro, e minha mãe batendo a porta com força, prendendo minha mão e fraturando-a.

Estes são os dedos dela se enfiando e arranhando o interior da minha garganta, me fazendo engasgar, me obrigando a vomitar.

Esta é a loção que ela esfrega em meu braço, queimando minha pele.

Esta aqui é ela, me empurrando com força para o rio; a mão logo acima da minha cintura, empurrando. Tenho quatro anos. Ela sabe que eu não sei nadar.

Estes são os degraus cobertos pelo gelo. Ela está atrás de mim outra vez. Eu caio. Vejo um osso.

Estes são os comprimidos, as lâminas e as cicatrizes em minha pele.

Não. Eu virei o rosto, lutando com a verdade, o medo e a dor. A onda avassaladora de dor; todos os anos em que aquela dor me dominou, esmagando-me como um tsunami, como a tempestade que castigava o exterior da Granja. A água estava subindo, estava vindo me pegar. Eu ouvia a água se agitar e rugir.

— Você mentiu. Você disse para todo mundo que eu sou doente. Você me cortou, cortou meus braços e meu cabelo. Foi você, mãe. Você está doente. Você precisa de ajuda.

Ela olhou para mim como se eu fosse uma estranha, e em seguida me

jogou para longe, dando-me as costas e correndo para fora do quarto, descendo as escadas. Eu a segui, puxada pelo cordão que nos unia, um elo que começava a se desfazer.

— Espere — gritei. — Para onde você está indo?

Ela bateu a porta da cozinha. Ouvi o guinchado de uma cadeira ser arrastada pelo piso, impedindo minha entrada.

— Mãe, abra a porta.

— Deixe-me em paz — gritou minha mãe. — Fique longe de mim, Audrey, sua ingrata dos infernos. Fuja se quiser, como você sempre quis — vociferou ela, com a voz estridente e rápida. — Você nunca me agradeceu, nem uma única vez, nunca se importou comigo, e tudo o que eu sempre fiz foi cuidar de você. Durante toda a minha vida eu tentei ajudá-la, mantê-la a salvo, fazer com que você ficasse melhor, e é sempre assim que você age. Você mente para mim e trai minha confiança, Audrey. Você é uma cadela, é isso que você é. Igual à minha irmã, igual aos meus pais. Ninguém nunca me deu a menor importância.

— Mãe, por favor. O que você está fazendo? — Portas se abriam e se fechavam com batidas. O barulho de copos e pratos batendo uns contra os outros, algo que caiu no chão. Empurrei a porta. Uma fresta se abriu. Só havia uma cadeira bloqueando a abertura.

— Me deixe entrar. Por favor.

Empurrei a porta outra vez e a cadeira tombou e caiu. Minha mãe estava diante da mesa; estava com os comprimidos que eu havia reunido e espalhado, recolhendo-as aos punhados.

— É isso que você quer, não é? É isso. Você me odeia, Audrey? Seria melhor dizer logo de uma vez. Eu vou morrer, vou deixar você sozinha para sempre. Você pode se virar depois disso, pode seguir seu próprio caminho. Veja por si mesma o que vai acontecer depois. Isso se você conseguir durar algum tempo.

— Pare com isso! — gritei, puxando os braços dela, mas minha mãe sempre foi forte demais.

— Mãe! — gritei outra vez enquanto ela jogou os comprimidos na boca e pegou uma garrafa da geladeira, engolindo a bebida. O líquido escorreu pelo seu queixo, encharcando sua camisola.

Peter apareceu na porta, esfregando os olhos sonolentos.

— O que foi? — perguntou ele. — O que está acontecendo?

— Nada, Pete. Volte para a cama. — Tentei protegê-lo, colocar meu corpo entre eles, mas minha mãe estava gritando.

— Sua irmã acha que eu sou uma mentirosa, que sou eu quem a machuca, Peter. Por acaso eu já machuquei você alguma vez? Já levantei a mão para você?

O rosto de Peter se dissolveu enquanto ela me xingava, apontando e agitando o dedo, berrando sobre como eu havia acabado com a vida dela. Falava e falava sem parar. Eu precisava de ajuda, mas não havia ninguém a caminho, não é? Por que não havia ninguém aqui? Olhei ao redor, procurando por alguma coisa, uma maneira de fazer isso parar, e minha mãe veio contra mim, agarrando meu irmão, segurando-o contra o peito.

Leo



A tempestade engrossou. Sue e Leo fecharam e trancaram janelas e portas, lutando contra o vento. Leo olhou para as árvores que se agitavam enquanto os galhos eram jogados de um lado a outro e dançavam, o céu revolto com as nuvens.

Ele esperava que Audrey e Peter estivessem em segurança dentro da Granja e tentou olhar sobre os campos para ver se havia alguma luz ao longe, mas já estava escuro demais.

Leo sentou-se ao piano para tocar. Estava trabalhando em um trecho para uma das músicas de Billy, pensando que talvez pudesse compor uma música sua, talvez fazer algo para Audrey, quando o telefone tocou. Ele o atendeu. Não havia ninguém do outro lado da linha. Apenas o som de uma respiração. Superficial e tênue.

— Alô?

Nada.

— Audrey?

O silêncio continuou.

— Peter?

Ninguém respondeu.

Leo desligou o telefone e foi até o computador. Havia desenvolvido uma obsessão pelo blog e já havia praticamente memorizado cada post. Já fazia vários dias que não surgia uma nova postagem; desta vez, um trecho em caixa-alta que ocupava a página inteira saltou aos seus olhos.

POR FAVOR, ALGUÉM ME AJUDE. SE NINGUÉM ME AJUDAR, MINHA MÃE VAI ME MATAR. EU TENHO CERTEZA DE QUE ELA VAI FAZER ISSO.

Ele se levantou da frente do teclado com um salto, soltando um grito forte de raiva.

— Aonde você vai? — perguntou Sue ao ver que Leo estava se vestindo para sair e enfiando as chaves do carro no bolso.

— Para a Granja. — Ele se virou e olhou para ela por um instante, sem pensar.

— O quê? Por quê?

— Aconteceu alguma coisa. Merda. Ande logo, Sue. Precisamos ir.

— Leo, você não pode ir até lá agora. Olhe essa chuva! — Ela apontou para a tempestade. Mary estava encolhida aos seus pés.

— É só um pouco de vento e água. Vamos.

— É uma tempestade, e vai ficar pior. — Enquanto Sue falava, um trovão explodiu como uma chicotada sobre a sede da fazenda. Aquilo o apressou. Ele abriu a porta.

— Espere, espere. Eu vou com você — disse a tia. Ela vestiu o casaco e calçou as botas, e os dois saíram apressadamente no meio da noite.

Quando chegaram à Granja, Leo saltou do carro, correu sobre o cascalho e passou por cima do fosso. Alguma coisa chamou sua atenção e ele olhou para a água, para as formas brancas que flutuavam em meio à sujeira e à escuridão da superfície. Com a chuva castigando o rosto, o estômago se revirando, ele avançou alguns passos. Pareciam ser braços, pernas, pedaços pequenos... o corpo de um bebê? Não, não podia ser. Ele pegou um galho caído e puxou para perto o que parecia ser o tronco, tirando-o da lama. A coisa fria e gelada escorregava em suas mãos, e ele a largou, com nojo. Aquela boneca. Madison, era como Aud a chamava. Por um instante irracional ele pensou que poderia ser Peter. Forçou-se a não vomitar e correu outra vez, lutando contra o vento, para chegar até a porta da frente. Sue o alcançou ali.

— O que foi?

Leo não respondeu. Ele abriu a porta principal do imóvel — não estava trancada, aceitando-o como se estivesse à sua espera, como se sempre estivesse à espera — e entrou.

Subindo dois degraus de cada vez, com Sue gritando para que ele esperasse, Leo correu. Não havia mais tempo para pensar. Não havia tempo para vadiar, para bater papo, para ficar sem agir.

A outra porta estava aberta. Leo entrou, correu na direção da luz e viu Audrey, e em seguida Lorraine segurando Peter contra o corpo. O rosto de Peter estava branco, a boca aberta em um grito estrangulado e silencioso.

Aud estava implorando, em voz baixa, estendendo os braços.

— Mãe, solte, largue ele.

Sue entrou às pressas, logo atrás de Leo.

— Lorraine? O que está acontecendo?

O olhar de Leo cruzou com o de Sue. Os olhos de sua tia estavam arregalados, em pânico. Ele pensou rapidamente. O que poderia fazer? Ele estendeu a mão e tocou o braço de Audrey, mas ela pareceu não se dar conta de que ele estava ali. Ele olhou ao redor da cozinha; estava tudo revirado, como se uma briga tivesse acontecido ali, ou como se o lugar tivesse sido invadido, alguma coisa terrível. Havia coisas quebradas espalhadas por toda a cozinha. Potes quebrados, pratos, comprimidos espalhados, embalagens de remédio no chão. Uma cadeira caída. A janela quebrada.

Sue falou outra vez.

— Lorraine, está tudo bem. Solte Peter.

Ela não iria soltá-lo. Os braços dela se apertaram ao redor do menino. Leo deu um passo adiante. Sue se moveu ao mesmo tempo e, juntos, os dois avançaram sobre ela. Leo segurou um dos braços de Lorraine e Sue agarrou o outro, mas ela era incrivelmente forte. Foi difícil arrancar Peter dela, derrubar Lorraine no chão e imobilizá-la. Ela se contorcia e se debatia, gritando e cuspiendo.

— Tirem essas mãos de cima de mim, me deixem em paz. — Ela xingava e cuspia, esperneando, ensandecida.

— Aud, ligue para a polícia — gritou Leo. — Rápido, ande logo.

Audrey segurava Peter. Estava com os braços ao redor do irmão. Em seguida, deu meia-volta e saiu correndo.

Repentinamente, Lorraine desistiu de lutar, perdendo todo o espírito de luta. Ficou deitada no chão, exausta, e virou o rosto para olhar para Sue, com lágrimas lhe escorrendo pelo rosto, murmurando algo que Leo não conseguia entender. E depois começou a se contorcer, o corpo se agitando em convulsões enquanto vomitava.

Ele pegou o telefone e discou para a polícia.

— Preciso encontrar Aud — disse Leo a Sue. Ela fez que sim com a cabeça. O rosto de sua tia era uma mistura estranha de choque e determinação.

— Está tudo bem. Vou ficar aqui com Lorraine até a polícia chegar. Posso cuidar disso. Encontre-os, Leo — disse ela, com a voz tranquila.

Leo subiu correndo o pequeno lance de escadas que levava aos quartos.

— Aud, onde você está? Audrey?

O quarto de Audrey estava escuro. Ele nunca havia subido até ali, e pela primeira vez ele viu o papel na janela, as paredes cheias de imagens coladas. Imagens de pássaros e nuvens e a Via Láctea. Tudo era céu, como se aquele fosse seu elemento, como se ela desejasse sair voando com todas as forças.

O quarto de Peter também estava escuro e frio, a janela aberta, o vento preenchendo o lugar com um barulho sibilante, estranho. Leo bateu a janela para fechá-la, pegou o edredom que estava sobre a cama e procurou dentro do guarda-roupa. Invadiu o último quarto — devia ser o de Lorraine — passando sobre pilhas de lixo, malas, roupas, e abriu todos os armários, todas as portas.

— Audrey? Pete, Peter — gritou Leo. — Onde vocês estão? Audrey, sou eu, Leo, podem sair. Está tudo bem agora. Vocês estão a salvo. Está tudo bem agora. Estou aqui, vocês já podem sair.

Ele voltou correndo para o quarto de Peter. Ajoelhou-se e olhou para o espaço enegrecido que havia embaixo da cama. Ele não estava lá.

Certo, onde mais eles poderiam estar? No porão, talvez. Leo saiu da casa e correu para o porão, repetindo o chamado.

— Audrey, sou eu. Venha. Por favor.

Ele entrou e saiu de vários cômodos, batendo as portas, ligando

interruptores, iluminando o lugar para que parecesse estar queimando em meio à escuridão, sua voz desaparecendo em meio às paredes duras de concreto. Ninguém apareceu, ninguém chegou, e assim ele correu até o alto da casa, passando pelos corredores, ainda chamando por Audrey e Peter, com tanta força que sua garganta começou a doer. Talvez tivessem saído da Granja e se embrenhado na noite, movidos pelo medo. A chuva ainda estava caindo, pesada e inclemente. Audrey estaria encharcada se estivesse lá fora; com frio e perdida, talvez, e morrendo de medo.

E foi então que ele se deu conta de onde eles estariam. É claro.

No alto da casa, Leo encontrou a porta que dava para a escada de incêndio e a abriu.

Audrey



Bem no alto, bem acima do mundo. Peter segurava minha mão e eu segurava a dele, mantendo-o perto de mim, a salvo. Sempre ficamos em segurança aqui; e assim continuaríamos. Ninguém poderia nos pegar, e, se alguém tentasse, eu sei o que poderíamos fazer. Olhei para a noite por entre a chuva. Nada de lua, nada de estrelas, mas havia luzes na estrada, carros que iam e voltavam. O barulho de uma sirene. Seja lá quem fosse, eu não queria nem saber.

Vozes na Granja. Elas giravam e ricocheteavam. Todas as meninas mortas finalmente estavam se levantando, estavam vindo nos pegar, nos arrastar, nos levar para a água. O fosso reluzia e sorria, estremeando, agressivo. Puxei Peter para perto de mim.

O tempo passou. Minutos ou horas, eu não sabia. Desligando-me, desativando-me. Quem eu era? O que havia acontecido? Peter chorava baixinho; eu comecei a cantar. Uma canção sobre ir para casa, de retorno para o lar, doce lar. Meu irmão apertado contra mim, o único bote salva-vidas no meio da tempestade.

— Audrey? — Não era a voz de Peter. Quem era? Eu virei a cabeça para ver. Pisquei para afastar as gotas de chuva, esfreguei os óculos. Um garoto. Não, um homem. Eu já o conheci em algum momento, pensei. Mas seu nome havia se apagado. Segurei meu irmão com mais firmeza. Ele não ia levá-lo. O homem tentou fazer com que eu me levantasse, me puxar para dentro, mas eu não voltaria para lá. Nunca mais. Desvencilhei-me, indo para mais perto da beirada, segurando Peter junto a mim. Peter estava comigo e isso era tudo o que me importava. Eu nunca o deixaria sair de perto de mim. Nunca mais.

— Aud. — A voz era suave e gentil. — Vamos, Aud. Está tudo bem. — O homem falava de um jeito bondoso, mas podia ser apenas um truque. A chuva escorria pelos seus cabelos e pelo seu rosto. Havia uma mulher com

ele. Ela estendeu os braços. Quem eram essas pessoas? Eu não os queria por perto. Ninguém podia tirar meu irmão de mim.

— Audrey — choramingou Peter. Estávamos bem perto da beirada. É claro que ele estava com medo.

— Está tudo bem, amigo — eu disse, erguendo-o nos braços. Ele se segurou com força em mim, tremendo. — Shhhh — eu disse, puxando-o contra mim. O vento soprava contra nós, fazendo-me cambalear.

— Venha, vamos descer. Venha comigo — dizia o homem. A mulher falou outra vez e eu olhei para eles, e depois para o céu. A chuva não ia parar. Nunca mais. Nós sempre acabaríamos afogados.

— Está tudo bem. Somos nós, Sue e Leo. Não vamos machucar você, Audrey. Estamos aqui para ajudar. Por favor, nos deixe ajudar vocês.

Peter sussurrou em meu ouvido.

— Está tudo bem, Aud — disse ele. — Está tudo bem. É o Leo. — Ele se contorceu um pouco, virando-se, afastando-se dos meus braços. E eu estava cansada agora. Deixei que ele fosse.

Senti uma mão em meu braço. O homem. Leo. Estava sorrindo para mim, com bastante carinho.

— Vamos, Aud. Saia de perto da beirada — disse ele. Peter desceu do meu colo e eu deixei o homem segurar minha mão e fiz a jornada barulhenta que me levaria de volta à Terra.

Julho



Leo



Levou algumas semanas até que Audrey fosse liberada do hospital e colocada em um orfanato. Leo implorou a Sue para que ela e Peter pudessem ficar na fazenda, mas ela disse que não era assim que as coisas funcionavam, e ele sabia que sua tia tinha razão; ele estava agindo de maneira ridícula. Pelo menos a família que aceitou receber Peter abriu as portas para Audrey também. Ela não gostaria de ficar longe do irmão.

— Ainda acho que deveríamos ter pedido a eles que ficassem aqui — reclamou Leo para Sue, arrumando uma pilha de cadernos com anotações, agora que as provas finais haviam terminado.

— Bem, tenho certeza de que vocês ainda poderão se encontrar, Leo, quando o momento for adequado. Quando ela estiver se sentindo melhor. Mas vai ser muito difícil para ela, e você tem de aceitar isso. Há muitas coisas que precisam ser resolvidas; a situação é muito complicada. — Sue suspirou e tomou um gole do seu chá. — Eu só lamento o fato de não termos feito nada antes. Não acredito que pude ser tão cega. — Ela olhou para Leo. — Que diabos deu na cabeça de Lorraine? É inacreditável. Não consigo entender uma coisa dessas.

— Não fique se culpando — disse Leo numa voz monótona, como se realmente não estivesse sendo sincero. Mesmo assim, ele não culpava Sue; claro que não.

Sua tia ajustou os óculos no rosto e inspirou o ar.

— Não, eu devia ter percebido. Faz sentido, eu acho, mas ela conseguiu me enganar. Eu realmente acreditei que ela fosse enfermeira. Sou mesmo uma idiota. Pobre Audrey, pobre Peter. Eu acreditei nela. Acreditei em tudo o que ela disse. — Ela parecia estar confusa outra vez, e Leo recriminou-se por não poder explicar a ela.

— Vamos encarar os fatos — disse ele. — Todos nós caímos feito patinhos. Não foi só você. Acho que nem mesmo Aud sabia que sua mãe era faxineira. Como poderíamos adivinhar? O resto do que ela fazia era bem pior.

— Bem, pelo menos o pai dela apareceu — prosseguiu Sue. — Conversei com a mulher do departamento de serviço social. Ela disse que o homem é uma boa pessoa. Eles vão ficar bem se estiverem com ele, eu acho, embora eu gostaria de poder conversar pessoalmente com ele, apenas para sossegar a cabeça. E Lorraine não vai poder chegar perto deles. Fico imaginando o que vai acontecer quando ela sair do hospital. Ela vai para a cadeia. Talvez para uma unidade psiquiátrica.

Leo não conseguiu encontrar nada além de um resmungo para responder àqueles comentários.

Ele havia feito as provas sem raciocinar, sem saber o que ele havia escrito. Tinha a sensação de que seria reprovado. Tocou com a banda uma ou duas vezes em festas de fim de ano. Mas sua cabeça ainda estava fixada na noite da tempestade, no rosto de Audrey debaixo da chuva. Os olhos escuros que não o reconheciam. Tudo aquilo já devia ter acabado, mas ele não podia esquecer. Mesmo que Lorraine estivesse na cadeia agora — e para sempre, esperava Leo. A história foi publicada em todos os jornais, saiu em todos os noticiários, e por aqui ninguém falava sobre outra coisa. Jen Blake lhe mandou uma carta para que ele a entregasse a Audrey, mas Leo não a viu para passar a mensagem, embora tivesse tentado entrar em contato com ela.

Todos os dias Sue perguntava a Leo se ele queria conversar, mas não havia nada a dizer. Seu estômago se revirava e a cabeça girava ao pensar na realidade dos fatos.

Quando sua mãe ligava, Leo também não tinha nada para lhe dizer.

— É um horror — disse sua mãe. — Um absurdo que uma mãe seja capaz de fazer uma coisa dessas com seus próprios filhos. E a sua bela Audrey! Ah, Leo, eu sinto tanto. — Leo apoiou a cabeça nas mãos; não fazia sentido tentar responder. Era possível dizer aquelas palavras de mil maneiras diferentes, mas nada podia mudar os fatos: era tarde demais.

— Leo, venha para cá. Venha passar alguns dias aqui. Posso comprar sua passagem agora mesmo. É só você dizer que sim.

Leo não queria ir a lugar nenhum. Assim, sua mãe comprou uma passagem para si mesma. Ela chegaria no meio de agosto e o levaria para a Europa continental. Quatro semanas sem seu celular, prometeu ela, e aquela promessa foi a primeira coisa em muito tempo que conseguiu fazê-lo rir.

Em uma manhã no início de agosto, quando Leo estava se preparando para sair — engolindo o café da manhã, dando comida para Mary, caçando seus tênis —, alguém bateu na porta da frente. Sue já havia saído para ir ao mercado dos fazendeiros da cidade. Leo a abriu, sem saber o que deveria esperar, e viu Audrey. Ele quase largou o copo que tinha na mão e teve de se segurar no batente da porta para continuar em pé.

— Oi — disse ela. A mesma voz, um sorriso diferente. É claro que ela teria mudado. Ele soube disso na noite da tempestade; ela olhou para ele como se os dois fossem estranhos. Ainda parecia frágil, usando uma camiseta branca folgada com mangas longas e uma imagem desbotada dos Rolling Stones estampada, calça legging e sandálias. Ele nunca havia visto aquelas roupas antes. Os cabelos haviam crescido um pouco, mas os ângulos do seu rosto ainda estavam bem marcados, e ele teve de se conter para não estender a mão e tocá-la.

— Vim me despedir — disse Audrey, discretamente, em uma voz que ainda fazia o coração de Leo saltar. Ele fez que sim com a cabeça, abrindo a porta ainda mais e convidando-a para entrar, embora, se aquele fosse o propósito da visita, ele não sabia se conseguiria aguentar.

Eles se sentaram à mesa com xícaras de chá. Mary roncava sobre os azulejos mornos da cozinha. O sol entrava pela janela e Audrey apertou os olhos, afastando-se dos raios.

— Para onde você vai? — perguntou Leo, tossindo por sobre as palavras, esfregando os cabelos com as mãos. Ela sorriu, quase.

— Você não soube? Encontraram meu pai. Ele disse que ficaria conosco, comigo e com meu irmão. Ele não é o pai de Peter, você sabe. Mas ele não se importa. Por isso, nós vamos voltar para o norte para morar com ele. — A voz de Audrey estava pacata, factual. O brilho que ele sempre havia visto dentro dela havia desaparecido.

— Ele ainda gosta dos Rolling Stones — disse ela, como se isso fosse o

que mais importava. — E tem um cachorro. — Ela acariciou Mary distraidamente. A cachorra balançou o rabo.

— Vai ficar tudo bem com você, Aud? — perguntou ele, e ela fez um lento movimento afirmativo com a cabeça, tomando seu chá.

— Desde que eu esteja perto de Pete, vou ficar bem.

Leo desviou o olhar. Não gostava de ter de perguntar se poderia escrever ou telefonar; não queria fazer nenhuma exigência. O fato de que ela estava aqui devia ser o suficiente, ele imaginou.

— Quando você vai partir?

— Dentro de algumas semanas. Não sei. Talvez demore um pouco mais. Há algumas coisas para resolver ainda. Mas meu pai está aqui, ele veio me visitar. Acho que iremos para a praia amanhã, se o tempo continuar como está. Peter gosta da praia. — Ela olhou pela janela, e depois virou o rosto e o olhou nos olhos pela primeira vez. — Obrigada por tudo, Leo. Obrigada. Você me ajudou muito. Você sabe.

— Não o suficiente — disse ele, inclinando-se sobre a mesa para segurar em sua mão. — Eu devia ter feito algo mais, e antes. Desculpe, eu...

— Não — interrompeu ela, afastando-se gentilmente, levantando-se e indo até um fecho de luz. — Não pense desse jeito. Não é verdade. — O sorriso em seu rosto era doce e puro. Seus cabelos brilhavam, uma auréola felpuda ao redor de sua cabeça em meio ao brilho da luz. Ele desejou poder tocá-la. Estendeu a mão, mas ela estava fora de seu alcance.

— Vou ficar bem — disse ela. — Sou mais forte do que pareço, Leo. Lembra do que você disse? Ser forte é algo que acontece quando se é amado, e eu ainda tenho Peter. E estou recebendo ajuda agora. Acho que meu pai vai me ajudar.

Quer dizer que Audrey não precisava mais dele? Era isso? Depois de tudo? Leo tentou não se sentir irritado ou usado. Mas ela percebeu esses sentimentos nos olhos dele, e recuou mais um passo.

— Tenho de seguir em frente com minha vida — sussurrou ela. — Pelo menos, preciso tentar.

— Eu gostaria de manter contato. Fazer uma visita talvez? — Leo não conseguiu evitar a pergunta.

Audrey deu de ombros.

— Talvez — disse Audrey, mas ele percebeu que ela só estava dizendo aquilo para ser gentil, e ele desejou que ela não tivesse de fazer isso, porque era algo cruel demais, e, anteriormente, ela diria aquilo de maneira bem franca e direta: *Não seja idiota, Leo. Não seja um imbecil.*

Audrey voltou pela via de acesso até chegar a um carro, e ele a observou até não ser mais capaz de vê-la.

Audrey



Eu queria voltar para perto de Peter. Deixá-lo sozinho por tanto tempo me fazia ficar nervosa. E ele sentia o mesmo. Ele estaria sentado diante da janela, esperando. Eu esperava que ele não voltasse a fazer perguntas sobre nossa mãe hoje.

Deixar Leo para trás daquele jeito, depois de tudo o que aconteceu, poderia me fazer chorar como antigamente, antes que eu soubesse o que era realmente sentir dor. Não nos tocamos; eu fingi não perceber quando ele veio em minha direção e abriu os braços. Os quinze minutos que passei na fazenda já foram suficientemente difíceis.

O ar estava quente, mas eu estava usando uma blusa de mangas longas. Ainda não estava pronta para ver as cicatrizes outra vez. A terapia me ajudaria; já estava ajudando, mas depois daquela noite eu havia colocado todas as coisas ruins atrás de portas fechadas e eu pegava-as, uma a uma, para examiná-las, quando podia, para tentar entender. Seria algo que poderia durar o resto de minha vida, mas eu teria de me contentar. Eu não sabia quando voltaria a ver minha mãe. Eu não sabia ao certo como as coisas seriam, agora que estava com meu pai. Isso era estranho; o fato de sermos estranhos. Não era como eu havia sonhado, mas pelo menos ele nos queria por perto agora. Às vezes eu me preocupava com a possibilidade de que ele mudaria de ideia; às vezes eu sonhava com a possibilidade de que a Coisa não havia realmente desaparecido. Eu precisava ir embora daqui, porque a Granja ainda se erguia no horizonte sobre os campos, e o fosso ainda brilhava daquela maneira macabra em meus sonhos.

Coloquei a mão na bolsa, revirando-a enquanto procurava por um chiclete, e meus dedos se fecharam ao redor de algo que estava bem no fundo, esmagado contra um dos cantos e enfiado ali, preso. Escavei o papel e o libertei. Minha dobradura de super-herói, perdida há tanto tempo, achatada e

amassada até perder a forma. Atrapalhei-me tentando reconstruir a pessoa pequena que Leo havia feito para mim antigamente, lendo pela primeira vez sua mensagem enquanto alisava as dobras. “Esperança”, era a primeira palavra do poema, e eu contornei a marca da inicial maiúscula, as três linhas horizontais e elegantes, retas e orgulhosas, e a linha vertical que conectava os outros três traços. Era uma barra forte, mas também gentil. Como Leo sempre foi. Li o restante do poema, fechei os olhos e vi o pássaro, Esperança, ganhar vida; senti pela primeira vez que ele se agitava dentro de mim, apenas um breve bater de asas. Olhando para o céu, vi mais pássaros — andorinhas — e, em seguida... sim, tinha de ser, o quiri-quiri de Peter, voando em círculos, selvagem e livre no céu. A fazenda não ficava longe e meu pai não estava com pressa. *Não se preocupe, Aud*, diria ele. *Seja feliz*. E eu corri de volta e parei diante dos portões, olhando para a bela casa que havia do outro lado. Arranquei uma página do meu caderno e escrevi o número do telefone do meu pai. E enfiei o papel na caixa de correio, uma mensagem para Leo que era mais do que uma simples despedida.

Agradecimentos

À Amanda Preston, minha competente e adorável agente, envio muito amor e milhares de obrigados. Da mesma forma, às equipes maravilhosas da Penguin e da Puffin, especialmente à minha brilhante editora Anthea Townsend, pelas informações que me forneceu, suas ideias e seus entusiasmos, e à Amanda Punter, pelo apoio constante. Agradecimentos gigantescos também à Bella Pearson, que conseguiu criar maravilhas de maneira quase instantânea. E à Wendy, por ser incrivelmente gentil e prestativa.

Muito obrigada à minha família, que continua a me aguentar. A Eve e Scarlett, por serem as melhores filhas do mundo e por me deixarem usar o computador de vez em quando. Agradeço às minhas irmãs Emily e Margaret, pelo apoio inabalável e por ler o que escrevo sempre que eu peço, e ao meu irmão Christopher e à minha irmã Felicity, por serem ótimas pessoas. Obrigada também a Janet, Guy e Oliver, por tudo que fizeram para ajudar. Vocês são demais.

Obrigada também aos meus excelentes amigos, pelo apoio constante que me deram, em especial para Juliette (pela leitura dinâmica e por estimular minha autoconfiança, e por ser uma ótima pessoa), Corrin (agradecimentos especiais por me dar bastante feedback há muito tempo), Adrian, Kathryn, Tunc, Sarah, Diana, Helen, Sorrel, Marie-Louise, Keira, Dave, Anna, Jo, Jean, Amina e Joe. Obrigada a Sam, pelo belo website, e a Pete Salt, por responder às minhas perguntas. Obrigada a toda a excelente equipe de St. Mary's Cambridge e às meninas, por seu entusiasmo. Obrigada aos blogueiros e leitores que foram muito gentis, em particular: Jim, Amanda e Faye. Obrigada ao imensamente talentoso Peter Phythian, pela música. Agradecimentos gigantescos à Teri, por ser tão generosa com seu tempo e seus elogios.

Obrigada à Mabel, a cadela, por me levar para passear. Ajudou muito.

Muito amor e agradecimentos aos meus pais. Tenho muita sorte por ter

vocês.

E obrigada ao meu queridíssimo Alistair, por tudo. Não mude.